


 Coleção
 Documentos
130

O SUPLEMENTO JUVENIL E A HEROICIZAÇÃO EM QUADRINHOS

CENTRO DE
 LITERATURAS
 E CULTURAS
 LUSOFONAS
 E EUROPEIAS
CLEPUL
 Faculdade de Letras da
 Universidade de Lisboa

FCT
 Fundação
 para a Ciência
 e a Tecnologia

**EDIÇÕES BIBLIOTECA
 RIO-GRANDENSE**


**BIBLIOTECA
 RIO-GRANDENSE**

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O SUPLEMENTO JUVENIL E A
HEROICIZAÇÃO EM QUADRINHOS





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

O SUPLEMENTO JUVENIL E A HEROICIZAÇÃO EM QUADRINHOS



- 129 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2026

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Ficha Técnica

Título: O *Suplemento Juvenil* e a heroicização em quadrinhos

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 129

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 2 fev. 1943; 13 abr. 1943; 24 ago. 1943; e 4 jul. 1944.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Junho de 2026

ISBN – 978-65-5306-101-9

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

ÍNDICE

Suplemento Juvenil oferecendo “heróis” para o “pessoalzinho miúdo” / 9

“Grandes figuras”, “vultos” e “heróis” / 21

SUPLEMENTO JUVENIL OFERECENDO
“HERÓIS” PARA O “PESSOALZINHO
MIÚDO”

Seguindo os moldes de vários dos regimes autoritários/totalitários que espocaram entre as décadas de 1920 e 1940, o Estado Novo teve uma de suas bases político-ideológicas embasadas no nacionalismo. Tal princípio teve suas principais manifestações caracterizadas por um ufanismo patriótico e um conteúdo cívico predominante. Esses arroubos cívico-nacionalistas tiveram dentre seu público-alvo fundamental a infância e a juventude, atuando decisivamente na formação escolar, que pretendia um convencimento a médio e longo prazo quanto à aceitação do modelo ditatorial. Para a execução dessa estratégia a heroicização de personagens, notadamente os históricos, foi uma prática recorrente, visando a estabelecer parâmetros comportamentais, pelos quais as ações dos denominados heróis serviriam como exemplos morais e cívicos para as novas gerações.

Esses “heróis” oriundos das “páginas da história” vêm a corporificar imagens mais ou menos estereotipadas das nações¹. Tais personagens são assim empregados para manter a força simbólica da nação, de modo que, antes de qualquer coisa a figura heroificada da história deve simbolizar a nação, como um valor intocável e ambíguo. Como símbolo de esperança, um sentimento prevalece sobre todas as demais circunstâncias responsáveis pela consagração de um herói, ou seja, a ilusão de que, magicamente, só ele pode fundir todas as múltiplas partes que compõem a realização de um ideal². Uma fonte de interesse no herói é encontrada nas atitudes desenvolvidas no curso da

¹ KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 55.

² MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 12.

educação dos jovens, em um quadro pelo qual a formação histórica de cada nação é representada à sua juventude em termos da apresentação dos “grandes indivíduos”, chegando o tal herói a ser glorificado como um pai da nação ou como um fundador do Estado³.

Indo ao encontro dessa prática, o Estado Novo serviu-se também dos grandes personagens da edificação histórica brasileira como meios privilegiados para divulgar seus valores, definidos como responsáveis pela construção do “homem novo” e de uma identidade nacional. Nesse sentido, o aparelho ideológico estado-novista buscou transformar as figuras históricas, os denominados “grandes homens”, em exemplos dos objetivos estabelecidos pelo Estado Nacional, fazendo com que as mesmas passassem a espelhar as características que o governo esperava que fossem fixadas e seguidas pela sociedade brasileira. Assim, os valores nacionais que o governo almejava propagar eram evidenciados, antes de tudo e de todos, pelos “grandes heróis nacionais”, que teriam feito a História do Brasil, em um contexto no qual certas tradições foram renovadas, inventadas e reinventadas, de modo que o regime ditatorial criava e recriava uma memória histórica sobre o passado do Brasil para justificar seu projeto de nação. De acordo com tal perspectiva, estabelecia-se um padrão pelo qual o passado acabava por ser relido e marcado pela

³ HOOK, Sidney. *O herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. p. 15.

presença de heróis dispostos aos maiores esforços e sacrifícios em nome da pátria⁴.

Como uma publicação infanto-juvenil que se alinhou ao projeto ideológico-educacional estado-novista, o *Suplemento Juvenil* estabeleceu um padrão editorial fortemente articulado com os pressupostos cívico-nacionalista do regime, em um contexto pelo qual a heroificação de personalidades da formação brasileira foi extremamente recorrente⁵. Nessa linha, em menção à relevância de uma determinada figura considerada como heroica, a revista se referia a “um nome que é o maior dos símbolos na galeria da pátria”, ou seja, um “vulto” que “é a perfeita imagem do herói nacional”. Tal caracterização estaria a advir da “luz da investigação histórica e da interpretação social”, uma vez que “a sua vida como que se vai alargando no próprio desdobramento da vida do Brasil”. Defendia assim que “a imortalidade” alcançada pelo personagem “não é uma apoteose estática, fixada em quadro rígido”, e sim “uma glória cada vez

⁴ FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e História do Brasil no Governo Vargas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2012. p. 35.

⁵ Acerca do *Suplemento Juvenil*, observar: ALVES, Francisco das Neves. *O pan-americanismo e o Estado Novo na perspectiva das revistas em quadrinhos Suplemento Juvenil e Mirim*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2026. p. 10-72.; GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos (1933-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 17-117.; GOIDANICH, Hiron Cardoso & KLEINERT, André. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 12 e 24-25.; MOYA, Álvaro de. História da história em quadrinhos. Porto Alegre: L&PM, 1986. p. 114-117.; VERGUEIRO, Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Petrópolis, 2017. p.36-41.; CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 10-11.; e WERNECK, Humberto. *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000. p. 151-153 e 192

mais viva, que palpita no sentimento cívico do povo e que reflete, com fulgor crescente, a força espiritual que animou a sua ação". Considerava também que "na vida" do indivíduo exaltado haveria "vários episódios de bravura e de civismo que devem ser apontados à juventude", já que, "no despertar desses sentimentos, no convívio dessas atitudes, a imaginação dos jovens se expande para a beleza, como a corola recém-aberta se expande ao convívio do sol"⁶.

A perspectiva fundamental do periódico era ressaltar a figura do "herói da nacionalidade"⁷, em uma conjuntura pela qual "o herói" constituía aquele que "foi um grande homem em vida e, depois de morto, seus feitos gloriosos inspiraram muitos jovens indecisos no momento de escolher uma carreira, de definir uma vocação"⁸. Dessa maneira, a revista estimulava campanhas, de modo a receber "a consagração do entusiasmo do pessoalzinho miúdo", em relação ao "seu maior herói de verdade"⁹. Além das publicações periódicas, a editora do *Suplemento* levava ao público coleções especiais de livros como a Biblioteca Pátria, considerada como "um verdadeiro romance de aventuras", no caso "as aventuras gloriosas" de um "legítimo herói"¹⁰. Na concepção da folha o "herói" era "grande pela inteligência" e "grande pelo coração", além de ser aquele

⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º maio 1941.

⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 ago. 1941.

⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 9 set. 1941.

⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 25 set. 1941.

¹⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 14 out. 1941.

que “cumpriu com o seu dever” para com a pátria, vindo a ter “uma vida gloriosa e nobre”¹¹.

A tendência pela heroicização da edição infanto-juvenil carioca ficava expressa a partir da premissa segundo a qual “existem em nossa História muitos episódios bonitos, que servem de exemplo” para a juventude¹². A correlação entre passado e presente, com as supostas lições daquele para com este, esteve demarcada em apreciação acerca do Duque de Caxias, de acordo com a qual este “foi o herói da pacificação e – mais ainda – o herói da conquista do nosso patrimônio mais valioso”, ou seja, “a unidade nacional” em relação a qual, o “campeão veio a ser, nos dias de hoje, o Presidente Getúlio Vargas, que dirigiu a devoção dos brasileiros para uma só bandeira, um só ideal”¹³. Em uma “Carta aberta aos professores”, a redação saudava os docentes, convidando-os a colaborar com mais dois concursos de cunho cívico-nacionalista que a revista estava organizando, expressando nesse editorial sua preferência para a abordagem calcada na fixação do heroísmo:

Os mestres brasileiros têm encontrado sempre em nós auxiliares dedicados da sua alta missão de edificar o espírito da Juventude Brasileira, orientando-o para o estudo intensivo das coisas brasileiras, através de páginas primorosas entregues a grandes escritores e educadores, onde divulgamos, magnificamente ilustradas, biografias dos grandes homens do Brasil, episódios heroicos da nossa História, além dos problemas atuais do país – sociais e econômicos – inculcando nos jovens o

¹¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 25 nov. 1941.

¹² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 5 mar. 1942.

¹³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 5 maio 1942.

sentimento do dever de se prepararem de maneira eficiente para poderem enfrentar as eventualidades do futuro, quando lhes caberá o sagrado mister de dirigir os destinos da pátria.

Na verdade, observando o passado brasileiro, familiarizando-se com as lições deixadas pelos heróis da nacionalidade, é que a Juventude Brasileira poderá formar uma mentalidade forte, um espírito claro e sadio.

Suplemento Juvenil acaba de tomar mais uma grande iniciativa nacionalista para a Juventude Brasileira, instituindo dois maravilhosos certames (...). É para esses dois certames que vimos chamar a atenção dos senhores professores. (...)

Como se pode verificar, os concursos têm um grande interesse educacional nacionalista, o que empolgou de maneira extraordinária todo o mundo estudantil brasileiro, chegando-nos colaborações de todas as latitudes brasileiras.

Visto esse sucesso magnífico dos certames nas escolas, que os eleva a uma categoria de verdadeira maratona intelectual juvenil nacionalista, resolvemos criar dois troféus, que serão conferidos aos estabelecimentos de ensino do Brasil a que pertencerem os vencedores (...).

Certos de que os senhores professores reconhecerão nesta iniciativa do Jornal Padrão da Juventude Brasileira um empreendimento de singular valor para a formação nacionalista dos jovens, aqui ficamos à espera das representações de seus colégios à grande maratona de inteligência juvenil.¹⁴

Ainda a respeito desses dois certames, o periódico definia que era “uma grande jornada de inteligência e de civismo que os moços brasileiros estão empreendendo sob o patrocínio de seu jornal padrão, o *Suplemento Juvenil*”. Considerava também que se tratava de “uma jornada que honrará aqueles que se colocarem nos primeiros postos”, e “que honrará a toda Juventude Brasileira, pois que será a demonstração eloquente de quanto ela ama os grandes vultos da História de sua pátria, buscando neles os exemplos para sua edificação”. Nesse

¹⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 19 maio 1942.

sentido, apontava que “os dois certames instituídos pelo *Suplemento Juvenil* estão movimentando toda a inteligência juvenil brasileira, que para eles se voltam com entusiasmo, lançando-se à conquista dos prêmios do estudo, da cultura, do talento”. Afiançava ainda que tais concursos “do jornal padrão da juventude não são comuns, vulgares”, pois estariam “marcados com a característica de todos os empreendimentos do *Suplemento*”, os quais visavam sublimar “o espírito dos jovens de nossa terra, incentivando-o ao trabalho, inculcando-lhe o amor ao livro” e “criando nele o sentimento de nacionalidade”. Além disso, garantia que isso “foi compreendido imediatamente por todos os jovens brasileiros que apoiaram com entusiasmo os certames”. Nessa linha, o magazine concluía que estava “orgulhos em ser o jornal que incentiva esses jovens, que vai guiando essas inteligências florescentes na veneração aos heróis da nacionalidade”¹⁵.

A publicação continuava exaltando “a maratona intelectual juvenil nacionalista” por ela instituída, de maneira que estaria “mais uma vez” mostrando-se “à frente de um grande empreendimento nacionalista para os moços”. Afirmava ainda que, por meio de tal atividade, vinha “arregimentando todos os espíritos juvenis brasileiros, que estão dando o seu apoio entusiástico a essa bela iniciativa”, a qual visava, “antes de tudo”, ao “culto de um grande herói da nacionalidade”, o qual, “em toda a sua plenitude de herói”, seria “evocado pela inteligência e pelo coração da Juventude Brasileira”¹⁶. Ainda a respeito da

¹⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 21 maio 1942.

¹⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 maio 1942.

figura do “herói”, o periódico identificava-a como “um símbolo glorioso, sempre presente ao espírito brasileiro, em todas as suas horas difíceis, lembrando que acima dos interesses de cada um existe o interesse nacional”. Dessa maneira, tal personagem heroico teria legado à “Juventude Brasileira o maior dos seus exemplos”, ou seja, “o exemplo do dever para com a pátria, cumprido à custa de todos os sacrifícios”, em um quadro pelo qual seria necessário “render à sua memória o preito mais alto de gratidão, de honra e de veneração”. Para tanto, o “jornal padrão da Juventude Brasileira” estaria cumprindo o seu papel, como “seu intérprete mais sincero de seus sentimentos de civismo”¹⁷.

O poder de mobilização da revista entre seus leitores foi ressaltado com a constatação de que “a juventude nunca fica alheia aos movimentos patrióticos, às demonstrações de civismo”, hipotecando “o seu apoio a todas as iniciativas destinadas a abrilhantar os festejos”, em torno das figuras dos denominados heróis nacionais¹⁸. A fixação pelo herói por parte do *Suplemento Juvenil* revelava a plena aderência ao projeto estado-novista e seus cultos cívicos, patrióticos e nacionalistas e, além disso, vinha ao encontro da sua seiva editorial que seriam os “heróis da aventura”, base fundamental de suas histórias em quadrinhos. Nesse sentido, ao completar seu decênio de circulação, a revista narra “a grande aventura do *Suplemento Juvenil*”, trazendo a “história em quadrinhos do órgão oficial do pessoalzinho miúdo”, que teria se transformado em um “herói com dez anos de idade, cuja vida cheia de aventuras compara-se a

¹⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 jun. 1942.

¹⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 30 jul. 1942.

dos heróis que apresenta”¹⁹. Tal analogia ficava também expressa de modo imagético, quando, em outro aniversário, o periódico era representado por uma criança que, ao nascer, trazia em todas as suas páginas “todos os heróis da imaginação e da fantasia”, ao passo que, mais tarde, em pleno Estado Novo, passara a “abraçar-se aos heróis da nacionalidade, com eles marchando para um Brasil maior”, estando cercado por várias personalidades da formação histórica brasileira²⁰.

¹⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 mar. 1944.

²⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 14 mar. 1940.



“GRANDES FIGURAS”, “VULTOS” E
“HERÓIS”

O processo de heroicização de “grandes figuras”, “heróis” e “vultos históricos” nas páginas do *Suplemento Juvenil*, como estratégia de enaltecimento cívico e patriótico, deu-se por meio de diferentes seções publicadas ao longo das edições. Uma delas intitulou-se “Grandes figuras do Brasil” e sua origem deu-se na publicação de livros acerca de personagens históricos, realizada pela empresa editorial responsável pela elaboração da revista. Nesse sentido, foi editada publicação sobre tais grandes figuras, buscando ampliar em meio ao mercado o público consumidor daquele tipo de leitura. O próprio periódico teve participação relevante na propaganda da proposta editorial, como ao anunciar que se tratava de “cinquenta biografias dos heróis da nacionalidade, em quatrocentos e cinquenta quadrinhos emocionantes”²¹, e que os leitores precisavam “conhecer as histórias maravilhosas das *Grandes figuras do Brasil*”, trazendo “histórias de meninos que nasceram pobres, mas graças ao trabalho, inteligência e personalidade, se tornaram sábios, heróis, Presidentes da República”. De acordo com o material publicitário, “emoção, aventura, patriotismo e confiança” seriam encontradas “nas páginas do livro dos heróis da nacionalidade”, o qual foi considerado como “um livro como ainda não se publicou”²².

Tal anúncio seria reforçado na capa do magazine, que avigorava a perspectiva da atração por aquele tipo de leitura, uma vez que “as figuras grandiosas dos homens do Brasil, aqueles que elevaram a nacionalidade,

²¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 7 mar. 1940.

²² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 14 mar. 1940.

estiveram, mais que sempre, no coração e no espírito do pessoalzinho miúdo”²³. Trazendo a efígie de alguns dos personagens retratados, uma nova capa demarcava que a editora tinha “a honra de anunciar o aparecimento do livro que há de enobrecer o coração do pessoalzinho miúdo, um livro como ainda não se publicou”, com as “grandes figuras do Brasil”. A edição era ressaltada ainda como “um livro para os pais, para as mães, para os filhos” e que “honrará as mãos do pessoalzinho miúdo”²⁴. Insistindo na imagem de jovens procedendo a uma atenciosa leitura, sob a inspiração de alguns dos “vultos históricos” brasileiros, o periódico retomava o enfoque, dizendo tratar-se de “um livro que honra as mãos da meninada”. Uma outra matéria publicitária se referia à Maria Quitéria de Jesus, militar brasileira que lutara nas guerras da independência, diante da qual era tecida a consideração de que “homens heroicos, o Brasil e todos os países do mundo os tiveram às dezenas”, mas, “mulher heroica só o Brasil a teve e do melhor quilate”, vindo a convocar o público a conhecer “a vida de Maria Quitéria, em quadrinhos, no livro *Grandes Figuras do Brasil*”, apontado como “um livro que honra as mãos de qualquer criança” e “um livro que se vende por dez mil réis, embora o seu valor seja de um conto de réis”²⁵.

Um dos motes propagandísticos de *Grandes Figuras do Brasil* foi o aval presidencial que o mesmo recebera, sendo estampada a mensagem escrita por Getúlio Vargas, segundo o qual “cultivar nos jovens a admiração pelos heróis

²³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 26 mar. 1940.

²⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 28 mar. 1940.

²⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 30 mar. 1940.

nacionais é obra patriótica e merecedora de louvores”, de modo que a publicação em questão constituiria, “nesse sentido, valiosa e oportuna iniciativa”, trazendo ainda a capa uma composição de natureza profundamente cívica, patriótica e nacionalista, com jovens em postura de admiração para com os personagens históricos, além do fragmento de uma fotografia que buscava ressaltar a integração do Presidente da República com a juventude²⁶. A divulgação da obra em questão a partir das apreciações positivas de autoridades governamentais, agentes educacionais, representantes da intelectualidade e mesmo do público estudantil tornou-se uma constante nas páginas do *Suplemento Juvenil*²⁷. Na mesma linha, a partir de uma montagem com diversas fotografias, a revista concluía que “*Grandes Figuras do Brasil* encanta as professoras”²⁸.

Essa iniciativa editorial levaria a empresa a realizar outros projetos embasados na apresentação de biografias, com uma coleção denominada “Biblioteca Pátria”, que se propunha a publicar vários volumes cada um versando sobre uma personalidade com atuação na formação histórica brasileira. O recurso da divulgação de documentos de autoridades públicas elogiando a proposta foi retomado, sendo ressaltado “o sentido educativo da publicação”, a partir da qual “as crianças brasileiras encontrarão, contado de maneira expressiva, o exemplo de uma grande vida, consagrada inteiramente

²⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 18 jun. 1940.

²⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 abr. 1940; 9 abr. 1940; 11 abr. 1940; 13 abr. 1940; 13 abr. 1940; 16 abr. 1940; 18 abr. 1940; 20 abr. 1940; 23 abr. 1940; 27 abr. 1940; 4 maio 1940; 7 maio 1940; 11 maio 1940; e 21 maio 1940.

²⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 24 set. 1940.

aos labores do espírito e ao serviço da pátria”. Uma outra manifestação exaltava a iniciativa que proporcionava à “juventude brasileira a leitura de páginas de tão alto poder educativo”, como seriam aquelas “que relembram a vida dos nossos grandes homens, daqueles que, pelo talento, pela cultura, pelo heroísmo e pelo sacrifício plasmaram a nossa grande pátria”²⁹. Cada título da coleção trazia o nome do personagem em pauta seguido da expressão “para crianças”, revelando o público ao qual era destinado o material, que compreendia uma “biografia em quadrinhos”³⁰.

²⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 14 jan. 1941.

³⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 19 jun. 1941.

Você

Precisa Conhecer As Historias Maravilhasas Das **Grandes Figuras Do Brasil**

Alvares de Azevedo
Antonio Pereira Rebouças
Artur de Azevedo
Afonso Pena
Almirante Barroso
Almirante Tamandaré
André Rebouças
Araújo (Martim Afonso)
Basílio da Gama
Barão do Rio Branco
Barata Ribeiro
Bartolomeu de Gusmão
Capistrano de Abreu
Casemiro de Abreu
Castro Alves
Campos Sales
Coelho Neto
Diogo Antonio Feijó
Evaristo da Veiga
Euclides da Cunha
Fagundes Varela
Francisco Manoel da Silva
General Couto de Magalhães
Gonçalves Dias
Greenhalg (João Guilherme)



Henrique de Araújo
Imperatriz Tereza Cristina
José Bonifácio
José Clemente Pereira
José de Alencar
Laurindo Rabelo
Machado de Assis
Marquês de Barbacena
Marechal Deodoro da Fonseca
Marechal Floriano Peixoto
Marechal Hermes da Fonseca
Maria Quitéria de Jesus
Mariz e Barros
Nilo Peçanha
Olavo Bilac
Oswaldo Cruz
Prudente de Morais
Rodrigues Alves
Rui Barbosa
Raul Pompeia
Raimundo Correia
Santos Dumont
Sergio de Carvalho
Tomaz Antonio Gonzaga
Visconde de Cairú

Historias De Meninos Que Nasceram Pobres, Mas Graças Ao Trabalho, Inteligencia e Personalidade, Se Tornaram Sábios, Heróis, Presidentes da Republica!

Emoção!

Aventura!

Patriotismo!

Confiança!

*Tudo Isto Você
Encontrará Nas
Paginas Do Livro Dos
Heróis Da Nacionalidade:*

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

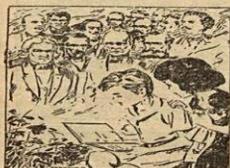
UM LIVRO COMO AINDA NÃO SE PUBLICOU

Estará A' Venda Em Todas As Livrarias E Nossa Redação Ainda Este Mes!

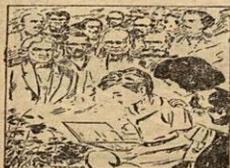


GRANDES FIGURAS DO BRASIL

**Um Livro Como Ainda
Não Se Publicou!**



Tudo Em Quadrinhos!



**50 Biografias Dos
Grandes Heróis da
Nacionalidade**



**Historias Maravilhosas
De Meninos Que Nas-
ceram Pobres, Mas
Graças a Persistencia,
Trabalho, Talento e
Força de Vontade, Se
Tornaram Sabios, He-
rois e Presidentes da
Republica!**

**Aceitam-se Pedidos
Desde Já**

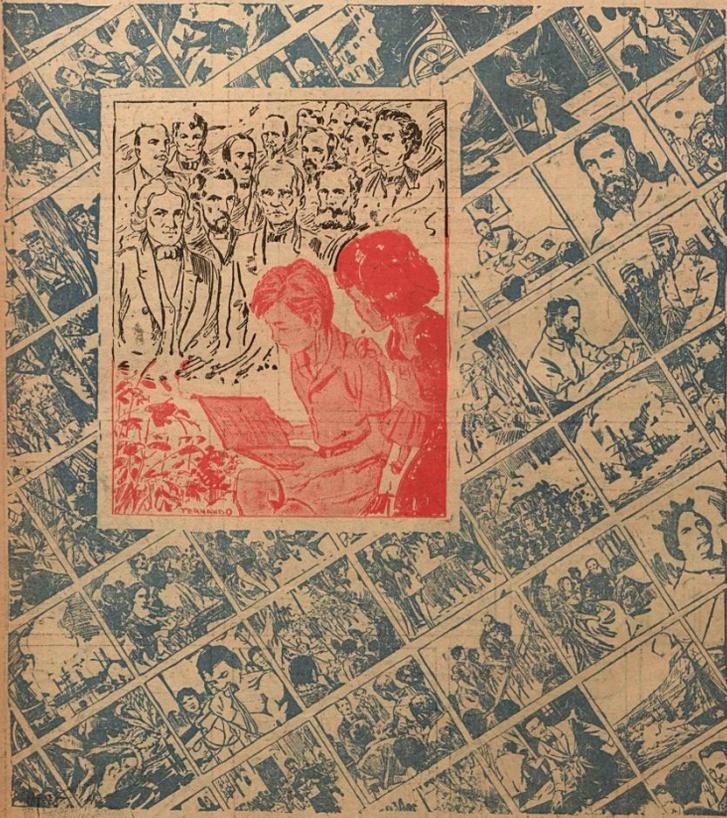
**Encadernação
Colorida!**

Preço: 300 Réis

SUPLEMENTO JUVENIL

ESTA EDIÇÃO É DE TERÇA-FEIRA * Rua Sacadura Cabral, 43 — Tel. 45-1965 — Rio de Janeiro, 26 de Março de 1944

Ano VII  "Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança! Não verás nenhum país como este!" (Oleiro Bilac)  N. 826



Nas Comemorações De Ontem, "Dia Da Criança", As Figuras Grandiosas Dos Homens Do Brasil, Aqueles Que Elevaram A Nacionalidade, Es-tiveram, Mais Que Sempre, No Coração E No Espirito Do Pessoalzinho Miúdo

Preço: 300 Réis

SUPLEMENTO JUVENIL

ESTA EDIÇÃO É DE QUINTA-FEIRA * Rua Sacadura Cabral, 43 — Tel. 43-1965 — Rio de Janeiro, 28 de Março de 1940

Ano VII "Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança! Não verás nenhum país como este!" (Oliveira Bilac) N. 827

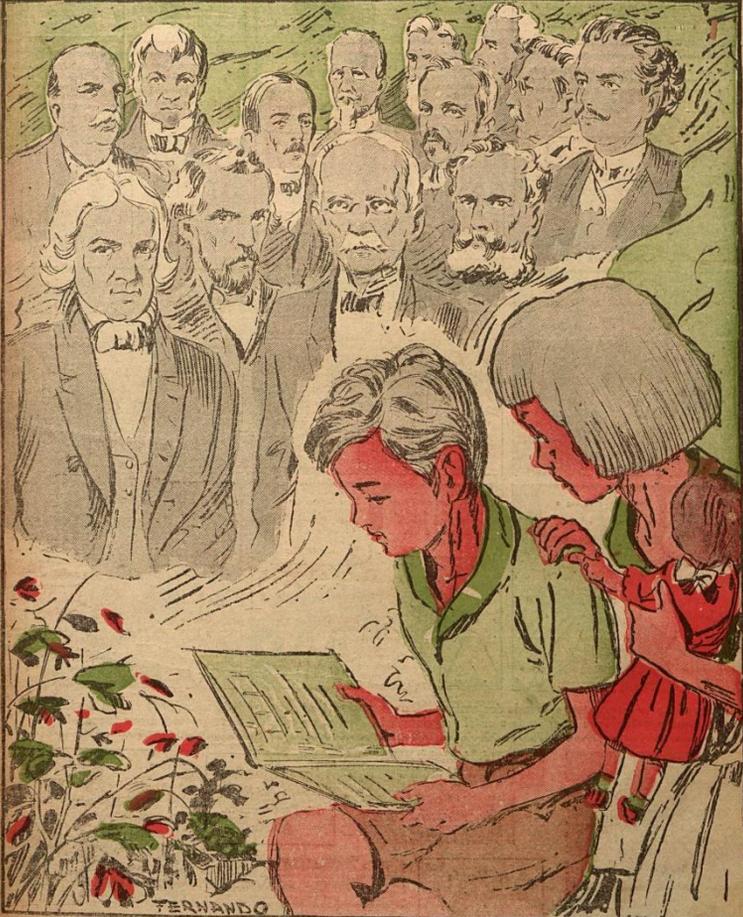
TEMOS a honra De Anunciar Para o Proximo Dia 30 o Aparcimento Do Livro Que Ha De Enobrecer o Coração Do Pessozzinho Miúdo, Um Livro Como Ainda Não Se Publicou: "Grandes Figuras Do Brasil".

Cincenta Biografias No Livro «Grandes Figuras do Brasil»!

Preço: 300 Réis

SUPLEMENTO JUVENIL

ESTA EDIÇÃO É DE SABADO * Rua Sacadura Cabral, 43 — Tel. 43-1965 — Rio de Janeiro, 30 de Março de 1940
Ano VII  "Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança! Não verás nenhum país como este!" (Oliveira Bilac)  N. 828



FERNANDO

Um Livro Que Honra As Mãos Da Meninada: "Grandes Figuras do Brasil" À Venda Hoje Nos Jornaleiros e Livrarias

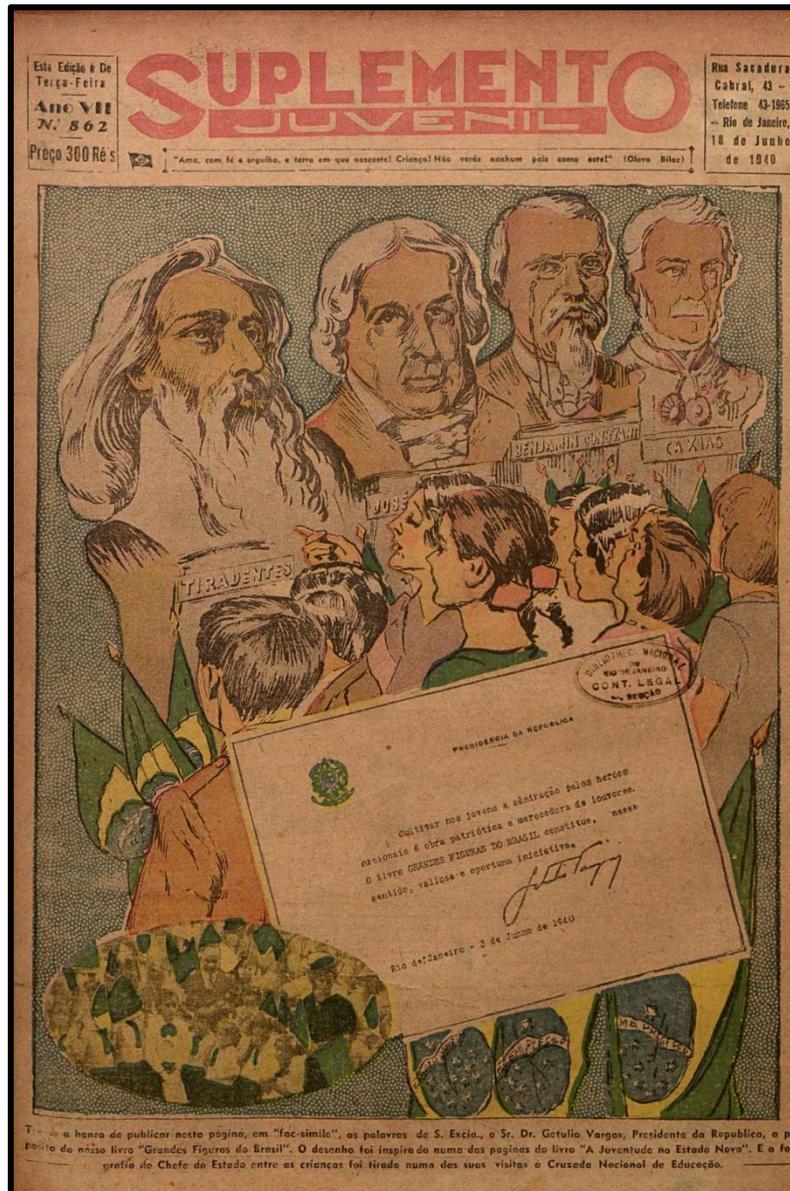


Em trajos masculinos, Maria Quitéria apresentou-se ao comandante. Recebeu instrução militar. Fez exercícios de tiro. Assentou praça na artilharia, mas, sendo muito pesado o serviço, passou para a infantaria. Pouco depois, comandando outras balanças heroicas, com água até o pescoço, defendeu a foz do rio Paraguassú.

Homens heroicos, o Brasil e todos os países do mundo os tiveram às dezenas. Mulher heroica, porém, só o Brasil a teve e do melhor qualite. Conheça a vida de Maria Quitéria, em quadrinhos, no livro.

Grandes Figuras Do Brasil

★ Um Livro Que Honra As Mãos De Qualquer Criança,
Um Livro Que Se Vende Por Dez Mil Réis, Embora O
Seu Valor Seja De Um Conto De Réis ★



“Suplemento Juvenil”, “Mirim” E “O Lobinho” Em Todas As Escolas!



Nesta escola da Copacabana o Suplemento Juvenil é distribuído e lido em todas as salas. Alguns alunos mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL.



No Parque Davi Torres também se lê SUPLEMENTO JUVENIL e “Mirim” e “O Lobinho” nas salas de aula, mas todos gostam e fazem muitas perguntas do livro e do Suplemento, sempre entusiasmados pela oportunidade de que um dia ainda poderão descobrir aquelas segredas escondidas.



Em todas as escolas públicas e particulares, o SUPLEMENTO JUVENIL é distribuído e lido em todas as salas de aula. Alguns alunos mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL.



Em todas as bibliotecas é permitido ler o SUPLEMENTO JUVENIL, que sempre é muito procurado e lido em todas as escolas. Alguns alunos mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL. Alguns outros mostram que vão ler distribuído a SUPLEMENTO JUVENIL.



Mas não há interesse apenas na leitura. É a diretora também se com interesse o livro “Grandes Figuras do Brasil”, verdadeira enciclopédia da História da Nacionalidade, e que tem ocupado um lugar de destaque na biblioteca de sua escola.



A diretora da Escola João de Castilho também gostou “Grandes Figuras do Brasil” e recomenda-o à meninada.



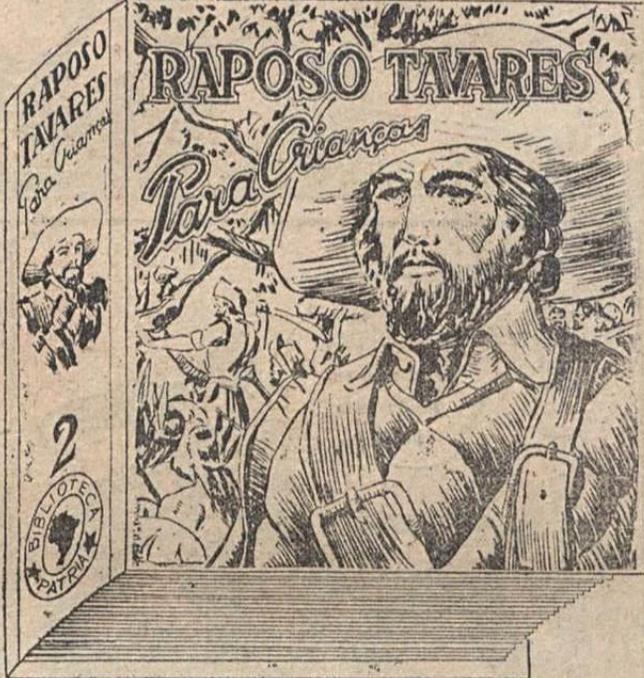
Um grupo de professoras admira esta obra de muito, achando que ela muito se ensinará no ensino da História do Brasil. Não há nada como um prazer que se forma assim.

“GRANDES FIGURAS DO BRASIL” Encanta As Professoras!



É a jovem diretora do Parque Davi Torres se interessando, a biblioteca do Parque Davi Torres, muito mais agradável quando tem um quadrinho bastante ilustrado.

Depois De Ruy Barbosa
A P A R E C E



The book cover features a large, detailed illustration of a man with a beard and a wide-brimmed hat, likely a historical figure, set against a background of a landscape. The title 'RAPOSO TAVARES' is written in large, bold letters above the illustration, with 'Para Crianças' written in a cursive script below it. On the spine of the book, the title 'RAPOSO TAVARES' is repeated, along with 'Para Crianças' and a smaller illustration of the same man. The number '2' is printed on the spine, and a circular logo for 'BIBLIOTECA PÁTRIA' is visible at the bottom of the spine.

2
BIBLIOTECA PÁTRIA

Biografia Em Quadrinhos, Com 150 Desenhos E 150 Textos Da Vida Do Grande Bandeirante Que Levou Suas Expedições A Pontos Extremos Do Nosso Território, Contribuindo Eficazmente Para A Futura Delimitação, Em 1750, Das Nossas Fronteiras.

☆
Desenhos de Renato Lima — Texto do Professor Martin Vaz.

☆
Volume N.º 2 da Biblioteca Pátria — Encadernado, 6\$000

O sucesso do livro *Grandes figuras do Brasil*, levou o *Suplemento Juvenil* a incluir novas “biografias em quadrinhos” em suas próprias páginas, com uma iniciativa que iniciou de modo esporádico nos anos de 1940 e 1941 e, de maneira mais sistemática, entre 1942 e 1943. O título da seção revelava o intento de trazer ao público personalidades que tiveram alguma “grandeza” na formação brasileira, ou seja, que demarcaram alguma relevância em suas atuações. Já a expressão “figuras” traz consigo várias referências vinculadas a termos como rosto, vulto, estatura, estátua, símbolo, pessoa, importância social e busto ou corpo de pessoa, estampado ou desenhado, designando assim alguns indivíduos que teriam exercido algum tipo de protagonismo em meio à sociedade brasileira. A proposta era a mesma do livro, a partir de uma abordagem cívica, calcada no patriotismo e no nacionalismo, uma série sequenciada trazia alguns detalhes das vivências de personagens da formação histórica brasileira em variados campos, como no caso do político, do militar e do cultural. O arrolamento que se segue identifica tais personalidades.

EDIÇÃO	PERSONAGEM	AÇÃO	QUALIDADES CÍVICAS E PESSOAIS APONTADAS PELA REVISTA
6 ago. 1940	José Joaquim de Andrade Neves	militar	- “o ‘bravo dos bravos’ do Exército Brasileiro” - “não desmentindo nunca as suas tradições de heroísmo” - “merecimento por vinte e três

			longos anos de relevantes serviços prestados à pátria” - “chefe audaz” - “guerreiro invencível”
21 dez. 1940	Antônio da Silva Jardim	jornalista e político	- “foi um dos apóstolos maiores do ideal republicano” - “glorioso republicano” - “caráter puro” - “inteligência nobre” - “uma das glórias mais puras” do republicanismo
7 jun. 1941	Cristiano Benedito Ottoni	engenheiro, professor e político	- “vulto notável do Império” - “nome de insigne projeção” - “exemplo de civismo” - “professor com grande elevação e patriotismo” - “notabilizou-se pelas atitudes retas de homem de bem” - “grande brasileiro”
2 dez. 1941	Antônio de Siqueira Campos	militar	- “uma das figuras mais gloriosas” do tenentismo - “qualidade de caráter, inteligência e altivez” - “um exemplo de dignidade militar e puro patriotismo” - participou de “uma verdadeira epopeia”, que “imortalizou os heróis”

			<ul style="list-style-type: none"> - “um grande símbolo de patriotismo, de bravura, de abnegação” - “uma das gloriosas figuras do Exército Brasileiro”
6 jan. 1942	Antônio Ernesto Gomes Carneiro	militar	<ul style="list-style-type: none"> - comemorado pelo Exército e pela pátria “com orgulho e reconhecimento” - “foi promovido por atos de bravura” - “legou um patrimônio de coragem, disciplina e amor à pátria” - “príncipe de nobreza e bravura”
8 jan. 1942	Joaquim Xavier da Silveira Júnior	jornalista, advogado e político	<ul style="list-style-type: none"> - “exemplo de caráter, do trabalho e das virtudes” - “fiel ao idealismo pela pátria” - “um alto exemplo de civismo e de consciência”
13 jan. 1942	Gregório de Matos Guerra	poeta e advogado	<ul style="list-style-type: none"> - “poeta boêmio” - “culto jurista”
15 jan. 1942	Cláudio Manuel da Costa	poeta e advogado	<ul style="list-style-type: none"> - “o heroizinho já afamado nos meios cultos” - “admirado e respeitado pelos pares” - pelo “sonho da pátria livre deu a vida”
20 jan. 1942	João Batista Ribeiro de	escritor, professor e	<ul style="list-style-type: none"> - “espírito admirável” - “cultivou todos os gêneros sem-

O SUPLEMENTO JUVENIL E A HEROICIZAÇÃO EM QUADRINHOS

	Andrade Fernandes	artista	pre com brilho” - “reputado como grande mestre do nosso idioma”
22 jan. 1942	Luís Delfino dos Santos	médico, político e poeta	- “um milionário de ideias” - “era um estuário da poesia” - “foi o nosso maior poeta”
27 jan. 1942	Manuel Antônio de Almeida	escritor e jornalista	- “grande precursor do romance brasileiro” - “romancista de costumes de maior talento”
29 jan. 1942	Afonso Henrique da Costa Guimarães (Alphonsus de Guimaraens)	poeta	- “grande poeta”, cuja vida “é um exemplo de vitória” - “o maior poeta do Brasil”
12 fev. 1942	Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça	advogado, jornalista, escritor	- “estudante notável” - “belo talento”
24 fev. 1942	Tobias Barreto de Menezes	escritor, jurista e crítico	- “famoso aluno e professor” - escreveu “artigos filosóficos re- cebidos com elogio no estrangeiro”
10 mar. 1942	John (João) Taylor	militar	- ainda que inglês por nasci- mento, “herói acima de tudo

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

			brasileiro porque deu à nossa pátria o braço, o coração e toda a vida”
21 abr. 1942	Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes)	militar	- “possuía qualidades extraordinárias” e tinha habilidade para tudo” - foi “um dos maiores brasileiros”
21 maio 1942	Manuel Luís Osório	militar	- detentor de “bravura” e “generosidade” - “nenhum chefe foi mais querido do que ele” - “não descansou enquanto o Brasil não foi vitorioso”
15 out. 1942	José Bonifácio de Andrada e Silva (o Moço)	professor, jurista, poeta e político	- “reviveu em glória o nome de seu grande avô” - “adorado pela sabedoria e o talento”
17 out. 1942	Afonso Henriques de Lima Barreto	jornalista e escritor	- “simples e humilde de coração, não tolerava aristocracias nem arrogâncias” - foi “um herói da pena”
20 out. 1942	Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes	poeta e compositor	- “uma glória de nossas letras” - foi sagrado “grande poeta para o Brasil inteiro” - “sua imagem está perene em seus versos” e “no bronze em que a glória a entronizou para sempre”

O SUPLEMENTO JUVENIL E A HEROICIZAÇÃO EM QUADRINHOS

22 out. 1942	Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos	poeta e professor	- "grande poeta" de "singular espírito" - portador "de uma honestidade sem limites" - "todos os que o conheceram o estimaram"
26 dez. 1942	Raimundo Teixeira Mendes	filósofo e matemático	- "desde cedo se fez querido e admirado" - tinha "vivíssima inteligência", além de "opulenta e invejável cultura" - "grande positivista brasileiro" - "era um puro" - "venerado pela nação inteira"
19 jan. 1943	João Zeferino da Costa	pintor e professor	- adquiriu "uma técnica das mais profundas e seguras de seu tempo" - criador "de sólidas obras"
9 fev. 1943	José Basílio da Gama	poeta	- o "poeta mais perfeito da era colonial" - autor do "moderno poema que mais mérito tem" - a "pátria não o pode esquecer para sempre"
16 fev. 1943	Alexandre Rodrigues Ferreira	naturalista	- "o 'Humboldt brasileiro'" - "notável sábio"
24 jul. 1943	Antônio	jurista,	- "notável homem de letras"

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

	Augusto de Vasconcelos[professor e político	<ul style="list-style-type: none"> - “um dos vultos de maior projeção do nordeste brasileiro pela inteligência” e “pela cultura” - “muitas gerações brasileiras votam à sua memória grande admiração e respeito”
3 ago. 1943	Antônio Cardoso Fontes	médico e cientista	<ul style="list-style-type: none"> - “a seriedade de alma” o “guardou sempre” - acolhia “com sinceridade e devotamento o dever” - “sua constância e disciplina deram-lhe o êxito” - pertenceu à academia “onde só entram as maiores notabilidades do mundo cultural”

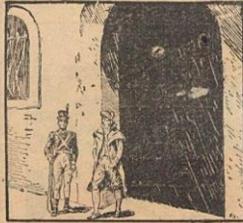
GRANDES FIGURAS DO BRASIL

GENERAL ANDRADE NEVES

Legendas Do Prof. Jonas

✱ ✱

Desenhos De Rodolfo



1 — No dia 22 de janeiro de 1807, nasce, na Vila do Rio Pardo, as margens do rio Jacuí, no Rio Grande do Sul, uma criança que seria, mais tarde, o "bravo dos braves" do Exército Brasileiro. Tendo ascendido praça aos 19 anos, com o posto de primeiro cadete, seu viés foi obrigado a deixar a carreira, para cuidar seu velho pai, major J. J. de Figueiredo Neves.



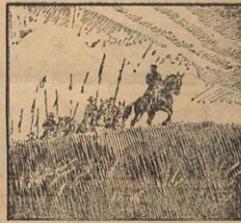
2 — No combate de Taquari foi ferido, e mereceu um honroso elogio de general em chefe. E, após a luta fratricida que, por longos anos, emangueirou o solo brasileiro, o intrépido guerreiro voltou a deixar do seu lar, levando no corpo fundas cicatrizes e, como recompensa, o título de tenente-coronel da Guarda Nacional.



3 — Em 1851, Andrade Neves tomou parte na guerra contra Rosas, não desmentindo nunca as suas tradições de heróis. E sete anos depois, sendo reconhecido e seu merecimento por vulto e três longos anos de relevantes serviços prestados à Pátria, foram-lhe conferidos as honras de Brigadeiro Honorário do Exército!



4 — Na guerra contra o Paraguai, Andrade Neves organizou uma brigada em que tomaram parte todos os seus antigos camaradas, seus parentes e amigos, seus dois filhos, tendo decidido em seu lar, com sua esposa e filha, apenas um único homem; um netinho de cinco anos!



5 — Aos setenta anos, marchando à frente de suas forças aguerridas, partilhando do mesmo destino de seus comandados, o chefe auxiliou a conquista de Montevideo e Assunção — arrojada toalha para a glória! — iniciada em março de 1865 e terminada em janeiro de 1869!



6 — Em 1867 a artilharia inimiga do passo Marqueto, o esquadrão de Taubaté, foi completamente derrotada pela cavalaria de Andrade Neves e José Luiz, e, pouco depois, as margens do Arroio Monda, destruiu a cavalaria inimiga e, ao se salvar, perseguindo os fugitivos até perto de Pilar.



7 — A fortaleza de Humaitá era a grande barreira. Para vencê-la, Andrade Neves, sob a metralha inimiga, realizou os mais arrojados reconhecimentos. Topando com inúmeras dificuldades, mas levando tudo de vencida, o valente brasileiro chegou a Pilar onde, num violento combate, dirigindo 1.500 homens decididos, tomou a artilharia inimiga e aprisionou a guarnição.



8 — Continuando a brilhar como uma estrela de primeira grandeza, o novo herói tomou de assalto o forte de Estabecimento, atravessou o Chico, venceu Arai, marchou para Lomas Valentinas onde, numa batalha crucial, foi ferido num pé. Apesar do ferimento doloroso, da febre, do aniquilamento e dos cabelos brancos...



9 — ...continuou a lutar energicamente até a vitória! Mas no dia 6 de janeiro de 1869, em Assunção, o "bravo dos braves", após uma lenta agonia, fechou os olhos para sempre. Soldado até o fim e até o fim guerreiro invencível, a sua última palavra é uma ordem que os brasileiros há de ouvir, sempre que a Pátria estiver em perigo: "Camaradas! Mais uma carga!"

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

SILVA JARDIM

Legendas De Americo Palha

Desenhos De Rodolfo



1 — Silva Jardim foi um dos apóstolos maiores do ideal republicano. Tribuno arrojado, foi um espírito verdadeiramente revolucionário na fidelidade aos seus princípios. Na tribuna, sua palavra exortava aos princípios republicanos. No período de 1880 a 1889, Silva Jardim manteve acesa a fogueira da propaganda, sem temer qualquer violência do governo.



2 — Nasceu em Capivari, antiga província do Rio de Janeiro, a 18 de Agosto de 1865, Silva Jardim formou-se em direito em 1882. Indo para Santos, ali realizou o primeiro comício republicano, a 28 de Fevereiro de 1888. Em Campinas, fez uma conferência na presença do chefe de polícia, conde de Eu. Em Santos fez outro comício diante dos oficiais do couraçado "Bairrada".



3 — Percorreu Silva Jardim, em menos de um mês, vinte e sete cidades. Tendo recebido um conto de réis, de negócios de advocacia, exclamou: — "Com este dinheiro, vou derrubar a monarquia". Visitou o interior de Minas e de São Paulo, sempre recebido com vibração pelo povo. A semente republicana estava lançada com ardor pelo moço fluminense, cujos sucessos repercutiram fortemente no Rio.



4 — Em S. João d'El Rey, num banquete oferecido pelo Partido Republicano, seus inimigos apoderaram-se da casa. Foi São quem, um comício, apresentou a proposta de se mudar o nome da cidade para Tiradentes. Em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, jogaram uma pedra sobre ele, quando falava. Mas o tribuno não se intimidou. Continuou a falar entre o delírio da multidão.



5 — No momento da padrada, em Ouro Preto, rebou um formidável trovão. Silva Jardim exclamou entusiasmado: "Vejam, senhores, como Tiradentes responde à injúria da padrada, abalando com o trovão o gesto da tirania". Não se pode descrever o efeito dessas palavras do insigne tribuno. Francisco Glicerio disse que a palavra de Silva Jardim "deixara a fogueira que iria consumir o trono".



6 — Sua primeira conferência no Rio de Janeiro foi um triunfo completo. A mocidade das escolas superiores, senhores, e o povo abriram alas para passar o apóstolo, coberto de flores. Foi na sede da Sociedade Francesa de Ginecologia. Ao mesmo tempo iniciou na "Gazeta de Notícias" intensa campanha jornalística. A ela, disse Saldanha Maranhão: — "Tu és o diabo, menino! Abreca este velho".



7 — A 18 de Junho de 1889 seguiu para o Norte, no mesmo vapor em que viajava o Conde d'Eu, com este e os membros do gabinete e de todos os políticos do Império. Na Bahia, houve serenos tumultos. No Recife, Silva Jardim foi recebido estrondosamente, demonstrando-se a favor acaloradamente, em vista de situação da polícia. Mas não recou o propagandista. Do Recife dirigiu-se ao interior pernambucano.



8 — A 15 de Novembro de 1889 foi proclamada a República, sem que Silva Jardim fizesse parte nas reuniões preparatórias. Não o convidaram. Com a vitória, não teve nada. Desgostoso com a ingratitude dos companheiros, embarcou para a Europa em Outubro de 1890. Em 1 de Julho de 1891, visitando o Vesúvio, na Itália, caiu pela cratera do vulcão. Assim morreu o glorioso republicano.



9 — Silva Jardim foi um caráter puro, uma inteligência nobre. José do Patrocínio, por ocasião de sua morte, escreveu: "Bela sepultura o vulcão! Extraordinária o destino de grande brasileiro. Até para morrer converteu-se em lava!" O nome de Silva Jardim está, assim, intimamente ligado à história da propaganda republicana no Brasil, do qual é uma das glórias mais puras.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL
CHRISTIANO BENEDICTO OTTONI
 Legendas De AMÉRICO PÁLHA ★ Desenhos De CELSO BARROSO

1 — Christiano Benedicto Ottoni — valto natural do Império — engenheiro, mathematico, marinheiro e politico — nasceu em Vila do Principe, provincia de Minas Gerais, a 17 de Maio de 1811. Era irmão do grande estadista Thomaz Ottoni, ambos nomes de lousa pro- priedade na vida brasileira, pelos exemplos de civismo que nos legaram.

2 — Muito jovem, Christiano Ottoni veio para a Corte, onde se matriculou na antiga Academia da Marinha. Fez parte da Armada, chegou ao posto de Capitão-Tenente e, depois de varias viagens de estudo, reformou-se do serviço activo, para se dedicar á missão de professor da mocidade, missão que desempenhou com grande elevação e patriotismo.

3 — Foi professor de mathematica em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais. Até 1855 leccionou a mesma cadeira na Escola Naval, escrevendo, por essa época, varias obras sobre algebra e geometria, que ficaram classicas no Brasil e serviram a muitas gerações de estudantes brasileiros. A fama do eminente mestre se espalhou rapidamente pelo pais e outras nações do con- tinente.

4 — Depois do magisterio, dedicou-se Ottoni á en- genharia. Forte mentalidade, é dele o traçado e a execução dos primeiros trechos da Estrada de Ferro Central do Brasil, do Rio á Barra do Piraí, pelas famosas regiões dos tunnels da Serra do Mar, para o interior do Bra- zil. Entre Queluz e Barbacena há uma estação com o nome da grande engenheiro.

5 — Politico militante, Christiano Ottoni estabeleceu-se pelas suas atitudes retas de homem de bem. Ingressou nas fileiras do Partido Liberal, animado pelas mais nobres intuições de trabalhar pelo Brasil, aquilão que era dos seus grandes problemas politicos e economi- cos, dos quais tinha uma ampla e completa visão.

6 — Representou o 3.º Distrito de Minas Gerais em varias legislaturas, na Camara dos Deputados. Ora- dor de largos recursos, sempre foi á tribuna para defen- der os interesses do Brasil e, por isso mesmo, a sua pa- lestra era ouvida com o maximo respeito pelos seus pa- rees, que sempre buscavam seus conselhos e sua orientação.

7 — As atiridades de Christiano Ottoni, como deputado geral, vieram abrir-lhe a porta do Senado. O Es- pírito Santo elegue-o para a nossa Camara Alta. Incluído na lista tripartida apresentada ao Imperador, este fez a ec- celha do nome do eminente mineiro, galardoando assim os seus valiosos serviços á Nação, que todos proclamavam como inextinguíveis. Isso, em 1879.

8 — Vindo a Republica, esta encontrou-o no Senado, honrando dignamente o seu mandato. Aceitando o novo regime como um facto consumado, apesar de amigo pessoal do Padre II, Christiano Ottoni foi eleito Senador Federal em 1892 por Minas Gerais, tres anos depois da proclamação do Marechal Deodoro, cargo em que permaneceu até morrer.

9 — Falleceu o grande brasileiro aos 18 de Maio de 1896, no Rio de Janeiro, no Hotel Vitoria. Além de obras sobre mathematica e economia, deixou Ottoni as seguintes obras: "O Fature das Estradas de Ferro no Brasil", "Vida de Thomaz Ottoni" e "Biografia de Dom Pedro II". Se Minas Gerais se orgulha do nome do seu illustre filho, o Brasil lembre-se do direito a esse orpa- lho justo e legitimo.

SUPLEMENTO JUVENIL — Rio, 7 de Junho de 1941 — N.º 1.022 — ★ ★ ★ — P a g . 7

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Siqueira Campos

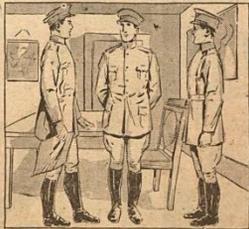
Legendas de Américo Palha



Desenhos de Celso Barroso



1 — Antonio Siqueira Campos — uma das figuras mais gloriosas dos 18 de Maio de Copacabana — nasceu em São Paulo a 13 de maio de 1896. Fez na Escola Militar um curso brilhante, sendo muito estimado por seus colegas pelas suas qualidades de caráter, de inteligência e pela altivez das suas atitudes. Foi, na Escola, um exemplo de dignidade militar e puro patriotismo.



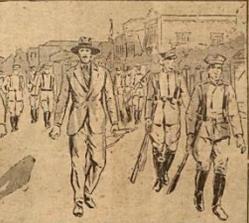
2 — Em 1922, Siqueira Campos era tenente. Idealista e patriota, desejando ver o Brasil mais forte e mais respeitado, ele e um grupo de companheiros dedicados, revoltaram o Forte de Copacabana, a 5 de julho daquele ano. Era uma atitude de arrojo e de bravura cívica. Logo o poder público tratou de reagir contra o forte em pé de guerra.



3 — Reconhecendo a inutilidade da luta, os revoltosos enviaram um parlamentar para discutir com o governo as condições da entrega do Forte. Não sendo aceitas as condições, Siqueira Campos assumiu o comando do Forte. Cortou em 29 pedras a bandeira nacional distribuído entre os companheiros, dando liberdade àquelles que não quisessem lutar contra as forças legais.



4 — Não desejando bombardear a cidade, os revolucionários resolveram morrer a se renderem. E saíram para combater. Era o 18. No caminho passou-se ao lado do civil Otávio Correia. Travado o combate desigual — 19 contra milhares — foram eles vencidos. Essa batalha travada nas praças de Copacabana foi uma verdadeira epopéia, única na história do nosso país. Imortalizou os heróis.



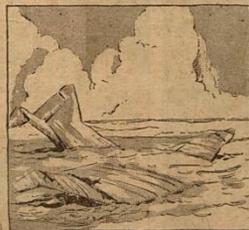
5 — Escapando da morte, depois de longos sofrimentos, Siqueira Campos foi posto em liberdade. Condenado em 1923, seguiu ocultamente para Buenos Aires. Em 1924 adere à revolução paulista. Vai ao Rio Grande do Sul, combatendo heroicamente em Itaquí. Vencido, internou-se no Uruguai, aguardando ordem do comando revolucionário de São Paulo.



6 — Tomou parte na marcha da coluna revolucionária que percorreu o Brasil de Norte a Sul, como um novo bandeirante. Combatou as forças que procuravam a coluna na sua marcha épica. Venceu-as em vários encontros em Goiás e Mato Grosso. No Piauí pôs a pique um avião com tropas. Entrou na força no Ceará. A coluna não se detém. Sempre avante, vai deixando a semente revolucionária.



7 — Siqueira Campos percorre ainda Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Nesse Estado derrotou completamente as forças da polícia. Só escapou o comandante, que fugiu apavorado. Atravessa o rio São Francisco e, seguindo instruções do comando revolucionário, interna-se na Bolívia. Estava finda a missão da coluna.



8 — Em 1930, Siqueira Campos estava em Buenos Aires. Estreou com outros companheiros de exílio, na conspiração preparatória da Revolução. Mas, quando se dirigia ao Brasil, em companhia de João Alberto, viu-se num aparelho de "Lafcoero", o avião caiu ao mar. Um "panco" no motor. Siqueira Campos desaparece nas águas, defronte do Parque Rodon, na praia de Ramirez, no Uruguai.



9 — Seu corpo naufragou a 19 de maio, nas costas do Rio do Prata, sendo enviado para o Rio, onde chegou a 3 de junho de 1930, recebido pelo povo numa abençoada conspiração cívica. Do Rio regressaram seus restos mortais para São Paulo, onde repousam. Siqueira Campos é um grande símbolo de patriotismo, de bravura, de abnegação. É uma das gloriosas figuras do Exército Brasileiro.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

GOMES CARNEIRO

☆

Legendas de Murillo Araujo Desenhos de Rodolfo



1 — A cidade de Serro Frio, em Minas, terra de lavras de diamantes e de ouro, produz também algumas preciosas como seus velos minerais. Tem merecida fama de ser viveiro de homens livres. É um de seus muitos filhos melhores é o general Gomes Carneiro, nascido no dia 28 de Novembro de 1846, que o Estreito e a Pátria comemoram ainda hoje com orgulho e reconhecimento.



2 — Era filho de Mariano Ernesto Gomes Carneiro e de Maria Adelalde Gomes Carneiro. Recebeu na pia batismal o nome de Antônio Ernesto. Entrou, com a idade de 10 anos, para o Seminário de Diamantina. Pouco tempo se passou. Não nasceu para a heresia da prece. E teve de acompanhar a família, que transferiu residência para Curvelo, ainda em Minas.



3 — Mudando-se então os seus para o Rio de Janeiro, matriculou-se o futuro herói no Colégio do Mosteiro de São Bento, prestando lá exames de preparação. Lá entrou para a Escola Militar, quando irrompeu a guerra com o Paraguai. Seguiu para a campanha, como voluntário. Foi promovido a 1.º sargento e a alferes, em fogo, por atos de bravura.



4 — Foi ferido, em ataques impetuosos, por diversas vezes. Regressando ao Rio, retomou o curso da Escola Militar. Casou-se com uma filha do general Tibúrcio de Souza, ilustre cearense. Na carreira militar só logrou promoções por merecimento. Logou as mesmas graças um patrimônio de coragem, disciplina e amor à Pátria.



5 — Proclamada a República, Gomes Carneiro não viu com agrado a intromissão de militares na vida política do País. Deixando, então, a vida ociosa de tantos outros oficiais nos clubes e nos ócios do Rio, preferiu partir, em trabalhos misérrimos, para o sertão, como o fizeram antes Castro de Magalhães, desbravando a natureza selvagem e chameçada, pela brandura desses irmãos índios à civilização.



6 — Foi nessa Comissão, cujos trabalhos duraram três meses, que travou conhecimento com um jovem auxiliar de 25 anos que devia continuar sua obra iniciada — Rondon Gomes Carneiro foi seu mestre certíssimo. Com sangue-frio, coragem e constância, conseguiu pôr pacificar os Bororés, com quem fez sólida paz e amizade. E construiu, em pleno sertão, uma linha telegráfica de 216 quilômetros.



7 — Quando explodiu a revolta contra Floriano, Gomes Carneiro, sem nenhuma pátria política, tomou a menor exaltação por ou contra, seguiu para o sul cumprindo ordens. O Almirante Custódio de Melo tomara Paraguai. E as forças rebeldes de Guimarães Saravá se haviam apoderado de quase todo o Estado. Antonino e Morretes haviam caído. Mas no forte da Lapa estava Gomes Carneiro...



8 — Não tomaram S. Paulo por esse obstáculo. A Lapa só se entregou após a morte do herói. Sem recursos, com uma pequena tropa resistiu às hostes de Piratiba, sucessivas e reforçadas, roçando-as em brilhantes vitórias, a partir de 14 de janeiro de 1894. Recebendo os últimos novos reforços desferiram tremendo assalto a 7 de fevereiro. Marcialmente ferido, Gomes Carneiro agonizante, exortava seus comandados à resistência, com denodo e serenidade sublimes.



9 — Morreu no dia 9, a praça caiu 48 horas depois. O general que nasceu na antiga Vila do Príncipe em Minas, morreu na Vila do Príncipe que há no Paraná. E príncipe de nobreza e bravura — foi ele sempre. Sua memória, perpetuada em dois monumentos públicos, no Paraná e em S. Paulo e em logradouros do Rio, do Mato Grosso e de Minas, é exemplar. Soube mandar com a inteligência e a força da vida e obedecer intrepido diante a própria morte.

SUPLEMENTO JUVENIL — Rio, 6 de Janeiro de 1942 — N.º 1.120 — ★ — P a g . 7.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Xavier da Silveira

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Celso Barroso



1 — Joaquim Xavier da Silveira Junior, exemplo de caráter, do trabalho e das virtudes da gente paulista, nasceu em pleno cativeiro de São Paulo — na rua de São Bento, no dia 11 de Outubro de 1864. Filho de D. Emília Carrreira Monteiro da Silva e do poeta de igual nome — cresceu moralmente influenciado por um grande exemplo.



2 — O pai, morto embora aos 33 anos, deixou uma bela tradição de talento e patriotismo; morreu mesmo ser chamado, pelo grande laicista Gama, "o portabandeira do Abolicionismo", e por Saldanha Marinho "o russical paulista". Seu enterro, assistido pelo pequeno Xavier, então com dez anos, foi um fato popular co-movente.



3 — Contra a vontade do clero, que lhe queria negar assistência católica, alegando que era maçom, os escravos que sempre defenderam e x plebe invadiram à força os armazéns e as sacristias, agredindo-lhe o atrevido, num ímpeto cortivo, com pedras de querosel tachas secas, e cande os acompanhantes choravam...



4 — As vivas impressões dessa vida e desse morto ficaram na imaginação do menino e formaram sua vocação liberal e sua devoção ao Abolicionismo e à República. Xavier da Silveira Junior veio, ainda de luto, para o Rio, onde, cursando o celebre Colégio Abílio, distinguia-se nos estudos. E logo, passou na Faculdade de Direito de São Paulo nos exames públicos.



5 — Havendo um professor repreendido um aluno por ter esse idéias abolicionistas, revoltas e trêz de seus colegas requereram transferência para a Escola do Rio de Janeiro, sendo Xavier um dos chefes dessa reação. Pouco depois, não conseguindo no juri a abolição de um escravo, desistiu que nunca mais advogaria em São Paulo, resolução que cumpriu até à morte.



6 — Aos 16 anos presidiu já assembleias pela emancipação dos cativos, ao lado de homens como Raul Pompéia e Antonio Yvens. Aos 26, implantada a República, e nomeado governador no Rio Grande do Norte — desistiu, num golpe de caráter, por não concordar com as nomeações injustas sustentadas pela política de governo provisório.



7 — Jornalista e poeta aplaudido, Xavier da Silveira não sempre a pena de escrever como "Tal" advogado em combate pela liberdade, e "Brasil" e a "República". Tal idéias defendeu quando intendente no Distrito Federal e depois na Câmara dos Deputados, onde viu, via "do fundo", concretizou e "brilhante tempo" no estrovo verdadeira e pura.



8 — No agitado governo de Floriano Peixoto, prestou serviços à ordem e à lei como chefe do partido do Rio de Janeiro. Prefeito do Capital, durante o curto espaço de um ano, na presidência de Campos Sales... Xavier da Silveira teve a glória de iniciar o combate às "cambadas" e a "remodulação" do Rio, que se consumaram depois, na presidência Rodrigues Alves.



9 — Superior às posturas, que desprezava, para sustentar-se apenas fiel ao seu idealismo pela Pátria — Xavier da Silveira Junior é um alto exemplo de ciência e de consciência. "É necessário criar-se entre nós o espírito das grandes mortes" — disse, quando homenageado a Rio Branco, recém-falecido. E dias depois, a sua esposa era entulhada com o do Chanceler porque a 5 de Março de 1912, entrou na câmara e na glória.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Rio de Janeiro de 1942

Página 1121

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Gregório De Matos

Legendas de Murillo Araujo



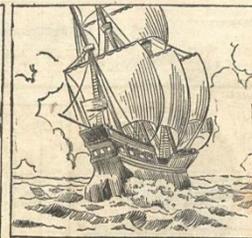
Desenhos de Celso Barroso



1 — Num dia de 1633 um casal de ricos senhores de engenho, o português Matos e a baiana Maria da Guerra, batizaram um filho na catedral de Baía. Mas cerca oito dias antes, no sítio junto ao Cruzado dos Reformados; e recebeu o nome de João, depois mudado para Gregório.



2 — Mandado à Europa, iniciou em Coimbra os estudos e as letras. Fermado, advogou com sucesso em Lisboa. A terrível zombaria com que troçava, em versos, os radicais do tempo o fizeram invejado, temido, perseguido e odiado. Era chamado o "Boca do Inferno".



3 — Embarcando de retorno para a Baía, o jovem Gregório obteve a príncipio, do Arcebispo, funções eclesiásticas, que teve de deixar, porque temava em usar vestes seculares e só quis tomar ordens menores, ao contrário de seu irmão Estêvão, o grande omeor sacro.



4 — A vida de poeta boêmio que levava não impedia Gregório de ser culto jurista; tanto que lamentando sua morte, mais tarde, disse um desembargador do Recife, seu inimigo: "Morreu já quem entendia de Direito... Mas sabia tão bem o violão como as leis..."



5 — E no próprio Tribunal poevara. Defendeu um pobre homem acusado por um pedante juiz de roca a quem inadvertidamente tratara por tu, nestes termos:

Se a Deus se trata
[por tu
e se chama a El-Rey
[por vós,
como chamamos nós
ao juiz de Ignorância?
Tu e vós e vós e tu!



6 — Todos sabem a sátira que fez a "um nariz de emboço com tal sacada, que entra na escada duas horas primeiro que seu dono..." ou a do guloso livreiro que se atirando a um canteiro de alfazes "comeu, sendo livreiro, deuncadamente..."



7 — D. João de Alencastro, o Governador, que o admirava a ponto de ter em palácio um livro e um cachaço só para lerem nota de seus versos, teve de mandar prendê-lo pela boemia desregrada e deportá-lo mesmo para Angola, o que fez com pesar.



8 — Regressado do exílio, recebeu-o o Governador de Pernambuco carinhosamente, regaland-o com uma bolsa de moedas; mas proibiu-lhe de escrever sátiras, o que fez o poeta vendo um dia uma comê ridícula, gritar: "Soceiro contra o Governador, que não me deixa escrever!"



9 — No leito de morte ainda comparou os olhos de imagem com que o esportaram aos de uns meninos remolentos, filhos do visinho, numa blasfêmia um verso, que ficou célebre. Mas arrependido escreveu na agulha dois belos sonetos a Deus. E espirou no dia 19 de outubro de 1696.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Cláudio Manuel Da Costa

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Rodolfo



1 — Em certo dia do ano de 1729, os síndicos da capela do São da Vargem da Ilha de Itaipu bombalharam Festivos. Abrindo os olhos deslumbrados entre as rendas da toquinha, era levado à pia batismal um menino. A dorura do rosto anunciava um poeta. Nasceria a 6 de junho daquele ano, e recebeu então um nome que a glória abençoou, humanizando-o de Cláudio Manuel da Costa. A mãe dele de certo estava cheia de saudades.



2 — Encantando-se com as maravilhas do misto a criança cresceu, livre e alegre, no alto ninho, entre as rochas. Desde pequenino fez a natureza o berço em que nasceu, disse ela mais tarde, num soneto celebre. Logo depois, veio para o Rio de Janeiro aprender com os melhores as disciplinas correntes da época: matemática, filosofia, retórica e teologia. E estudou com afluência.



3 — Aos 30 anos, mas longe ainda encontramos o brasileiro — em Coimbra, de casa e salina, e já chamado nos meios cultos de Portugal com os versos, e as impressões que apresentaram em "Jardim de Lira", "O Labirinto do Amor", "Os Números Harmônicos", "O Epitáfio". Graduação em Ciências, voltou à Pátria em 1763. Advogou em seguida em Ouro Preto, de que levantou mesmo uma planta topográfica, em 1755.



4 — Tendo peregrinado a Itália, quando esteve na Europa, dominou em breve, o jovem estudante, toda a cultura do tempo, aprendendo, nas lúbricas culmas dos monumentos e da própria paisagem latina, as proporções harmoniosas, que fizeram dela um grande clássico. Nessa viagem, no diler de João Ribeiro, se foram excelsos em todas as línguas latinas pelos de Petrarca e Camões. E o sítio é grande!



5 — Em Vila Rica, então na idade de ouro, cheia de esplendor material e de espírito, teve Cláudio a grande época. Admirado e respeitado pelos pares, que o consideravam um mestre, tão celebre em Portugal como Boccaccio, prestigiado e querido, exerceu altos cargos. E vestia vestido, setim e outro! Entre os objetos, depois adquiridos em sua casa, havia estatuas de prata e porcelana da China.



6 — Publicou as "Rimas Pastorais", consagradas a cidade em que viveu o poema "Vila Rica", composta para o Estado o primeiro monumento histórico "Insígnias da Capitania de Minas Gerais", e no teatro "O cidadão espanhol" muito antes de Andaraes do Sul, outros trabalhos, levando à cena várias obras dramáticas. Com a língua clássica versava em francês, latim e italiano ou espanhol.



7 — Secretário do governo de Minas Gerais algumas vezes, o poeta pôde testemunhar com crítica a opressão que pesava sobre a terra das Minas. Veiu daí sua participação na controvérsia ministerial, de que foi, como já vimos, um dos principais chefes. Demitido, porém, não foi o poeta preso logo, nem na cadeia. Internaram-no na Casa dos Contos, que um subdelegado levou à casa do Governador...



8 — Antes da prisão, visitou-o, de noite, um mascarado e emboscado, que em segredo o ameaçou a trazer todos os papéis que o comprometiam na Inconfidência... E logo após, preso — foi encontrado morto, enforcado a 4 de julho de 1792. Nos atos seu depoimento é falso para alguns historiadores, além, como o acima do narrar. Foi enterrado ocultamente... Ha, pois, quem julgue ter sido o poeta assassinado.



9 — O motivo? — É que era amigo do Visconde de Barbacena, cuja participação na revolta, assegurada antes... E o título tem a revelação, pelo escritor, de tal circunstância que o comprometia seriamente perante o Rei. Não se sabe onde ascenderam o morto. Sua mãe, porém, reapareceu a um viva cada vez mais glorioso, nos versos que criou e no sonho de Pátria Lira, pois qual deu a vida.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

JOÃO RIBEIRO

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Rodolfo



1 — Por volta de 1870 havia, em Sergipe, um menino chamado João Batista que não dava desgosto aos pais — o guarda-livros Joaquim Ribeiro Fernandes e sua mulher Guilhermina Rosa. Mestreiro cedo, o garoto, a inteligência, e já brilhava no Latim aos dez anos, tendo nascido, na cidade de Laranjeiras, em 24 de Junho de 1860.



2 — No Colégio Primário, que cursou a princípio, passando-se depois para o Ateneu de Sergipe, os três primeiros alunos, colocados por pontos, tinham em ordem decrescente os títulos de "Imperador", "Consul" e "Pretor". Foi o pequeno João Ribeiro era continuamente "Imperador"!



3 — Espírito admirável, que depois cultivaria todos os ramos da ciência e das artes, começou pela pintura. E aos doze anos confiavam-lhe a missão de armar e decorar presépios, o que fazia com tanto jeito e bom gosto, que enchia de admiração toda a gente da pequena cidade.



4 — Aos vinte foi para a Baía, onde começou a cursar a Escola de Medicina. No mesmo ano mudou-se para o Rio, onde tentou estudar engenharia. Mas a literatura o tentava... E seguiu com ela, de começo pelas estradas do jornalismo e da poesia.



5 — Na realidade cultivou, porém, todos os gêneros sempre com brilho. Além da poesia, novelista, teatrólogo, crítico, ensaísta ou filósofo, João Ribeiro achou tempo para aprender pintura, escultura e música! E, dedicando-se após aos estudos da linguagem, fez-se logo reputado em todo o país e no estrangeiro como grande mestre do nosso idioma.



6 — Mas o grande escritor foi o é amado de todas as crianças de nossa terra, antes de tudo, pelo muito que nos ensina, ensina, não só nas aulas do Colégio Pedro II e de outros colégios, onde foi professor modelar, como em seus numerosos livros escolares, que estão em todas as mãos brasileiras.



7 — João Ribeiro, que triunfou cedo e tinha pouco mais de trinta anos quando já o grande Nabuco o chamava "o cima e a glória do Brasil", foi em toda a vida um amigo dos meninos, acolhedor entusiasta de todos os novos artistas, aplaudindo mesmo as maiores rebeldias desde que mostrassem talento.



8 — Glorioso, membro ilustre da Academia Brasileira e da de Lisboa e de muitas outras sociedades sábias, continuou sempre bom e simples como um simples estudante. Um dia, quebrando-se em cada, de dor nos pés... verificaram os alunos, sorrindo, que ele catçara os sapatos com os pés trucidados...



9 — Onde passou, porém, derramou claridades — em nossa terra como em Dresden ou em Londres, em cujos congressos representou a cultura nacional. E está lá vivo nos livros que deixou, que mal se pode crer em sua morte, em 13 de abril de 1934, lamentada por toda a imprensa do país e até mesmo fora dele, numa glória.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

LUIZ DELFINO

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Celso Barro



1 — Moravam na capital de Santa Catarina, então chamada Desterro, o sr. Thomas Santos e sua mulher d. Delfina Victorina, quando nasceu aquela filha que lhe dar mais honra à casa. Foi isso num dia, já distante, do Brasil recém-liberto — foi em 25 de agosto de 1834. Ao ver o sol decoro o momento cante...



2 — E' que nasceu um poeta, um grande poeta de vido forte e de estilo iluminado. Recebeu com o' battimo o nome de Luis Delfino. E, ainda aos oito anos de idade, começou a compor versos. A poesia em suas mãos foi como um papagaio de papel, que empinou e fez brilhar bem no alto, no céu...



3 — Veio ao Rio depois — estudar medicina. E foi madeo bom moço pela nossa Faculdade, dizem que esqueceu por uns tempos o numero das musas, preocupado com a clinica. Logo depois, porém, já médico afamado' recommegou a faina de escrever, que adorava, e que não mais abandonou até a extrema velhice.



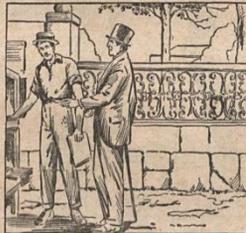
4 — Instalado com a familia, numa chácara, na antiga e calma rua Jockey Club, empedrada e d'arco, entre amendoeiras e rosas — Luis Delfino compunha pelo encanto das oras, indiferente à gloria e aos prouventos das letras. Nem um livro de versos chegou sequer a publicar — ele um homem que foi dos mais altos poetas de tempo!



5 — Morou tambem em um sobradão da rua do Lavradio, então, rua Nóbrega; o, já abastado, atendida de caravagem aos numerosos clientes. Sua casa frequentada pelos jovens que o olhavam como um mestre. Bilac, Alberto, Raymundo — todos os parnasianos — aprenderam com ele os recursos de sua arte.



6 — Instado para que publicasse um livro pelo grande editor Leomet, enviou-lhe um volume com quinhentos sonetos, com o titulo "Imortalidade". E propoz para outros quinhentos para completá-lo, quando um incêndio na tipografia destruiu-lhe todos os originaes.



7 — Como um milionário de idéias Luis Delfino deu do dinheiro... a tentativas a escrever! Suas peças literarias enchiam os jornais e revistas. Edas sempre com entusiasmo. Agradavam a todos porque ha em seus versos tons românticos, parnasianos e até mesmo simbolistas. Ele era um estudioso da poesia.



8 — 54 depois de sua morte o ha pouco, pelo seu centenario, editaram seus poemas, que formam vários volumes. Apesar dos sonhos inúmeros, em obras que o autor não reviu, o sucesso foi alto. Para Silvio Romero, como para Ronald de Carvalho, Delfino foi até mesmo o nosso maior poeta.



9 — Morreu Luis Delfino no Rio, em 1910, no dia 31 de janeiro, aos 76 anos de idade. Recusou-se a convites que lhe fizeram para incluí-lo entre os fundadores da Academia Brasileira. Quis queimar a "Imortalidade acadêmica, como d'izava sempre queimar-se no incêndio a "Imortalidade" dos 500 sonetos. A "sua" "Imortalidade" — mais alta — sabia que era incombustivel!

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Manuel Antônio De Almeida

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Rodolfo



1 — No agitado Rio de Janeiro de 1830, quase às vésperas da renúncia forçada do primeiro Imperador, foi que nasceu, a 17 de novembro, Manuel Antônio de Almeida, que mereceu bem ser denominado o "grande precursor do romance brasileiro". Foram seus pais Manuel Almeida e dona Josefina Maria de Almeida. Revelando desde a meninice viva inteligência...



2 — ...o pequeno mostrou a princípio a natureza ar-tística, de que era dotado, no Deambulo, em que logo mostrou de grande aproveitamento na escola. Era, porém, decerto os dotes de imaginação e de observação do real, principalmente; que o honraram assim habil na reprodução da natureza — dotes essenciais para o romancista que ele devia ser depois.



3 — Deixando, mais tarde as inclinações de arte à margem, Manuel Antônio matriculou-se na Faculdade de Medicina, cujos cursos seguiu com zelo, apresentando até com brilho tese de formatura e doutorando-se em 1855. Já por essa época, entretanto, sa-fizera aplaudido com a publicação das "Memórias de Um Sargento de Milícias".



4 — Esse livro, escrito aos vinte anos, tem traços de verdadeiro gênio na opinião de alguns grandes escritores: e, por ele, o mais celebre crítico do Brasil — Araújo Xavier — considerou o autor "o romancista de costumes, de maior talento, nascido entre nós". Em pleno domínio do romantismo exagerado, a narrativa é real e simples como se escrita hoje.



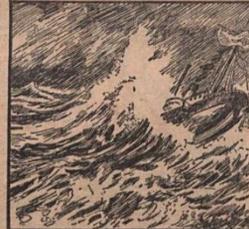
5 — Desempenhou o jovem literato vários cargos públicos: Oficial de Secretaria de Fazenda, Diretor da Ópera Nacional e Administrador da Tipografia Oficial... E no exercício dessas funções revelou certa vez a falta de um humilde tipógrafo, que conheceu na loja de Paula Brito e nada mais tarde seu irmão de glórias — Machado de Assis.



6 — Exercou ainda com brilho o jornalismo, tornando-se querido dos leitores do grande jornal de então — "Correio Mercantil", onde trabalhou entre os anos de 1854 e 1856 e em cujas colunas publicou, em folhetim, o seu belo romance, fato que explica a exceção apressada e quase decedida da obra.



7 — Publicou ainda estudos poéticos com o título "A Filosofia de Yeu" além de algumas traduções. E compôs também, um drama lírico "Deus Amores", que foi musicado pela Condesa Raphaela de Souza de Azevedo. Nesse começo de vida tão febril e cheio das mais diversas preocupações, tentou-o a política...



8 — E com o intuito de pleitear uma cadeira no Parlamento Nacional, partiu para o Estado do Rio, embarcando aqui, a bordo do vapor "Hermes". In-felizmente, próximo da cidade fluminense de Macaé, naufragou a pequena embarcação, sem que o Destino poupasse a vida do jovem escritor, obituário de tão do-ramas promessas para nossas letras.



9 — Faleceu assim, a 28 de novembro de 1861. Não naufragou, porém, o livro que improvisara com o ardor do primeiro juventude. Espantaram-se então inúmeras edições que o fizeram um dos romances mais populares do Brasil. E nossa maior instituição cultural — a Academia Brasileira — escolheu como um de seus imortais patronos Manuel Antônio de Almeida.

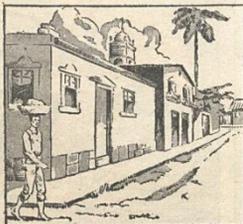
GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Alphonsus De Guimaraens

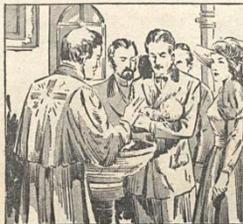
Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Celso Barroso



1 — A vida deste grande poeta é um exemplo da vitória alcançada desprezadamente, pelo mérito apenas. Fugiu da solidão e da vida precária... Seus pais foram Albino da Costa, irmão de Bernardo Guimarães, e D. Francisca de Paula Guimarães, e nasceu na rua São José, em Ouro Preto, na casa de número 27.



2 — Vindo ao mundo em 1870, no dia 24 de Julho, recebeu, ao batizar-se um ano depois, o nome de Afonso Henriques da Costa Guimarães. E depois de regulares estudos de humanidades, pôde matricular-se, em 1887, no Curso Complementar da Escola de Minas.



3 — São Paulo, com a célebre Faculdade era, porém, a Meca dos literatos moços do tempo... E para lá seguiu Afonso com seus companheiros vinte anos, mais para frequentar das Letras do que dos Doutores. E começou a aparecer nos jornais assinando os primeiros poemas.



4 — Insuperável do padre Severiano de Resende e de Adolfo Araujo, formou com eles uma trindade de amigos poetas. A nova escola poética, um que escreviam, irritava, porém, o público, acostumado às banalidades em voga. Afonso o enfrentou, indiferente ao silêncio como aos ataques da crítica, que não o entendeu...



5 — Em 1895 completava o curso jurídico. Odiando tudo que fosse vulgar, como os seus companheiros de escola literária, os simbolistas, passou nesta época a assinar seus poemas com um nome de saber antigo: Alphonsus de Guimaraens. E, negado por muitos e admirado vivamente por outros, escrevia sempre, apenas pelo bom de escrever.



6 — A amargura de sua vida o estimulava a buscar pela imaginação um outro mundo de beleza. A noiva, que adorava, Constança, morreu em plena juventude. Ela sobreviveu, porém, sua beleza, esculpida em traços de ouro, nas imagens mais puras de seus poemas. Em 1899 publicou os dois primeiros livros — "Jeterário das Doves" e "Dona Mística".



7 — Afastado dos salões mundanos, dos grandes jornais, das revistas da moda, abertos a um sem número de mediocridades felizes, Alphonsus dava, em pequenas tiragens, os seus livros, distribuídos escassamente entre puros intelectuais. E, se os medalhões da crítica oficial não os abriam, todos os grandes simbolistas do Rio e até em França os celebrava de louros.



8 — Se, aparentemente esquecido, por lá de grande preço, num pequeno posto de paz, em Mariana, o poeta dava as costas à popularidade. Fixara com a Poesia um casamento sem dor... E por isso foi lá com ela. Pouco a pouco seu nome se impôs e cresceu a ponto de o considerarem hoje alguns críticos o maior Poeta do Brasil.



9 — Quando, depois de comprar ainda outros livros, um dos quais em elegante francês — "L'Éclaircissement de Lyell" — morreu instantaneamente, a 15 de Julho de 1921, as estrelas de sua glória escureceram. O próprio governo imperial e dráconico, em honra a ele, teve que reconhecer o célebre cada vez mais, quando passaram tantas glórias medíocres de seu tempo.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

LÚCIO DE MENDONÇA

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Rodolfo



1 — A fazenda do Morro Grande, porto de Pirai, no Estado do Rio, propriedade então de Salvador Furtado de Mendonça, entre alvorçada naquela dia 19 de Março de 1854. As mucamas entravam e saiam no quarto de d. Amália, a fazendeira, para ver um lindo menino, que acabava de nascer. Chamava-se Lúcio Eugênio de Menezes e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça...



2 — Devia ser célebre um dia na política e nas letras, com o nome simples que adotou, como bom republicano, que foi sempre — com o nome de "Lúcio de Mendonça". Aos quatro anos, orfão de pai — aos cinco tinha padrinho, com quem se mudou para S. Gonzalo do Sapucaí. Não teve professor primário. Aprendeu a ler sozinho, ouvindo ler os grandes e comparando os caracteres com os seus que ouvia...



3 — E mal alfabetizado, passava os dias escrevendo as conversas que escutava, impellido por ardente vocação literária. Aos dez anos, colaborou nos pequenos jornais de seu colégio — "O Eco Colégio" e "A Aurora". Al publicou os primeiros versos. Em 67, fechou-se o colégio e Lúcio, no ano seguinte, com 14 anos, seguiu para São Paulo, a chamado do seu irmão — Salvador.



4 — Raposo com sua o que aprendera e, com 15 anos, era estudante do curso anexo à Faculdade e com essa mesma idade lançou o primeiro folheto, em prosa e verso, editado nas oficinas do "O Ipiranga", que sua irmã dirigia. Um ano depois — é-o-o estudante de Direito... e estudante notável, pela atuação nas aulas e fora delas.



5 — Realmente. Com o temperamento rebelde, que lhe era próprio, Lúcio foi um dos chefes da célebre "revolução acadêmica" contra programas absurdos impostos aos estudantes. Dois anos depois, é-o-o feito um dos elementos vivos da propaganda pela República. E em 72 publicou, ainda imberbe, as poesias "Nevoas Matutinas", em volume profetizado por Machado de Assis!



6 — Melo Moraes escreveu, ante o sucesso do Ipiranga, que a "Crítica acabou de sugar uma orniaga". Formado, exerce a advocacia e magistratura no Interior. Não esquecia, porém, os ideais políticos a que votara sua juventude e sua vida. Continuava a propagar a República.



7 — E era tal seu ardor, que grandes diários do Rio transcreviam os artigos de um pequeno jornal, em Campanha. Entretanto, a literatura nunca ficou esquecida na vida laboriosa do político e do jurista. Entre outros livros aparecidos depois, "Horas do Bom Tempo" constituiu um êxito.



8 — Finalmente, proclamada a República, a carreira de Lúcio se alargou como um grande rio na foz. Colaborou em toda a imprensa carioca, tendo passado a viver na Capital. Fundou a Academia Brasileira de Letras com Machado de Assis. Galgou posições. Foi distinguido pelo governo, com a nomeação para ministro do Supremo Tribunal Federal.



9 — Designado para uma missão no Prata, si recebeu grande homenagem. A morte já o espreitava, porém. Uma cruel moléstia tirou-lhe a visão, e, através da paralisia e de outros cruéis padecimentos, morreu no Brasil esse belo talento. Na tarde de 22 de Novembro de 1909, chamou os seus e beijou longamente a mão da esposa doentia. No dia seguinte, às duas da manhã, entrou também para a outra eternidade...

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

TOBIAS BARRETO

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Celso Barroso



1 — A família Muniz Barreto conta com alguns nomes ilustres. Pertenciam também a ela o pobre escravidão Pedro e sua mulher, de Evarenciana, que tiveram a honra de ser os pais de Tobias Barreto de Mendonça. Esse belo espírito nasceu no dia 7 de Junho de 1839.



2 — Seu berço, humilde como sua vida, foi uma terra arenosa e desolada, povoada de cactus: um vilarejo perdido, do Serrope, chamado Campos do Rio Fral. O menino, aprendidas as primeiras noções de leitura e escrita, com Manuel de Oliveira Campos, seguiu para a vila de Estância.



3 — Ali aprendeu música, com o maestro Marcelo Santa Fé, e latim, com o padre Manoel Quirino, depois bispo de Goiás. Progrediu tanto o pequeno músico, que em breve lecionava como latinista e, como vizinho, erga a alma das sereenas, acordando os astros com uma bela voz de barítono. Ao mesmo tempo, acompanhava, em latim, os seus primeiros versos...



4 — Um dia, banhava-se no rio, com amigos de infância, quando, correndo, se embrenhou repentinamente no mata. Procurado por seu companheiro, Luis Antônio, foi encontrado Tobias sentido desalentadamente e chorando. Indagado o motivo, respondeu que "era ineluctante e não tinha, entretanto, o que tinham os esquilhões..."



5 — Perguntado sobre o que lhe faltava, respondeu que queria viajar para instruir-se. Luis emprestou-lhe a montaria, e Tobias partiu para estudar. Depois de lecionar latim algum tempo em Itabaina, seguiu para a Bahia, recebido a ser padre. No dia da entrada, porém, era espelho do samidiário... É que quebrara a disciplina da casa, cantando modinhas alta noite...



6 — Sem ter onde dormir, errou pela cidade; foi ao teatro. Recobrou-se, depois, a uma estalagem para repousar... e foi despertado, aos gritos, com o pedido um chamado. Desamimara já de sono, quando atirado, um dia, ao chão, desapercebido, a Sileta de Charles André, que lá, viu que e volume caíra aberto em páginas onde se lia: "Por ser-me impaciente, sacrifico-o ao futuro"...



7 — Aceitou a lição do destino. Pôs-se a estudar com afinco e triunfo. Na Faculdade do Recife, onde cursou a Direito, tornou-se famoso como aluno, e, mais tarde como professor, depois de um concurso cèlebre. Foi contemporâneo de Castro Alves, precedendo-o no estilo cadenciado como poeta.



8 — Tendo aprendido sozinho o alemão, escreveu nessa língua e em jornais germânicos artigos filosóficos, recebidos com alvoroço no estrangeiro. Ao mesmo tempo concorria para a cultura brasileira, popularizando entre nós as idéias dos pensadores germânicos.



9 — No Recife empolgava os navios pelo arrebatamento da eloquência. Discípulos como Falcão da Câmara falam dele com entusiasmo sem limites. Outro de seus alunos o adorava... Foi Graça Aranha, que ocupou sua cadeira na Academia Brasileira de Letras. Em 26 de Janeiro de 1889, para expiar, pediu que o sentassem "para morrer como um soldado prussiano"...

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

JOÃO TAYLOR

Legendas de Murillo Araujo



Desenhos de Rodolfo



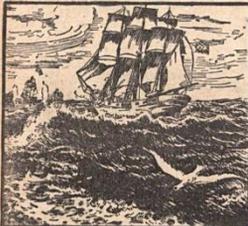
1 — Foi na velha Inglaterra que nasceu este herói. No entanto, foi, acima de tudo, brasileiro — porque deu à nossa Pátria o braço, o coração, e toda a vida; trabalhou para torná-la forte e forte; morreu ao serviço dela. A cidade de seu berço tem o nome em todas as cartas marítimas — Greenwich.



2 — E o menino ali nascido, a 22 de Dezembro de 1796, filho dos Taylor — Nataniel e d. Catarina — viveu com o signo dos que vivem no mar. Adolescente ainda, aspirante da Marinha inglesa, peleeu ao lado de Nelson, o almirante imortal, na celebre batalha de Trafalgar.



3 — Por espirito de aventura, veiu um dia, licenciado, com Lord Cochran, pelear pela Independência do Brasil. E, aqui chegando, nesta terra o empolgou. Enamorado-se dela a ponto de esquecer a Inglaterra. Considerado desertor, ameaçado de maldição paterna e perda da honra — nada houve que o fizesse voltar.



4 — Surge para uma nova vida, quando surge também o Brasil, que ele ajudou a fundar. Nas guerras de Independência, comandando a fragata "Niterói", pobre a fraca nave, perseguido, quase só, pela te afastar do resto da frota, a esquerda portuguesa até a Europa, até o Tajal.



5 — Naturalizado brasileiro, honrou nossa Marinha, tornando parte na pacificação do Pernambuco. Entretanto, o pai, que faleceu depois, na Inglaterra, só lhe deixou um testamento, indignado, um "shilling", para comprar uma sacer e enfiar-se. João Taylor preferiu as cordas dos veleiros em que hantou o pendão da vitória.



6 — Na rua, que hoje tem o seu nome, rodava em bola chôças, em cuja volta florescia um jardim, bordado de cochas. Ai criou, com a patricia que tomou por esposa, um doce lar no Brasil. Entretanto, por serviços na Armada, galgava, sem cessar, postos altos.



7 — Quando, por questões políticas, deixou a Marinha, certa vez, foi para ser reconduzido logo após, preado como chefe de divisão, em Dezembro de 1825. Depois de numerosas comandas, ascendeu a chefe de escuadra, em 1847, o vice-almirante brasileiro, em 1851.



8 — Gravando no Rio de Janeiro a epidemia de cholera, a ordenança de Taylor contraiu o mal, sendo recolhido ao lazareto da Ilha de Villegaignon. Destinado, o bom almirante foi até o forte, em visita ao pobre marinheiro enfermo. E contaminou-se também do terível mal.



9 — A família se encontrava então em Minas. E, longe dos seus, apolhou o almirante. No dia 26 de Novembro de 1855, finalmente, parou de pulsar seu coração generoso, sob o largo e bravo peito, coberto com as condecorações do Brasil.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Joaquim José da Silva Xavier

(TIRADENTES)

Legendas de Rafael Murilo



Desenhos de Fernando Dias Da Silva



1 — Nas terras do Pomal do Rio Abaixo, município de São João d'el Rei, havia uma fazenda, pertencente a Domingos da Silva Xavier e sua mulher, Dona Antônia da Encarnação Xavier. Ali nasceu, em 1748, o menino Joaquim José da Silva Xavier. A fazenda ficava perto de Vila Rica, capital da capitania de Minas.



2 — Havia trinta e cinco escravos, trabalhando na lavoura de Domingos da Silva Xavier. O menino Joaquim José ia constantemente vê-los e costumava ficar parado horas e horas, com um ar muito triste, abandoando às vezes seus estudos. Quando chicoteavam um escravo, ele protestava.



3 — Dois irmãos de Joaquim José foram ser padres. Ele, já rapaz, chegou a amizade dos irmãos, mas pediu licença para correr mundo. Queria conhecer o Brasil. Queria viver por sua própria conta, independente e livre. Os pais sentiram muito, mas não contrariaram o temperamento do filho, que partiu logo.



4 — O jovem Joaquim José possuía qualidades extraordinárias. Tinha habilidade para tudo. Indicava os pontos onde existia ouro, curava feridas com remédios do mato e tirava dentes com tão grande perfeição que o povo começou a chamá-lo de Tiradentes. Era, além disso, muito bom conversador, sempre alegre.



5 — Depois de levar por algum tempo essa vida de aventura, Tiradentes quis ser soldado. Alguns coelhos lhe dizia no íntimo que ele precisava lutar pelo Brasil. Suas qualidades e elevaram rapidamente ao posto de alferes. Outros, porém, com pouco merecimento, chegaram a capitão, e essa injustiça lhe doía.



6 — Querendo melhorar de vida, o alferes Tiradentes juntou dinheiro com sacrifício e comprou um sítio, ao pé da Roelina Negra, frequentado de Simão Pereira. Querendo comprar maquinários, viajou a cavalo para o Rio de Janeiro, onde logo que chegou, propôs ao governo o aproveitamento da água dos rios.



7 — Recusado o seu projeto, voltou a Vila Rica impressionado com o atraso do Brasil, simples colônia de outro país. Não tinhamos água, luz, instrução, liberdade e no entanto, eramos fortes, numerosos e ricos. Encontrei outras pessoas com as mesmas idéias e começou a falar francamente a favor da Independência.



8 — Os companheiros de Tiradentes eram homens de valor, mas não tinham a sua coragem. Ele se ofereceu para vir convidar os soldados do Rio de Janeiro a tomar parte na revolução libertadora. Aqui, foi denunciado e preso no sótão de uma casa. Tiradentes ainda chegou a puxar sua xarucha, mas viu que eram muitos e se entregou.



9 — Processado por ter promovido uma conspiração contra Portugal, caminhou para a forca no dia 21 de abril de 1792, calmo e valente. Declarou antes que, se o soltassem, viria tentar de novo a Independência do Brasil. A maneira como se comportou na prisão e no suplício torna Tiradentes um dos maiores brasileiros.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL General Osório, o Vencedor de Tuiuti

Comemora-se a 21 de Maio mais um aniversário da maior batalha da Guerra do Paraguai

Legendas de Rafael Murilo



Desenhos de Rodolfo



1 — O menino Manuel Luiz Osório não era uma criança comum. Nas plantações gostava, onde nasceu, de correr pela mata, caçando, com uma redejada de osso do ombro. Tinha mais coragem do que muitos homens. Era um cavaleiro tão ágil que, mais de uma vez, tropeçou e a animal o seu cavaleiro pulava adiante, em pé.



2 — O pai de Osório, que era militar, gostava muito de ver o filho assim, forte e valeroso. Um dia chamou o filho e lhe disse que queria vê-lo também na carreira das armas. Osório, simples rapazeta, aceitou, e pouco depois, tendo seu pai que marchar para a campanha de Montevideo, Osório o acompanhou, montando ao seu lado.



3 — Promovido a alferes, Osório demonstrou desde logo não só sua bravura, como a generosidade do seu coração. Arrebatou-o, para salvar os outros. Certa vez, dois soldados, que se divertiam à beira de um rio, caíram nêgas. Abreagando-se surrivamente, foram para o fundo, sem poder nadar. Osório abateu-se ao rio e conseguiu salvar os dois.



4 — Quando já era brigadeiro, houve um fato que mais tarde teve muita importância em sua vida. Existia uma região abandonada em S. Borja, onde ninguém entrava. Filtrava-se em índios e vassalvas, tanto que a chamavam "Campo das Vasas Bravas". O mata cresceram, recomendo florestas de mata (brava). Osório explorou toda a região "mat-zombrada".



5 — Nenhum chefe foi mais querido de que ele. Quando comandava, durante o inverno, ia ele próprio verificar se as sentinelas estavam suportando bem e frio das madrugadas. Quando havia necessidade, distribuiu aguardente, para evitar que os soldados ficassem gelados. As vezes, às 3 horas de manhã, mandava acender uma fogueira e ficava ali, junto com seus homens.



6 — Na guerra do Paraguai, comandou Osório o Exército Brasileiro, foi ele o primeiro que pôs o pé em território paraguaio. Atravessou o rio Paraná com frota e a sua tropa e, ao chegar à embocadura do rio Paraguai, por ali entraram todas as embarcações. Osório saiu ao encontro de todos e, seguido apenas por um piquete de dois homens, iniciou assim a grande campanha.



7 — Na batalha de Tuiuti, a maior até hoje travada na América do Sul, o papel de Osório foi extraordinário. Em toda parte onde havia perigo, ele aparecia com o seu grande chapéu de feltro negro, segurando uma lança com adafes de prata e uma longa espada, que os gaúchos chamam de poncha. Não desceu a grande General enquanto o Brasil não foi vitorioso.



8 — Fendo no rosto, ao terminar a batalha de Ayacucho, no Brasil. O povo, que o adorava, alegrou o senador. Quando Osório veio para o Rio, além de tomar parte nos trabalhos do Senado, a manifestação que lhe promoveram os cariocas excedeu a todas as anteriores. Senhoras e senhoritas jogavam flores sobre a grande brasileiro e ajudantes transportaram seu carro.



9 — Osório foi ministro da Guerra e trabalhou até morrer, a 3 de Outubro de 1892. Nascera a 19 de Maio de 1808. Suas últimas palavras foram: — "Tranquilo... Independência... Pátria... Sacrifico... último infelizmente". Tinha recebido o título de marquês. Um monumento à sua memória, contém seu corpo embalsamado e as grades são lanças e canhões.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

José Bonifácio, o Moço

Legendas De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



1 — A família dos Andradas figura com vários de seus nomes na galeria de nossa história. A ela pertencem: José Bonifácio de Andrada e Silva, o velho — alma de nossa libertação política; Antônio Carlos, o grande parlamentar, seu irmão, como Martin Francisco e ambos ilustres.



2 — E foi ainda um filho de Martin Francisco de Andrada, sobrinho e neto do Patriarca, que reviveu em glória o nome de seu grande avô, com o diferenciativo de "O Moço". Nasceu, quando o pai se exilara em França, na cidade de Bordéus, a 5 de novembro de 1837. Foi, porém, ilustre cidadão do Brasil.



3 — Começou a carreira, depois do estudo das disciplinas básicas, com o curso da Academia Militar. Era um esportista alfreto-silvo quando os exercícios pesados da vida marcial abalaram seu organismo. E teve de interromper o curso, por motivo de moléstia.



4 — Partiu, então, para a cidade de São Paulo, onde cursou com grande aproveitamento a Faculdade de Direito, cujos estudos concluiu, fazendo-se notado desde a vida escolar por sua veia de poeta e seus dotes notáveis de orador fácil, culto e fluente.



5 — Professor depois, na Academia onde estudara, deixou a mais luminosa tradição na cátedra, adorado pelos alunos, que o admiravam ao mesmo tempo pela sabedoria e o talento. Numa das homenagens que lhe prestaram, sandou-o Rui Barbosa, então estudante...



6 — E quando Castro Alves, no alvorecer de seu estro maravilhoso, adoeceu gravemente, recebeu um dia em seu quarto de pobre acadêmico a visita do glorioso mestre. Coube-lhe ainda profecisar com igual brilho na Faculdade de Direito do Recife.



7 — A sua vida pública dilatou-se entretanto em mais amplo horizonte: Deputado provincial a princípio, foi depois por quatro vezes eleito para a Câmara Federal, onde a palavra eloquente e ferrenha fuzou em todo o País. Poucos puderam, então, ombrear-se na tribuna política com esse neto de rouxinol.



8 — Chyçon mais: a Ministro do Império, recusando até a Presidência do Conselho, que lhe fora oferecida. Por essa época ostentava já ao peito a comenda de Cristo com que o galardoara nosso segundo Imperador. Ao lado, porém, da carreira política, prosseguia a literária...



9 — Números de seus poemas corriam de boca em boca, lidos, decorados, louvados. Ao lado de outros trabalhos em prosa, deram-lhe o relevo que justificou mais tarde a escolha de seu nome para patrono de uma das cadeiras da Academia Brasileira, quando o poeta já entrara desde o dia 20 de outubro de 1884, para o sono infinito e o prêmio imortal.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL LIMA BARRETO

Legendas De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



1 — O 13 de maio de 1888 fez livres os cativos. Mas, o 13 de maio de 1881 criou para ser escravo da crotina, mais um acorrentado pelo preconceito da cor: nasceu nesse dia, na casa nº 18 da rua Ipiranga, nas Laranjeiras, hoje em ruínas, um molitinho inteligente, cujo nome, mais tarde célebre, foi Afonso Henrique de Lima Barreto.



2 — Quem lhe deu os prenomes do herói instantâneo foi o padrinho — um padrinho ilustre — o Senhor Visconde de Ouro Preto, quem o fez artista, porém, foi a madrinha que teve, indo à pia na Igreja do Outeiro... Foi Nossa Senhora da Glória a quem toda vida o afilhado adorou com singelo respeito.



3 — Seu pai — Augusto de Lima — era um pobre funcionário, e sua mãe — Amália Augusta — senhora inteligente dirigia um colégio. O menino Afonso iniciou o curso primário numa escola da rua do Besende aos seis anos; e, mudando-se a família para Niterói, três anos depois, prosseguiu-o aí, no Liceu Popular, à rua Nova.



4 — Aos treze anos tinha já concluído os preparatórios, no Colégio Pedro II; e aos catorze ingressava no Curso Anexo da Escola Politécnica. Cursava pouco depois engenharia, cheio de esperanças, quando o pai, então, almirante de uma colônia de Alemães, na ponta do Gaião, enlouqueceu também.



5 — Viu-se, pois, o jovem, o mais idoso dos filhos — as responsabilidades da família e da casa, inscreveu-se, então, num concurso burocrático... e trocou depois a carreira, tão bem iniciada, pelas enfadonhas tarefas de 3.º oficial no Ministério da Guerra. Já viveva e sofrera muito... E por isso, talvez, começou a escrever.



6 — Surgiu, então, num pequeno jornal que fundou ainda estudante e depois nas revistas e jornais do Rio, em crônicas e contos assinados com o nome, memorável agora, de Lima Barreto. As "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", seu romance de estreia, um brilhante êxito, firmou seu nome.



7 — Era Lima Barreto simples e humilde de coração. Não tolerava aristocracias nem arrogâncias. Foi apontado compulsoriamente por ter na repartição respondido rudemente ao Ministro da Guerra. A paisagem que fixou de preferência em seus romances é a do subúrbio carioca com sua gente singela e pobre...



8 — São dessa ordem os tipos magníficos que traçou em "Triste Fim de Policarpo Quaresma", "Os Bruzundangas", "Vida e Morte de Gonzaga de Sá"... Indiferente à crítica escrevia por vocação. E sabendo que fora atingido num jornal por insinuações de linguagem disse, apenas, sorrindo: "Pois é: eu faço o livro. Eles que o leiam pela gramática deles..."



9 — Infelizmente a terna o impeliu para os abismos do álcool. Debalde tentou lutar contra o vício internando-se mesmo, algumas vezes, no Hospício no dia 1.º de novembro de 1922, sentindo-se mal, em casa, na rua Major Mascarenhas, pediu um chá à irmã e deitou-se, lendo a revista "Dois Mundos". Quando ela voltou achou-o morto, com o periódico aberto sobre o coração, como bandeira digna de um herói da pena...

GRANDES FIGURAS DO BRASIL HERMES FONTES

Legendas De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



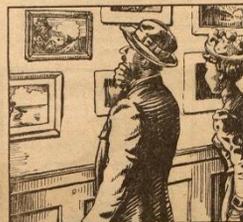
1 — As origens de Hermes Fontes foram claras e humildes como a fonte da mata de sua vila natal que ele celebrou num de seus poemas. Nasceu num pequeno recanto de Sorzipé — no Engum — no dia 23 de agosto de 1888. Os Fontes eram pobres e pobres; e foi difícil sua primeira educação.



2 — Tinha, entretanto, a família inclinações artísticas: um de seus irmãos foi maestro de música militar. Hermes, dos menos favorecidos no feiro traquiloso, miúdo, gaço e mole sarado, destacou-se entretanto, até tornar-se uma glória de nossas letras. Iniciou os primeiros estudos na vila de seu nascimento.



3 — Tais foram, porém, os progressos que pouco depois o mestre dizia a seu pai que "já nada mais tinha para lhe ensinar..." Proseguiu, então, em Aracaju, com um reputado educador — o professor Alfredo Monte. Morava com seu irmão João, em modesto prédio ao lado da matriz, na Praça Padre Olímpio de Campos.



4 — Já era notado pela precocidade. Compunha versos, falava regularmente o francês e pintava... E tinha menos de onze anos! Por essa época expôs mesmo num salão organizado pelo Estado, um pequeno quadro — "Arraial de Canindé", além de outros desenhos. Essas mostras de talento atraíram a atenção de Martinho Garcez.



5 — E, vindo esse para o Rio de Janeiro, resolveu trazer consigo o brilhante rapazinho, que parecia destinado a lhos altos futuros. Nesta cidade morou Hermes Fontes na bela casa de seu protetor, na Tijuca, próximo à Muda. E neste belo ponto carioca, cheio de águas sonoras, de arvoredos e cigarras, ele amanheceu para a poesia.



6 — Ai ensinou Hermes a ler a um senhor muito mais velho do que ele, que foi mais tarde seu compadre e dedicado amigo, o violento Eduardo de Castro, com quem compôs algumas modinhas. Estudou, durante algum tempo, num colégio em Niterói e formou-se depois em Direito.



7 — Cultivava, já, no entanto, a poesia. Tendo conhecido algum tempo depois um intelectual, que lhe fora apresentado por seu illustre conterrâneo, Fausto Cardoso, Hermes mostrou-lhe um poema; o homem aconselhou-lhe, porém, que desistisse, porque "não tinha a menor vocação para as letras rimadas..."



8 — Passados meses do fato, Fausto Cardoso leu para o impertinente crítico o mesmo poema em seu escritório, sem dizer o nome do autor, e ouviu dele os maiores elogios... Resolveu Fausto apresentar Hermes nos meios intelectuais. E aos vinte anos, a publicação de "Apoteoses" com um êxito jamais igualado, o sagrou grande poeta para o Brasil inteiro...



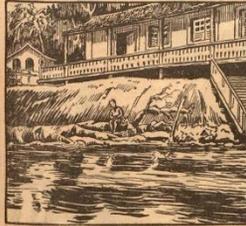
9 — "Gênese", "Ciclo da Perfeição" e outros sucessos avessos seguiram-se. Mas depois a inveja e a maldade humanas apertaram o pobre coração de Hermes num tremendo círculo de bronze! Desesperado fez parar com uma bala seu belo coração cheio de músicas. Foi pelo triste Natal de 1918, a 26 de dezembro. Mas sua imagem está presente em seus versos, tanto como no bronze em que a Glória a entronizou para sempre.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL AUGUSTO DOS ANJOS

Legendas De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



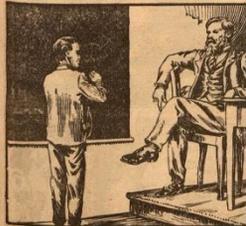
1 — O "Engenho Pau d'Arco" na Paraíba do Norte, um casarão solene e triste pendido à margem do rio Uira, servia de lar a um grande poeta. Ali nasceu e passou os primeiros anos, formando na modéstia o estudo o seu singular espírito — Augusto dos Anjos. O dia de seu nascimento foi o 20 de abril de 1884.



2 — Era filho do Dr. Alexandre de Carvalho Rodrigues dos Anjos e de sua esposa d. Córdula. E, em menino, teve como ama de leite essa pobre Goiabrinha, que perpetuou num soneto, porque ela furtava as mameas que o Dr. lhe dava... "Fui furtiva" disse o poeta "furtando o leite de sua filha"...



3 — No calmo retiro, que era o paternal engenho de açúcar, começou Augusto a devorar livros. Tão precocemente adquiriu cultura que, em seus verdes anos, pôde já ser o mestre de seu irmão — Alexandre. Com a idade de sete anos apontou-lhe a vocação; compôs os primeiros versos.



4 — Em 1900, com 16 anos veio ao Liceu prestar exames. E foi com uma credição que lhe deu fama na pequena cidade. Entretanto, miúdo, delicado e tímido, o rapazinho não se impunha pelo físico. Um contemporâneo compare-o, então, a "um pássaro machado, todo recolhido nas asas com medo da chuva"...



5 — O "pássaro" todavia veio para voar alto... Aos 17 anos escreveu jó poemas: como o profundo "monólogo de uma sombra" que criou o seu livro de versos — "Eu". Em 1907, concluiu o bacharelado em Direito na celebrada Faculdade de Recife. Não se limitara, porém, ao programa da Escola...



6 — Ferrara o espírito de uma cultura filosófica racionalista em sua idade. E dilata, ainda, os horizontes de sua arte, que não pouca nunca nos motivos banais de lirismo, mas culmina, abordando os mais transcendentes problemas do homem e da vida — do nosso destino e da nossa consciência.



7 — Em 1910, no Rio de Janeiro para onde viera, pública, então, seu primeiro e único livro, que, se impressionou profundamente os intelectuais pela extraordinária originalidade, não despertou a principal interesse no público. Em todos os seus versos passa, envolta em tristeza, a presença da morte que devia visitá-lo cedo.



8 — "De uma honestidade sem limites", de uma pureza, modesta e caráter inigualáveis — informa um contemporâneo — o poeta não era dos que vencem vulgarmente. Viveu pobre, dando lições para viver. E foi um exemplar professor. Na intimidade da família esquecia a tristeza — esse sombrio espírito. Sorria. Todos os que o conheceram o ostimaram.



9 — Interpretava os bons autores, ao piano. E (coisa estranha!) amava o Carnaval! Quando sentia aversão à morte — na cidade mineira de Leopoldina, onde era professor — escreveu a sua poesia "O Último Número". E morreu sem rumores, a 12 de novembro de 1914, discretamente, sem mostrar do triunfo. Mas seus versos, editados milhiteiros, cada vez são mais lidos e louvados... O sol nasceu sobre seu túmulo

GRANDES FIGURAS DO BRASIL TEIXEIRA MENDES

Legenda De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



1 — Raimundo Teixeira Mendes, que recebeu, ao nascer, em 5 de Janeiro de 1855, o mesmo nome do seu pai, herdou dele, também, o gosto pelas ciências (O velho Raimundo era engenheiro). Pouco tempo, porém, teve a sua companhia e a sua palavra para quê-lo. A morte levou-lhe o grande amigo quando era ainda de tenra idade.



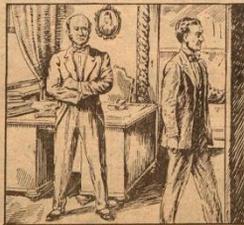
2 — O menino foi, porém, criado com o maior cuidado por sua mãe — D. Inês Vale Teixeira Mendes — fervorosa católica, que lhe formou o caráter e o coração pelos nobres princípios das religiões, quando criança. E em sua cidade natal — Casimiro — nesse feixe de talentos que é o Maranhão, desde cedo o orfãozinho se fez querido e admirado.



3 — Sua vivíssima inteligência, em madrugada, saltava, anunciando um esplendor invulgar. Brillava em todas as classes e na de matemática, astronomia, etc. Quando veio curar os preparatórios no Rio, num colégio de jesuítas, fez-se notado do próprio superior, que passou a distingui-lo excepcionalmente pelo talento.



4 — Entrou na adolescência, porém, entregou-se Teixeira Mendes, com todo o idealismo próprio de uma alma radiosa, ao movimento republicano. E seu nome veio cedo nas asas da fama, levado por sua palavra e seus escritos, onde lambuzaram, ao lado de sublimes concepções pessoais, a mais apukenta e invejável cultura.



5 — A vida académica do moço predilectíssimo correu num ramal de lutas e de vitórias. Muitos de seus exames foram polémicas triunfantes. Prosseguiu com o maior fulgor os cursos da Politécnica, quando um incidente com o Visconde do Rio Branco, então director da Escola, o foveu a interrompê-lo...



6 — Completou-os em Paris. Seguiu também os cursos de Medicina e Matemática, sempre do modo o mais distinto. Não completou, porém, as formalidades finais, então, na filosofia de Augusto Comte, que foi dos maiores discípulos. E essa doutrina, defendendo os títulos, Teixeira Mendes, doutíssimo, não quis ser doutor.



7 — A filosofia de Comte se basou na zombaria à verdade, à Humanidade e à Liberdade. "O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim." — disse o Mestre. Ela muito influiu na formação dos homens que deram a República ao Brasil. Benjamin Constant e Demétrio Ribeiro foram discípulos filosóficos de Teixeira Mendes...



8 — Em suas mãos Bandeira brilha o divisa "Ordem e Progresso". O grande positivista brasileiro fundou, no Rio de Janeiro, e depois em Paris, o culto da religião da humanidade, como a sonhara Augusto Comte. E deus ele, próprio, o exemplo do apóstolo, devotado ao bem e ao progresso dos homens. Era um puro.



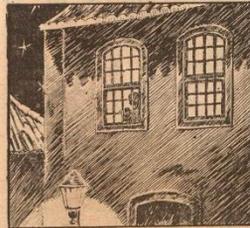
9 — Tinha remorsos de combater para si mesmos os objetos mais úteis — roupas até — "porque havia pobres que precisavam mais". E essa glória brilha tanto como, e dos numerosos ensaios que escreveu. Venerado pela nação inteira, adorado pelos discípulos, Teixeira Mendes mostrou-se humilde, sempre, humildemente, nos praxeres vulgares. E a 28 de Julho de 1927, a Morte levou-o ao encontro da Verdade, que tanto amou.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL ZEFERINO DA COSTA

Legendas De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



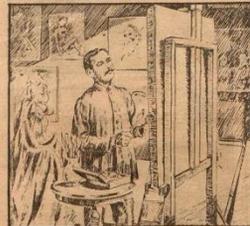
1 — Foi na Corte, no Rio Esquecido dos Impérios de açoite, antes que Maná criasse a iluminação a gás, que a 25 de agosto de 1840, veio ao mundo João Zeferino da Costa. Teve de herço duas riquezas: aspiração de elevar-se e consciência no esforço. Com elas venceu.



2 — Aos 17 anos — ei-lo, magrinho, nas suas calças abertas de presilhas, com olhos de febre e sonho, frequentando, na Imperial Academia de Belas Artes as classes de um M. A. —: era discípulo de Vitor Meireles! E soube tornar-se digno dele no d. v. t. e m. e n. t. a sua arte.



3 — Onze anos mais tarde, e depois de conquistar todas as recompensas na Escola, entrou em concurso para o Prémio de Viagem. E triunfou plenamente com o quadro "Moisés acerbá nas Taboas da Lei". Partiu no ano seguinte. E em 1870 iniciou a série de êxitos que logrou no velho mundo.



4 — Concorreu com artistas de toda a Europa para a admissão na Insigne e Pontifícia Academia de Belas Artes de Roma e foi classificado em segundo lugar. No mesmo ano alcançou o primeiro prêmio num concurso de composição de pintura com o quadro de assunto bíblico "Davi e Profeta Natã".



5 — Em 1871 obteve novo primeiro prêmio em concurso plástico de academias. As suas obras premiadas foram incluídas na Galeria de S. Lucas, na Itália. E o bon rei de fronte sabia, P. dro II, de ambas as vezes, enviou-lhe 1000 francos, como animação por estes sucessos.



6 — Foi ainda o hódico e sábio mentor que percorreu por três anos a península que sustentou o artista na Europa e que ele tão desastrosamente aproveitava. Zeferino da Costa adquiria assim uma técnica das mais profundas e sagras de seu tempo.



7 — Regressado ao Brasil exerceu o magistério na Escola Nacional de Belas Artes. Não cessara, porém, de criar sólidas obras. "O óculo da viúva", "S. João Batista", "A caridade" e tantas outras desluziram ainda hoje os visitantes da mesma pinacoteca.



8 — A obra máx. e, porém, de Zeferino da Costa é, talvez, a decorada mural magnífica que ornou os tetos e paredes da grande igreja Candelária. Trabalhou até a morte nos sobrios painéis. Já velhinho, fez-se elevar, por misto de cordas, numa pequena cadeira, à grande altura dos símbolos, para a obra-lce.



9 — O Império agraciou-o com a ordem da rosa. A República celebrou, ainda há pouco, o centenário de seu nascimento. Sua maior glória está, porém, na arte que tão honestamente serviu. E de sua pátria que veio o esplendor que aureola o túmulo para onde desceu, no dia 24 de agosto de 1915.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

José Basílio Da Gama

Legendas De MURILLO ARAUJO



Desenhos De RODOLFO



1 — Tiradentes, a terra do martir, é hoje um lago-rejo arruinado. Era, porém, o presépio povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes, quando se nasceu José Basílio da Gama, segundo se presume, a 14 de Junho de 1741. O pai, o Capitão-Mor Manoel de Costa Villas Boas, era homem abastado e construiu, com sua esposa, Quilária, no bairro de Ciches, vistoso solar, que deu o nome do poeta. Nada mais existe dessa morada...



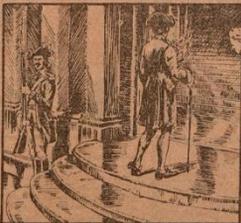
2 — Província e moirão de gente fidalga, que usava braseiro. Seu bravo, Capitão de cavalaria, estava entre as forças que desceram de Minas para enfrentar Duguay Trouin. Aos 12 anos, veio para o Rio de Janeiro, sob cuidados de um brigadeiro Alentejo, cujo filho celebrou numa das passagens de "Uruguai". E estudou com as Jesuítas, interno, no Convento do Mirro do Castelo, morre que também lá não estudou.



3 — Aos 19 anos busca Lisboa, como tantos outros dos nossos fazendeiros e daí se passa para Roma. Apesar da sua verde idade, fez-se em breve notado, a ponto de ser incluído na Arcadia Romana, célebre corporação literária da época. Versava em três línguas. E, seguindo os hábitos do século, tinha um nome na Arcadia — o de "Terminado Sepulcro". Em 1765, regressou ao Brasil, passando por Lisboa.



4 — Pouco se demorou, porém, e logo depois, conta o seu nome entre os parágrafos da sua "Senhoreira da Ponta de França", levado para o Europeu, com a menção de "estatura ordinária, cabelo crespo e castanho, rosto comprido e olhos pardos". Ao deixar farras a sua, Estácio e preso em Lisboa, sob a acusação de jesuitismo, por ordem do Marquês de Pombal. E um sen-
do, de destino...



5 — Apegou-se com "a fada", com a madrinha que Deus lhe deu — a Poesia. E só ela o salvou. Publicando um manuscrito noventa em favor de D. Maria Amália, a filha do Marquês, que ia se casar, focou de tal modo o coração de ambos, que se viu indeluzido e vencedor na carreira. Escudeiro, fidalgo e cavaleiro da Casa Real, obteve tocas e o hábito de São Tiago da Espada.



6 — Em Lisboa, encontrou Basílio a cidade às vozes com a "Guerra dos Poetas", célebre contenda no Paraiso lusitano, com cartões de invectiva e de anáfora. Basílio entrou logo nas lutas, enfrentando e vencendo adversários terríveis, como Garrão, ou o violento Padre José Agostinho de Macedo. Tirou da reconhecida o mérito, incluído na Academia de Ciências da Pátria.



7 — A poesia, que o agradava em versos, respondeu que arreda do carro e seguiu os cavalos: "Do sono doce, as redas tratadas largas, atrevido! Põe-te no tremor! Segre, de tua voz sobre as pinhas". E do Padre Macedo diz, alirado a navalha: "O domo que o formou lhe teve medo! Despejou o alambique num monturo; e saiu desta boca o que Macedo..."



8 — E' de 1769 e de Lisboa a primeira edição de seu poema célebre, o "Uruguai", onde viceja um pouco da alma e dos cenários do Brasil. Um dos moços célebres — Faria de Carvalho — e considera "o mais perfeito da era colonial". E o grande Garret foi mais bruto: "E' — diz ele — o moderno poema que mais milha tem". O livro foi todo traduzido para o inglês, por Burton e teve êxito enorme.



9 — Raposa, um terra estranha, o grande épico des-
ses pégnas fortes. Nascido a 14 de Junho de 1741, morreu a 31 de Julho de 1795, na capital portu-
guesa. Lá deu-se no Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, na Freixoella da Ajuda. Ao lado dele, porém, vela algum, repetindo seu nome... E' a rambla da Pátria, que não e pode esquecer, que sempre.

GRANDES FIGURAS DO BRASIL

Alexandre Rodrigues Ferreira

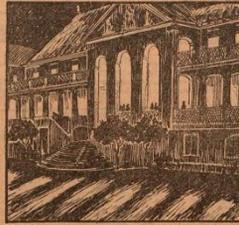
Legendas Do Professor RAFAEL MURILO



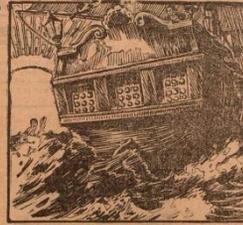
Desenhos De RODOLFO



1 — Você sabe quem foi Humboldt? Foi um dos maiores sábios do mundo, em todos os tempos. E sabe quem foi Alexandre Rodrigues Ferreira? Foi um patriota nosso de tanto valor que ficou denominado o "Humboldt brasileiro". Basta dizer que ele escreveu 128 obras sobre assuntos científicos.



2 — Nasceu na Baía, a 27 de abril de 1756, tentou fazer a vontade de sua pai, dedicando-se à vida eclesiástica. Mas o seu desejo de estudar história natural era muito grande e ele seguiu para Coimbra, onde se matriculou no curso de Direito e no de Filosofia. Tirou o prêmio de 1.º aluno da Universidade e começou a ensinar história natural.



3 — No dia 1.º de setembro de 1783, o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira embarcou na charrua "Agua e Caramelo de Jesus", com destino ao Brasil. Vinha incumbido pelo governo português de estudar as riquezas e os produtos naturais do Brasil. Só um sábio poderia desempenhar essa tarefa. O dr. Alexandre já era, então, membro da Academia de Ciências.



4 — Sua expedição no Amazonas foi um verdadeiro martírio. Nessa época, essa região ainda era mais insalubre do que hoje. O impaldismo, o calor, a humidade, os animais, os selvagens, tudo dificultava a missão do explorador. Por sete anos esteve ele no "Inferno Verde", como chamavam um escritor brasileiro.



5 — As coleções de animais, plantas e pedras preciosas colhidas pela expedição iam sendo enviadas para Portugal por um amigo do dr. Alexandre morador no Paris. As despesas de remessa eram grandes. Mas tendo como pai-ela, o dr. Alexandre, que se aficou de uma filha do amigo, pediu sua mão. E foi assim que se casou com a Germana Alexandre de Queiroz.



6 — Para poder terminar suas obras, o dr. Alexandre pediu a sua nomeação para a Secretaria da Marinha. Foi nomeado e obteve uma honraria da época, o "húbito de Cristo". Tendo com que se manter modestamente, com o seu ordenado de funcionário público, o sábio brasileiro entregou-se febrilmente ao trabalho.



7 — Mas um forte desgosto estava reservado ao notável sábio. Suas obras, muito numerosas, não poderiam ser publicadas pelo governo. Como o Brasil era, então, colônia portuguesa, só o governo de Portugal poderia publicá-las. Mas Portugal entrou em guerra com a França, seu território foi invadido por Junot e não houve mais tempo nem dinheiro para a publicação.



8 — O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira viu outros sábios estrangeiros chegarem à Amazônia para estudá-la. Eram Martius, Spix, Humboldt, o príncipe Wied e outros. Suas obras iam aparecendo e revelando muitas descobertas feitas anos antes pelo visitante brasileiro. Até animais e plantas novas passaram a ter nomes de outros. Abalado com o infortúnio, faleceu em 1815.



9 — Apenas uma parte de suas obras já está publicada. O governo brasileiro vai publicar as outras. O seu nome foi dado a um gênero de plantas, o gênero "Ferreira". Quem quiser estudar melhor a vida desse genial patriota, leia o "Ensaio sobre o dr. Alexandre Ferreira", de Emílio Goeldi, ou Dicionário Bibliográfico Brasileiro, do Sacramento Blake (volume 1.º, página 41).

GRANDES FIGURAS DO BRASIL
Antônio Augusto De Vasconcelos

Legendas De Sebastião De Azevedo ☆ ☆ Desenhos De Rodolfo



NUMA casa modesta, contigua à Matriz de Maracajá, ex-província do Ceará, nasceu, a 25 de Dezembro de 1852, o notável homem de letras, Antônio Augusto de Vasconcelos, orador, jornalista, professor de Humanidades e Direito, um dos vultos do movimento da renascença brasileira, tanto pela sua inteligência como pela sua cultura.



TRANSPORTOU-SE com seus pais, Justino Augusto de Vasconcelos e Francisca Cândida de Vasconcelos, para Fortaleza, capital da ex-província do Ceará. Fez o curso de Humanidades no Seminário Diocesano e que se acolheu: Ali aprofundou os seus estudos clássicos, tornando-se profundo conhecedor dessa matéria no Brasil.



EM 1875, seguiu para Recife, onde fez, com raro brilhantismo, o curso de Direito, sendo diplomado em 1880. Voltou ao Ceará, onde se dedicou à Magistratura. Ensinou e dominou todas as matérias de classe ginasial. Foi promotor, juiz de vila e cidadão. Consoçou-se a 12 de Julho de 1879, com D. Cecília Barreto Carneiro Leão, de ilustre família.



INGRESSOU, na Escola Militar do Ceará, como lente de História Universal, em 1869, cargo que exerceu até a extinção do referido instituto. Foi um dos que fundaram a Faculdade de Direito do Ceará, em 1903. A criação desse estabelecimento deve-se ao seu caloroso e propagandista trabalho. Foi professor das cadeiras de História e Direito Administrativo.



O SEU talento e autoritativa, na falta dos professores efectivos, e substituiu-os em quase todas as matérias de ciência jurídica. No exercício da magistratura, expostava-se sempre em linguagem alta e chequística, porém, sem fugir às normas didáticas. Educou muitas gerações brasileiras que ainda hoje votam, à sua memória, grande admiração e respeito.



COMO politico, teve o mandato estadual em diversos legislaturas. No ultimo em que serviu, foi eleito de uma indicação justificada a jurisdicção de primeira instância de primeira classe para o curso de reconhecimento de Presidente do Estado, donde a maioria se negava a dar numero. Mais tarde, Rui Barbosa defendeu igual ponto de vista.



ARENDO por toda a parte o fervor da causa abolicionista, compozu à mesma a sua franca colaboração na imprensa e na tribuna. Fundou e redigiu os jornais "A Verdade", "O Granjaneiro", em cujas colunas defendeu, em 1868, a abolição de escravatura. Das colunas as suas creações "As Maças" e "Cristo no Arco". Foi o autor da "Galeria Coarante" e de outras monografias.



MESMO já na idade avançada, estava um dia com as correntes contemporâneas das idéias filosóficas do século, guardando a mesma fidelidade dos primeiros tempos à doutrina interpretável da Igreja. A sua crebrozidade vigorosa e o seu proprio invulgar, jamais o desviaram de manter impetuoso pelo conciliabulo. Era um católico militante, de convicções coarantes.



REFERINDO-SE à sua personalidade, o critico indaga nos omittiu este conceito: "Antônio Augusto de Vasconcelos era uma reliquia do Ceará medieval e moral, um dos últimos abocrogonos da cultura politida colona de nosso Panteon, que o tempo vai a pouco a pouco sepultando". Faleceu em Fortaleza, Ceará, em 10 de Março de 1930, aos 77 anos.

SUPLEMENTO JUVENIL Rio, 24 de Julho de 1953 14.1363 — ☆ ☆ ☆ — P. A. B. 79

GRANDES FIGURAS DO BRASIL CARDOSO FONTES

Legendas De Murillo Araujo



Desenhos De Helio Cardoni



FILHO de um modesto negociante — Antônio Oliver Fontes — e de sua esposa — Maria Cardoso Fontes — nasceu um menino modesto, aquele que devia tornar ilustre o apelido nas glórias do pensamento. Veio ao mundo na pequena cidade de Petrópolis, no dia 6 de Outubro de 1879. Como todo homem superior, teve a rude mas benéfica lição da adversidade. E soubo aproveitar.



AOS três anos perdeu o pai. Criou-se nos desvelos da avózinha. E encetou a formação do espírito com um nobre preceptor. Foi esse o Padre Benedito Moreira, que por trinta anos fora missionário nas Índias e era um sábio e um santo. Antônio Cardoso Fontes — era esse o nome do menino — laborioso e pobre, enfrentou a vida. Data desse tempo a seriedade de alma que guardou sempre.



DEPOIS do curso secundário, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E era interno de cirurgia do grande Pai Leme, o mentor das classes de anatomia, quando breitou em sua alma juvenil o afeto impetuoso pela jovem que devia ceder para esposa. Ora, a boca do estudante não bastaria para as despesas de um lar... Ferveu-se em 1902.



PROCUROU, então, Cardoso Fontes, um emprego... E o que obteve foi, justamente, no Laboratório Soroelétrico do então, que mais tarde se transformou no glorioso Instituto de Manguinhos. Dirigia, na época, o Barão de Pedro Afonso. Mas o jovem ora dos que acobrem com sinceridade o deveramento e dever. Não queria uma sinecura apenas. Atendeu-se com aflicção aos seus novos mistérios e estudou cada vez mais.



MAIS alguns anos e Osvaldo Cruz, que toma a direção do Instituto e o transforma num milagre, designa o jovem Fontes, seu amigo e compadre, para as atividades de tuberculose. O meio infatigavelmente desapontou-se um pouco com a missão nova, num sobor exploratório e onde as pesquisas eram difíceis. Mas disciplinado, sem a menor objeção, passou a experimentar no campo designado.



SUA constância e disciplina deram-lhe o êxito. Com as tantas memórias sobre a tuberculose atraíram a atenção para o seu nome. E um dia descobriu a filtrabilidade do vírus tuberculoso, que encerra à grandeza da ciência universal. Era tão notável o achado, que o espírito indígena não acreditou nele. Tentaram ridicularizar o jovem sábio. Tocietas não tentaram até ironizá-lo, chamando-o "Filtro Rachado"...



GRAVE e indiferente, o sábio continuou suas pesquisas. Em interessantes estudos determinou o ciclo patogênico das bactérias. Tinha apenas 27 anos, quando apresentou os primeiros trabalhos no Congresso de Hygiene, em Dordrecht. Um dia, porém, dois anos depois dele, dois sãos franceses chegaram também a filtrar o vírus tuberculoso. E como discutiram a prioridade do achado — foi esse, finalmente, atribuído ao sábio brasileiro.



FRA a glória. Cardoso Fontes dirige hoje o grande Instituto de Manguinhos, onde se inicia humilde o laborioso. Devesse de condorentes a honrarias de toda a parte. Ele foram atribuídas. Acaba de ser nomeado membro de Academia Vaticana, onde se encontram, e em pequeno número, as maiores notabilidades do mundo cultural.



A UNIVERSIDADE de Vilno, na Polónia, atribuiu-lhe o título de doutor honoris-causa, com festas públicas que duraram três dias. E seguindo a tradição, percorreu o lago do parque universitário em uma barca remada pelo Rittler. O sábio continua modesto e austero. Mas essa gravidade cubre uma alma sensível. E o filho, a quem conserva a inclinação boémia para o sonho, descobriu, entre os papéis do sábio, vários poemas que compõe às escondidas.

Outra série publicada pelo *Suplemento Juvenil* cuja essência era uma manifestação de natureza laudatória intitulou-se “A História do Brasil pelos seus próprios vultos”. Ficava evidenciada a perspectiva de que o destaque fundamental era para os denominados “vultos históricos”, levando em conta que o termo “vulto” pode ser associado rosto, figura, imagem de escultura/estátua, grandeza, pessoa de grande importância e notabilidade. Foram setenta e seis capítulos, publicados entre junho de 1942 e julho de 1944. O fio condutor da seção era um garoto de nome Rebedeco, um “menino comportado” de acordo com os padrões expressos pela cartilha estado-novista, ou seja, obediente, bem como respeito e carinhoso para com os pais e temente aos ditames morais e religiosos. Além disso, era o que se considerava um bom aluno, estando extremamente preocupado com sua “primeira prova de História do Brasil que ia fazer no colégio”, imaginando que ainda não estudara o suficiente. Diante de tal inquietação, custava a conseguir pegar no sono, “e tão preocupado estava com a História do Brasil que sonhou a noite inteira com essa matéria, a mais interessante de todas as que aprendia no colégio”. Levando em conta tal circunstância, a redação do periódico se propunha “a contar direitinho tudo o que o Rebedeco sonhou” e esta passa a ser a premissa fundamental daquele segmento editorial, com historietas nas quais o menino, por meio de seus sonhos, interagiu com personalidades históricas³¹. Nesse sentido, o escopo de tais matérias era trazer informações aos leitores, mantendo um certo tom

³¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 jun. 1942.

lúdico para tanto, embora a essência fosse encomiástica, tanto que a matéria poderia ter um título de maior descontração, como “os sonhos históricos de Rebedeco”, mas a opção foi pelo mais sisudo, ou seja a edificação histórica nacional observada pelo prisma de “seus próprios vultos”, o que revelava também que o protagonismo nesses atos de historiar recaía sobre os personagens colocados em relevo.

O capítulo inaugural de “A História do Brasil pelos seus próprios vultos” teve por tema “O descobrimento da América”, contando com Cristóvão Colombo como protagonista. Em seu sonho, Rebedeco seguiu um “raiozinho de luar” até chegar em uma embarcação, na qual travou um diálogo com o próprio navegador italiano, que lhe contou passagens de sua vida e detalhes da expedição que comandava, coincidindo aquele encontro com o momento em que “o descobridor do Novo Mundo” chegava à América³². Os descobrimentos permaneciam como tema no segundo capítulo, no qual era tratada a chegada dos portugueses ao Brasil e o contato do menino sonhador era com Pedro Álvares Cabral. Em um primeiro momento Rebedeco achou a personalidade diferente daquele que se acostumara a ver na forma de estátua, mas em seguida ficaria confirmado que se tratava do “seu Cabral”, pedindo-lhe o garoto que o seu interlocutor contasse “direitinho essa história do descobrimento”. E o navegador destacou o processo de expansão marítima lusa, passando pela chegada ao Brasil e o encerramento da expedição na Índia, havendo momento em que o “menino sabido” se antecipava ao português, demonstrando o quanto estudara a

³² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 jun. 1942.

respeito da História do Brasil³³. A partir daí, desencadeava-se o terceiro capítulo, acerca dos “índios” e mais especificamente de “Arariboia”, indígena que exercera papel fundamental para a presença lusitana na costa brasileira e foi com ele que Rebedeco travou um diálogo, no qual lhe foi narrada a resistência à invasão francesa e a garantia da posse das terras para os portugueses. Ao final, o índio revelava que sua época de lutas havia passado, tendo em vista a idade avançada, sendo consolado pelo garoto, que ressaltava as “proezas” de seu interlocutor³⁴. Uma nova edição da seção sobre os “vultos brasileiros” apresentava a catequese por tema e a presença do padre José de Anchieta, que se encontrava em companhia do clérigo Manuel da Nóbrega. O primeiro religioso narrou episódios de sua vida, além de explicar que vinha “procurando cumprir” sua “missão em diversos pontos deste abençoado país”³⁵. A colonização era o tema do próximo capítulo, contando com o protagonismo de Martim Afonso de Sousa, para o qual Rebedeco indagava “como foi que o senhor iniciou a colonização do Brasil?”, passando o personagem a contar-lhe minudências de tal expedição³⁶. O assunto seguinte foram as capitanias hereditárias, contando com o testemunho de Duarte Coelho Pereira, que manifestava orgulho por sua capitania ser “a melhor de todas”, pedindo-lhe o garoto que contasse as suas lembranças, no que foi atendido em mais uma “lição” sobre o Brasil colonial³⁷.

³³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 jun. 1942.

³⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 30 jun. 1942.

³⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 7 jul. 1942.

³⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 14 jul. 1942.

³⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 28 jul. 1942.

Endereço: Bulevar 5 de Outubro,
Rua Sacadura Cabral, 41 (71494
Mantã) - Telefone: 459000
65-100 e 30-500. Expediente:
Cidade: 43-5533. Encargamento: Rua
General Callwell, 418. Telefone
48-2000.

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números .. 450000
SEMESTRE — 6 números 230000
TRIMESTRE — 3 números
130000

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, L.T.A.
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Apúlio Fabrício
ANO IX * Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1942 — Num. 1.191

Edição de terça-feira
16 PAGINAS
PREÇO — 400 REIS

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Introdução

— Dina! Dina! Dina! Dina! Dina! Dina! Dina!
Dina!
O relógio grande da sala de jantar batia nos pendentes. O Rebedeco se tirou na cama e suspirou tão alto que daí a um bocadinho a porta do quarto se abriu. Era Mamã que vinha perguntar:
— Como é, Rebedeco, você ainda não dormiu?
Rebedeco, que é um menino comportado mesmo, respondeu bocejando:
— Fui de conta, Mamã...
Para dizer a verdade, ele não conseguia dormir. Costumava deitar cedo e acordar cedo. Quando ia para a cama, dava um beijo no Papai e na Mamã, que sempre foram muito carinhosas. Depois, de muitos beijos, jástá a prece que anos antes lhe tinham ensinado:
— Com Deus me ajudo, com Deus me ajudo...
E dormia uma outra beijoquinha no Papai e na Mamã. E dormia logo. Nunca ouvia bater as nozes pendentes do relógio grande — aquele relógio enorme, que tinha encimada uma figura, parecendo um anjinho de chocolate. Mas, nessa noite, não conseguia dormir. Estava preocupado com a primeira prova de História do Brasil que ia fazer no colégio. Rebedeco pensava, plando para um rabinzinho de luz, que entrava pela janela:
— A prova é segunda-feira... Hoje é sábado... Papai não goste que eu estude nos domingos... Eu ainda não sei bem todos os pontos... Como é que vai ser!...
Recentemente, Papai não gostava que ele estudasse nos domingos. Tirando o "piace-nez" e limpando-o no lenço com um jirinha cuidadoso, Papai costumava dizer ao Rebedeco:
— É preciso estudar todos os dias, mas descansar ao menos uma vez na semana...
Rebedeco sabia bem disso. E também gostava de passar aos domingos. De modo que no dia seguinte com certeza não passaria um tiro. Se tivesse na vida na segunda-feira? Nem queria pensar. Mas estava pensando... E não conseguia dormir. Virava-se novamente na cama. Foi a mão embudo da mãe — ele só sabe dormir assim — suspirou novamente e sentiu que os olhos iam fechando, fechando...
E não preocupado ele estava com a História do Brasil que sonhou a noite inteira com essa matéria, e mais interessante de todas as que aprendia no colégio.
Nas semanas contadas a vocês, direitinho, tudo o que o Rebedeco sonhou.

Capítulo 1. DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA CRISTÓVÃO COLOMBO

Rebedeco saiu do quarto, pelo rabinzinho de luz, que atravessava a janela. Foi viajando lá em cima, perto das nuvens. Passou por montanhas e rios. As árvores e as casas pareciam brinquedos de papelão. Que hora aquilo? Um cadáver branco? Não. É uma brinca. O rabinzinho de luz brinca um pouco encima das nuvens. Faz uma porção de desenhos brilhantes. Depois, continua a viagem. Rebedeco, maravilhado, vê ao longe umas manchas no mar.
— Upa! Upa! Meu rabinzinho, vramas até lá!
E foram mesmo. As manchas eram três navios. Na proa do navio — que ia na frente, Rebedeco viu um homem de cara raspada, dizendo-lhe adeus. Rebedeco não

teve dúvida. Deixou-se escoregar pelo rabinzinho de luz e veio cair mesmo junto do mastro. Foi preciso calcular o pulo, porque o navio era pequeno, menor do que essas barcas que saem do cais "Barbas" e vão para Niterói, Paqueta e Governador.
O homem de cara raspada gritou lá de cima, da proa, com voz forte de marinhelco, desceu que vinsem o barulho das ondas e se ouvem no meio dos trovões:
— Venha cá! Se você é passageiro clandestino, mande prendê-lo. Minha tapalacia tem cento e cinco tomas. Você não figura na lista desses homens...
Bonito! Rebedeco sentiu um frio-luz no umbigo, como quando a gente desce numa elevação, e que, não é sinal certo de medo. E como toda criança, na hora do perigo, gritou:
— Mamã! Mamã!
Mas o homem da proa, que

tinha muito bom coração, animou-o:
— Os medrosos não conseguem vencer. Deixe de estar chamando por mamã e diga o seu nome!
Rebedeco murmurou:
— Pois então, o senhor não me conhece? Eu sou o Rebedeco...
O homem fez o sinal da cruz e respondeu:
— Sei que você é um bom menino. Venha com Deus. Eu me chamo Cristóvão Colombo.

Rebedeco, ao ouvir esse nome, subiu ligeiro e degraus que levavam à proa.
— O senhor disse Colombo? Será o dono da confeitaria Colombo? Que doces gostosos, hein?..
— Não. Doces não posso arranjar. Mas, como a História do Brasil começa pela minha viagem...
— Conte lá sua história!
— Vou contá-la.
Rebedeco sentou num ralo de cordas e ficou, muito atento, a enrolar e topete que lhe cal para o lado esquerdo da testa.
E Colombo começou:
— Nasci em Gênova. Como não me preocupo com as festas de aniversário, nem sei ao certo quando foi isso... Sempre que podia, ficava uma porção de tempo olhando para as naus que enchem

o porto de minha cidade. Soubava...
— O senhor ia dormir no porto?
— Não, Rebedeco, a gente também sonha acordado. Soubava com a profusão de marinheiro. O mar sempre me atraiu. Parecia impossível realizar a minha viagem. Eu era um sinapses "canã, rã", isto é, teetico...
— Se o senhor não se acorda, eu direi que só conheço cardão pescarinho e o burro Canário...
— Isso deve ser coisa moderna... Cresci e, apesar de pobre, sempre estudei. Não havia muitos livros no tempo da minha meninice, mas todos os que eu descrevia tratava logo de conhecer. Um dia li o livro intitulado "Luzem do Mundo", do cardeal Pedro d'Al. Fiquei

CONTINUA NA 1.ª PAGINA



— Mas... meu Deus! Que é aquilo lá longe? Luz! Luz! Luz no mar!

Edição de Terça-feira

Editoria, Redação e Oficinas:
Rua Cassandira Cabral, 43 (Praça
Água) — Telefone: 487000
e 48-5302. Encadernação e Div.
Circular: Calçada 318 — Telefone
48-2002.

PLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, LTDA.
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Apolônio Fabrizzi
ANO IX • Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1942 Num. 1194

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Anuidade pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 150 números .. 450000
SEMESTRE — 75 números 225000
TRIMESTRE — 36 números
750

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 2.º

O DESCOBERTO DO BRASIL

PEDRO ALVARES CABRAL

As lágrimas de Colombo, que não eram lágrimas de tristeza, mas de alegria ao Criador, foram jogadas na mão do Rebedeco. De repente, viraram uma grande correnteza. Rebedeco sentiu-se arrastado e passou junto dele, boiando na água, uma petala de rosa. Mas que desgraça paião para cima dela. Como, no sonho, tinha ficado muito leve, instalou-se confortavelmente no barquinho. Viagem pelo mar, entretanto não veio parar perto de uma casa velha e enorme. O homem que ali via meteu-lhe medo: parecia um gigante. Como era alto, Nesses Sanchal Ti tinha o alhar triste, barba rala e rosto pálido de doente. Rebedeco pensou:

— Não se parece com aqueles estetas do largo da Glória, mas garante que é o "sen" Cabral...

Inmediatamente, como se tivesse ouvido o pensamento, o homem se aproximou e disse:

— Sou eu mesmo, Rebedeco. Que notícias me traz do Brasil?

— Val tudo bem, obrigada. Mas como é que o senhor, fidalgo tão importante, vem morar num lugar tão deserto?

Cabral chamou-o mais para perto e, baixando-se, falou-lhe ao ouvido:

— É que eu estou meio brigado com o rei. Já como foi...

— Não. Um fidalgo não deve falar mal do seu rei.

— Nesse caso, eu não posso saber por que o senhor brigou com o rei?

— Até hoje ninguém soube — respondeu Cabral, suspirando.

— Pôis olhe — continuou o Rebedeco — eu sempre pensei que os reis não brigassem com os seus almirantes.

— Eu não sou almirante!

— Todos os livros o chamam assim!

— Chamam-me de almirante, porque eu comandi a expedição que descobriu o Brasil. Na verdade, eu sou o senhor de Belmonte e "alei-demos de Azurra. Quando parti para a viagem do descobrimento...

— Desculpe interromper — apartou o Rebedeco. — Mas o senhor bem podia me contar direitinho essa história do descobrimento...

— Isso já foi há muito tempo. Não me lembro de tudo. Sente-se aqui, hessa pedra. Não é muito cômoda, mas, na viagem, passei por coisas piores.

CABRAL começou: — Um príncipe português, o infante D. Henrique, fundou uma escola de navegação, em Sagres. Os meus patrícios fizeram descobrimentos importantes. Por sua vez, Colombo, chegou à América, a 11 de outubro de 1492, navegando para o oeste. Nós, portugueses, preferimos procurar um caminho pelo Oriente. Em 1486 o português Bartolomeu Dias descobriu o fim da África. Em 1497 o português Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para as Índias. Foi, então, que o rei D. Manuel resolveu mandar uma expedição para espalhar o cristianismo no Oriente e obter, ao mesmo tempo, vantagens comerciais. Até essa época, meu nome não era lá muito conhecido, mas o rei me escolheu para chefiar a expedição, porque sabia que eu procurava sempre o certo. Embora moço...

— O senhor era moço quando descobriu o Brasil?

— Era. Por que esse espantoso?

— Por nada. Eu não sabia...

— Como ia dizendo, embora moço, acabei o lugar de chefe.

— O senhor não se incomoda com as minhas interrupções?

Cabral fez com a cabeça que não.

— Até agora o senhor só falou em ir para a Índia. Nem uma palavra sobre o Brasil.

— Isso é um pouco difícil de explicar... Recebi ordens secretas para procurar terras perto da costa africana. Ordens secretas (vou esclarecendo logo, para "não" ou "interrompa") ordens secretas, porque o Papa tinha dividido o mundo em duas partes, dando metade das terras descobertas à Espanha e outra metade a Portugal. Se eu descobrisse terras no lado pertencente à Espanha, ficaria calado, para não fazer um presente ao rei espanhol, inimigo dos portugueses. Compreendeu?

O Rebedeco fez apenas: — Heu! Heu! (assim como quem diz: mais ou menos...)

E Cabral continuou: — No domingo, 8 de março de 1498 o rei e a corte ouviram missa em Lisboa. Eu estava presente. Recebi um es-

chamada "re". Tinha uma cama estreita, um novel para roupa, uma cadeira, uma poltrona de madeira e uma mesa pequena. Todos dormiam onde queriam. Também se vestiam à vontade. Apenas traziam um barrete vermelho. Os pilotos se distinguiram pela roupa azul. Comíamos carne ou peixe, sempre salgados. Em vez de pão, bolacha. Às vezes tinhamos favas secas. A água, conservada em tanque, não prestava. Em compensação, não faltava o bom vinho.

— Se tinham isso para comer? — interrompeu novamente o Rebedeco, que sentia água na boca, ao pensar em cozinhas gostosas.

— Só. E dávamos graças a Deus. Todas as noites, à hora de deitar, nos nos despedia-

mos assim: "Deus nos dê boa noite, Deus nos dê bom dia e boa viagem à companhia..." Assim fomos navegando. Houve um acontecimento triste: desapareceu uma caravela, não sei como.

— Morreram todos? — indagou o Rebedeco, arregalando os olhos.

Cabral suspirou. E pelo suspiro, o menino compreendeu que tinham morrido. Cabral, querendo mudar de assunto, falou de novo:

— Eu me afadeti bastante da costa africana. Para evitar doenças perigosas que lá existiam. Também sabia que perto da costa há falta de vento. E além disso, tinha ordens secretas para explo-

— Explorar? — perguntou o Rebedeco.

— Explorar, sim. Mas não para descobrir o Brasil. Para descobrir o fim da África.

— O senhor não se incomoda com as minhas interrupções?

Cabral fez com a cabeça que não.

— Até agora o senhor só falou em ir para a Índia. Nem uma palavra sobre o Brasil.

— Isso é um pouco difícil de explicar... Recebi ordens secretas para procurar terras perto da costa africana. Ordens secretas (vou esclarecendo logo, para "não" ou "interrompa") ordens secretas, porque o Papa tinha dividido o mundo em duas partes, dando metade das terras descobertas à Espanha e outra metade a Portugal. Se eu descobrisse terras no lado pertencente à Espanha, ficaria calado, para não fazer um presente ao rei espanhol, inimigo dos portugueses. Compreendeu?

O Rebedeco fez apenas: — Heu! Heu! (assim como quem diz: mais ou menos...)

E Cabral continuou: — No domingo, 8 de março de 1498 o rei e a corte ouviram missa em Lisboa. Eu estava presente. Recebi um es-

chamada "re". Tinha uma cama estreita, um novel para roupa, uma cadeira, uma poltrona de madeira e uma mesa pequena. Todos dormiam onde queriam. Também se vestiam à vontade. Apenas traziam um barrete vermelho. Os pilotos se distinguiram pela roupa azul. Comíamos carne ou peixe, sempre salgados. Em vez de pão, bolacha. Às vezes tinhamos favas secas. A água, conservada em tanque, não prestava. Em compensação, não faltava o bom vinho.

— Se tinham isso para comer? — interrompeu novamente o Rebedeco, que sentia água na boca, ao pensar em cozinhas gostosas.

— Só. E dávamos graças a Deus. Todas as noites, à hora de deitar, nos nos despedia-

mos assim: "Deus nos dê boa noite, Deus nos dê bom dia e boa viagem à companhia..." Assim fomos navegando. Houve um acontecimento triste: desapareceu uma caravela, não sei como.

— Morreram todos? — indagou o Rebedeco, arregalando os olhos.

Cabral suspirou. E pelo suspiro, o menino compreendeu que tinham morrido. Cabral, querendo mudar de assunto, falou de novo:

— Eu me afadeti bastante da costa africana. Para evitar doenças perigosas que lá existiam. Também sabia que perto da costa há falta de vento. E além disso, tinha ordens secretas para explo-

— Explorar? — perguntou o Rebedeco.

— Explorar, sim. Mas não para descobrir o Brasil. Para descobrir o fim da África.

— O senhor não se incomoda com as minhas interrupções?

Cabral fez com a cabeça que não.

— Até agora o senhor só falou em ir para a Índia. Nem uma palavra sobre o Brasil.

— Isso é um pouco difícil de explicar... Recebi ordens secretas para procurar terras perto da costa africana. Ordens secretas (vou esclarecendo logo, para "não" ou "interrompa") ordens secretas, porque o Papa tinha dividido o mundo em duas partes, dando metade das terras descobertas à Espanha e outra metade a Portugal. Se eu descobrisse terras no lado pertencente à Espanha, ficaria calado, para não fazer um presente ao rei espanhol, inimigo dos portugueses. Compreendeu?

O Rebedeco fez apenas: — Heu! Heu! (assim como quem diz: mais ou menos...)

E Cabral continuou: — No domingo, 8 de março de 1498 o rei e a corte ouviram missa em Lisboa. Eu estava presente. Recebi um es-



... trocamos presentes com os habitantes da terra, recebemos visitas, passamos...

Edição de Terça-feira



Editorial, Redação e Oficinas:
Rua Casimiro Cabral, 44 (Praça
Máx.) - Inicialmente - Fone: 2000
44-1004 e 21-4444. Redação e Ofi-
cinas: 44-5554. Assessorias: Rua
Cesário Caldeira, 119 - Fone: 2000
43-9526

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS LTDA.

Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aisen * Gerente: Apollis Fabião

ANO IX - Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1942 - Num. 1197

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 1942 numeradas ... 43000

TRIMESTRE — 12 numeradas ... 20000

NUM. 1197 numeradas ... 18000

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 1º
OS INDIOS
ARABIÓIA

HA uma aldeia de índios, silenciosa e deserta. Rebedeco põe-se a andar pelo terreiro, observando as casas cobertas de palha. O sussurro do vento interrompido pelas cantorias de um sapo, que morava lá na beira da lagoa.

— Quai Quai! Quai Quai!

OCORRENDO alguém para conversar, Rebedeco silhou em redor e só então viu, no alto de um cruceiro, a figura de um índio imóvel, comprido como uma árvore. Com a maior intimidade, gritou-lhe o menino, pondo as mãos em concha junto à boca!

— Oia, seu irmão grande! Venha cá pra lá!

— Mas o índio, com a mesma sereníssima, deitou-lhe o laço!

— Venha você pra cá cima! Eu sou o chefe e estou acostumado a mandar.

— Mas que depressa o Rebedeco trepo pelas pedras do morro. Chegou lá em cima quase sem poder respirar e foi logo indagando!

— Então, o senhor é que é o chefe?

— Sim — respondeu o índio. — Sou o chefe dos terminios. Saíram todos para uma expedição. Eu fiquei tomando conta dos meus dominios.

— Dos seus dominios? — repetiu-se o Rebedeco.

— Sim, dos meus dominios. Se você quer saber como foi que eu ganhei toda essa região, chamada aldeia de São Lourenço, é uma história comprida, mas eu conto.

— Eu gosto de histórias compridas.

— Uma vez os franceses invadiram esta baía — apontou para a Guanabara, que vista do alto do morro, parecia um espelho azul. — Vinham comandados por um homem chamado, de nome muito exqu岸ito.

— Faltava que é Villagnon — interrompeu o visitante.

— Isso mesmo. Minha língua não me ajuda a dizer essas coisas. Os franceses, os brancos da outra margem da baía, costumavam chama-los "Pal Coibá".

— Por que "Pal Coibá"?

— Porque eu acho que o primeiro nome dele era...

— Ah! — valeram o Rebedeco — era Nicolau.

— Isso mesmo. "Pal Coibá". Eu fiquei contra os franceses. Com os índios da minha tribo, ajudei a Estácio de Sá, quando eles estiveram instalados junto ao Pia de Aguiar. Depois, ajudei a Mem de Sá, na luta final, contra os franceses. Passai quatro anos na guerra, longe da minha família. Era tempo de voltar. Não voltei, sem acenar antes a velha costura. Recebi o batismo, tomando, então, o nome Martin Afonso Arabióia.

— Patal! — pensou o Rebedeco — existe um bento desse índio, defronte das Barcas, em Niterói.

— O índio contava!

— Arabióia, na minha língua, vem "arabió" e "óia" — meu, (impetado) e "óia" (coira). Meu nome quer dizer, portanto, coira de tempestade.

— Eu já ouvi pronunciar Arabióia e não Arabióia.

— Sei que estás pronunciando meu nome dessa forma. Não fico zangado com isso. Zangado fiquei eu quando os franceses foram assaltar a aldeia de São Lourenço, que os portugueses me tinham dado como recompensa.

— Mas o senhor não falou ha pouco em luta final contra os franceses?

— Luta final aqui no Rio de Janeiro. Eles fugiram para Cabo Frio e de lá, aliados aos índios, vieram me atacar. Mas homens venceram a luta. Depois...

— Tenha paciência, mas eu quero saber como foi que os seus homens venceram a luta.

— Ora, já não tenho graça em recordar as barbaridades que cometeram. Tempo contarmos!

— De acordo, seu Arabióia, de acordo. Mas eu não estou pedindo que o senhor torne a ser outra vez um bárbaro. Quero que conte o que houve. Além disso, o senhor não sabe. Foi atacado. Como é que se defendeu?

— Pois se não quer saber, vá lá.

O chefe dos terminios contou, então, ao Rebedeco que os franceses tinham vindo de Cabo Frio em quatro caravelas e alió Tchichá, acompanhado por muitas e muitas canoas dos índios. Queriam prender o chefe Arabióia. O sistema de defesa dos terminios fora perfurado, saíram todos os que não podiam lutar. Foram somente os guerreiros e dois jesuítas, Gonçalo de Oliveira e Baltazar Alvarez. Cesari e trinta e três, com as armas e as pedras, impediram o ataque

dos franceses no mesmo dia da chegada. Apenas desceram, baixaram e passaram a noite num acampamento, improvisado. Mas os terminios, guiados pelo seu chefe, prepararam um ataque de surpresa, favorecido pelo vento, que estava escuro como carvão. Marchando sem fazer barulho, chegaram alta noite

um reforço português comandado pelo capitão Duarte Martins Mourão. Cuidado de repente abriu o arrastamento dos franceses e os terminios, os portugueses e portugueses ganharam completa vitória. Poucos escaparam. O rei de Portugal, dom Sebastião, mandara muitas recompensas ao chefe terminios. Entre essas recompensas figuravam um hábito de Cristo e um vestuário de próprio rei. Além disso, mandara pagar anualmente uma certa quantia ao chefe antigo dos portugueses. Rebedeco ouviu isso tudo e, satisfeito a sua curiosidade, indagou:

— E depois do combate?

— Depois, propus ao governador do Rio de Janeiro,

Salvador Correia de Sá, um combate definitivo aos franceses. Devíamos procurar onde eles estivessem. O governador concordou. Ainda dessa vez, vencemos. No meio do combate, o governador caiu ao mar! Eu próprio fui capturado.

— Pelo que vejo, os portugueses tem muitos motivos para ser seus amigos!

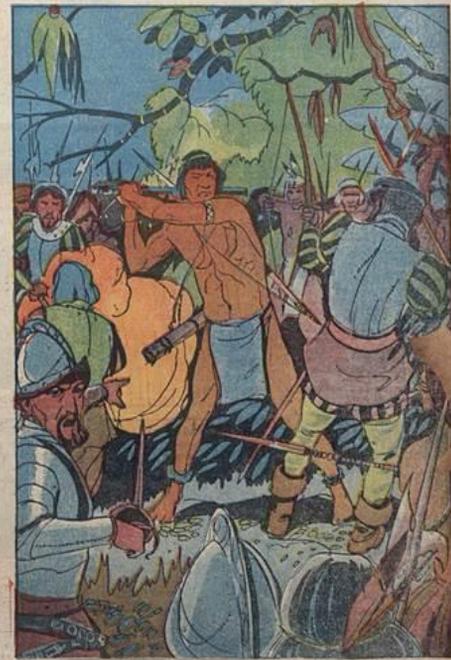
— Nem todos. As vezes não gosto de certos atitudes dos governadores. Legitimamente bem da briga que tive com o governador dom Afonso Salazar.

— Sempre que ouço esse nome, lembro-me de vobos.

— Não sei o que é isso que

—

—



Caindo de repente sobre o acampamento dos franceses e índios, os terminios e portugueses alcançaram completa vitória.

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Officinas:
Rua Sociedade, Caixa 48 (Praça
Macaé). Telefones: Escritório,
43-1863 a 23-4808. Redação e Ofi-
cinas: 43-5432. Encadernação: Rua
General Childress, 218. Telefones
42-2926

PLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, LTDA.
Superintendente, Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aisen * Gerente: Apollis Fabrixi

ANO IX * Rio de Janeiro, 7 de Julho de 1942. Num. 1.200

16 PÁGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números — 4.600R
SEMEESTRE — 78 números — 3.000R
TRIMESTRE — 36 números —
1.800R

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 4º

A CATEQUESE

PADRE JOSÉ ANCHIETA

MONTADO na flecha, que riscava o céu como um foguete, Rebedeco passou por cima de montanhas e mais montanhas. Só foi parar em Iperóis, perto de São Vicente (São Paulo). Tinha apenas pousado no chão quando ouviu um barulho de galhos quebrados: dois padres passaram correndo, bem junto de Rebedeco. Vinha em perseguição a eles um selvagem enraivecido. Os dois padres se esconderam numa cabana. Compreendendo que o selvagem queria matá-los, Rebedeco montou na flecha e em dois segundos chegou à porta da cabana, impedindo a passagem:

— Aqui você não entra, seu malvado!
— Saia da porta, fedelho!
— gritou o selvagem, mostrando uns dentes afiados.
— Eu sou Paranguassú, o Grande Nar, filho do cacique Pindobossú, a Grande Palmeira!

— Não saia! — insistiu o Rebedeco, que, no sonho, era tímido e às vezes até mal educado.

Paranguassú olhou por cima do mesmo para dentro da cabana. Os dois padres, ajoelhados, oravam, de mãos postas. Não tinham armas. Pediam a Deus que os protegesse. O padre mais moço terminou a prece, fez o sinal da cruz, e disse:

— Perdão, meu Jesus, ao pobre Paranguassú, porque ele não sabe o que faz...

O selvagem desceu cair o cachaço e murmurou:
— Será possível? E eu que queria matar os padres, pensando que eles fossem maus...

Rebedeco sentiu um nó na garganta. Aproximou-se do padre moço, puxou-lhe a batina de leve e disse, aliviado:

— Os senhores escaparam de boa...

O padre moço olhou amorosamente para Paranguassú, que ainda estava na porta, sem saber o que fazer. E murmurou:

— Temos passado por muitos outros perigos... Mas fale baixo, que o meu chefe, o padre Manuel da Nóbrega, ainda está orando. Eu me chamo José de Anchieta...

— O que é que o senhor está fazendo aqui?

— Nasci longe daqui, no ano de 1532, na ilha de Tenerife, a maior de grupo das Canárias...

— Tenerife? — interrompeu o Rebedeco. — De lá só conheço os cachorritos chamados luli de Tenerife! Anchieta sorriu com bondade:

— Nem sempre é bom interromper os mais velhos (e o Rebedeco ficou vermelho como um tomate, porque perceber que tinha sido numa suave censura). Vou explicar por que estou aqui. Fui mensal estudioso na famosa Universidade de Coimbra. Aos dez anos entrei para a Companhia de Jesus. Nós, os jesuítas, procuramos os povos atarraxados, para convertê-los. Aos vinte anos fui designado para a catequese dos selvagens do Brasil. Cheguei à Baía a 15 de julho de 1553, em companhia de mais dois padres e do governador geral, Duarte de Costa.

— O segundo governador? — exclamou o Rebedeco, que a dizer "Ela, sujeito culpado!", mas encolia a frase, para não faltar ao respeito.

Anchieta continuou satisfeito, enquanto o padre mais velho orava sempre, dando a impressão de não saber o que se passava em torno:

— Sim, o segundo governador. Faltou com ele pouco tempo. Venho procurando cumprir minha missão em diversos pontos deste abençoado país. Gosto muito do Brasil. O local de minha pregação é o colégio São Paulo, fundado a 25 de janeiro de 1554, nas planícies de Piratininga, pelo padre Manuel da Nóbrega. Sabe onde rezamos a nossa primeira missa, nesse planalto de Piratininga, onde foi fundado o colégio de São Paulo?

Rebedeco, interessado no assunto, fez com a cabeça que não. Anchieta falou:

— Foi numa casa estreitinha e tão pobre que só me recordo o nome de choupina. O lugar era muito bonito. Eu ficava encastado com as pernas, com os lírios brancos que encontrava pelos campos. E também frutas...

— Frutas? — indagou o Rebedeco, já sentindo água na boca.

— Sim, Frutas. E frutas já trazidas pelos portugueses. Lembra-me por exemplo... de uvas... Espere... Ah! sim! E romãs também... Lindas, romãs, vermelhas e saborosas. Nesse ambiente agradável tenho conseguido, com a graça de Deus, manter em paz certas tribos selvagens...

— Eu sei o nome de algumas tribos — falou o Rebedeco. Por exemplo, os aimorés...

— Esses são muito feroces, mas estão em paz...

— Os tupinambás...

— São menos violentos.

— Os tamoiós...

— Ah! Os tamoiós resolveram guerrear os portugueses. Todos as tribos tamoiós se rebelaram.

— Já sei — gritou o Rebedeco. — E' Confederação dos tamoiós!

— Acertou, meu amiguinho. Uma verdadeira confe-

deração. Mas fale baixo... Não interrompa as orações de padre Nóbrega...

Paranguassú também escutava atentamente. Deixava no chão o cachaço. Arrachado, à moda dos índios, fitava o padre José de Anchieta com os olhos muito grandes, muito arregalados, tão redondos que pareciam duas jaboticabas. Enquanto isso o Rebedeco, pensando de novo em brigar, perguntou ansiosamente ao grande apóstolo:

— E o senhor foi aprisionado pelos tamoiós?

A resposta veio tranquila e modesta:

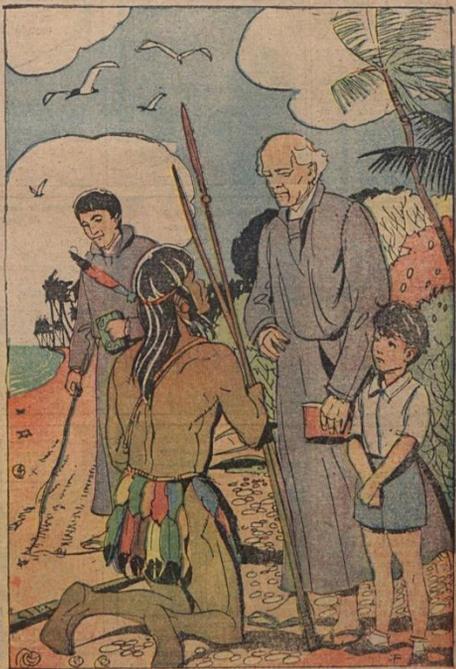
— Aprisionados, propriamente, não fomos. Nós viemos nos entregar aos selvagens. Eu e o meu chefe, padre Manuel da Nóbrega. Es-

tamos aqui há cinco meses. Não queremos vencer os guerreiros tamoiós pelas armas, queremos convencê-los pela paciência. E' perigoso, lá isso é... Tudo aqui representa perigo para nós. As serpentes... As onças... As tribus inimigas... Os temporais no mar... Os rios caudalosos... As enfermidades... A falta de condução... O frio...

— O frio? — estranhou o Rebedeco. Sempre ouvi dizer que no Brasil faz muito calor.

— O Brasil possui climas diferentes, meu amiguinho. Estando em São Vicente, junto ao litoral, sentimos calor, mas subindo a serra do colégio de São Paulo, se-

→ CONCLUIA SE A 14ª PÁGINA



— e agora, que já sei como os senhores são bons, vou acabar com essa guerra dos tamoiós... — confessou Paranguassú, ajoelhado e cheio de emoção.

Edição de Terça-feira



Editor: Augusto e Otília; Rua Senador Caxias, 43 17794 Mauá. Telefones: Editoriais: 43-1463 e 23-4829. Redação e Oficinas: 43-5552. Encadernação: Rua General Osório 419. Telefones: 43-2023.

ALFONSEM JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS LTDA.
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

— Diretor: Adolfo Aizen — Gerente: Appius Fabrício

ANO IX — Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1942 — Num. 1203

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

ANUNCIOS: pelo correio para qualquer parte do Brasil: ANO — 150 cruzeiros — 4000 SEMANAL — 10 números — 25000 TRIMESTRE — 36 números — 150000

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 1º

A COLONIZAÇÃO
MARTIM AFONSO DE SOUSA

O MASTRO da caravela inclinava-se para um lado e para outro. Tal qual um bândalo de relógio, Rebedeco se achou extraordinário o fato, mas compreendeu logo que a embarcação estava deixando muito.

— É um temporal — pensou o menino. — Valha-me o padre Anchieta!

Nesse momento o piloto gritou para um grumete: — Va dizer ao senhor governador Martin Afonso de Sousa que o temporal já está diminuindo!

Ouvindo aquele nome, Rebedeco decidiu acompanhar o grumete. Desceram uma estreita escadilha. Entraram no camarote do comandante. Dado o recado o grumete saiu. E o Rebedeco, que, no sonho, cometera muitas imprudências, pisou o olho para o comandante, dizendo: — Esperinho, heh?

Imaginem a cara de espanto que fez Martin Afonso de Sousa! Ele, fidalgo, membro do conselho do rei, ser tratado assim! Mas o Rebedeco continuou, piscando outra vez o olho direito (ele não sabe pisar o olho esquerdo): vocês já repararam como é difícil?

— Fingindo de governador, heh?! — O senhor se chama Martin Afonso de Sousa e é apenas denário de capitania.

Martin Afonso levantou-se com violência. Assustado, Rebedeco encorou uma estada deste tamanho na sua silhueta.

— Heheh! Vou ser certeiro como fátias! — pensou o menino. Mas ao mesmo tempo notou que Martin Afonso, ao erguer-se, fizera brilhar uma coroa de pedras preciosas que brasa pressa ao pélo por um olhar. Mas tranquilo, ao ver que o homem era criança, e um pouco arrependido da sua falta de respeito, balbucios tímidos: — Desculpe... O senhor é mesmo governador?

— Claro que sim! — disse o homem, dando um murro na mesa, que fez estremeecer a caravela.

— E chama-se... Martin Afonso de Sousa?

— Claro que sim! (e tomou outro murro na cotada da mesa).

— Então, eu não entendo mais nada!

— Quem não entende sou eu! Chamo-me Martin Afonso de Sousa e sou de ser nomeado governador geral das Índias, vou tomar

posse do meu cargo e, em seguida, vou mandar prendê-lo!

— Desculpe, desculpe, lembre-se dessa cruz que o senhor fez no peito... Eu sempre ouvi dizer que o senhor iniciou a colonização do Brasil e foi apenas um donatário de capitania...

— Minha viagem ao Brasil já foi há muito tempo. Agora estamos no ano de 1542!

— Desculpe, desculpe, quantos anos tem o senhor, agora?

— Não devia dizer, porque uma criança não pergunta a idade aos mais velhos! Já lá tenho pouco mais de quarenta.

— Então, quando esteve no Brasil?

— Tinha mais ou menos trinta anos. Lembro-me com saudade daquela viagem.

— Foi, então, como foi que o senhor iniciou a colonização do Brasil?

MARTIM Afonso passou a mão pela barba, numa atitude de quem está recapitulando suas recordações. A caravela inclinava-se, fortemente, ora para um lado, ora para outro. De quando em quando o olho verde de uma onda espiava pela escotilha. Martin Afonso, acostumado ao mar, nem dava por isso. Falou alto, com voz de quem está habituado a mandar: — Partimos, a 3 de dezembro de 1539, em cinco embarcações: o galeão São Vicente, comandado por Pero Lopo Pinheiro; as caravelas Esca e Princesa, por Diogo Leite e Baltazar Gonçalves; e nas São Miguel, por Heller de Souza; e a nau capitânea, em que vinha como piloto meu irmão Pero Lopes de Sousa, onde eu também viajava. Trazíamos 400 homens e uma carga preciosa.

— Então, eram navios de carga?

— Não. Eram navios de guerra, com artilharia pesada. Foi assim que apodermamos algumas nas francesas e tornamos a construir uma feitoria que os franceses tinham destruído em Pernambuco.

— Mas... e a carga?

— Vejo que você é um menino de letra de roscado. Eu também fui assim. Isso me agrada. Olhe, uma vez Gonçalo Fernandes de Córdova quis me fazer presente de um colar de alho preto. Eu, ainda criança, achou que não merecia uma jóia de tanto valor. Heheh! Sabe o que fez Gonçalo de Córdova? Ficou tão satisfeito com o meu caráter, que me obrigou a aceitar sua própria espada. Com essa espada lutei a favor de

rei Carlos V da Espanha contra o rei Francisco I, da França. Foi para a guerra voluntariamente, embora um mês antes tivesse me casado com dona Ana Finchele, uma fidalga da família Maldonado, da Espanha.

— Mas... e a carga? O senhor está se desviando...

— Aqui entre nós: a expedição transportava muitas armas, muita pólvora. Gostavam de luta os meus ho-

mens, que não eram só portugueses, mas também espanhóis, italianos, alemães. Além de material de guerra, conduzíamos instrumentos de carpintaria e de agricultura, como pás, martelos, serras, enxadas...

— Machados, porque o dos índios eram de pedras...

— Bravos! Acerto. E também fomos nós, os portadores de sementes, para iniciar a agricultura no Brasil.

— E os índios não destruíam as plantações?

— Às vezes. Em certos pontos os índios eram nossos amigos. Na Baía, por exemplo, os índios nos auxiliaram, chefiados pelo meu patriótico Diogo Álvares Correia.

— O Carauru! — exclamou o Rebedeco.

— Esse mesmo. Ajudou-me bastante. Como recompensa, dei-lhe dois homens e

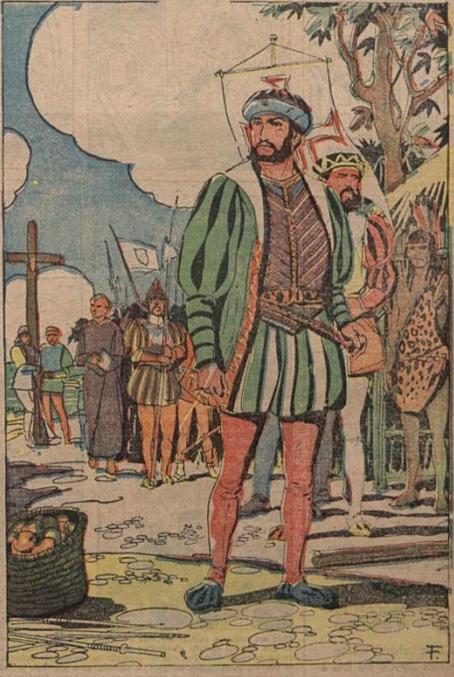
uma parte das sementes, para experimentar o que a terra poderia produzir. Depois seguí para a baía de Piauí de Janeiro, onde fiquei vários meses. Construí ali uma casa em condições de resistir aos ataques dos inimigos, além de uma oficina de ferrinho e de um estaleiro.

— Estaleiro? É para estafar alguma coisa?

Martin Afonso sorriu. A fisionomia, perdendo o ar de severidade, ficava muito simpática.

— Nada disso — prosseguiu o fidalgo. — Estaleiro é o lugar onde se fazem construções navais. Mandei construir dois bergantins. Antes que você pergunte: bergantim é um barco menor que a caravela, que leva geralmente dezesseis remoadores.

— O QUE É NA ILUSTRAÇÃO



Edição de Terça-feira

Editoria, Redação e Impressão:
Rua Sacramento, Caixa 43 (Praça
Mauá). Fone: 45-1103. Escritório:
43-1103 e 21-4104. Redação e Ofi-
cina: 43-552. Assinaturas: Rua
General Custodi, 218. Telefone
43-3099.

Capítulo 6.º

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

DUARTE COELHO PEREIRA

— MINHA capitania é a melhor de todas — repete o homem, com ar de quem está muito satisfeito da vida. E num gesto largo, aponta para o horizonte: — Veja só isso! Que beleza!

Rebedeco olhou. Diante dele os canaviais e os algodões se estendiam como um tapete verde e branco. O vento balançava a copa dos pés de cana, que se curvavam em ondas e falsavam no sol. Ouvia-se um leve

farfalhar, parecido com o barulhinho do papel de seda, quando a gente faz um balão ou uma pipa. De repente, o Rebedeco estalou com os dedos uma castanhola (isso, não, é sinal de ter descoberto alguma coisa).

— Já sei! Canaviais assim, só em São Vicente ou em Pernambuco! Como não estou em São Vicente, está é a terra pernambucana... e o senhor se chama Duarte Coelho Pereira.

— Está tudo certo, meu caro...

— Rebedeco, um seu criado...
— Meu caro Rebedeco. Como é mesmo? Rebedeco? Que nome exqu岸ito!

— Era o meu vovó, o ge-

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

neral Florimbel, que me chamava assim...
Duarte Coelho sorriu. Era um perfeito fidalgo, vestido com luto. Desolando ser amavel, continuou:
— Interessante, o seu nome. Essa questão de nome às vezes dá muitas trapalhadas... Por exemplo: o nome de Olinda. Dizem que foi eu

quem exclamou, ao ver a região pela primeira vez: — "O, linda!" Mas, com franqueza, eu não me lembro... Também, a gente não pode se lembrar de todas as exclamações que já pronunciou...
— Lá isso é verdade — disse o Rebedeco. — Mas o senhor naturalmente se lembra de outras coisas. Faldas cor-de-lá... Contar direito, desde os conceituados... Bem, se isso lhe agrada...

Duarte Coelho começou a passar entre os canaviais. Rebedeco acompanhou-o, pensando em caldo de cana, melado, confitos, bombons e outras coisas gostosas. E foi ouvindo a narração:
— Antes de vir para o Brasil, estive na Índia. Modéstia à parte, prestei bons serviços. Foi por isso que o rei dom João III me confiou a capitania de Pernambuco.

— Assim o senhor está começando do meio. Por que foi que o rei dividiu o Brasil em capitânias?

— Porque o Brasil é muito grande. Não bastam expedições para colonizar toda a sua costa. Em algumas terras portuguesas, o rei já tinha experimentado esse sistema de dividir os terrenos em lotes. Resolveu, então, aplicar o sistema ao Brasil.

— Esse "então" quer dizer o ano de...

— De 1532. Antes disso o rei tinha concedido capitânias provisórias, pelo prazo de três anos. Depois de 1532, passaram a ser hereditárias.

— Que quer dizer capitânia?

— Doação feita a um capitão.

— E hereditária?

— Você é curioso. Hereditária quer dizer que se transmite de pai para filho. Mas alguma pergunta? Então, vou continuar. Preparei cuidadosamente a minha viagem. Tive: ferramentas, sementes, armas e muitas outras coisas. A 9 de março de 1533 cheguei aos meus domínios, que compreendem 60 léguas, da foz do rio São Francisco, à foz do rio Igarassu. Fundei Olinda e Recife. Já encontrei a feitoria de Igarassu.

— Creio que tinha sido fundada por Pero Lopes de Sousa, não é?

— Acerto. Tive muito trabalho no começo. Mandei levantar um pequeno castelo, uma torre quadrada. Criei estabelecimentos de agricultura e engenhos de açúcar. Quando mandei a dom João III as primeiras amostras de açúcar de Per-

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números .. 60000
SEMESTRAL — 75 números 25000
TRIMESTRAL — 38 números 12000



— Daqui — disse Duarte Coelho Pereira — hão de sair os descendentes de importantes famílias de Pernambuco!

nambuco, foi uma alegria geral...
— Poderá — interrompeu o Rebedeco, pensando em bombons.

— Não me limitei a desenvolver a agricultura. Fiz alianças com os índios tabajaras. Promovi casamentos dos colonos bem comportados com as índias, que se aceitavam para marido...

— Por que motivo o senhor disse "bem comportados"?
— Por que não admito maltratações (Rebedeco estremeceu)... dos colonos. Aos que erram, castigo severamente (Rebedeco estremeceu de novo). Alguns colonos não gostam e fogem para as outras capitânias. E, que sabendo que eu não sou para brincadeiras!

Rebedeco dessa vez esteve quase caindo. E para desviar a atenção do fidalgo, indagou:

— Que barulho é esse que eu estou ouvindo?

Duarte Coelho respondeu, cheio de entusiasmo:
— Carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros... Estão trabalhando, para alçar do canavial. Lá para as bandas do porto... Vamos vê-los...

Agora, transposto o canavial, estavam diante do mar. Na superfície verde, franjada pelas espumas dos raios, misturavam-se as caravelas. O mesmo cantou: uma, duas, três, quatro, cinco... dez, vinte — que porcaria! E não pôde deixar de dizer:

— Sim, senhor! Isso é que é trabalhar!

Os índios, pacificamente, juntaram aos e o l'anos. Duarte contemplava o espetáculo com visível satisfação.

Daqui — disse ele — hão de sair os descendentes de importantes famílias de Pernambuco!

Rebedeco, que tem um gostinho especial para conversar, aproveitou logo o assunto:

— E o senhor, não é casado?

— Sou, meu caro Rebedeco. Sou casado e muito feliz. Minha senhora tem um gênio igual ao meu: trabalhadora e enérgica.

— Bem, de Albuquerque. Olhe! Lá está ela, perto do porto, junto com seu irmão Jerônimo de Albuquerque...

— Jerônimo de Albuquerque! — exclamou o moço. — Quero conversar com ele!

— Imediatamente, Jerônimo se aproximou. Era moço, simpático, apesar de ter uma ferida feia num olho.

CONCLUIDA
A PAGINA

O sétimo capítulo trouxe o encontro com Tomé de Sousa para tratar do Primeiro Governo Geral, diante do qual Rebedeco “compreendeu que ia conversar com um figurão importante”. O personagem se referiu ao fracasso no sistema de capitanias, tendo em vista a descentralização administrativa, diante do que concluía que “Agora mando eu...”, referindo-se aos avanços urbanos e militares de sua administração³⁸. Já ao Segundo Governo Geral coube outro capítulo, no qual o protagonista era Duarte da Costa, que passou a narrar as “desgraças” ocorridas durante seu período, inclusive no que tange às invasões de estrangeiros³⁹. Após ter um pesadelo tendo em vista o conteúdo violento da última narrativa, Rebedeco visitou mais um ponto da organização administrativa brasileira, o Terceiro Governo Geral, com a entrevista de Mem de Sá. Ainda que não fosse de seu gosto, o menino dispôs-se a ouvir mais uma vez sobre guerras, como no caso daquela contra os franceses⁴⁰. O assunto de outro encontro, com Estácio de Sá, era a fundação da cidade do Rio de Janeiro, com referências aos passos dados para a edificação urbana e à resistência aos franceses⁴¹. A seguir, o tópico enfatizado foi o Domínio Espanhol, com a presença ainda mais inusitada de Dom Sebastião, tratando-se uma visita “miraculosa” do “protetor da cidade do Rio de Janeiro”, que levou o garoto brasileiro até a batalha de Alcácer Quibir para presenciar os estertores da Dinastia de Avis⁴².

³⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 4 ago. 1942.

³⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 11 ago. 1942.

⁴⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 18 ago. 1942.

⁴¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 27 ago. 1942.

⁴² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º set. 1942.

Edição de Terça-feira

Escritório, Redação e Oficinas
Rua Senador Cavallari, 84 (Praça
Mauá) - Ipiranga; Escritórios:
45-1503 e 24-0006; Itaipava e Ofi-
cinas: 43-3402; Encargado: Rua
General Clowell, 318 - Itaipava
42-2004

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIL LTDA.
Supor atendente: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Appius Fabrício

ANO IX • Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1942 • Num. 1212

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

ASSINATURAS pelo correio para
estados fora do Brasil:
ANO — 156 números .. 148000
SEMIANNUAL — 78 números .. 224000
TRIMESTRAL — 26 números ..
por 128000

Capítulo 7.º

PRIMEIRO GOVERNO
GERAL

TOMÉ DE SOUSA

— GOVERNADOR geral do Brasil! — repetiu o menino, um pouco emocionado. Dessa vez, não precisou fechar os olhos, nem fazer esforço para se recordar do nome. Era Tomé de Sousa que estava ali, cheio de rugas, pelo queimada de sol, enveredado, mas ainda rijo. Tomé de Sousa, mordome-mor do rei Dom João III, fidalgo, descendente de uma das mais importantes famílias da corte! Rebedeco compreendeu que ia conversar com um figura importante e não teve outra coisa para dizer senão um chocheio.

— Bom dia!...
O fidalgo tirou o chapéu de plumas e respondeu com uma cortesia que deixou o menino ainda mais sem jeito. Pouco a pouco o Rebedeco foi reconhecendo a presença de espírito. Afinal de contas, era um homem como os outros. E tão delicado! Talvez ele respondesse às perguntas com outras cortêsias. Galanhando coragem, Rebedeco perguntou:

— Se o senhor é o governador geral, quer dizer que já acabou o sistema de capitânias, não é verdade?
Tomé de Sousa sacudiu afirmativamente a cabeça:

— Mas, por que? — insistiu o Rebedeco. — O meu amigo Duarte Coelho estava indo tão bem!...

— Se ele administrava bem — esclareceu Tomé de Sousa, com voz grave. — Outras capitânias foram atacadas pelos índios. Algumas nem mereceram, uma visita dos seus donatários. Até São Vicente, que a princípio progrediu, entrou em decadência. Você quer saber qual a situação do Brasil, quando eu vim governar?

Tomé de Sousa tirou uma pluma branca do chapéu. Soprou-a. Rebedeco ficou-se, sem saber como, montado na pluma. Tão confortável como um tapete mágico. E assim, naquela plumazinha que se confundia com as nuvens, volveu vertiginosamente pelo litoral brasileiro. Contou as povoações. Contou até dezesseis. Poucas plantações. Não viu mais nada. Algumas aldeias de índios. Algumas caravelas, de longe em longe. Às vezes, um combate naval português contra franceses, que vinham tirar pau-brasil, madeira útil à indústria da tinturaria. Rebedeco, que não gostava de mortes, quis voltar. Logo a plumazinha veio pousar de novo no chapéu de Tomé de Sousa, que, amigavelmente ajudou o menino a se equilibrar no chão:

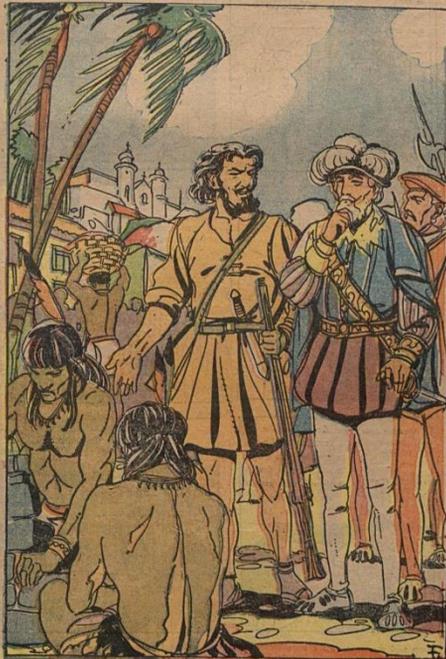
— Então, o que foi que você viu. Tudo em branco? Alguma cidade? Não! As capitânias não trouxeram benefícios permanentes. To-

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

dos mandavam. E' preciso que um só mande. Agora mande eu...
— Quer dizer que o senhor manda mais do que todos os donatários reunidos?
— Sim e não — disse o governador geral. — Os donatários eram donos das capitânias e eu não sou dono do Brasil. Mas também, os donatários só mandavam em suas terras e eu governo o Brasil inteiro.

Nisso o Rebedeco, que é muito observador, interrompeu o adivido:
— Tenha paciência, seu Tomé de Sousa. Tenha paciência. O senhor disse aqui mesmo que não há cidades no Brasil e nós estamos justamente no porto de uma cidade! Como é isso?
— Esta cidade foi fundada por mim, como governador geral, a 1.º de novembro de 1548. Você está na parte

baixa da cidade do Salvador, capital do Brasil. Observe as muralhas de defesa, os edifícios, naquela grande praça, lá em cima. Aquela, com a torre...
— Aquela, é a Igreja matriz!
— Sim, a igreja matriz. Ao lado, a minha casa, a casa do conde, as casas dos meus auxiliares, que são o provedor da fazenda, Antônio Cardoso de Barros, o



— Eles me ajudaram a construir a cidade do Salvador."

ouvidor geral Pero Borges de Sousa e o capitão da comenda, Pero de Góis da Silveira. Nunca entendi bem esses títulos dos seus auxiliares.

— Provedor da fazenda é assim como quem diz o homem dos silheteiros; ouvidor é uma espécie de juiz; e o capitão da costa, o chefe dos militares.

Rebedeco fez só — "hum, hum", o que significava que tinha compreendido. Tomé de Sousa voltou a apontar para o alto:

— Observe, um pouco mais para o lado: casas de particulares, alfândega, cadeia, collegio dos jesuítas. Se para o bispo.

— Bispo? Então, o Brasil já é um bispado?

— Vai ser brevemente. Em matéria religiosa, o Brasil estava sob os ordens do bispo de Tomar, Flassom, agora para o arcebispo de Lisboa. E espero ver em breve nomeado o primeiro bispo do Brasil. Esta boa terra merece a proteção do rei. Criei aqui a navegação pelo rio, pela costa.

— Quer dizer, navegação fluvial, navegação costeira...
— E isso mesmo, mas eu uso linguagem mais fácil, para você me entender.

— Pois saiba que eu sou um menino estudioso!...
— E saiba que eu sou o governador geral do Brasil! — exclamou Tomé de Sousa, irritado com o aparte e já levando a mão à espada.

— Por tudo quanto há de mais sagrado! — Implorou o Rebedeco. — Desculpe! Estou arrependido. Quer ver?...

Estou até suando frio...
Tremendo de medo, o menino pôs a sua mão na mão direita do governador. O que ele queria era impedir que a espada saísse da bainha.

— Mas, Tomé de Sousa percebeu que Rebedeco tremia. Notou que estava mesmo com as mãos geladas, porque o medo era um fato.

— Bem — resumiu-se. — Mas não caia noutra! Quer saber como eu sou quando me zangou? Os índios mataram soldados portugueses. Mataram, deveram, sei lá! Imagine o que eu fiz?

— Deverou-os, também! — balbucou o Rebedeco, atropalhado, sem saber o que dizia. Mas falou tão baixinho que, felizmente, o governador não ouviu.

— Mandei amarrar dois índios na boca de um canhão e disparar... Ficaram em pedacinhos!

— O senhor fez uma coisa dessas? — disse, quase chorando, o Rebedeco.

Havia em sua voz tamanha sinceridade que Tomé de Sousa ficou meio desapontado:

— Bem... Foi violento... Mas às vezes é preciso. Aqui nesta terra, quase todos são violentos. Falamos noutra coisa. Nos índios amigos, por exemplo...

— O senhor também tem

— CONCLUA NA
PÁGINA

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Senador Chaplin, 41 (Praça
Alves) Telefones: Escritório: 43-1205 e 23-4028. Redação e Ofi-
cinas: 43-1205. Encargado: Rua
General Caspary, 818 Telefones
43-2070

PLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS LTDA.

Super-assistente Luis Carlos de Costa Assis

Director: Adolfo Azevê * Gerente: Apúlio Fabrício

ANO IX • Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1942 Num. 1215

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinatura pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 156 números... 439000
SEMEESTRE — 75 números... 220000
TRIMESTRE — 36 números... 113000

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 8.º

SEGUNDO GOVERNO
GERAL
DUARTE DA COSTA

REBEDECO o o recém-che-
gado, que não era outro
senão Duarte da Costa, fi-
caram se observando por
algum tempo. Foi o menino
quem falou em primeiro
lugar:

— Se o senhor provar que
não é violento, hei de lhe
dar um abraço bem apertado.
— Tio certo como
eu me chamar Rebedeco.

O homem sentou-se na
cadeira alta. Parecia
cansado e triste. Rebedeco
ajudou-se confiantemente
no seu colo e disse:

— Quero conversar com o
senhor.

O homem proferiu com
solemnidade esta frase, que
nunca o menino tinha ou-
vido:

— Tem a palavra o senhor
Rebedeco!

— Por que o senhor diz
isso?

— E' o hábito, meu caro
amiguinho. Foi presidente
do Senado de Lisboa.

— Haverá algum engano?

— exclamou o menino. —
Não estou falando com dom
Duarte da Costa, segundo
governador geral do Brasil?

— Está. Mas, como sabe
você o meu nome?

— Adivinhei... O senhor
vem conversar comigo logo
depois de Tomé de Sousa.

— Você é um menino in-
teligente... Sou realmente
o Duarte da Costa, filho do
embaixador dom Alvaro da
Costa e de sua esposa dona
Beatriz da Paiva, ama de
leite do rei d. João III. Foi
presidente do Senado, ar-
meiro-mor do rei, provedor
da Santa Casa de Lisboa...

— Desculpe — interrom-
peu o Rebedeco. — Eu não
quero que o senhor me con-
te a sua vida... Quero saber
alguma coisa sobre o seu
governo aqui no Brasil.

— Ora! O homem ainda
fica mais triste. Tenho li-
do tantos desgostos diran-
te o meu governo!...

— Pois vá dizendo, mesmo
que sejam coisas abstrac-
tas. Quem sabe se eu po-
derei ajudá-lo?...

— Vejo que você, além de
inteligente, é um bom me-
nino. Reconheço que o meu
governo vai ficar assinalado
por muitos acontecimentos
infelizes... Em primeiro lu-
gar... Não: eu já contei um
fato tão horrível que não
tenho coragem... Passemos a
outro ponto, não menos fú-
nebre.

— Fimbre? — murmurou
o Rebedeco, olhando para o

governador com o rabo do
olho.

— Infelizmente... Foi du-
rante o meu governo que
morreu o Caramuru, a 5 de
outubro de 1537. Para nós,
portugueses, essa morte re-
presenta uma grande perda.

O Caramuru evitou lutas
com os selvagens, ajudou o
primeiro governador a fundar
a capital do Brasil.

— A cidade do Salvador.

— Sim, a cidade do Sal-
vador, que dizem do Cristo.
Que o Cristo se compadeça
da alma do Caramuru!

— Sim como do rei, que tam-
bem morreu durante o meu
governo.

— Até o rei?! — exclamou
o menino.

— Infelizmente... Não fa-
lemos mais nessa morte...
Imagino quantas preocupa-
ções tenho enfrentado aqui
no Brasil. A invasão do Rio
de Janeiro recusatava uma
perigosa ameaça a toda a
parte sul do nosso territó-
rio.

— Que invasão? O senhor
não está explicando tudo
direitinho.

— Confesso que não te-
nho prazer em recordar tais
desgraças... Os franceses
calvinistas, inimigos da re-
ligião católica, apoderaram-
se da baía do Rio de Jan-
eiro. Só uma poderosa expe-
dição conseguira expulsá-
los. Tenho pedido reforços...

— Qual? Não me mandaram.
De modo que eu sou o go-
vernador geral do Brasil,

mas uma parte do sul do
Brasil está em poder do es-
trangeiro e me faltam for-
ças para combatê-lo!

— E, "seu" Duarte, a sua
situação está me parecendo
bastante complicada... O se-
nhor precha de muita en-
ergia.

— Isso, justamente, o que
me preocupa... As vezes sou
muito estorçado. Chegam a
me assaçar de violento. Ou-
tras vezes... Que que eu he-
ranto um caso?

Rebedeco olhou para o ho-
mem com pena e bateu afir-
mativamente com a cabeça.

O governador continuou:

— Uma vez eu já passan-
do pela rua. Era noite. Ou-
vi vozes. Falavam a meu
respeito. Prestei atenção.
Deviam ser meus inimigos,
porque censuravam violenta-
mente a minha atitude no
caso do bispo... Eu cheguei
muito perto e interrompi a
conversa, dizendo apenas:

"senhores, falem baixo, que
os castiçes nem procurei
saber os nomes daqueles in-
imigos... Mas, você está dis-
traído?"

— Não é bem isso. Estou
procurando descobrir a sig-
nificação de uma frase que

o senhor disse há pouco.

— Qual foi a frase que
você não entendeu? Parece
que é uma milícia não ser
entendido pelos meus ami-
gos.

— O senhor disse:
"Censuravam violenta-
mente a minha atitude no
caso do bispo." Que caso é
esse?

— Aquela caso horrível, no
qual eu não queria falar...

— Oh! Se você faz muita
questão, contarei somente o

princípio. Meu filho, dom
Alvaro da Costa.

— Mas esse não era o no-
me do seu pai?

— Meu filho tem o mesmo
nome do avô. Bom rapaz, ele
às vezes se mostra um pou-
co... um pouco...

— Violento?...

— Infelizmente — res-
pondeu o governador, que
usava sempre desse adver-
bio. Alguns amigos de meu
filho, o Leiz de Góis, o João
Rodrigues, o Vaz da Costa,
cometem certas "diabruças"
Rapazadas... Mas o prime-
ro bispo do Brasil, dom Fe-
rro Fernandes Sardinha,
achou que era seu dever cor-
rigir os rapazes. Censurou-
os. Não gostei das censu-
ras... O bispo escreveu ao rei,
queixando-se do meu proce-
dimento. Zangado, também
escrevi, queixando-me do
bispo. Formaram-se dois

partidos. Ficaram contra
min os membros da Câmara
da Baía, outras autori-
dades importantes. O rei de
Portugal, recebendo as quei-
xas, não sabia o que fazer.

Quem teria razão? Para re-
solver o caso com perfeita
justiça, mandou chamar o
bispo a Portugal. Queira or-
vir tudo pessoalmente. An-
tes não chamasse...

— Ah! — exclamou o Re-
bedeco. — Certo que já sei o
que aconteceu... A caravela
em que viajavam o bispo e
várias famílias naufragou
perto do litoral... Não! Não
contei!

O QUE se seguiu, no sonho
do Rebedeco foi muito can-
toso. Ele viu tudo embacia-
do, como ficam as vidraças
escurecidas quando não se
limpam.

— Ah! — exclamou o Re-
bedeco. — Certo que já sei o
que aconteceu... A caravela
em que viajavam o bispo e
várias famílias naufragou
perto do litoral... Não! Não
contei!

O QUE se seguiu, no sonho
do Rebedeco foi muito can-
toso. Ele viu tudo embacia-
do, como ficam as vidraças
escurecidas quando não se
limpam.

— Ah! — exclamou o Re-
bedeco. — Certo que já sei o
que aconteceu... A caravela
em que viajavam o bispo e
várias famílias naufragou
perto do litoral... Não! Não
contei!

O QUE se seguiu, no sonho
do Rebedeco foi muito can-
toso. Ele viu tudo embacia-
do, como ficam as vidraças
escurecidas quando não se
limpam.



...A caravela em que viajavam o bispo e várias famílias naufragou perto do litoral...

Edição de Terça-feira



SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mauá) — Telefone: 45-1000. Escritório:
43-1000 e 20-4000. Redação e Ofi-
cinas: 43-5004. Assessoramento: Rua
Oswaldo Cruz, 218. Telefone:
43-2025.

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, LTDA.
Superintendente, Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Apollis Fabrizzi

ANO IX • Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1942. Num. 1218

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 156 números 450000
SEMESTRE — 78 números 230000
TRIMESTRE — 39 núme-
ros 120000

Capítulo 9.º
TERCEIRO GOVERNO
GERAL
MEM DE SÁ

O PESADELO não desapareceu assim sem mais nem menos. À princípio, a continuação do lindo sonho do Rebedeco ainda foi confusa. Ele sonhou que estava perdido no tempo. Nada sabia sobre o ano, sobre o mês, sobre o dia. Procurava uma folhinha e não encontrava. Procurava um jornal e não encontrava. Com grande esforço começou a pensar:

— Já lá conversei com To-
mé de Sousa e com Duarte da
Costa. Ora, o governo de To-

mé de Sousa durou de 1549
a 1553 e o de Duarte da Cos-
ta, durou de 1553 a 1557, mas
o terceiro governador só to-
mou posse nos primeiros dias
de 1558. Esse terceiro gover-
nador chama-se... chama-se...
— Mem de Sá — trovejou
alguém junto do Rebedeco,
com uma voz tão grossa que
o menino tapou os ouvidos.

A voz grossa continuou:
— Chama-se Mem de Sá e
está aqui, na sua presença!
Vejam só! O homem passa-
va nervosamente a mão pela
longa barba branca. Del or-
dem para ninguém fazer ba-
rulho e virou a cabeça para
depois de um instante, ce-
mo um maluco!

Rebedeco, mesmo com os
ouvidos tapados, percebia fa-
do. Arriscou um olhar medro-

so para Mem de Sá e halbu-
ciou:
— Desculpe, mas o senhor
está fazendo mais barulho
do que eu...
— Mem de Sá ficou calado, fi-
cando o menino com admira-
ção. E depois comentou, num
tom mais baixo:
— Ora essa! E não é que o
menino tem razão!...
A frase causou boa impres-

são ao Rebedeco que, esten-
dendo a mão ao homem de
voz grossa, pediu-lhe:
— Tague lá esses ossos... O
senhor confessou o seu erro.
Isso é muito raro. Admiro o
seu espírito de justiça!
— Não há motivo para ad-
mirações, meu amiguinho.
Sou um defensor da lei e de-
vo sempre fazer justiça. An-
tes de vir governar o Brasil
eu exerci o cargo de desem-
bargador e era fidalgo do
conselho do rei.

— Não que o senhor ago-
ra está falando mais baixo.
Por que?

— Porque ali dentro da
quela barraca está o meu ca-
brimbo Estácio de Sá, muito
doente!

— Contado! Precisa de um
enfermeiro?
— Ele tem, graças a Deus,
ótimos enfermeiros... Mas
vamos sair daqui de perto.
Quer passar pela praia? Le-
vá fazendo um luar tão bo-
nito! Sabe como é o nome
desse morro?

— So agora reparei que é
o Pão de Açúcar...
— Isso mesmo. Estamos ao
né do Pão de Açúcar...
— Diga uma coisa, "sen"
Mem de Sá: por que puseram
esse nome no morro?
— Porque ele tem o mesmo
feitiço de umas formas, usadas
nos exércitos, e denominadas
pão de açúcar.

— Ah! E aquele morro me-
norzinho, ali do outro lado?
— Aquê é o Cara de Cão.
Parece um fechinho de ca-
ehorro. Com certeza vão mo-
dificá-lo, no futuro. Bom
lugar para uma fortaleza...

— Aquê outro morro
grandão, mais longe do mar...
— É a Uru. Não tenho
certeza, mas creio que o
chamam assim porque se
parece com umas embarca-
ções empinadas, as urucas...

— E está é a praia Ver-
melha Vermelha... Engra-
çado, não?
— Engraçado é o modo
que você tem de ir falando
as coisas assim no mansi-
nho... A praia é mesmo um
poquinho avermelhada. De-
ve ser por causa da sua
composição, mas não en-
tendo directa dessa histó-
ria. Fale-me em guerras e
eu estarei no meu assunto
próximo.

Rebedeco suspirou. Ele
não gostava de guerras, mas
todos falavam tanto nisso...
Resignado, procurando dar
passos muito largos, para
acompanhar os de Mem de
Sá, propôs ao governador:

— Fala com lá as guer-
ras que tem havido durante
o seu governo...
— A primeira foi a guer-
ra contra a inospitalidade...
— A inospitalidade. Estavam

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS



— Consegui vencê-los. Destruí o forte e fui obrigado a voltar para a cidade do Salvador, nossa capital — disse Mem de Sá

abusando muito aqui no
Brasil. Jogavam a dinheiro,
emprestavam dinheiro a ju-
dos, exploravam o preço dos
centros. Combati tudo isso.
Depois, guerra contra os in-
dianos.

— Que índios?
— Os da Baía, de Ibeus e
do Espírito Santo, que se
reviraram. Venci-os, mas
perdi em combate o meu
querido Fernão de Sá... meu
filho...

Rebedeco encarou, pena-
lizado, o rosto do governa-
dor. Mem de Sá virou para
outro lado. Ficou contem-
plando o mar, como se hou-
vesse ali alguma coisa que
lhe chamasse a atenção. O
mar estava limpo e sereno,
coberto de escumas de pra-
ta pelo luar de verão. Re-
bedeco respeitou o silêncio
do pobre pai. Mas, passado
algum tempo, achando que
era melhor distraí-lo, inda-
gon:

— E não houve outras
guerras?
— Hein? Ah! Sim. Houve
a guerra contra a peste. Os
franceses que invadiram o
Rio de Janeiro trouxeram
da costa da Guiné, na Afri-
ca, um "s febrez violenta",
que matavam os meus patri-
cios e principalmente, os in-
dianos.

— Desculpe — atalhou o
Rebedeco — já ouvi falar
muitas vezes em invasão
francesa, mas ninguém me
explicou isso tim-tim por
tim-tim...

— Tudo por causa das le-
tas religiosas. Houve lutas
na Europa entre católicos e
protestantes ou calvinistas.
O almirante Colligny, parti-
dário dos calvinistas, come-
çou a organizar uma expedi-
ção, que devia fundar no
Brasil uma colônia francesa.
Deu o comando dessa expe-
dição a Nicolau Durand de
Willegaignon. Os franceses
entraram na baía do Rio de
Janeiro em 1555 e fundaram
um forte na ilha que os in-
dianos chamavam de Serripé.
Também deviam criar uma
cidade, com o nome de Hen-
rivilly.

Rebedeco ergueu o detul-
ho, como quem quer inter-
romper, mas o governador
proseguiu:

— Já sei: você quer ex-
plicações sobre esse "Hen-
rivilly"... Era uma homenagem
ao rei de França, que
se chamava Henrique II.

— Mas o rei de França
não era católico?
— Bem se vê que você não
entende de política... O rei,
nossa, católico, protegeu a
expedição, porque a funda-
ção de uma colônia france-
sa...

— CONCLUA
A HISTÓRIA

Edição de Quinta-Feira



Escritores, Redação e Oficinas:
Rua Senador Caramé, 83 (Praça
Mauá) Telefones: Escritórios:
43-1063 e 43-4000. Redação e Ofi-
cinas: 43-5502. Encadernação: Rua
General Caldwell, 818. Telefone
43-2928

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, L.D.A.
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen X Gerente: Apúlis Fabrício

ANO IX • Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1942 Num. 1 222

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números — 48.900
SEMESTRE — 79 números — 29.900
TRIMESTRE — 36 núme-
ros — 12.900

Capítulo 10.º

FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

ESTÁCIO DE SÁ

A claridade da lua, Rebedeco viu, deitado, um rapaz muito moço. Apesar da barba, não parecia ter chegado aos vinte anos. Com um gesto, convidou o menino a sentar ao lado dele.

— Quem é você? — perguntou o doente. — Alguém conhecido, do rei? — O menino respondeu simplesmente: — Eu sou o Rebedeco.

— Quer conversar com o senhor. — Conversar, sobre que? — Sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

— Ah! Gosto muito de conversar sobre isso. Fundei a cidade, porque recebi ordem para isso do meu tio, Men de Sá, governador geral do Brasil.

— Rebedeco, todos acreditam de ter amigos tão importantes, inchou o peito, fazendo pose: — Conheço... Temos passado juntos.

— Não era fácil fundar uma cidade, num local escarpado por inimigos. Como você deve saber, os franceses invadiram a baía do Rio de Janeiro.

— Sei, sei — disse o Rebedeco, já um pouco enjoado de ouvir falar muitas vezes nesse assunto. — Preciso juntar muitos reforços. Eu precisava de homens, armas, munições, navios, dinheiro, mantimentos e remédios. Chegou quase a desanimar. O padre Manuel da Nóbrega me encorajou tanto que resolvei cumprir a ordem mesmo com pouca gente. Logo que avistei a entrada da baía, mandei fundar próximo ao Pão de Açúcar, quer dizer, aqui pertinho de nós.

Rebedeco lá mostrar seus conhecimentos sobre o Pão de Açúcar, mas preferiu não interromper o doente, que falava com dificuldade. Continuou Estácio:

Fui dormir em terra, para dar o exemplo de coragem aos meus comandados. No dia seguinte, 1.º de março de 1565, iniciei a construção da cidade.

— Tem certeza de que foi a 1.ª de março? — Absoluta certeza. Estou gravemente ferido, mas ainda não perdi a memória. Deixe contar. Mandei cortar árvores, carregar madeiras, pedra e barro, para fazer uma cerca de defesa. Até eu carreguei materiais.

— Mas os tamiois e os franceses não procuravam impedir as construções? — Eles nos atacavam sempre que podiam. Não tivemos sossego. Só deixávamos a picareta para pegar a espada... Quer que eu conte alguns combates? — Se o senhor não ficar muito cansado... — Sinto-me realmente im-

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

— pouco fatigado, mas sou forte, sou moço... Olhe, logo nos primeiros dias avistei uma nau francesa. Não tive dúvidas, apontei quatro barcos e fui desfilá-la... — Chi! — exclamou o Rebedeco. — Vai haver barulho. — Heve moçada. E alem do barulho, surpresa para mim. Os tamiois, que de longe, sempre nos observa-

vam, prepararam um ataque. Quarenta e oito canoas assaltaram as nossas cercas de defesa, pouco depois da minha saída. Tive tempo de perceber o estratagem inimigo... — Perceber o que?... Que história é essa de... rema? — Estácio de Sá sorriu. Levou a mão ao rosto, porque sentira dores numa ferida que tinha na face, e expli-

cou por outras palavras: — Compreendi a esperança dos tamiois, que eram guerreiros inteligentes. Deixei três barcos para combater a nau francesa e voltei à tona... Repelimos completamente os assaltantes... — E a nau? — Rendeu-se. Pensei a vida dos seus cento e dez tripulantes, com a condição de voltarem para a França.



— Os tamiois e os franceses nos atacavam sempre que podiam.

— Muito bem — comentou o Rebedeco. — Vendo que nós não tínhamos medo de canoas, os inimigos mandaram buscar auxílio. Chegaram de Cabo Frio três navios franceses e trinta canoas — tripuladas por guerreiros índios.

— O senhor disse: de Cabo Frio? — Sim. Os franceses também fundaram uma colônia em Cabo Frio. Com esse auxílio, fomos atacados novamente. Mas a cerca já estava muito melhorada. Tínhamos até artilharia. Expulsei os invasores ainda uma vez!

— Como é que o senhor consegue vencer sempre? — Bem... Parece que é porque eu tenho grandes amigos... Você não sabe quanto devo ao chefe Araribóia, ao padre Anchieta...

— Eles estiveram sempre aqui com o senhor? — Sempre, não. Viro aqui há dois anos... — E como é que o senhor arranjou comida para os seus homens, durante tanto tempo? — Assim como as nossas plantações. Mandioca, inhame, legumes diversos... — E a água?

— Isso sempre foi um problema. No dia da nossa chegada, tudo cheiodo muito seco e a água em abundância. Depois, só uma nascente pequena. Juntá da pedra. Fui de mandar abrir um poço. Nem todos sabem fazer um poço. O nosso foi construído por José Adorno e Pedro Martins Namorado. Sabe quem era este último?

— Devia ser o querido de alguma moçoila... — Nada disso, ele se chamava mesmo Namorado e exercia o lugar de juiz — o primeiro juiz da cidade do Rio de Janeiro, nomeado por mim.

— O senhor conseguiu fazer boas casas para residência desses homens importantes? — Não são palácios, mas servem. Mandei buscar telhas em São Vicente e com elas construí melhores abrigos. Também ergui a capela de São Sebastião. Por sinal que um dia só não fomos derrotados, por causa das obras da capela.

— Conte lá isso... — O meu patricio Francisco Velho saiu, por mar, para ir buscar madeiras, necessárias à capela. De repente, ao dobrar uma ponta, que fica na baía, bem de frente de nós, ele descobriu uma quantidade espantosa de canoas tamiois... Estavam se preparando para nos atacar.

— Eram muitas, muitas mesmo? — Cento e sessenta! — Nossa Senhora! — E cada canoa leva muitos guerreiros. Se o ataque fosse feito de surpresa, não sei o que aconteceria... Graças a Deus, temos sempre levado vantagem na luta.

— E agora? — O senhor não está cansado? — Não estou cansado. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar? — Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

— Não, não. — Então, o senhor não tem mais nada a contar?

Edição de Terça-feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Exortação, Edição e Officinas:
Rua Visconde Lacerda, 45 (Cruz
Mauá) — Exortação: Exortação;
45-100 e 25-1000. Edição e Offi-
cinas: 45-1000. Exortação: Rua
Gustavo Cruz, 118. Exortação:
45-1000

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, LTDA.
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizon — Gerente: Appius Fabrício

ANO IX — Rio de Janeiro, 1 de Setembro de 1942 — Num. 1224

Anúncios pelo correio para
Cincozinhos, 1000, Rio de Janeiro.
ANO — 106 números — 418000
SEMESTRE — 73 números 218000
TRIMESTRE — 38 números
FOR — 138000

Capítulo 11.
O DOMÍNIO ESPANHOL
DOM SEBASTIÃO

Você já experimentaram olhar bem em cheio na direção do sol? São obrigados a fechar os olhos, não é? Pois foi mais ou menos isso que aconteceu com o Rebedeco. Ele queria olhar na direção de onde vinha a voz, mas não podia. Novamente ouviu a voz suave:

— Quem falou no meu nome?

Rebedeco, com as pálpebras meio fechadas, respondeu a essa pergunta com outra pergunta:

— O senhor é mesmo São Sebastião?

— Eu sou Sebastião, de Narbonne. (1) Por ser cristão, condenaram-me a sofrer o martírio das flechas. Não morri logo... Acabaram de me matar a chicotadas...

— Que horror! — exclamou o Rebedeco, tapando o rosto com as mãos. E logo em seguida, refletindo melhor, indagou:

— Mas, se o senhor é São Sebastião e já morreu, como pode estar aqui conversando comigo?

— Meu anjinho, você costumava dizer aí na terra que os santos realizam milagres... Além disso, eu sou o protetor da cidade do Rio de Janeiro.

— Ah! Isso sim! E porque é que os portugueses escollheram o senhor?

— Porque o novo rei de Portugal se chama Sebastião, em homenagem a mim... Quer dizer que o senhor também é o protetor do rei?

— Sim... Por sinal que no momento estou triste. O rei de Portugal vai morrer num combate que não devia tra-

var... Não lhe faltaram conselhos... Inspirei muita gente a contrariar os desejos do rei. Ele temou...

— Leve-me lá — pediu, aflito, o Rebedeco. — Quero conversar com ele antes de morrer! Por favor, faça um milagre...

O círculo de luz que fulgia na cabeça do santo começou a rodar depressa, depressa, cada vez mais depressa; formou uma roda; dele saiu outro círculo; outra roda; e o Rebedeco, montado num carro de luz, atravessou o espaço. Teve a impressão de viajar muito tempo, muitos anos... Sentiu calor. O suor lhe escorria pelas faces.

— Obrigado pelo elogio... Memória! A um rei não se interrompe!

— Mas então, como é que eu hei de conversar com o senhor... quer dizer, com Vossa Majestade?

Dom Sebastião mirou outra vez o menino de alto a baixo. Cruzando as mãos nas costas passou um bocadinho pela tenda. Para cá e para lá. Para lá e para cá. De repente, exclamou:

— Todos são contra mim! Talvez você me dê razão. Vamos conversar, mas faz de conta que eu não sou rei, Valer?

— Ah! Isso é outro modo de falar! Está combinado — disse o menino, apertando a mão do rei.

Começaram a passear, os dois juntos. Para lá e para cá. Para cá e para lá. A conversa foi assim:

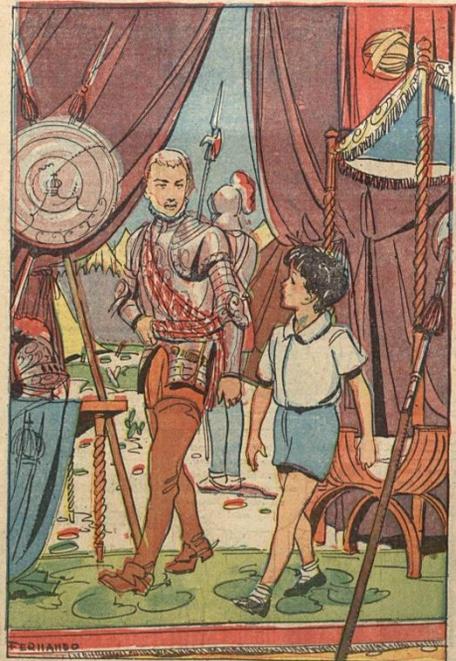
— Ouça, menino, vou lhe contar tudo desde o começo, para você compreender a minha intenção. Sou o 15.º rei de Portugal. Quando morreu meu avô, o rei dom João III, eu tinha três anos e meio de idade. Meu pai, o príncipe dom João, também tinha morrido. Portanto, eu devia subir no trono. Enquanto eu crescia, minha avó, dona Catarina, ficou dirigindo Portugal.

— Olhe, meu caro dom Sebastião, essas questões de família não me interessam muito...

— De acordo, de acordo, mas é para você entender... Meu avô...

— O rei dom João III...

— Era muito religioso. Gostava que toda a família fosse educada nesses mesmos princípios, e preocupada com o Brasil, com a religião e com outros problemas, ele abandonou um pouco as vistas para a família, para fazer olhar vivo e inquieto a fazer



— Ouça, menino, eu vou lhe contar tudo, desde o começo, para você compreender a minha intenção — disse Dom Sebastião.

A colonização do norte foi tratada a partir do encontro com Jerônimo de Albuquerque, que abordou a resistência ao franceses notadamente no Maranhão⁴³. Apesar de ter manifestado seu desgosto em abordar o tema da guerra, os próximos tópicos envolveram tal questão, mormente quanto às invasões holandesas, referindo-se a Matias de Albuquerque⁴⁴, para depois serem apontadas as diferentes etnias que teriam sido consagradas na luta contra os holandeses, com os índios, designados por Poti⁴⁵, os negros, com Henrique Dias⁴⁶, e os “brasileiros”, com André Vidal de Negreiros⁴⁷. A expansão territorial foi o enfoque de mais dois capítulos, na abordagem das bandeiras, com Fernão Dias Pais⁴⁸ e a formação das fronteiras, com Raposo Tavares⁴⁹. Os movimentos nativistas foram a pauta seguinte, com a Revolta de Beckman, entrevistando Tomás Beckman⁵⁰; Palmares, Domingos Jorge Velho⁵¹; Mascates, Bernardes Vieira de Melo⁵²; e Emboabas, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho⁵³.

⁴³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 8 set. 1942.

⁴⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 15 set. 1942.

⁴⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 22 set. 1942.

⁴⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 29 set. 1942.

⁴⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 out. 1942.

⁴⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 13 out. 1942.

⁴⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 20 out. 1942.

⁵⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 27 out. 1942.

⁵¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 3 nov. 1942.

⁵² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 17 nov. 1942.

⁵³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 24 nov. 1942.

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mauá) — Curitiba, — Escritório:
64-1950 e 23-4899. Redação e Ofi-
cina: Avenida Encantado, 111A
General Chaves 418 — Fielton
42-2926

PLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFÂNCIA L.T.A.

Sugar Alendano, Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Araoz * Gerente: Apolui Fabrício

ANO IX * Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1942 Num. 1 227

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

ASSINATURAS pelo correio, por
envio de cheque ou de Dinheiro
ANO — 124 números ... 48.000
SEMESTRE — 72 números 25.000
TRIMESTRE — 36 números
por 13.000

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 12.

COLONIZAÇÃO DO NORTE
JERÔNIMO DE ALBU-
QUERQUE

PARA junto de Jerônimo de Albuquerque — é impossível pensar ao pé de um homem idoso, que tinha as feições da raça branca, mas a pele de canhoto.

— Será que São Sebastião dessa vez se enganou? — Pensou a mimso, atrapalhado com a surpresa. E continuou em voz baixa: — Eu queria falar com o Jerônimo de Albuquerque.

O homem adiantou um passo em direção ao Rebedeco e interveio: — Sou eu mesmo.

— Não é possível! — Ora essa! Estou lhe dizendo que me chamam Jerônimo de Albuquerque!

Rebedeco levou as mãos à cabeça: — Será que eu estou ficando maluco? Inda agora eu quis falar com o rei e me aparece um santo. Depois, vem o senhor e me diz que é Jerônimo de Albuquerque. Ora, eu comheço Jerônimo de Albuquerque, mas muito diferente; morado, pele rosada, um olho furado.

— Ah! — interrompeu o homem. — Esse era meu pai! Achei bem extraordinário que você tivesse conhecido meu pai!

— Ultimamente tem me acontecido coisas tão extraordinárias que eu já nem me admiro de mais nada... Parece um sonho...

— Pois trate de acordar... Você está falando com Jerônimo de Albuquerque Maranhão, filho de Jerônimo de Albuquerque.

— Agora, sim! Albuquerque "Maranhão", vá lá. Mas... por que esse nome não tão exótico? Não comheço ninguém com o sobrenome de Rio de Janeiro ou Rio Grande do Norte...

— Foi eu quem conquistei o Maranhão. O rei permitiu que eu juntasse essa palavra ao meu nome de família.

— Pois conte como se deu essa conquista.

— Contarei.

Jerônimo de Albuquerque explicou-se numa rede, que estava estendida entre duas árvores: Rebedeco sentou-se ouvindo a narração, balançando-se de vagar.

— Conheço bem toda esta região do norte do Brasil. Meu pai, ainda moço, era

prisioneiro dos índios. Ia ser morto. O chefe da tribo, chamado Uira-ubi, que quer dizer Arca Verde, marcou o dia da execução. Porém, a filha dele, uma índia muito bonita, de nome Maria, apaixonou-se pelo jovem português. "Se matarem o branco — disse ela ao chefe da tribo — eu me matarei também". Foi a conta Pouparam a vida do prisioneiro, que se casou com a índia. Nasceram muitos filhos...

— E o senhor é um deles... Sou. Fico satisfeito quando me lembram minhas origens. Cresci ao ar livre. Habituei-me às guerras. Gosto de combater contra estrangeiros, mas sempre me entretivei a luta entre índios e portugueses. Ambos meus parentes...

— Não é possível! — Ora essa! Estou lhe dizendo que me chamam Jerônimo de Albuquerque!

Rebedeco levou as mãos à cabeça: — Será que eu estou ficando maluco? Inda agora eu quis falar com o rei e me aparece um santo. Depois, vem o senhor e me diz que é Jerônimo de Albuquerque. Ora, eu comheço Jerônimo de Albuquerque, mas muito diferente; morado, pele rosada, um olho furado.

— Ah! — interrompeu o homem. — Esse era meu pai! Achei bem extraordinário que você tivesse conhecido meu pai!

— Ultimamente tem me acontecido coisas tão extraordinárias que eu já nem me admiro de mais nada... Parece um sonho...

— Pois trate de acordar... Você está falando com Jerônimo de Albuquerque Maranhão, filho de Jerônimo de Albuquerque.

— Agora, sim! Albuquerque "Maranhão", vá lá. Mas... por que esse nome não tão exótico? Não comheço ninguém com o sobrenome de Rio de Janeiro ou Rio Grande do Norte...

— Foi eu quem conquistei o Maranhão. O rei permitiu que eu juntasse essa palavra ao meu nome de família.

— Pois conte como se deu essa conquista.

— Contarei.

Jerônimo de Albuquerque explicou-se numa rede, que estava estendida entre duas árvores: Rebedeco sentou-se ouvindo a narração, balançando-se de vagar.

— Conheço bem toda esta região do norte do Brasil. Meu pai, ainda moço, era

que dava agora grandes balanços na rede.

— Outra vez? — Sim, já houve a invasão de Willegaignon, no Rio de Janeiro, mas há muito tempo. A do Maranhão foi comandada por Carlos des Vaux e Jacques Riffault.

— Riffault? Será que isso vem do verbo rifar? — perguntou, rindo, o Rebedeco.

— Muito bem — comentou o Rebedeco, dando um balanço mais forte na rede.

— Aproveitei uma ocasião em que as mulheres índias andavam descontentes. Elas tinham plantações. Pronto! Vinda a guerra, desmanchar tudo. Andavam sempre carregadas as costas às costas, fugindo pelo mata.

Chegou um momento em que reclamaram. Entrei com a minha habilidade no caso e coneguei que fosse jurada a paz, na Paraíba, em 1599. A paz era necessária a Portugal, para colonizar o norte, que vivia abandonado. Procurei ajudar o mais possível o trabalho de colonização.

— Sabe que estou me interessando muito pela sua história? — disse o Rebedeco.

— O melhor ainda não veio... Ajudei bastante a Manuel Mascarenhas, que fora ao Rio Grande e fundou o Natal. Os índios potiguaras declararam guerra. Eu resolvi as coisas e fui nomeado capitão-mor do Rio Grande...

Fizem reserada a colonização de três novas capitais: do Ceará, do Piauí e do Maranhão. Para o Ceará seguiu Martin Soares Moreno, que fundou um forte, de onde veio o nome de Fortaleza.

— Martin Soares Moreno... Eu conheço esse nome...

— E o Rebedeco ficou pensando algum tempo. Afinal, soltou uma castanholia: tinha se lembrado. E o nome herói do romance "Tracema", de José de Alencar.

Jerônimo de Albuquerque prosseguiu: — No Maranhão, não ia ser tão fácil. Os franceses

chamavam Jererecoacoara... — Outra vez os nomes exquitos — comentou o Rebedeco.

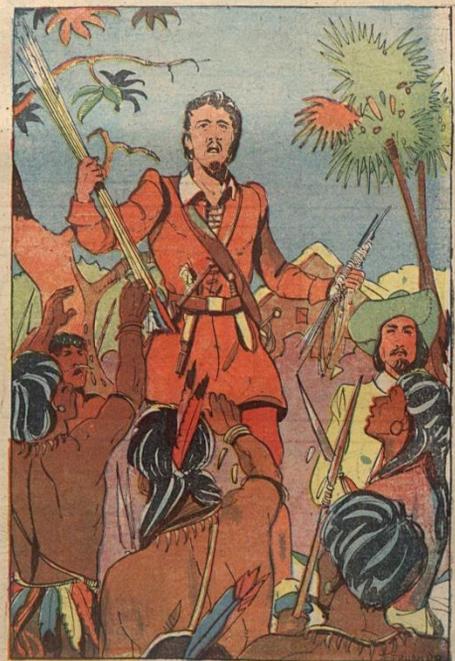
— E, mas desta vez o termo é tupi... Depois, voltou a Pernambuco. Deixei uma guarnição de quarenta homens no forte Coladas! Passaram fome e sofreram ataques dos franceses, mas resistiram sempre. Homens de energia!

— Muito bem! — aplaudiu o Rebedeco, dando outro balanço forte na rede.

— Tratê de organizar uma grande expedição. Andei de porto em porto, pedindo auxílio. Na Paraíba, onde os índios eram muito meus amigos...

— Por causa da paz... — LUNCEIRA

12.ª PAGINA



— Vou para a guerra — dizia Jerônimo Albuquerque aos índios — e quem for homem adonhe as flechas e me acompanhe

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Bandeira Central, 42 (Praça
Mata), Rio de Janeiro, Brasil.
42-1963 e 23-1508 Redação e Ofi-
cinas: 42-5432 Encadernação: Rua
General Caspary, 118 Estação
42-2926

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS LTDA.
Superintendente, Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Azevê * Gerente: Apollis Fabrizzi

ANO IX - Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1942 Num. 1 230

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS!

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 136 numeross... 48.900
SEMESTRE — 72 numeross... 24.900
ILLUSTRER — 30 puma-
... 18.900

Capítulo 12.
INVASOES HOLANDESES
MATIAS DE ALBUQUERQUE

ERA um homem robusto, queimado de sol. Cavalgava um lindo animal branco com grandes manchas pretas.

— Quem é o senhor? — indagou o Rebedeco.

— Sou Matias de Albuquerque, filho de Jerônimo de Albuquerque Maranhão.

— Outro Albuquerque? Que família importante! Escute: o senhor me deixa subir para a garupa?

— Venha para a frente do selim, que é mais cómodo.

Rebedeco subiu. Simpatizava com aquele homem porque já tinha lido suas peças nos livros de História do Brasil. Enquanto Matias, apertando as esporas, fazia o animal galopar pelos campos, Rebedeco procurava uma frase amável para iniciar a conversa.

— Eu sei que o senhor se destacou muito nas lutas contra os holandeses.

— Realmente, as duas invasões me deram que fazer.

— As duas? Só conheço a participação do senhor na segunda invasão holandesa, que foi em 1638.

— Sim, mas em 1624 os holandeses já tinham realizado a primeira invasão, na Baía. Fomos prisioneiro o governador geral do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado. Eu era, então, governador do Pernambuco e tinha o dever de substituí-lo. Por mar, não podia, por falta de uma esquadra. Resolvi vir por terra, à frente de minha tropa.

— A pé, de Pernambuco até a Baía?

— A pé, a cavalo, a nado, em canoa, como era possível. Não tinhamos pontes nem estradas.

— Ouvi dizer que algumas pessoas gostam de andar de rede, transportada por escravos.

— É verdade. Eu não gosto. Sempre me dei bem a cavalo. Quer ver? — E apertando as duas esporas, fez saltar o cavalo branco e preto, com grande susto do Rebedeco, que se lançou do tombo da rede.

Acartando-se à crina do animal, o menino indagou: — E o senhor chegou a tempo de lutar com os holandeses?

— Não, porque eles se renderam antes. Mas a segunda invasão, quanto me fez sofrer!

— Quero saber porque o senhor sofreu — disse o Rebedeco. — Mas, por favor, toque o cavalo mais do vazar, senão eu morro a língua.

Matias de Albuquerque puxou as rédeas. O animal agora caminhava a passo. E o herói começou a contar:

— Depois da primeira invasão, eu fiz uma viagem a Madrid. Estava lá quando chegaram notícias dos preparativos holandeses para uma segunda invasão. O go-

vorno me nomeou para um cargo especial: "superintendente na guerra, visitador e fortificador das capitâneas do Norte". Em Lisboa mandaram reforços para vir organizar a resistência. Sabe o que foi que me deram?

— Alguns milhares de homens, uma boa esquadra.

— Nada disso! Vinte e sete soldados e uma caravela!

— E o senhor veio assim mesmo? — Irruntou o Rebedeco, voltando-se tão rápido para trás que bateu com a cabeça no queixo do herói.

— Vim, porque ordeno não se desicitem. Chegando a Pernambuco, fiz tudo o que era possível. Construí cercas e trincheiras, distribuí sentinela no litoral, aque-

lei para os voluntários. A 11 de fevereiro de 1639 apareceu diante do Recife nada menos de cinquenta e seis navios holandeses. Tive a impressão de serem ainda mais: uns setenta.

— Puxa! Que nem um bando de galvoitas.

— Parecia mesmo um bando de galvoitas. Essa esquadra d'ombearcu três mil

homens ao norte da Olinda, na praia do Pau Amarello.

— Que nome sagrado!

— Há muitos nomes engraçados nesse período. Por exemplo, um comandante holandês se chamava Fernão de Pau. O guia dos holandeses no desembarque do Pau Amarello se chamava Antônio Dias Paparabalo.

— Robalo não é um peixe?

— É, e muito feio. Mas se nos ficarmos falando sobre peixes e nomes engraçados, não tem tempo de recordar a invasão.

— Desculpe, Continue.

— A fração de oitocentos e cinquenta homens, fui enfrentar os holandeses. Eles tinham parado na margem do rio Doce, porque a maré alta não os deixava passar.

— Alencar-os. Só resistimos ao primeiro assalto. Depois, bati em retirada para Olinda, sa com cem homens. De lá me retirei para o Recife só com vinte homens.

— E o senhor não desanimou?

— Não! Eu sou brasileiro. Um brasileiro nunca desanima quando defende o solo da Pátria! Dei ordens energias. Fui rigoroso com os escritores. Mandei incendiar os armazéns do Recife, en- calhar navios.

— Quanto prejuizo! Perdeu-se tudo?

— Quão, mas os holandeses ainda puderam se apoderar de tres mil pipas de vinho e mil e quinhentas caixas de açúcar. Enquanto alguns fortes do Recife continuaram em nosso poder, os holandeses encontraram sérias dificuldades. Afinal, entregamos tudo. Eu fui para o interior e comecei, então, o sistema de guerrilhas, atacando de noite, incendiando casas, impedindo caminhos.

— Sempre de noite?

— Quase sempre. Eu estava vigilante, todas as noites. Precisava de um quartel-general. Escolhi uma casa, perto do Recife e Olinda, Fortifiquel-a. Os índios amigos vieram morar ali junto. Pouco a pouco se criou o arrabal.

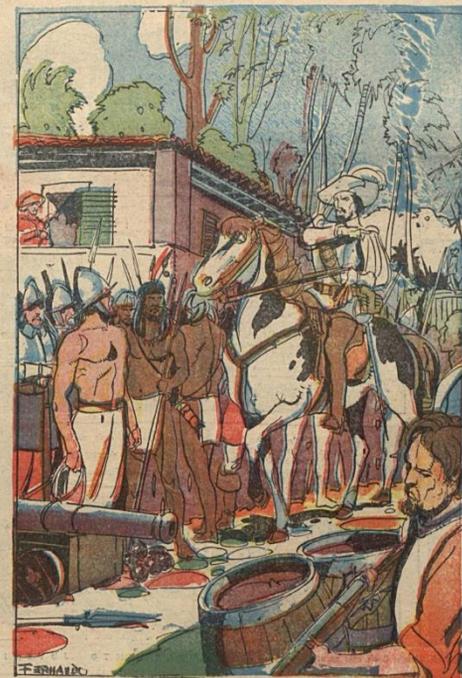
— O arrabal de Bom Jesus? — interrompeu o Rebedeco. — Já ouvi falar nele.

— Sim, esse arrabal ficou celebre. Ali, pela primeira vez, os brancos, os índios e os negros lutaram lado a lado, como amigos, contra um invasor do terrível Brasil.

— Já era, portanto, o sentimento de defesa da Pátria.

— Viva o Brasil!!! — gritou o Rebedeco, espantando o cavalo, que logo Matias sossegou e fez voltar ao passo vagaroso.

— O arrabal foi atacado varias vezes — prosseguiu o herói. Falavam-no munição. Da Espanha e de Portugal não nos vinha reforços. A luta tomou um aspecto heroico; os holandeses cortavam as arestas dos esdaveiros e as colavam em es-



Escolhi uma casa perto do Recife e Olinda. Fortifiquel-a.

CONCLUA A PAGINA

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacramento, 43 (Praça
Máxima) - Telefone: 410.700/410.701/410.702/410.703/410.704/410.705/410.706/410.707/410.708/410.709/410.710/410.711/410.712/410.713/410.714/410.715/410.716/410.717/410.718/410.719/410.720/410.721/410.722/410.723/410.724/410.725/410.726/410.727/410.728/410.729/410.730/410.731/410.732/410.733/410.734/410.735/410.736/410.737/410.738/410.739/410.740/410.741/410.742/410.743/410.744/410.745/410.746/410.747/410.748/410.749/410.750/410.751/410.752/410.753/410.754/410.755/410.756/410.757/410.758/410.759/410.760/410.761/410.762/410.763/410.764/410.765/410.766/410.767/410.768/410.769/410.770/410.771/410.772/410.773/410.774/410.775/410.776/410.777/410.778/410.779/410.780/410.781/410.782/410.783/410.784/410.785/410.786/410.787/410.788/410.789/410.790/410.791/410.792/410.793/410.794/410.795/410.796/410.797/410.798/410.799/410.800/410.801/410.802/410.803/410.804/410.805/410.806/410.807/410.808/410.809/410.810/410.811/410.812/410.813/410.814/410.815/410.816/410.817/410.818/410.819/410.820/410.821/410.822/410.823/410.824/410.825/410.826/410.827/410.828/410.829/410.830/410.831/410.832/410.833/410.834/410.835/410.836/410.837/410.838/410.839/410.840/410.841/410.842/410.843/410.844/410.845/410.846/410.847/410.848/410.849/410.850/410.851/410.852/410.853/410.854/410.855/410.856/410.857/410.858/410.859/410.860/410.861/410.862/410.863/410.864/410.865/410.866/410.867/410.868/410.869/410.870/410.871/410.872/410.873/410.874/410.875/410.876/410.877/410.878/410.879/410.880/410.881/410.882/410.883/410.884/410.885/410.886/410.887/410.888/410.889/410.890/410.891/410.892/410.893/410.894/410.895/410.896/410.897/410.898/410.899/410.900/410.901/410.902/410.903/410.904/410.905/410.906/410.907/410.908/410.909/410.910/410.911/410.912/410.913/410.914/410.915/410.916/410.917/410.918/410.919/410.920/410.921/410.922/410.923/410.924/410.925/410.926/410.927/410.928/410.929/410.930/410.931/410.932/410.933/410.934/410.935/410.936/410.937/410.938/410.939/410.940/410.941/410.942/410.943/410.944/410.945/410.946/410.947/410.948/410.949/410.950/410.951/410.952/410.953/410.954/410.955/410.956/410.957/410.958/410.959/410.960/410.961/410.962/410.963/410.964/410.965/410.966/410.967/410.968/410.969/410.970/410.971/410.972/410.973/410.974/410.975/410.976/410.977/410.978/410.979/410.980/410.981/410.982/410.983/410.984/410.985/410.986/410.987/410.988/410.989/410.990/410.991/410.992/410.993/410.994/410.995/410.996/410.997/410.998/410.999/410.1000

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIL L.T.A.

Super-Atendentes: Luiz Cristóvão de Castro Netto

Director: Adolfo Assunção * Gerente: Agostinho Fabrisi

A N O I X • Rio de Janeiro, 22 de Setembro de 1942 Num. 1 233

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Anualmente: 6000 cruzeiros
 ANO — 150 números .. 150.000
 SEMESTRE — 75 números .. 75.000
 TRIMESTRE — 36 números .. 36.000
 For

A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 14.

LUTA CONTRA OS HOLANDESES: OS INDIOS POTTI

— MENINO BRANCO — disse o índio em português muito correto — você se macacou um bocadinho na testa.

— Um bocadinho? Eu é que sei como dói. Também, por que os cavalos são tão nêcos?

— Ora, menino branco, isso não é nada. Vou arranjar um remédio. O índio entrou na floresta e de lá voltou algum tempo depois com um punhado de ervas na mão. Esmagou as ervas entre duas pedras. Passou um pouquinho daquele líquido esverdeado na testa do Rebedeco. A dor saiu logo.

— Muito obrigado, "seu" índio! Vou ficar seu amigo. Como é o seu nome? Já vez que você tem algum nome esgraçado...

— Eu me chamo Potti, que em português quer dizer camarão.

— Eu não disse! É engraçado, sim... Já ouvi falar num Papa-rebolas, mas "seu" Camarão ou "seu" Caranguejo, é a primeira vez...

De repente o Rebedeco, que estava rindo muito alto, ficou sério e silencioso. Olhou uma vez para o índio. Olhou outra. E a pergunta vem quase sem querer:

— O senhor será o Potti da luta contra os holandeses?...

— Sou eu mesmo.

— Desculpe, Camarãozinho amigo, mas você, que já me prestou um favor, vai me prestar outro: conte o que fez na guerra contra os invasores.

— Menino branco, eu não fiz nada.

— Fez, sim senhor. Sem você e os seus índios, talvez os holandeses tivessem vencido.

— Mas eu não me recardo de tudo direitinho...

— Não faz mal. Eu vou perguntando o que me interessar.

— Pois, então...

E Potti fez um gesto de quem estava resignado.

— Em primeiro lugar — começou o Rebedeco — por que você veio me socorrer?

— Menino branco, eu fui educado entre os portugueses. Gosto dos brancos.

— Então, você não é índio legítimo?

— Não! Até recebi muitas homenagens dos portugueses.

— Não compreendo...

— Eu não disse que não sei contar as coisas? Vou-me embora!

— Fique, por favor. Você fala muito bem o português. Procure explicar.

— Aprendi, até umas noções de latim.

— Latim! É a língua dos padres! Como é que você aprendeu latim?

— Menino branco, você não sabe que Jerônimo de Albuquerque conseguiu fazer a paz entre os índios e os portugueses, na Ilha?

— Sei. Foi em 1598...

— Deve ser. Pois eu fui educado entre os portugueses, depois do período das lutas.

— Ah!

— Recebi o batismo...

— Ah!

— Passei a chamar-me Camarão. Sendo cristão e vendo um menino precisando de auxílio, fiz apenas o meu dever...

— Não precisa dizer mais nada! Todo cristão deve praticar a caridade...

— E defender a sua fé...

— O que é que você quer dizer com isso?

— Já disse outra tolice, com certeza, porque o menino branco não me entende...

— Você não disse tolice nenhuma até agora! Explique melhor esse negócio de defender a fé...

— Dizei falar que os holandeses tinham uma religião diferente da nossa. Além disso, eram inimigos dos portugueses. Achei que fazia bem indo me oferecer ao chefe Matias de Albuquerque, no arraial de Bom Jesus...

— Você, sozinho?

— Eu e os meus índios.

— Seus amigos?

— Meus comandados...

— Então, você também é chefe, Potti?

— Sou.

— De todos os índios?

— Sou chefe dos índios poiguara. O governo português me nomeou capitão-mor de todos os índios do Brasil...

— Está aí uma coisa em que eu nunca ouvi falar... E todos os índios obedeceram?

— Alguns não sabiam, outros não queriam. Houve até índios favoráveis aos holandeses.

— Quais?

— Por exemplo, meu tio Jaguarat. A princípio esteve com os holandeses, depois com os portugueses. O

meus homens não davam sossego aos holandeses. Depois, houve uma retirada muito triste...

— Eu sei. Em 1633...

— Eu e os meus homens ficamos protegidos a retaguarda. Passaram muitas luas. Andamos, andamos e quando todos estavam salvos, voltei para a luta...

— Sem discussões?

— Quando é preciso, Potti não descança... Escutei o chefe que substituiu Matias de Albuquerque morreu logo no primeiro combate. Nosso pessoal ia ficando desanimado. Só Potti, com seus índios, e um capitão branco muito valente, chamado Rabelinho, continuaram a lutar dia e noite. Causei tanto medo aos holandeses que eles mandaram contra mim uma grande expedição co-

mandada por um general. Combati dois dias e não fui vencido...

— Um índio contra um general! Sim, senhor! A propósito, como se chamava esse general?

— Nunca consegui pronunciar o nome dele.

— Diga as letras separadamente...

— Não sei bem. Uns me garantem que é A...-B...-C...-D...-E...-F...-G...-H...-I...-J...-K...-L...-M...-N...-O...-P...-Q...-R...-S...-T...-U...-V...-W...-X...-Y...-Z...

— Aricevsky? Nossa Senhora!

— Outros me garantem que é A...-B...-C...-D...-E...-F...-G...-H...-I...-J...-K...-L...-M...-N...-O...-P...-Q...-R...-S...-T...-U...-V...-W...-X...-Y...-Z...

— Artichoffsky! Isso não é nome que se use...

— Também acho... Nunca me lembro direito do nome desse chefe holandês. Por

isso...

14.ª PÁGINA



Edição de Terça-feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Exerçício: Redação e Officinas:
Rua Senechal Lisboa, 40 (Praça
Mauá) — Diretoria: Exerçício:
43-1000 e 20-nova Redação e Ofi-
cinhas: 43-5000, encadernação: Rua
Goureville, 218 — Telefone:
42-2022

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendentes: Luis Cayrols de Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Apollis Fabrilist

A N O I X Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1942 Num. 1 236

ASSINATURA: pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números .. 45000
SEMESTRE — 6 números 22500
TRIMESTRE — 36 números
12000

Capítulo 13.

LUTA CONTRA OS HOLAN-
DESES: OS NEGROS

HENRIQUE DIAS

A PRINCÍPIO, Rebedeco fi-
cou em dúvida. Estaria
embalado de água aquele ho-
mem? Não era possível... Es-
tava, isso sim, por trás dele,
à beira do lago. Voltando-se,
deu com o homem, em pé,
fardado. O preto fez conti-
nência ao menino e disse em
tom esmurado:

— Sou Henrique Dias, um
amigo de seus pais...
— Henrique Dias? (o Rebe-
dedo ficou espantado com a
coincidência). Ha um minu-
to estava aqui o seu ami-
go Poli.

— Eu já sabia...

— Você o viu?... quer dizer,
o senhor o viu?

— Pode me tratar por vo-
cê? Sou muito camarada...

— Se o meu amigo Poli é ca-
paz de nadar embaixo d'água
tanto tempo... Portanto,
é ele que vai lá longe, lá
longe...

— Pena que ele não volte.
Eu queria perguntar uma coi-
sa a ele...

— Talvez eu responda...

— Quería saber como é que
ele, lutando tantas vezes,
não recebeu ferimentos gra-
ves...

— Questão de sorte... Eu,
por exemplo, fui ferido seis
vezes...

— Conte, conte... Não pre-
chia esquecer a sua vida,
nem a história da guerra
contra os holandeses. Conte
só o caso dos seus seis fer-
mentos...



— Vamos começar pelo ano
de 1633. Eu e alguns amigos,
todos da minha raça, fomos
diferenciar nossos serviços ao
chefe Matias de Albuquerque...

— Desculpe interromper.
Não sei se devo fazer a per-
gunta...

— Converse à vontade.
Lembre-se: eu sou muito
camarada...

— Você era escravo?

— Foi ele quem conseguiu
isso para mim. Quem me
nomeou foi o governador ge-
ral dom Fernando de Mascaren-
has, conde da Torre.

— E você entrou logo em
combate?

— Entrei. Meu sangue es-
tava destinado ao serviço do
Brasil! Dois meses depois,
num combate na Várzea, al-
cançou-me uma bala de
mosquete...

— Como nota: primeiro fe-
rimento...

— Outros dois meses se
passaram. Fiquei bom. Sou-
be que os holandeses iam
atacar um engenho, perto
de posto dos Afogados. Corri
para lá, à frente dos me-
nhomens. Não houve provera-
mente um combate. Alguns
tiros de lado a lado. O inimigo
não se apoderou dos en-
genhos de açúcar, mas em
compensação me fez presen-
te de duas balas de mosque-
te...

— Você fala com uma cal-
ma!

— Entraram por aqui...
Henrique Dias abriu a farda
e mostrou duas feridas, as
que o Rebedeco não gostou
nada de ver, o que o fez
comentar:

— Nesse caso, são o se-
gundo e o terceiro ferimen-
tos...

— Conte só como o se-
gundo. O terceiro foi no
forte de Iguarassú. Os ho-
landeses tentaram assaltar o
forte. Poli foi ajudar a de-
fesa. Também o inimigo re-
cebeu reforços. Ficaram eles
por eles. Segui também, com
os meus homens. Entrei no
brinquedo... O forte conti-
nuou em nosso poder, mas...

— Já sei: duas balas de
mosquete no seu corpo...

— Menino, parece que você
adivinha...

— Qual nada! Seu corpo
é que parece que atrai as
balas holandesas...

— Antes assim. Ao menos
eu sou forte para resistir...

— De modo que essas duas
balas não são o terceiro e o
quarto ferimentos, mas so-
mente o terceiro...

— Aceitou... O quarto fe-
rimento... quando foi mes-
mo? Já nem me lembro...

— Você recebeu tantos fe-

— Graças a Deus, não.
Sou preto, mas livre. Porém,
o chefe Matias de Albuquer-
que, um grande chefe? Tam-
bem aceitava escravos como
voluntários, prometendo li-
berdade aos que se distin-
guissem. Parece que o chefe
costou dos meus serviços...

— Por que você diz isso?

— Fui nomeado cabo e go-
vernador dos pretos...

— Matias de Albuquerque
pédia nomeá-lo governador
dos pretos?

— Foi ele quem conseguiu
isso para mim. Quem me
nomeou foi o governador ge-
ral dom Fernando de Mascaren-
has, conde da Torre.

— E você entrou logo em
combate?

— Entrei. Meu sangue es-
tava destinado ao serviço do
Brasil! Dois meses depois,
num combate na Várzea, al-
cançou-me uma bala de
mosquete...

— Como nota: primeiro fe-
rimento...

— Outros dois meses se
passaram. Fiquei bom. Sou-
be que os holandeses iam
atacar um engenho, perto
de posto dos Afogados. Corri
para lá, à frente dos me-
nhomens. Não houve provera-
mente um combate. Alguns
tiros de lado a lado. O inimigo
não se apoderou dos en-
genhos de açúcar, mas em
compensação me fez presen-
te de duas balas de mosque-
te...

— Você fala com uma cal-
ma!

— Entraram por aqui...
Henrique Dias abriu a farda
e mostrou duas feridas, as
que o Rebedeco não gostou
nada de ver, o que o fez
comentar:

— Nesse caso, são o se-
gundo e o terceiro ferimen-
tos...

— Conte só como o se-
gundo. O terceiro foi no
forte de Iguarassú. Os ho-
landeses tentaram assaltar o
forte. Poli foi ajudar a de-
fesa. Também o inimigo re-
cebeu reforços. Ficaram eles
por eles. Segui também, com
os meus homens. Entrei no
brinquedo... O forte conti-
nuou em nosso poder, mas...

— Já sei: duas balas de
mosquete no seu corpo...

— Menino, parece que você
adivinha...

— Qual nada! Seu corpo
é que parece que atrai as
balas holandesas...

— Antes assim. Ao menos
eu sou forte para resistir...

— De modo que essas duas
balas não são o terceiro e o
quarto ferimentos, mas so-
mente o terceiro...

— Aceitou... O quarto fe-
rimento... quando foi mes-
mo? Já nem me lembro...

— Você recebeu tantos fe-

rimentos que já nem se
lembra...

— É verdade... concordou,
rindo-se, o heróico soldado
preto... Mas se você me
distrair, aí mesmo é que eu
não me lembro de mais na-
da... Espere! Já me recordo...

— Achou a quarta bala...

— Achei a bala, é maneira
de dizer. Recorde-me da sca-
são em que fui ferido pela
quarta vez. É isso mesmo:
no arrabal de Bom Jesus. Eu
ainda estava deente. Al-
gumas feridas abertas ain-
da sangravam...

— Dói muito...

— Se dói... Porém ainda
mais me dói ver invasores
querendo tomar conta do
território brasileiro... Dei-
xe-me contar. O arrabal foi
atacado. Eu me levantei da
cama. Latei com desespero,
porque a coisa esteve feia...

— Afinal, o comandante ho-
landês viu que já tinha per-
dido muita gente e muita
quantidade de dinheiro. Mas eu...

— Já sei: duas novas balas
o corpo...

— Duas, não. Dessa vez os
holandeses foram mais gene-
rosos: uma só. E notei: foi o
meu comandante holan-
dês que me tinha cassado o
receito ferimento...

— Como era o nome dele?

— Feneite-coronel Bynat...

— E do quinto ferimento,
também não se recorda...

— Deseje me lembro mu-
to bem... Foi logo depois do
dia de Natal. Os holandeses
atacaram novamente o ar-
rabal de Bom Jesus. Recebi
o quinto ferimento, quando,
com os meus homens, en-
frentei trezentos atacantes
na Várzea...

— Que Várzea é essa?

— A Várzea do rio Bebe-
ribe...

— Os holandeses deviam
ter muita raiva de você...

— Nem tanto assim. Pa-
ra falar com franqueza, não
davam muita importância à
minha pessoa... Em 1635,
não podendo mais resistir,
o chefe Matias de Albuquer-
que se retirou para Alagoas...

— O arrabal rendeu-se. Foi
prisioneiro. Sabe o que eles
fizeram? Acharam que eu,
um pobre preto, não tinha
importância militar e me
mandaram embora...

— Que bobos! Você não é
um preto comum... E o sex-
to ferimento (Rebedeco, seu
querer, olhou para a mão
amputada de Henrique Dias),

— Ah! Esse foi o pior... Na
batalha de Posto Calvo, em
1637, eu comandava oitenta
pretos. Poli comandava tre-
zentos índios. Havia mais uns
quatrocentos brancos. O
príncipe Maurício de Nassau
veio nos atacar...

— O quarto ferimen-
to... Já nem me lembro...

— Você recebeu tantos fe-



"Uma bala me atingiu em cheio o pulso esquerdo."

→ O O R D E M A
D O S P A G I N A

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 48 (Praça
Mauá) — Telefones: Escritórios:
44-1905 e 22-4080 Redação e Ofi-
cinas: 44-5552 Distribuição: Rua
General Câmara, 118 — Telefone:
42-2926

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aisen — Gerente: Apúlia Fabrício

A N O I X — Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1942 — Num. 1 239

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinaturas pelo correio, fora
qualquer parte do Brasil:
ANO — 156 números .. 450000
SEMESTRE — 78 números 250000
TRIMESTRE — 36 número-
tes .. 120000

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 16.

LUTAS CONTRA OS HO-
LANDESES. OS BRASI-
LEIROSANDRÉ VIDAL DE
NEGREIROS— E aqui é Engenho Novo
de Goiás?— É, sim senhor.
— Fica o favor de dizer
ao proprietário, sr. André
Vidal de Negreiros, que o Re-
bedeco quer falar com ele.MINUTOS depois o Rebe-
dedo estava defronte de
um anão simpático, que
entrara cociando na sala.— Que deseja, meu an-
güinho?— Conhecer a história de
sua vida!— Acabo de fazer testa-
mento, onde recapitulei tudo
quanto me tem acontecido.
Não acho razão para as
homenagens que recebi du-
rante a minha vida...

— Que homenagens?

— Os títulos de fidalgo da
Casa Real e membro do Con-
selho de Guerra de Sua Ma-
jestade, as comendas de
Cristo e de São Pedro do Sul,
as nomeações para alcaide-
mor das vilas de Maravá e
de Moreira, para governador
do Maranhão, de Pernambu-
co, de Angola...— Então, o senhor foi go-
vernador de Angola, na
África? Conheço esse lugar
por causa das galinhas de
Angola...— Sim, fui governador, em
substituição a João Fernan-
des Vieira.— Mas eu sempre ouvi di-
zer que o senhor não é por-
tuguês...— É não sou. Nasci na Pa-
lha do Norte em 1688, ou
1689, não me lembro bem.O Rebedeco teve vontade
de perguntar se ele já era
tão velho que nem da idade
se lembrava, mas, para não
faltar ao respeito, ficou ca-
lado.— Meus pais — continuou
André Vidal — me educa-
ram com muito carinho, en-
sinando-me a amar ao meu
país e à minha religião.
Quando os holandeses inva-
diram o Brasil, resolvi alistá-
r-me como voluntário, sem
nada receber...— Quase todos os que se
distinguíram na luta foram
voluntários — comentou o
menino.— Ofereci-me para com-
bater aos direitos anos. Es-
ta pedra alçada é uma das
recordações de campanha...Logo no primeiro ataque em
que tomei parte — o cerco da
cidade do Salvador pelos ho-
landeses — fui promovido a
alferes.— Quer dizer que melho-
rou de vencimentos...
— Melhorei de posto, pas-
sando a ser oficial, porém,
continuei a não receber sol-
do. A segunda invasão durou
de 1683 a 1684. Durante esse
período, não tive descanso.
Enfrentei situações desgra-
dáveis. Por exemplo, tive or-
dem de atacar a Paraíba, em
nome dos holandeses. Devia
incendiá-la tudo, para causar
prejuízo ao inimigo...— Na Paraíba, sua própria
terra!— É verdade. Foi doloro-
so... Incendiéi tudo. Incendiéi
os engenhos de minha
propriedade... Preci, só al-
cerca de quarenta mil ar-
robas de açúcar...— Melado para um exér-
cito... — observou o Rebe-
dedo.— E além disso fui ferido,
a lança, no peito...Rebedeco olhou-o com ex-
pressão de ternura. Aquele
velhinho, o maior valio da
residência contra os holan-
deses, contava suas façanhas
sem demonstrar vaidade.— Herói modesto pen-
sou o menino. O verdadeiro
tipo de herói!André Vidal de Negreiros,
aliasado devagarinho a bar-
bicha, continuou a contar:— Com a chegada do prin-
cipe Maurício de Nassau, no-
meado governador do Bra-
sil holandês, a guerra ficou
mais difícil para nós: Ele
era um grande adversário.
Veio em nosso socorro uma
numerosa esquadra, coman-
dada por dom Fernando de
Mascarenhas, conde da Tor-
re. Devia atacar, apoiada pa-
elas tropas de terra. Tive or-
dem de ficar perto do lito-
ral. Infelizmente, a esqua-
dra foi derrotada e o inimi-
go, muito poderoso, nos ataca-
ou nos campos de Ubatuba.

— O senhor se entregou?...

— Não! Resisti dia e noite,
sem comer, sem dormir. De-
pois de mil peripécias, con-
segui fugir em marcha
forçada ao rio São Francisco.
Atravessamos. E só, então,
cessou a perseguição inimi-
ga... Houve a seguir um ar-
mistício...— Um armistício é assim
como quem diz: "vamos pa-
rar de brigar um bocadinho",
não é?...— Mais ou menos...
— For que houve ar-
mistício?— Portugal, em 1686, re-
voltou-se contra o domínio
espanhol. Ora, a Holanda sóera inimiga da Espanha,
não de Portugal. Por isso,
não tinha interesse em con-
tinuar a lutar: Mas queria
conservar as regiões já con-
quistadas...

— Era muita vantagem!...

— Também me pareceu.
Não me conformei com isso.
O novo rei dom João IV,
mandou me chamar a Por-tugal. Foi. Voltei radiante.
Trazia comigo a patente de
capitão-mor e a promessa
de ser governador do Ma-
ranhão, se conseguisse pro-
mover a insurreição dos bra-
sileiros contra os invasores...— E a Insurreição Per-
nambucana! — interrompeu
o Rebedeco, lembrando-se
do nome que os livros costumam
dar a esse episódio.— É o começo da Insur-
reição Pernambucana. Eu e
meus companheiros, inicia-
mos um período de fadigas
e sacrifícios...

— Que companheiros?

— Muitos. O principal era
João Fernandes Vieira, sem
dinheiro, sem meios de lo-
comocão, tínhamos de criar
em toda parte... Em Nazaré,
em Casa Forte, no Recife, na

→ A QUARTA
PÁGINA



"Em Nazaré, em Casa Forte, no Recife, na Paraíba, nas duas batalhas de Guararapes, sempre formamos na linha de frente."

Edição de Terça-feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sockeira Cássia, 50 (Praça
Mauá) - Telefones: Escritório, 43-100; e 20-4800 - Redação e Ofi-
cinas: 43-5503. Encargado: Rua
General Chagall 318 - Telefones
43-2028

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS

Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Apúlis Fabrizzi

ANO IX - Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1942 Num. 1 242

16 PAGINAS

PREÇO — 400 REIS

Assinaturas pelo correio 50%
qualquer parte do Brasil:

ANO — 126 números .. 45000

SEMANAL — 76 números 25000

TRIMESTRAL — 36 núm-
ros

120000

Capítulo 17.º

AS BANDEIRAS

FERNÃO DIAS PAIS

LOGO que o Rebedeco saiu da casa grande do Engenho Novo de Goiânia, sentiu, outra vez, ainda mais forte, aquele chorrinho especial de mel. Muitos homens trabalhavam no engenho. Rebedeco foi-se chegando assim com um jeito de quem não quer... Fez, ficava feio. Memê sempre recomendava que não pedisse. Que um menino bem educado espera até lhe oferecerem. Mas, da menuda saia um caldo de cana tão apitoso... A tentação era muito forte. O menino che-

gou a pensar uma frase, para dizer em voz alta:

— Eu estou com uma sede de caldo de cana!

Justamente nesse momento, um preto velho passou junto dele, com uma bandeja de prata cheia de canecas de caldo de cana. Olhou para o menino e viu grosso e de vagar (você já repararam como os pretos velhos riem grosso e de vagar?)

— A benção, João. Que nome a caniquinha?

Olhou para os lados e piscou um olho:

— Pode tomar, João. Aqui tem caldo de cana que dá pra regar as prantações...

Rebedeco não esperou segundo convite. Pegou um caneco de um palmo de altura e bebeu, bebeu, bebeu, até



perder o fôlego... Matara a sede. No fundo da caneca ainda restavam algumas gotas brilhantes, redondinhas, virando de um lado para outro, conforme os movimentos da mão do menino. Pôs-se a brincar com elas, inclinando a caneca para a direita e para a esquerda. Eram tão bonitas que ele murmurou:

— Como são verdes! Parecem esmeraldas...

E estava assim distraído quando lhe veio este pensamento: onde lera a expressão "caçador de esmeraldas"? De repente, saltou uma castanheira: tinha se lembrado; "caçador de esmeraldas" era Fernão Dias Pais, o grande bandeirante. Sentiu desejo de falar com Fernão Dias. Imediatamente, tudo se transformou: uma gota de caldo de cana virou lua, o canival virou mata fechada e a asa da caneca virou facinela. Rebedeco abriu caminho com o facão. Troncos, cipós, espinhos, tudo ele ia cortando. Chegou a uma clareira, onde os raios da lua caíam obliquamente. Um homem muito alto gema, entificado na relva. For entre a barba branca ainda se destacavam alguns fios ruivos. Vestia uma roupa estranha e esfarrapada, na qual o Rebedeco logo descobriu um colete de couro.

— O colete de couro das bandeirantes! — exclamou o Rebedeco. — É este o homem que procura!

— Quem procura? — indagou o homem, com voz trêmula. — Será algum enviado de El-Rei Dom Afonso VI, ou do governador geral visconde de Barbacena? Fale! Sou Fernão Dias Pais!

— Como? O senhor se esqueceu do seu nome? O senhor se chama Fernão Dias Pais Leme.

— De muita coisa tenho me esquecido... A velhice, os sofrimentos no sertão me causaram a memória. Mas saiba que o meu nome e mesmo Fernão Dias Pais...

— E como é que o senhor chegou a esta situação?...

— Vou contar... Chegue para perto, porque não posso falar alto...

Rebedeco sentou na relva e ficou ouvindo, de queixo apoiado na mão:

— Fiz tantas viagens ao interior do Brasil que perdi a conta... Já nem me lembro quando comencei. Faltou antes da morte de meu pai, Pedro Dias Pais Leme, em 1633.

— Quantos anos o senhor tinha quando seu pai morreu?

— Eu nasci em 1608. Meus pais eram paulistas... Ah...

— Que foi? O senhor gemeu?

— O meu facão está me incomodando... Cui venhido nesta clareira e não tive forças para me levantar...

— Vou ajudá-lo...

Rebedeco ajoelhou-se o facão, descolou-lhe as botas de couro, descobrirou-

lhe da cabeça o chapéu de abas largas.

— Obrigado... Já fui poderoso e hoje dependo de uma criança...

— O senhor foi mesmo poderoso?

— Ouca. Em 1640 eu era um nome respeitado. Capitão das ordenanças da vila de São Paulo, tomei parte na defesa contra os holandeses, que então assaltaram a vila de Santos. Em 1644 entrei no sertão à frente de uma bandeira.

— Que é uma bandeira?

— Uma expedição particular, que lera na frente pelo arcaico desconhecido. Todos usam colete de couro, por causa das setas dos índios. Na frente vão os tambores e os chefes, a cavalo. Depois, os bandeirantes, a pé.

— Por que entram pelo sertão?

— Procuramos minas...

— Vale a pena?...

— Nem sempre... O perigo está em toda parte. Eu, por exemplo, quando não estava no sertão, enfrentava muitos perigos e aborrecimentos. Quando fui eleito juiz ordinário...

— Em que ano?

— Em 1651. Quando fui eleito juiz, tive sérios problemas para resolver. Questões de abastecimento da população, como a da carne e a do vinho. Reparei uma injustiça; os jesuítas tinham sido retirados do Colégio de São Paulo... Mandei que eles regressassem. Também auxiliéi no mosteiro de São Paulo. Infelizmente, deixei-me dominar pelas lutas políticas...

— Que pena! — disse o Rebedeco, que não entende de política e não tem empenho em entender.

— E... No famoso conflito entre as famílias dos Pires e Camargos...

— O senhor ficou com o partido...

— Das Fitas. Brigas mortais, só me distraí quando, em 1661, fiz uma grande jornada ao sul, na serra de Ajuacaramã. Ao voltar, três anos depois, recebi uma carta do rei...

— Do próprio rei?!

— Sim, do punho de Dom Afonso VI. Animava-me a ir descobrir esmeraldas no sertão. Obbedei. Levei muito tempo para organizar um verdadeiro exército. Gastei quatrocentos contos. Sai da minha fazenda do Caspão, em Pinheira. Vim aqui para Minas. Há sete anos que estou à procura de esmeraldas...

— Imagine! — exclamou o

—> CONCLUI NA



Rebedeco abriu o saquinho e viu apenas uns pedrinhas verdes, que lhe pareceram de pouco valor.

Edição de Terça-Feira



Escritores, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça Mauá) - Endereços: Escritores: 43-1963 e 23-4894. Redação e Oficinas: 43-1523. Encadernação: Rua General Osório, 218 - Telefones 43-2925

PLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Supplementar: Luiz Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Apollis Fabrício

A N O I X ■ Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1942 ■ Num. 1 245

16 PAGINAS

PREÇO: 400 REIS OU 40 CTS. DE CR.

Assinaturas pelo correio para quaisquer partes do Brasil:
ANO — 156 números . . . 48000
SEMESTRE — 78 números 24000
TRIMESTRE — 36 números . . . 12000

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 18.º

FORMAÇÃO DAS FRONTIZEIRAS

RAPOSO TAVARES

REBEDECO solucava alto e ao mesmo tempo se lamentava:

— Quem é que pode vir me ajudar aqui no meio destes sertões? Só mesmo um bandeirante...

Fazendo toda a força para gritar, bem alto e enganando uma lágrima salgada que lhe entrava pelo canto da boca, bradou outra vez o menino perdido na floresta:

— Socooooorrrrr!!! Bandeirantes do Brasil!!! Socooooorrrrr!!!

Quase no mesmo instante ouviu na floresta um barulho forte de galhos quebrados.

— Meu Deus! — exclamou o menino. — Dere ser uma onca! Socooooorrrrr!!!

E sem saber o que fazia, disparou a correr. Por trás dele uma voz procurava acalmá-lo:

— Não é onca nenhuma... Sou eu, o Raposo.

— Socooooorrrrr!!! — gritou ainda, a correr, o Rebedeco. — Socooooorrrrr!!! Uma raposa que fala!

— Não é raposa nenhuma... Sou eu, o Raposo Tavares.

Ofegante, o menino parou e arfocou um olharinho para a direcção de onde vinha a voz. Tranquilizou-se:

— Fuxta! Que susto! Quase nem posso falar. Mas o senhor não tem aparência de estar cansado.

— Ora, meu menino, isso foi uma corridinha só. Eu já tenho andado milhares de quilômetros e não me canso com facilidade.

— Milhares de quilômetros? Não haverá um pouquinho de exagero?

— Vou provar que não. Sente-se aqui, embaixo desta árvore.

Era uma árvore colossal, cheia de cipós, e tão grande que nem um gigante poderia abraçá-la.

— Ha muitos anos que sou sertanista — começou Raposo Tavares.

— Desculpe interromper: o senhor nasceu em Portugal, não? Notei pelo seu sotaque.

— Pois olhe, estou no Brasil há tanto tempo que já não tenho quase sotaque português. Vin para o Brasil rapadinho e o considero a minha segunda pátria.

— E por que quis ser bandeirante?

— Conheci outros que tinham enriquecido nas bandeiras.

— Como?

— Questão de sorte. A descoberta de minas dá muito dinheiro ao governo português, mas também transforma o bandeirante em rico de noite para o dia.

Alem disso, escravizando os índios...

— O senhor acha direito isso?

Raposo Tavares açiou a barba meio embaraçado:

— Você compreende... Todo mundo faz. E as bandeiras prestam serviços: vão abrindo estradas, explorando territórios, fundando vilas, combatendo feras, expulsando invasores...

— Ora, essa! Invasores?

— Sim. O bandeirante Manuel Pêco formou um verdadeiro exército, com quase mil europeus e três mil índios aliados para combater os espanhóis que tinham vindo do Paraguai, entrando...

— Até aí, muito bem...

— Na volta, trouxemos dez mil índios escravizados.

— Muito mal, seu Raposo, muito mal! Mas... o senhor disse "trouxemos"?

— E que eu fui o chefe dessa expedição.

— Logo vi... E os espanhóis?

— Recuararam... Sem protesto, sem nada!

— Os jesuítas protestaram muito.

— Que jesuítas, seu Raposo, o sr. não tinha falado antes.

— Bem... Com os espanhóis estavam os jesuítas que protestaram contra a escravização dos índios...

— Quando digo que os espanhóis recuararam, não afirmo que eles tivessem abandonado tudo. Ficaram com duas cidades fundadas por eles em território brasileiro. Organizaram uma expedição e atacaram. Venci.

— Creio que aquela terrível coisa será para sempre brasileiro. Merece chamar-se Paraná, por causa do rio que o limita.

— Nesse momento um pio de coruja interrompeu a narração do bandeirante.

— Hum! — fez ele, com cara de poucos amigos. — Isso é mau agouro...

— Ora, seu Raposo, não acredite nessas bobagens.

— Então, deixe-me continuar. Da região do rio Paraná segui para uma outra ao norte, selvagem, um verdadeiro matão grosso. Encontrei espanhóis...

— E jesuítas...

— Destruí aldeias, tomei cidades...

E' que eu não sou inimigo dos jesuítas... Prometo não interromper mais...

— Aho bom. Porque eu gosto muito de brigar... Nunca me senti bem quando exerci cargos de governo. Foi juiz ordinário e ovidor. Briguei com os jesuítas... Tiraram-me o cargo... Uma autoridade superior me deu outra vez o cargo, mas eu só queria andar pelo sertão. Organizei outra expedição.

— Muito bem — apartou o Rebedeco.

— Seguimos por mar. Desembarcamos na baía dos Touros, perto do cabo de São Roque e fomos a pé até a Baía de Todos os Santos... Comiamos mel, palmitos, cascas... Aprisionamos o governador holandês do Rio Grande...

— Deve ver, Rio Grande do Norte — pensou Rebedeco.

— Tomamos a vila de Goiânia, em Pernambuco...

— Conheço! — exclamou o Rebedeco.

— Derrotamos o coronel Picard, que morreu numa plantação. Evitando lutas com...

— E' um bom nome... Quando eu estava lá, soube

que os holandeses tinham invadido o norte do Brasil. Não tive dúvida. Organizei outra expedição.

— Muito bem — apartou o Rebedeco.

— Seguimos por mar. Desembarcamos na baía dos Touros, perto do cabo de São Roque e fomos a pé até a Baía de Todos os Santos... Comiamos mel, palmitos, cascas... Aprisionamos o governador holandês do Rio Grande...

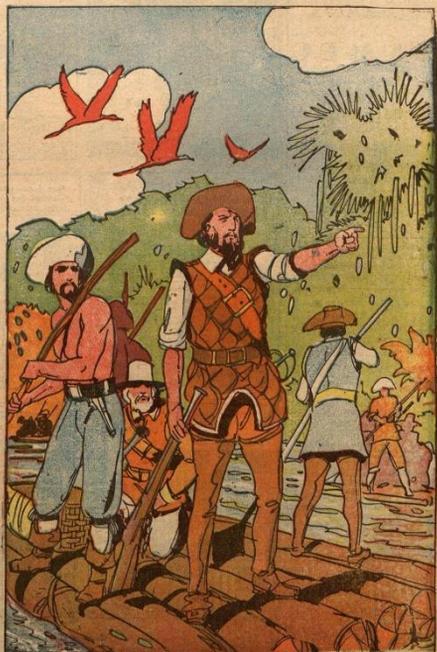
— Deve ver, Rio Grande do Norte — pensou Rebedeco.

— Tomamos a vila de Goiânia, em Pernambuco...

— Conheço! — exclamou o Rebedeco.

— Derrotamos o coronel Picard, que morreu numa plantação. Evitando lutas com...

— E' um bom nome... Quando eu estava lá, soube



... camos num rio imenso que levamos onze meses para descer em jangadas

Edição de Terça-feira



EMPRESA: Andrade e Oliveira
Rua Oscar Niemeyer, 54 (Praça
Muller) - Lituânia - Escritório:
45-1100 e 45-1105. Redação e Cir-
culos: 43-3352. Encadernação: Rua
General Canabarro, 218 - Telefone
43-2026.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Apúlio Fabrício

ANO IX • Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1942 Num. 1248

16 PAGINAS

PREÇO: 400 REIS OU
40 CTS. DE CR \$

Assinatura pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO - 126 números .. 48000
SEMESTRE - 63 números 25000
TRIMESTRE - 32 número-
res

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 19.
LUTAS NO NORTE
(Maranhão)
TOMAS BECKMAN
(Requimão)

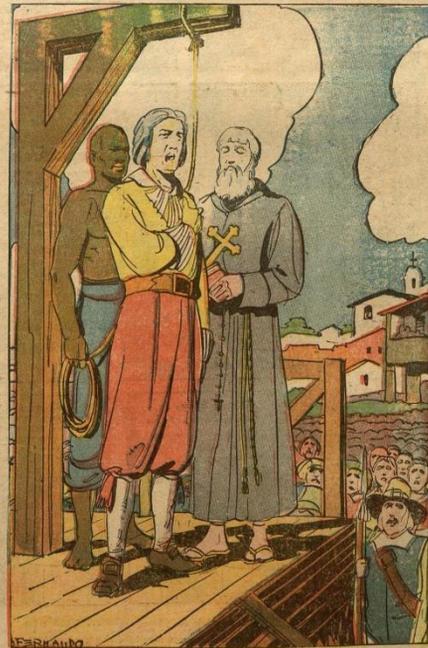
REBEDCO olhou com hor-
ror para o enforcado, que
ainda estremeia, nas últi-
mas instantes de vida. Quis
fugir daquele espetáculo.
Seu coração, às tentas, mas
logo se espichou no chão,
trapezando num homem, que,
inerte, contemplava o en-
forcado — parecia inerte! —
quase com expressão de
prazer. Rebedco sentiu-
se no chão. Seus joelhos, ar-
ranhados e sujos de terra,
dormiam de fazer medo. O ho-
mem silencioso abaixou-se,
botou Rebedco no chão e le-
vou-o assim para longe do
engenho. A expressão do ro-
sto do homem passara a ser
cruel, — paternal. Sur-
preso com a mudança, Re-
bedco disse com sincerida-
de o que estava pensando:
— O senhor é um homem
exquisite!
— Por quê, menino?
— Porque agora me presta
auxílio e parece ter bom es-
tado. Mas ainda há pou-
co, seu pai me lembrava...
— Sabe como era o nome
daquele suicida?
— Rebedco negou, com a ca-
beça.
— Chamava-se Lázaro de
Melo. Meu irmão morreu por
causa dele. Eu também sofri
muito.
— Quem é o senhor?
— Sou Tomas Beckman.
— Que nome estranho!
— Meu pai era alemão e
minha mãe, portuguesa. Aqui
me chamavam de Requimão...
— É o seu irmão que mor-
reu?
— Chamava-se Manuel
Beckman.
— O que foi que houve
com ele?
— Cheiou uma revolução...
— Mas o senhor não disse
que ele morreu por causa
desse infeliz que acaba de se
enforçar?
— Vou lhe contar tudo.
Em 1682, o governo portu-
guês criou a Companhia de
Comércio do Maranhão. Só
essa Companhia poderia
comprar e vender coisas pe-
ra o estrangeiro durante
vinte anos. Entre as coisas
que ela podia mandar bus-
car no estrangeiro estavam
os escravos africanos.
— Que absurdo! Os atri-
cianos não são "coisas"! São
homens como nós!
— Isso não me interessa...
O fato é que a Companhia
devia introduzir no Mara-
nhão, anualmente, quinze-
tos escravos africanos, a cem

mil reis cada um. Em vez de
se contentar com esse preço
a Companhia começou a
vender muito caro...
— Por que compravam?
— Porque era preciso...
— Por que era preciso?
— Você, que é tão curioso,
pode me permitir uma curio-
sidade? Seu joelho está me-
lhor? — Está, não é? Pois, en-
tão, vamos tratar de descer
do céu... Assim. E agora di-
za-me uma coisa: você não
estava gostando do céu?
— Ora se estava!
— Pois os outros também
não assim... Podem encon-
trar quem faça força para
eles, gastam... Compreen-
dem?
— Mais ou menos. Compre-
endi que o senhor não é
nada bobo...
— Sou poeta, advogado e
jornalista...
— Ah! Mas o senhor não
me reparava porque motivo
compravam os africanos por
tanto dinheiro...
— Ora! Os jesuítas não
queriam que nós escraviza-
ssemos os índios... Eles con-
seguravam que os índios fos-
sem declarados livres...
— Ah!
— Que história é essa de
"oh!" a toda hora?
— Eu não disse "oh!" di-
se "ah!" porque o joelho ca-
ta-me dorrendo...
— Você também não é na-
da bobo... Mas para o céu é
que não volta. Deixe-me con-
tinuar, senão você não sa-
berá a causa do suicídio de
Lázaro de Melo. Tudo ficou
muito caro, depois da tal
companhia. Um dia um sacerdote disse,
no púlpito, que o renfio
para a crise estava nas mãos
do povo... Nós entendemos
que aquilo era um conselho
para a revolta...
— Nós, quem?
— Eu e meu irmão mais
velho, o Manuel. Ele tinha
um engenho em Marim,
onde protegia um alibadi,
que se chamava... Lázaro de
Melo...
— Ah!
— Estávamos no mês de
fevereiro de 1684, ia chegar
um dia santo, a sexta-feira
de Passos. O povo sempre se
reúne, nos dias santos, por
causa da precisão. Resolve-
mos aproveitar a reunião pa-
ra fazer uma revolta. O po-
vo aderiu. Pedrimos as au-
toridades. Acabamos com a
Companhia de Comércio do
Maranhão. Expulsamos os je-
suítas. Meu irmão formou
um governo em que entra-
vam representantes dos pa-
dres, dos nobres e do povo.
Ele dirigia tudo. Mas era um
povoço secreto...

— De um exemplo...
— Não queria lutar. Pro-
biu que as mulheres usas-
sem seda...
— Pra que ele foi mexer
com as mulheres?
— Eu já disse que ele era
rigoroso... Muitos homens
também ficaram descen-
tados e foram abandonando a
revolução. Quando se soube
que ia chegar um novo go-
vernador, com tropas, man-

dado pelo rei, ninguém ficou
ao nosso lado, para nos de-
fender...
— Chi!
— O novo governador, Ge-
nês Freire de Andrade, era
jeitoso. Chamou novamente
os jesuítas, restabeleceu a
Companhia do Comércio e
processou meu irmão, que li-
nhia fugido. Prometeu nos-
mos em dinheiro a quem
disse onde ele estava es-
condido. Foi, então, que...
— Compreendo... Lázaro de
Melo, afligido, sabia onde
ele estava...
— Denunciou para receber
o prêmio...
— Infelizmente, é isso
mesmo. Meu irmão foi en-
forcado e decapitado. Antes
de morrer, ainda disse ao
povo: — "Pelo Maranhão
dos zafreiros a vida!"

— Vejo que ele era um ho-
mem de coragem...
— Um amigo de meu ir-
mão, Jorge de Sampaio,
também sofreu o suplicio.
Imagine que ele tinha nove
de setenta anos e sustenta-
va numerosa família...
— Mesmo assim foi con-
denado?
— Acharam que ele era
muito esperto... Sabe como
Jorge de Sampaio mandava
aos revoltosos as ordens de
mora imediata? Deitou de que-
ijos, que ele fabricava em
sua fazenda e enviava de
presente...
— Quanto ao Lázaro...
— Desprezado por todos,
começou outro crime, saí-
do de presente...
CONCLUSÃO
T. A. G. I.



"Pelo Maranhão dou satisfeito a vida!"

Edição de Terça-Feira

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Secundária Central, 42 (Praça
Mauá) Telefones: Escritórios:
40-1905 e 22-4100 Redação e Ofi-
cinas: 40-5009. Encargado: Rua
General Claudel, 118 Telefones
42-2298

Capítulo 20

PALMARES.

DOMINGOS JORGE VELHO

REBEDECO estava no meio de um campo de batalha. De alto de um morro, todo defendido por cercas de palmeira, centenas de homens silênciosos defendiam. Na planície, estendi-se um exército. Rebedeco viu soldados e mais soldados. Calculou uns seis mil — e calculou muito certo. À frente do exército, um homem extraordinário animava os soldados no ataque. Era alto, robusto, e possuía umas costas tão largas que para entrar nas portas precisava se virar de lado. Sua barba, já

grisalha, tinha um feição engraçado mesmo: parecia um rabo de peixe. Vestia-se como um handertraste. Isso animou o menino a ir falar com ele.

— Olá, seu homenzão grandão! — herrou o Rebedeco, finalmente quando o exército dava uma descarga contra o morro.

Sua voz foi abafada pela descarga. Decidido a falar com o homem de barba engraçada, Rebedeco levantou o braço e gritou outra vez: — Olá! — Mas não teve tempo de acabar. O homem já o vira e ao mesmo tempo gritava, com uma voz que soava como um trovão: — Abaixa-se, menino maluco! —

A intuição do perigo fez o



Rebedeco se abaixar com rapidez. E logo caiu junto dele um pedaço de tronco queimado, metade carvão, metade brasa. Se acertasse na cabeça — era uma vez o Rebedeco. O homem correu para junto do menino, apañou-o pelos pés como se fosse um frango, abrigou-se rapidamente atrás de uma

grande pedra e lhe disse com a voz de trovão:

— Você merecia umas boas palmadas! Quem mandou vir aqui!

Rebedeco, de cabeça para baixo, suplicou:

— Primeiro me ponha no chão e eu sou tido que nasci. —

E quando o homem lhe soltou os pés, ergueu-se na posição natural do corpo, dizendo com perfeita sinceridade:

— A levar palmadas de mão como a sua, prefiro ficar lá no meio do combate.

O homem deu uma gargalhada tremida. Era um riso alto, muito alto, mais alto que a descarga novamente disparada pelos soldados.

— Palavra de Domingos Jorge Velho — disse ele ao menino. — Você agora teve graça! Só por isso não levarei as palmadas que mereço.

— Obrigado e prazer em conhecê-lo — respondeu o menino. — Mas, se o senhor é Domingos Jorge Velho, o seu nome não me é desconhecido. Papere, o senhor está atacando os Palmares!

— E você não sabia? Não via as palmeiras? Estamos na serra da Barriga. Aquela porção, com o nome de Palmares, tem umas mil e quinhentas casas de palha, bem defendidas por cercas. De lá da cima eles nos atiram brasa, água fervendo, pedras.

— Ah! — interrompeu o Rebedeco. Agora compreendo. Eles não tem armas?

— Tem, mas não chegam para nos enfrentar, porque desta vez somos muitos. E as armas deles... são nossas.

— Como pode ser isso? —

— Eles assaltam de noite as fazendas e roubam armas. Também roubam mulheres, alimentos.

— Por que vieram morar aqui nos Palmares?

— Quando os holandeses invadiram o Brasil, os escravos africanos começaram a fugir das fazendas. Não podiam haver vigilância, porque os homens brancos iam quase todos para a guerra. Pouco a pouco, os escravos foram se reunindo, escolheram lugar e cheios de desfiladeiros e montanhas.

— Para poderem se defender, num caso de ataque, não é?

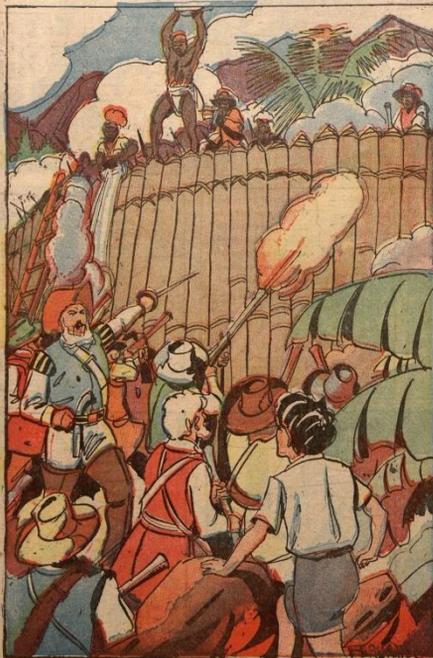
— Isso mesmo.

— Se eles fossem muito igorantes, não saberiam prever tão bem o futuro.

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cta; (400 REIS)

Anúncios pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 106 números — CR\$ 45,00
SEMESTRE — 78 números — CR\$ 35,00
TRIMESTRE — 39 números — CR\$ 13,00



À frente do exército, um homem extraordinário animava os soldados

Nesse momento, chama-
—> CONCLUI-SE A 14ª PAGINA

Edição de Terça-Feira

Redacção, Edificação e Oficinas:
Rua Conselheiro Lavradio, 43 - Friburgo
Mauá. Telefones: 81.011-11 e 81.011-12
43-1111 e 43-1112. Edificação e Oficinas:
Rua Demétrio de Albuquerque, 118 - Botafogo
43-3928

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizon * Gerente: Apollis Fabrício

ANO IX • Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1942 • Num. 1257

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 106 números, CR\$ 45,00
SEMESTRE — 53 números, CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 26 números, CR\$ 13,00



Capítulo 21.
MASCATES
BERNARDES VIEIRA DE MELO

REBEDECO não se espantou com a presença inesperada de Bernardo Vieira de Melo, porque já estava se habituando a presenciar coisas extraordinárias. Mas ficou intrigado com uma particularidade. Bernardo Vieira era um velho, de barba branca e cabelo comprido. Vestia uma camisa ordinária, aberta no peito. Nos pulsos e nos pés — grossas alfinetes de ferro.

— Como o senhor está diferente do que eu imaginei! — exclamou o menino.

— Bernardo não respondeu. Baixou a cabeça. Sem expressão de desânimo. Com raiva.

— Eu pensei — continuou o Rebedeco — que o senhor fosse o chefe dos fidalgos de Olinda.

— E sou? — disse Bernardo, em voz surda.

— Como? Um fidalgo, um aristocrata, com essa camisa? E ainda por cima, algemado?

— Estão presos.

— Ah! Alguma o senhor fez.

— Tenho muito orgulho nisso!

— Fale eu queria saber a que foi — confessou o Rebedeco, sentando-se num monte de palha. Só então, reparou que estava numa prisão, cercada por grades.

— Escute, menino. Eu sou de Olinda. Tenho boas fazendas e muitos amigos. Foi chefe do terço do Palmares e sargento-mor.

— O mesmo que cocotê — pensou o Rebedeco.

— Eu estava zangado com os portugueses, porque eles atacavam Olinda meio abandonada. Em 1630 houve uma invasão no Brasil.

— Já sei. Invasão dos holandeses. Olinda foi incendiada em 1631.

— É isso mesmo. Infelizmente.

— A nova cidade, construída depois do incêndio, não tem a beleza nem o brilho da outra. Já nasceu decadente. Não, os aristocratas, naturalmente nos sentimos tristes com isso.

— Por que não se mudam para Recife?

— Recife é uma simples vila, menos importante que Olinda. Além disso — que população diferente da nossa!

— Diferente!

— Sim, uma população de emigrantes, que vive no hábito de pensar em almas de vinho. Não passam de

mascates... E todos portugueses...
— Que tem isso? — Não gosto muito dessa gente... Ainda fiquei gostando menos quando eles quiseram elevar Recife ao mesmo plano de Olinda.

— Não compreendo... Olinda era cidade. Recife ficava dentro do seu município e portanto devia ser dirigida pelas autoridades olindenses. Pois não é que os recifenses, só porque enriqueceram a fazer negócios, podiam a elevação de Recife à categoria de cidade?...
— Como assim?

— Tanto teimaram que, em 1719, veio a ordem de Portugal. O governador de Pernambuco, Sebastião de Castro e Caldas, mandou levantar de noite o pelourinho.

— Não compreende de novo... Pelourinho é uma espécie de poste de pedra onde são coladas as ordens de governo e castigos os criminosos. Fica no centro da praça principal.

— Por que o governador mandou fazer isso de noite?

— Para evitar que nos assistissemos. De manhã, o Senado de Olinda foi protestar. Mas o governador, que era português, prendeu os olindenses que protestaram.

— Chi! Quando ouço contar essas coisas, já sei que vai haver barulho.

— Foi proibido o uso de armas. Outros olindenses receberam ordem de prisão. Então, houve um atentado contra o governador. Quando ele passava, deram-lhe um tiro. Ferido, o governador mandou prender muitos inimigos. Um deles estava em pé, dom Manuel Álvares da Costa, quando chegaram os soldados. O bispo exigiu respeito a uma pessoa em sua companhia. Resultado: discussão, tiro, duelo. Os soldados pereram.

— Sem querer, estou começando a torcer pelos olindenses.

— Olinda inteira ficou a favor do bispo. Recife foi favor do bispo. Recife foi favor do bispo. Mesmo ferido, o governador fugiu para a Baía, com outros portugueses e mercaderes. Os olindenses destruíram o pelourinho e constaram o governo ao bispo.

— Até agora não descobri o motivo da sua prisão.

— Já descobri... Houve uma grande assembleia, presentes o Senado e a nobreza de Olinda. Eu fiz um discurso.

— Faca de novo!

— Foi mais ou menos assim (Bernardo pigarreou, le-

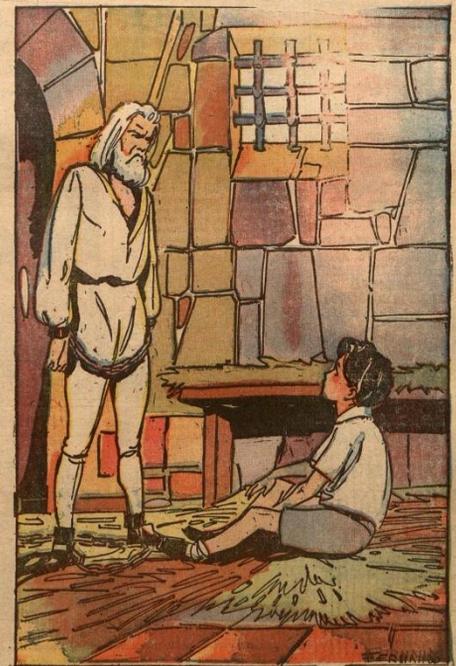
acabamos de passar! Na invasão holandesa os brasileiros lutaram e venceram soldados, seu auxílio de Portugal! Se o plano falhar, fortificaremos o reduto dos Palmares. Será uma vida de lutas, mas tudo é preferível à covardia!

— Bravos! — gritou o Rebedeco, batendo palmas.

— Todos me aplaudiram assim... Mas, na hora de votar, só oito concordaram com a minha idéia. Entregue-se o governo ao bispo. Ficou combinado, que se o novo governador quisesse nos castigar, seria proclamada a república em Pernambuco! O nosso governo será semelhante ao da Holanda ou ao de Veneza. Só assim ficaremos livres de perigos como esses por que

perdi. Eu trouxe a minha gente dos Palmares e entrei no Recife. Estes, sabendo que iam ser presos, chefiaram um grupo de exaltados. Apareceram portugueses às centenas... Avistaram-me. O bispo, vendo que não podia manter a ordem, fugiu. Abandonado o governo, cobremos, então, uma verdadeira... entre Olinda e Recife.

— Parece... Os homens da minha escolta tiveram uma briga com soldados portugueses do Recife. Estes, sabendo que iam ser presos, chefiaram um grupo de exaltados. Apareceram portugueses às centenas... Avistaram-me. O bispo, vendo que não podia manter a ordem, fugiu. Abandonado o governo, cobremos, então, uma verdadeira... entre Olinda e Recife.



— Pois eu queria saber a que foi — confessou o Rebedeco, sentando-se num monte de palha.

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 40 (Praça
Mina) - Telefone: Escritórios,
42-1465 e 42-1466. Redação e Ofi-
cinas: 42-1502. Encargado: Rua
Oceano, 44-100. 418. Telefone
42-3296

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Azeite * Gerente: Apúlis Fabrício

A N O I X * Rio de Janeiro, 24 de Novembro de 1942 Num. 1 260

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio dorã
qualquer parte do Brasil:

ANO — 126 números . . . CR\$ 45,00
SEMESTRAL — 78 nú-
meros . . . CR\$ 25,00
TRIMESTRAL — 36 nú-
meros . . . CR\$ 13,00

Capítulo 22.
EMBOABAS
ANTONIO DE ALBUQUER-
QUE COELHO DE
CARVALHO

CONTECE cada coisa en-
gracada em sonho! Tudo
continuava como antes; ofi-
ciais dando ordens, soldados
andando para lá e para cá.
Somente o lugar era outro.
Estavam agora numa mon-
tanha. Em vez de calor, fa-
zia um friozinho suave e
fresco.

— Onde vão vocês? — in-
terrogou o menino ao primeiro
soldado que encontrou.
— Vamos ao Rio de Janeiro
para repelir uma invasão.
— Quem é o chefe, aqui?
— É o senhor governador

Antônio de Albuquerque
Coelho de Carvalho.
— Lá está ele, a cavalo...
— Obrigado, meu patriótico!
E o Rebedeco, enquanto
caminhava ao encontro do
governador, ia pensando:
— Que nome comprido!
Comprido e engraçado: coe-
lho é um "bicho", carvalho é
uma árvore... Acho que já
ouvi falar nesse nome...
Logo que chegou junto ao
governador, o Rebedeco es-
tendeu-lhe a mão. O carva-
lho se abalou para apri-
tá-la. E o menino lhe disse,
antes mesmo de dar bom
dia:
— Onde foi que eu já li o
seu nome?
— Com certeza foi a propo-
sição da luta contra os em-
boabas.
Rebedeco retirou a mão



que o governador apertava, e
solto uma castiçalhada:
— Isso mesmo! Mas não
me lembro bem da guerra
dos emboabas...
— Se você quiser...
— Eu ainda não disse o
que era!...
— Mas eu já sei: o senhor
vai se oferecer para contar
essa história...

— Realmente... Você é um
menino esperto. Vou contar
o episódio dos emboabas. Foi
eu quem acabou com essa
guerra...
— O senhor acha que me-
rece o nome de guerra?
— Guerra, e das Mores.
Guerra civil...
— Ora essa! Pensei que to-
da guerra fosse militar...
— Chama-se guerra civil
à luta que não é travada en-
tre dois exércitos, mas entre
pessoas do mesmo povo. Do
mesmo país...
— Que dizer que foi tudo
aquí no Brasil...
— Sim. De um lado estia-
vam os paulistas, do outro os
portugueses...
— Por que motivo eles qui-
seram brigar?
— Por muitos motivos...
Aqui entre nós que ninga-
m nos ouca, o governador se
aboiou outra vez, para fa-
lar mais perto de Rebedeco:
os brasileiros já não são lá
muito amigos do governo
português... Foram desobedi-
tas, m'inas. Os paulistas
acham que as m'inas são
deles, porque estão no Brasil.
Os portugueses querem ser
donos das m'inas, porque o
Brasil é colônia de Portugal...
— Que espécie de m'inas?
— Você pode raciocinar
sem eu dizer...
— Bem, pelo meu gosto
seriam de chocolate ou fon-
tes de guaraná...
Antônio de Albuquerque
Coelho de Carvalho estava
atendendo a um oficial, que
viera lhe pedir ordens. Vol-
tando à conversa, perguntou:
— Onde é que nós esta-
vamos?
— Nas m'inas...
— Ah! Sim, m'inas de ou-
ro, de diamantes, etc. Os
paulistas tratavam os portu-
gueses com desprezo. Consi-
deravam chamá-los "emboaba-
s". Um chefe português,
Manuel Nunes Viana, homem
rio e poderoso, resolveu at-
mar os seus patriotas...
— Fronte! — interrompeu
o Rebedeco... — Já sei que vai
haver barulho...
— Houve pequenos con-
flitos. Os paulistas também se
armaram. Um dia, alguns in-
dianos, escravos de um panis-
ta, mataram um português,
patriota das margens do rio das
Mores. Por causa disso,
houve uma verdadeira barba-
ria. Os emboabas estavam
apanhando, mas chegou um
reforço...
— Ora!...
— De mil homens. Os pau-
listas, cercados, renderam-
se com a condição de não
haver mais mortes. Mas os
emboabas, assim que os vi-
ram desarmados, começa-
ram a matá-los, a golpes de
espada...
— Que traição!...

— Você disse muito bem...
O local onde isso se passou
ficou conhecido pelo nome
de Capão da Traição...
— Morreram todos os pau-
listas?
— Quase todos. Alguns es-
caparam, atravessando a pa-
deira do rio das Mores. O che-
fe emboaba, Manuel Nunes
Viana, tomou o título de go-
vernador das m'inas. Ora, o
governador do Rio de Janeiro
tinha o dever de dirigir
também as m'inas. Faria-se
encontro de Nunes Viana...
— Já sei... O emboaba se
rendeu...
— Nada disso... Ele era
forte e orgulhoso. O gover-
nador do Rio, chamado dom
Fernando Martins Mascare-
nas de Leocastre...
— Esses nomes compridos...
— Inspiro o Rebedeco —
como dia trabalho para m-
gente decorar!...
Antônio de Albuquerque
riu e respondeu:
— Todos os fidalgos têm
nomes compridos... O gover-
nador do Rio compareceu ar-
mado, à frente de tropas. O
chefe emboaba não gostou,
limitou-se a voltar. Dom
Fernando viu as coisas mal
paradas e voltou mesmo, sem
tomar satisfações ao honra-
rio, que, sem ordem do rei, que-
ria ser governador das m'inas...
— Como era poderoso esse
seu? Nunes Viana...
— Era poderoso, mas, com
jeito, tudo se conseguiu. Eu
fui nomeado governador do
Rio de Janeiro. Dom Fernan-
do foi descansar...
— Era melhor...
— Em vez de procurar o
chefe dos emboabas à frente
de um exército, segui quise
só, desarmado. Como amigo,
Manuel Nunes Viana caiu
como um patinho. Disse que,
a mim, não tinha dúvidas
em obedecer...
— Sim senhor! Venha sem
luta, com... com... tenho a pa-
lavra aqui na ponta da lin-
gua... é uma palavra pareci-
da com... com digno...
— Venha com diplomacia...
— Isso! E assim acabou a
guerra, não é?
— Ainda não. Os paulis-
tas tinham voltado para suas
casas. Mas as mulheres pau-
listas mostraram, então, uma
energia esombria, muito
rara na história do mundo
inteiro...
— Disse logo...
— Censuraram os homens
que voltaram para casa, sem
trazer a notícia da vitória. E
novo. Arrastassem reforços.
Lutassem outra vez. Antes
disso, não seriam recebidos
em suas lares...
CONCLUI NA
2.ª PAGINA



Voltaram à luta...

Uma nova invasão francesa foi abordada no vigésimo-terceiro capítulo, em contato com Francisco de Castro Morais⁵⁴. O produto que viria a constituir o astro-rei da economia brasileira tornou-se o tema de mais dois segmentos, com a introdução do café no norte, tendo por protagonista Francisco de Melo Palheta⁵⁵; e no sul, com José Joaquim Mascarenhas Castelo Branco⁵⁶. Um outro movimento nativista ocupou a seção, com a Revolta de 1720, trazendo Felipe dos Santos⁵⁷ e a Inconfidência Mineira, com Tiradentes⁵⁸. No número seguinte, o destaque foi para um episódio pitoresco, com “os precursores da aeronáutica”, trazendo Bartolomeu de Gusmão⁵⁹. Encerrada a época colonial, o tópico sobre o período joanino trouxe o próprio D. João, na abordagem do “Primeiro rei”⁶⁰. O próximo tópico foi a Revolução Pernambucana de 1817, que contou com a participação do Padre Roma⁶¹. Na continuidade, foi enfatizado o processo de emancipação política, com “os precursores da independência”, em entrevista com Joaquim Gonçalves Ledo⁶², para vir a ocorrer a concretização da independência, com D. Pedro I⁶³.

⁵⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º dez. 1942.

⁵⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 8 dez. 1942.

⁵⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 15 dez. 1942.

⁵⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 22 dez. 1942.

⁵⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 22 dez. 1942.

⁵⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 5 jan. 1943.

⁶⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 12 jan. 1943.

⁶¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 19 jan. 1943.

⁶² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 26 jan. 1943.

⁶³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 2 fev. 1943.

Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Apúlis Fabrício

ANO IX • Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1942 • Num. 1263

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cda
(400 REIS)

Editorial, Redação e Officinas:
Rua Casca de Caramelo, 45 (Praça
Mauá) — Telefone: Escritórios:
45-1905 e 45-1906 — Redação e Ofi-
cinas: 54-5502 — Endereços: Rua
General Canabelli 318 Telefone
45-2929

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 106 números . CR\$ 45,00
SEMESTRE — 53 nu-
méros CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 30 nu-
méros CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 23.^o
INVASÕES DE DUCLEUC E
DUGUAY TROUC
FRANCISCO DE CASTRO
MORAIS

REBEDCO ficou algum tempo sem saber o que fazer. Ainda não tinha desenhado a nuvem de pólvora que levantaria o cavalo do governador de S. Paulo e Minas. O emissário, que tinha importante, entregou um rolo de papel ao governador e logo virou a rédea, para regressar. Rebedco gritou, de longe: — Moro, me leva na garupa? — Não posso, menino. Tenho pressa. — Mas eu não quero atrapalhar, quero acompanhá-lo. E estendeu para junto do emissário, pulou na garupa do cavalo, com a agilidade de uma macaquinho. — Então, segure-se bem! Enquanto galopavam, Rebedco, sentindo a empuñada de uma nova aventura, perguntou ao emissário: — Onde é que o senhor vai com tanta pressa? — Vou me encontrar com o governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Moraes. Ele está em Iguaçu... — Por que saiu do Rio de Janeiro? — A cidade foi invadida pelos franceses... — Isso é mais uma razão para ele estar lá! — Devia ser... Mas o governador Francisco de Castro Moraes se rendeu aos franceses. Foi esse recado que eu vim trazer ao governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que trouxe de longe seis mil homens para expulsar o invasor. Ele ficou muito triste com a rendição do seu colega do Rio de Janeiro... — Não é para menos... Virar tão longe e não poder lutar! Rio tem que respeitar a palavra do "sen" Francisco! — Mas esse Francisco não vale nada. Treme o cavallinho e diz que desafiou ao governador do Rio... — Não na minha presença... E o emissário tocou o anel e depois chegaram ao pé do governador Francisco de Castro Moraes. Rebedco saltou da garupa e dirigindo-se ao homem alto e de olhos em pé, numa atitude de censura, gritou: — Não, não, não! — "Sen" Francisco, o senhor é um covarde!... Que expressão de desgo-

apareceu no rosto do homem! Ele pegou a mão do Rebedco, apertou-a apaixonadamente e exclamou: — Pelo amor de Deus, meu filho, não me faça tamanha injustiça!... Rebedco sentiu um nó na garganta. Compreendeu que tinha sido estúpido e desesperado. Aquela palavra, vencido, abandonado, não possuía um amigo perto dele na hora da desgraça. — Perdoe-me, murmurei o menino. Mas não posso entender a sua rendição... — Entã, então, se me quiser ouvir... — Não estou aqui para outra coisa... — Você contou tudo. Os franceses foram vencidos na primeira invasão... — Como? Então, esta já é a segunda? — É. A primeira foi no ano passado... — Quer dizer?... — Em 1710... — Por que motivo os franceses invadiram o Rio? — Complicação lá na Europa. Um neto do rei Luís XIV, de França, herdou o trono da Espanha, pois morreu de um rei espanhol, que não tinha descendentes. Alguns países acharam que o neto de Luís XIV não tinha direito ao trono da Espanha. Portugal a princípio aceitou o príncipe francês, mas depois o combate. Então, Luís XIV, para se vingar, mandou invadir o Brasil. Comandou a expedição um jovem, João Francisco Duclerc... — Quem era esse homem? — Nasceu numa colônia francesa na América, em Guadalupe. Já tinha sido administrador de uma cidade em Haiti, Coreião, não? — E o senhor, tinha forças para enfrentá-lo? — Qual nada! Portugal não me mandou reforços. Duclerc veio em seis embarcações, com mil e cem homens. Eu só tinha algumas fortalezas... — Qual?... — Santa Cruz, Willegagnon, São João, Lago, São Tiago, Boa Viagem, Praia Vermelha, São Sebastião, Santa Luzia e São Januário. A fortaleza de Santa Cruz abriu fogo contra Duclerc e impediu a sua entrada na baía. Ele, então, foi desbaratar em Guaratiba. Fez sua tropa marchar a pé, pelo meio do mar... — Ele sabia o caminho? — Pagou a um preto, para lhe servir de guia. Eu jurei os meus poucos soldados e fiquei esperando o ataque. Mas Duclerc veio por outro caminho... — Ah!... — Talvez tenha sido um erro... Quando o invasor chegou às ruas da cidade, en-

controu paisanos armados. Na maior parte, estudantes... — Que surpresa! — Frei Francisco de Moraes e o capitão Bento da Antral Coimbra praticaram muitos atos de bravura. O povo jogava pedras, garrafas, águas fervendo em cima dos franceses. Mesmo assim, eles avançaram até perto do mar, onde havia um trapiche de desgraça... — Meu irmão, Gregório de

Castro Moraes, foi ferido e morto... — O senhor não o socorreu? — Bem... Eu estava entristecido no meu lugar. Mas os franceses tomaram um caminho diferente... — E depois... — Duclerc entrou numa casa muito grande, um trapiche, para se defender. Quando se, porque os defensores da cidade queriam por fogo na casa. Apresionado, jurou que não tentaria fugir. Deixou morrer numa casa do centro da cidade, mas... mezes depois ele foi assassinado... — Está aí uma coisa que eu não gostei de saber... — Muito menos eu. Duclerc era meu prisioneiro. Devia morrer repellido. Não conseguia descobrir quem o matou.

Parece que foi uma questão particular... não sei bem... — O rei de França com certeza ficou furioso com essa derrota... — Se ficou! Mandou outra expedição com dezesseis navios e mais de cinco mil homens... — Minha Nossa Senhora! — exclamou o Rebedco, sem reparar que, dizendo "Minha", não podia dizer "Nossa"... — Calcule que essa esquadra possuía setecentos e quarenta e dois canhões e era comandada pelo famoso almirante Renato Duguay Trouin! — E o senhor, continuava só com as fortalezas?... — Não. Tinha recebido um

CONCLUIRE
12.ª PAGINA



Uma bomba francesa fez explodir o paiol da Fortaleza de Willegagnon

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CRS 0.40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 42 (Praça
Mauá) - LITONIAS - EDITORAIS:
43-1903 e 23-8100 - Redação e Ofi-
cinas: 43-5324 - TELEFONADO: Rua
General Canabarro, 114 - LITONIAS
43-2928

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÃO INFANTIL

Supervisores: LUIS CARLOS DA COSTA NETO

Directores: Adolfo Assun - Gerentes: Appas Fabris

A NO IX - Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1942 - Num. 1266

ASSINATURA pelo outro lado
qualquer parte do Brasil.
ANO - 136 números - CRS 45,00
SEMANAIS - 52 números - CRS 25,00
TRIMESTRE - 36 números - CRS 13,00

Capítulo 21.

O CAFÉ É TRAZIDO PARA
O NORTE DO BRASIL

FRANCISCO DE MELO
PALHETA

TINHA razão o Rebedeco em querer saber alguma coisa sobre o café. O Brasil é o maior exportador de café. No mundo inteiro não há outro país que produza tanto café como nós. Quase todo o dinheiro que o Brasil tem é ganho com a venda do café. Ora, quando os portugueses começaram a colonizar o Brasil já encontraram o fumo, o milho, a mandioca e outros vegetais; mas não encontraram o café. Quem o trouxe? Quando? Se

o professor fizesse essas perguntas ao Rebedeco, ele não saberia responder. O livro não dizia uma palavra a respeito. Como resolver o problema? Rebedeco foi caminhando pela calçada, à-toa; sim, porque agora se encontrava numa rua moderna, asfaltada e cheia de luzes (não se esqueçam de que ele estava sonhando). Viu um boticim na esquina e entrou-minhou-se para lá. Pediu um cafézinho. O emprega-do, um preto gordo e alentejo, perguntou:

— Sempre ou com leite?
— Rebedeco, abstraido com o problema histórico, não respondeu. Quando a gente não responde, é o botim na chitarra só café. Foi o que fez o empregado. Empurrou o aque-

rebedeco para junto do mendon e la sair, para servir outro freguês, quando o Rebedeco lhe perguntou:
— Como é o seu nome?
— Bastião Riadinho...
— Por que Riadinho?
— Eu tô sempre rindo...
— Pois diga, "sen" Riadinho, você sabe quem foi que trouxe para o Brasil o primeiro pé de café?

Bástião deu uma gargalhada, mostrando os dentes brancos como picopás:
— Patrãozinho lá maluco? Nem carcere arresponde que eu não sei...
— Rebedeco, desanimado, olhou para o dono da casa, que era português, lhe repetiu a pergunta. Mas o homem respondeu, arrevalando os olhos com espanto:
— O meu rico mimino, há fazeri a pergunta ao seu professori, que em cá não sei.

— Conte, que eu quero saber...
— Para você entender bem, tenha em conta umas coisas antigas...
— Conte tudo, indinho...
— Foi soldado no Maranhão...
— O senhor é maranhense...
— Paracense, filho de português. Recchi várias promessas. Cheguei a sargente-mor...
— Mais ou menos o invenço que maior — pensou o Rebedeco...
— Tomei parte em expedições pelo sertão de Antares... Conhecia bem a região. Cheguei a chegar às montanhas no rio Madeira. Em 1327 tive ordem de ir à Guiana Francesa, para arranjar um accordo sobre os limites. Os franceses às vezes entravam em nossas terras...
— Já havia Guiana nessa época?

— Os franceses tomaram a Guiana aos espanhóis em 1563. Pediram para os holandeses, mas em 1575 retomaram definitivamente. Na minha expedição, levei navios e soldados. O governador francês, Claude d'Orville, nos recebeu como amigos. Mas, antes da minha chegada, teve o cuidado de baixar uma ordem proibindo que nos vendessem café em condições de ser plantado...
— Por que?
— Você não vê logo? Já se previa que a exploração do café ia render verdadeiras fortunas!...
— Quer dizer que já havia café na Guiana...
— O café é nativo na Abissínia. O chiqueo árabe Sheab-eddin Dhabani levou-o, no século XV, para a Arábia. Anos depois levou-o para Constantinópla e o sultão Selim I...
— Selim! Isto é nome de arão de cavalo! — pensou o Rebedeco...
— Em 1669, Salomão Aca, embaixador turco na França...
— Já sei: levou o café para Paris. Quem era o rei de França?
— Luiz XIV, que mandou plantar café no seu próprio jardim. Portanto, já podia existir café na Guiana, em 1727...
— Mas quem o levou para a Guiana?
— Tenha paciência, meu menino, você quer que eu salteba tudo? Aten dispo, você não devia, com as suas perguntas. Nem sei o que eu estava contando...

— O primeiro! — confirmou Palheta. — E fui eu quem o trouxe...



Saiu um homem dessa confusão de cores e tirando o chapéu de plumas, cumprimentou o Rebedeco.

Edição de Terça-Feira



Redatores, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mina) — Telefone: Escritórios:
43-1905 e 23-4950. Redação e Ofi-
cinas: 43-2552. Encadernação: Rua
General Castellan, 118 — Telefone:
43-2920.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Lúcia Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Alzen ★ Gerente: Appias Fabris

A N O I X — Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1942 — Num. 1 269

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 106 números — CR\$ 45,00
SEMESTRE — 53 nú-
meros — CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros — CR\$ 13,00

Capítulo 25.^o
**O CAFÉ É TRAZIDO PARA
O SUL DO BRASIL.**

**BISPO JOSE JOAQUIM
MASCARENHAS CASTELO
BRANCO**

REBEDCO não gosta do es-
curo. Por medo? Nada
disso. No escuro, ele dá ca-
neladas nos móveis. Uma vez
chegou a forçar o tornozelo.
Deixou de ir à escola uma
semana. E por isso, e não
por causa de bobagens de
fantasmas, que Rebedeco evi-
ta a escuridão. Logo que Pa-
trício desapareceu, o menino
procurou nas parades o com-
putador da luz elétrica.
Alguns dias, atrás delli
e afinal encontrou o botão.
Apertou-o. Com grande sur-

presa, em vez de se iluminar
o local, viu surgir na es-
curidão dois castelos bran-
cos. Pareciam brinquedos de
papéis, suspensos na pare-
de, à altura do rosto. Curio-
so, Rebedeco estendeu a mão
para segurar o que estava
mais perto. Grande foi o seu
assombro, quando o castel-
inho falou:

— É comigo que quer con-
versar?

— E logo o outro castelinho
repetiu:

— Ou comigo? — in-
dugou o Rebedeco.

— Eu sou Castelo Branco
— respondeu a primeira voz.
— Eu também sou Castelo
Branco — repetiu a segunda
voz.

— Estou atrapalhado —
explicou o menino. — Não

desejo conversar com caste-
los que falam. O que eu que-
ro é saber algumas informa-
ções sobre a café no sul do
Brasil.

— Foi eu quem contatava
para introduzir o café no sul
do Brasil — disse a voz que
vinha do primeiro castelo.

— E eu, também — repeti-
tu a voz do segundo castelo.
— Esperem! Vocs estão

me pondo maluco! Não en-
tendo nada!

— Pois já vai entender —
votou o primeiro castelo.

— E o segundo castelo con-
cluiu:

— Diga comigo "an, óis,
vris".

Logo os dois castelinhos
brancos se transformaram
em dois homens altos, blo-
cos de roupa preta. Um era
bispo. Voltara a clarear, que
o Rebedeco tanto dese-
java. O primeiro homem es-
clareceu:

— Eu sou o desembargador
João Alberto Castelo Bran-
co. Castelo Branco, entan-
det.

— E o segundo:

— Eu sou o bispo Dom Jo-
sé Joaquim Justiniano Cas-
telo Branco.

— Muito prazer em co-
nheci-los. Mas, a propósito
do café, eu não poderia con-
versar com um só?

— Converse com o bispo.

— Não — interrompeu o
bispo amavelmente — con-
verse com o desembargador.

— Se não permittem, es-
colherei eu mesmo: prefiro
conversar com o bispo.

Logo, o desembargador
desapareceu e o bispo, que
tinha uma fisionomia bon-
dosa mas enérgica, sentou-
se numa cadeira, fechando o
exemplar do Evangelho que
trazia na mão direita:

— Tenho muito prazer em
conversar com um brasilei-
rinho.

— E eu também, em con-
versar com um bispo portu-
guês. Todos os portugueses
são sempre delicados comigo.
Gostei deles.

— Meu anjinho, eu não
sou português! Nasci na ci-
dade do Rio de Janeiro.

— E como chegou a ser
bispo?

— Dissiram-me que ne-
nhum brasileiro exercera car-
gos importantes enquanto o
Brasil foi colônia.

— Lá isso é verdade. Até
hoje, fui eu o único brasilei-
ro que chegou a bispo da
capital do Brasil.

— O Rio de Janeiro é capi-
tal do Brasil há muito
tempo?

— Desde 1763.

— E que relação tem o se-
nhor com a história do café?

— Vamos com calma...
Mas eu mesmo, por volta de
1780, o desembargador João
Alberto Castelo Branco man-
dou vir do Maranhão alguns
pés de café. Não sei se fo-
ram sementes ou mudas.

— Qual a diferença?

— Sementes são as fruti-
ficação, mudas são os cafeteiros,
quando peguemos. O desem-
bargador ainda distribuiu
estas preciosidades a várias
pessoas aqui no Rio de Ja-

neiro. Muitos pés de café
morreram. Eu sei ond: fo-
ram plantadas os que se sal-
varam.

— Diga logo! São os pri-
meiros pés de café do sul do
Brasil.

— Um, na casa do desem-
bargador, no bethuma do
morro de Santo Antônio. Não
ficara longe do convento.

Dois, no convento dos Bel-
bonos, onde estavam os fra-
dres capuchinhos Italianos (*).
Outro, no mosteiro de Santa
Teresa, junto das Azenas. Es-
ses foram os primeiros.

— Quer dizer, tudo perti-
nho da morte de Santo An-
tônio...

— Tem razão. Mas logo de-
pois o café casimben em di-
recção ao interior. Havia aqui
um holandês, chamado João
Hegman. Tinha uma chá-
cara, lá para os lados do bal-
cão de Mata-Ferreas.

— Cada nome! — pensou
o Rebedeco.

— O holandês pediu algu-
mas sementes aos capuchi-
nhos Italianos e plantou na
sua chacara. Nasceram mudas.

— Desculpe interromper.
O senhor ainda não figurou
na sua narrativa.

— Meu anjinho, não se-
ja impaciente. Eu calculei
a importância do café. Co-
mencei a cultivá-lo, num sítio
que possuio no lugar chama-
do Capão (**). Depois, for-
nei algumas mudas a dois
sacerdotes que também eram
proprietários, no interior.

— O senhor se lembra do
nome deles?

— Padre Antônio Couto ds
Fonseca, dono de um sítio em
Mendanha, e padre João Le-
pes, dono de outro sítio em
São Gonçalo. Esses dois, por
sua vez, levaram o café para
Reende e outros do interior.

Espero que o café encontre
boas terras em São Paulo, ou
quase todo o sul do Brasil.
Será uma fortuna para o
país.

Rebedeco, que já tinha
muitos nomes para guardar
de memória, procurou resu-
mir as narrações que tinha
ouvido:

— Quer dizer que Francis-
co de Melo Palheta foi o
primeiro que trouxe café pa-
ra o Brasil. Plantou-o no
morro. O bispo Castelo Bran-
co foi quem o espalhou pelo
sul do Brasil, aproveitando
as mudas que o desembarga-
dor Castelo Branco tinha

— Qual a diferença?

— Sementes são as fruti-
ficação, mudas são os cafeteiros,
quando peguemos. O desem-
bargador ainda distribuiu
estas preciosidades a várias
pessoas aqui no Rio de Ja-

neiro. Muitos pés de café
morreram. Eu sei ond: fo-
ram plantadas os que se sal-
varam.

— Diga logo! São os pri-
meiros pés de café do sul do
Brasil.

— Um, na casa do desem-
bargador, no bethuma do
morro de Santo Antônio. Não
ficara longe do convento.

Dois, no convento dos Bel-
bonos, onde estavam os fra-
dres capuchinhos Italianos (*).
Outro, no mosteiro de Santa
Teresa, junto das Azenas. Es-
ses foram os primeiros.

— Quer dizer, tudo perti-
nho da morte de Santo An-
tônio...

— Tem razão. Mas logo de-
pois o café casimben em di-
recção ao interior. Havia aqui
um holandês, chamado João
Hegman. Tinha uma chá-
cara, lá para os lados do bal-
cão de Mata-Ferreas.

— Cada nome! — pensou
o Rebedeco.

— O holandês pediu algu-
mas sementes aos capuchi-
nhos Italianos e plantou na
sua chacara. Nasceram mudas.

— Desculpe interromper.
O senhor ainda não figurou
na sua narrativa.

— Meu anjinho, não se-
ja impaciente. Eu calculei
a importância do café. Co-
mencei a cultivá-lo, num sítio
que possuio no lugar chama-
do Capão (**). Depois, for-
nei algumas mudas a dois
sacerdotes que também eram
proprietários, no interior.

— O senhor se lembra do
nome deles?

— Padre Antônio Couto ds
Fonseca, dono de um sítio em
Mendanha, e padre João Le-
pes, dono de outro sítio em
São Gonçalo. Esses dois, por
sua vez, levaram o café para
Reende e outros do interior.

Espero que o café encontre
boas terras em São Paulo, ou
quase todo o sul do Brasil.
Será uma fortuna para o
país.



... Eu calculei a importância do café! Comecei a cultivá-lo, num sítio que possuio, no lugar denominado Capão

CONCLUIE NA
10.ª PAGINA

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 27.^o
INCONFIDÊNCIA MINEIRA
TIRADENTES

Agora o Rebedeco estava num quarto sem móveis, baixo e escuro, mais parecia um porão que um quarto de verdade. Rebedeco, que ainda não conseguia vencer inteiramente os temores da educação antiga, falou "para dentro".

— Será que eu fiz alguma tolice e me mandaram para o quarto escuro?

— Começou a procurar uma saída. Nada de achar. Foi-se acostumando à escuridão. Enfiou-se no cantinho do quarto, um homem de barba longa e mal tratada, magro, sujo, que dormia num monte de palhas. Rebedeco se aproximou do homem, para vê-lo melhor. "Pitico! Este com o pé numa bilha de água, derramando tudo nos pés do homem deitado. Este se sentou nas palhas e perguntou com voz assustada:

— Quem está aí, meu Deus?

— Não se assuste... Sou eu o Rebedeco...

— Como interessante! Muitas vezes, no longo sonho do Rebedeco, bastava dizer o seu nome logo as pessoas se acalmavam, como se fossem velhas conhecidas. Foi o que aconteceu.

— Desculpe — disse o menino. — Eu não quis acordá-lo. O senhor parece ter sofrido tanto.

— Não D'us sabe o que venho sofrendo... Porém não me arrependo. Quero a liberdade do Brasil, do meu Brasil!

— Então o senhor está aqui por causa da liberdade do Brasil?

— Sempre desejei a nossa Independência... Deu de cranga...

— E por isso foi preso?

— Foi. Vou contar o que se passou.

Rebedeco sentou-se também no monte de palha e o homem começou:

— Tiradentes é meu apelido. Sou dentista prático. Também sei curar doenças...

— Se o senhor é médico e dentista, deve ganhar muito dinheiro.

— Não me fôrnel. E costumo trabalhar de graça. Para agradar aos que precisam.

— Ah! Creio que vou simpatizar muito com o senhor, seu Tiradentes.

— Meu verdadeiro nome é Joaquim José da Silva Xavier. Nasci em 1745 numa fazenda em Fombal do Rio Abaeté.

— Fombal? Lá em casa nós temos um...

— Era o nome do lugar. As terras de meus pais, Domingos da Silva Xavier e Dona Antonia da Encarnação Xavier, ficavam no município de São João del Rei, perto de Vila Rica...

— Por que Vila Rica?

— Há muito ouro ali por perto.

— O senhor não se incomoda com os meus apertes?

— Não. Eu também sou um pouco faldador... A fazenda de meus pais não era má. Possuamos iratã e can-

co escravos. Eu, quando estava assim na sua idade, ficava sabendo para os escravos, acorrentados, a trabalhar sem descanso, chorosos ou fizesse sol... Eu pensava no valor à liberdade. Tinha pena dos curvos. Achava que os pretos devia: ser considerados lá na África e que o Brasil devia ser um país livre, independente.

— Sua família concordava com essas ideias?

— Você sabe: nem todos pensam da mesma forma... Eu tinha dois irmãos maiores. Eles me consideravam um pouco...

— Revolucionário?

— ...mal educado... Talvez fosse. Não me lembro bem da minha infância. Cresci. Quis andar por outras terras. Ser livre... Foi vendedor ambulante. Passei privações. Afinal, abreei-me daquela vida. Entrei para a carreira militar.

— Chegou a ocupar postos importantes?

— Qual! As autoridades portuguesas não me promoviam, por causa das minhas ideias. Sofri muitas injustiças.

— Eu gosto de exemplos, sabe?

— Pois vou dar exemplos. Eu, brasileiro, cheguei apenas ao posto de alferes (*). E os portugueses? O meu furriel (**), Valeriano Manso, foi promovido a tenente. Outro furriel, Antônio José de Araújo, chegou a capitão. Assim, os meus inferiores passavam a meus superiores! Vi os militares brasileiros desprezados em sua própria terra. Resolvi abandonar a farda.

— Que pena!

— Não cheguei a fazê-lo. Comprei, com sacrifício, um

(*) — O mesmo que segundo tenente.
(**) — O mesmo que cabo.

sítio na Rocinha Negra, junto ao porto de Minas, freguesia de Simão Pereira. Entendo bem de terras. Sei escolher o sítio onde ha minerais, sei indicar as plantas que dão no valeiro seco, no terreno úmido...

— O senhor sabe muita coisa...

Tiradentes suspirou. Na verdade, ele sabia trabalhar como dentista, médico, geólogo e engenheiro. Quantas habilidades, num homem que não pudera estudar! Mas tudo isso lhe viera pouco e foi com voz triste que ele continuou:

— Não quis explorar meu sítio pelos processos atrasados dos lavradores pobres. Foi ao Rio de Janeiro comprar material.

— Como viajou?

— Como podia ser? A cavalo. Era companhia de um escravo, que era mais um amigo... Pedíamos hospedada nas fazendas ou dormíamos embaixo das árvores...

— Como deve ser bom! exclamou o Rebedeco, que gostava das escureces pelo campo.

— Bom, quando se passava. Mas andar centena de quilômetros, dormir no retento, ao alcance dos animais ferozes... Isso não. Depois de muitas cansaças, cheguei ao Rio. Lá encontrei um amigo rico, o dr. José A'ltres

Maciel, formado na Europa. Tentei convencê-lo a aproveitar as águas dos rios Andaraí e Maracaná...

— Por que?

— Porque a cidade era habitada por chusguia mil pessoas e tinha pouca água...

— Mas o senhor não morava no Rio de Janeiro?

— Ora essa, meu amigo! Tudo o que é de Brasil me interessa defender...

— Bravo! — interrompeu o Rebedeco. — Estou ficando entusiasmado com o seu patriotismo!

— Mas não tenho sido muito feliz... O projeto de aproveitamento dos rios não chegou a ser executado por nós. Tive outra ideia: construir armazéns, no porto, para facilitar o desembarque de mercadorias. Também não foi possível...

— Quantos dificuldades! — murmurou, pensativo, o Rebedeco.

— Sim, fiquei convencido de que tudo era difícil aos brasileiros. Não se podia se libertar o Brasil, enquanto não viesse a Independência. Voltei para Vila Rica e comecei a falar abertamente a favor da Independência. Homens de valor já pensavam da mesma forma: os padres Oliveira Rollin, Carlos de Toledo e Manuel Rodrigues da Costa, o tenente-coronel Frire de Andrade, e coronel Inácio José de Alvarães, o coronel Oliveira Lopes, o sargento-mor Toledo Pin, o tenente-coronel Aires Vieira, o capitão José Rezende da Costa, e seu filho do mesmo nome, o conego Luis Vieira da Silva, os drs. Domingos Vidal Barbosa, Tomas Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e outros.

— Quantos patriotas!

— Fomos denunciados por um português. Presos, estamos há três anos sofrendo no cárcere.

— O senhor foi preso em Vila Rica?

— Não. Fiz outra viagem ao Rio. Vim pedir o apoio dos meus camaradas de armas para a conspiração da Independência. Foi preso na rua dos Latoeiros (*), em casa do negociante Domingos Fernandes da Cruz.

— Era seu amigo?

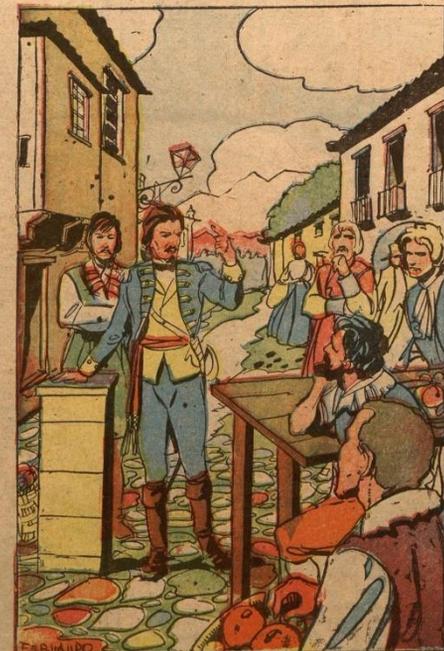
— Era amigo de uma viúva pobre, dona Inácia Gertrudes. Eu tinha tratado, de graça, uma filha dessa viúva. Curei-a de moléstia grave. Ela, agradecida, pediu ao seu amigo, que me escondesse. Não atendeu. Todos os conspiradores foram presos e condenados a degredo na África. Eu... vou morrer breve.

— Fiquei satisfeito quando soube que os outros conspiradores tinham escapado à força... Mandei felicitações...

— Sim senhor! Isso é que é uma alma grande!

— Agora estou esperando o martírio...

Rebedeco alçou com os olhos embuçados para o homem que sonhara com a liberdade. Aquela na cabeça, aquela barba, aquele sorriso triste, aquele nariz afilado... tudo lhe lembrava uma fisionomia conhecida e amada. Sim! Tiradentes estava parecido com o Cristo... Rebedeco fechou os olhos, mas ainda assim lhe apareceu a visão de uma força — que parecia um altar...



— Voltar para Vila Rica e comecei a falar abertamente a favor da Independência

(*) — Hoje Gonçalves Dias.

Na Próxima Terça-feira:
Capítulo 28
OS PRECURSORES DA
AERONÁUTICA
Bartholomeu de Gusmão

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS Vultos

Capítulo 28.º

OS PERCURSORES DA
AERONAUTICA

BARTOLOMEU DE
GUSMÃO

OS olhos embalsados de Rebedeco não distinguiam bem se era uma força ou um altar. Parecia um altar, porque havia nele um crucifixo. E uma porção de pequeninas luzes. Mas as luzes feram-se reunindo, foram ficando ainda menores, juntaram-se todas — e se transformaram num rosário. Mãos brancas, mãos brancas, seguravam o rosário, de onde pendia o crucifixo: as mãos de uma irmã de caridade. Mudara inteiramente o cenário do sonho. A irmã de caridade rezava à beira de um leito, onde um doente respirava com dificuldade. Armas a doente via o Rebedeco, tentou sentar-se no leito e disse assustado:

— Não venha me fazer mal! Eu não sou feiliceiro.

— O senhor está enganado — respondeu logo o menino. — Não sei se o senhor é feiliceiro.

— Então, desculpe, meu amiguinho. Tenho sofrido tantas perseguições...

— Quem é que anda perseguindo o senhor?

— Só se eu contar tudo a você...

— Pois conte, que eu fico ouvindo.

— Sou o padre Bartolomeu Lourenço. Nasci em 1855, em Santos, num exército humilde, que ficava na rua do Comércio ou de Santos. Antônio, meu pai, Francisco Lourenço, teve doze filhos, quase todos frades ou freiras. Era pobre.

— E mesmo assim, todos os filhos puderam estudar?

— Há muita gente caridosa neste mundo. Fomos ajudados para estudar. Verdadeiras esmolas.

— Com certeza seus irmãos se esforçaram bastante.

— Sim, meus manos foram bons estudantes. Um deles, Alexandre de Gusmão, chegou a ser ministro do rei dom João V.

— Interessante! — interrompeu o Rebedeco, que se distraira, olhando para a rua. — Nem parece que estamos no Brasil! Umás casas velhas e esquisitas... Umás árvores que nunca vi...

— Não estamos no Brasil, meu amiguinho. Esta é a cidade espanhola de Toledo, celebre pelo aço de suas espadas.

— E como é que o senhor veio parar aqui?

— Deixei continuar a mi-

nhá história. Não me interrompa assim, porque estou com a memória cansada. Nem me lembre bem dos meus primeiros estudos... Tinha uma vaga ideia de ter estudado no colégio Jesuítas de Santos e no Seminário de Belem, na Bahia... Que diferença, meu amiguinho! Naquela tempo eu tinha uma memória asombrosa.

— Estudava bem as lições, não é?

— Lian páginas e páginas de um livro para eu ouvir. Logo depois eu repetia tudo, tim-tim por tim-tim... E hoje, hein?

O padre sorriu tristemente. Parou, para tomar fôlego. Respirando com dificuldade, continuou:

— A mocidade acaba. E' como as águas de um rio: por onde passou, não volta mais... Por falar em água, lembre-me do meu primeiro invento...

— O senhor é inventor?

— Nesse momento a irmã de caridade, que até então, se manivera em silêncio, explicou ao Rebedeco:

— Você está conversando com o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o fundador da aerostática, fran-

de sábio, inventor, erador e historiador, o primeiro americano que teve fama como cientista!

Rebedeco arregalou os olhos: o homem doente era um vulto importante da História Geral!

Bartolomeu Lourenço prosseguiu:

— Meu mérito está apenas em ter estudado muito, vivi em cima dos livros. Meu primeiro invento foi simples: fazer chegar a água ao alto do Seminário de Belem, na Bahia. As pessoas da época não podiam compreender como a água subia a uma altura de cem metros mais ou menos...

— Que bobinhos! — exclamou o Rebedeco. Devia ser por causa da preceção.

O padre não ouviu o aparte.

— Depois fui estudar em Coimbra. Quería ser padre.

Mas um problema me preocupava constantemente: o tempo, que anda e anda, homem, que anda e anda,

deve saber voar... Construí, então, um aerostato.

— Um balão — esclareceu a irmã de caridade, baixinho.

— Chamava-se Passarola, por ter o feitio de um passaro. Fiz algumas experiências, na presença do rei dom João V. O aerostato subiu um pouco, mas bateu na borda do telhado do palácio e caiu irretratado.

— Quer dizer que a sua Passarola voou...

— Pelo menos provou que se podia voar. Meu nome ficou famoso e por isso virei muitos inimigos. Escreveram versos de zombaria contra mim.

— Mas o senhor não teve amigos?

— Sim. Recebi muitos favores de marquês de Abrantes, do conde de Ericeira e do próprio rei.

— Cite um desses favores...

— O rei dom João V me concedeu uma pensão de trezentos mil reis anuais.

— Sempre é algum dinheirinho...

— Qual! Não recebi. Políticos e funcionários públicos atrapalharam tudo. Continuí sobre, aborrecido, abandonando os estudos sobre a navegação aérea. Fiz mal. Sempre que não tenho perseverança, encontro logo motivos para me arrependeu. Passei a cuidar de outros estudos. Fiz sermões — importantes. Cheguei a entrar para a Acadêmia.

— Mas por que abandonou a navegação aérea?

— Ora! Aquilo me trazia muitos inimigos. Se eu resolvesse definitivamente o problema da navegação aérea, meu nome seria universalmente aplaudido... Então, os invejosos, para me prejudicar, foram dizer à Inquisição que eu era feiliceiro. Distiram que eu tinha pacto com o diabo...

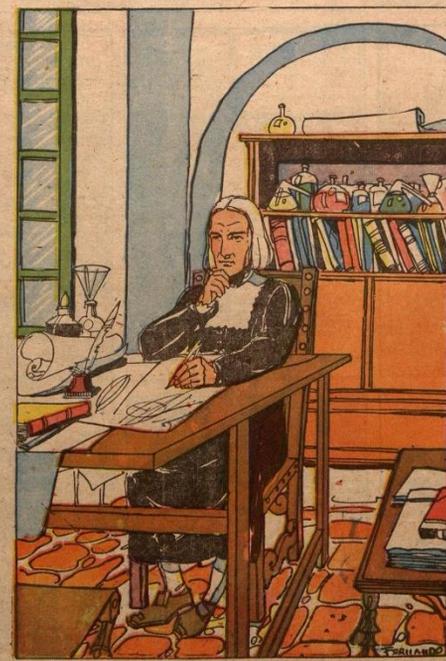
— O que é isso?

— Ninguém sabe direito o que isso é... Mas eu fiquei com receio da Inquisição. Não sou homem de lutas. Fugi atucado.

— Mas, talvez não acreditassem que o senhor tem pacto com o diabo...

— Talvez... Mas eu estava cansado de ser perseguido sem razão. Em cada ponto da viagem de fuga, eu pensava encontrar os meus inimigos. Foi assim, na estrada de Lourdes, em Maye, em Montargis, em Aviz, em Arrouches... Afinal, aqui na Espanha, em Toledo, cai doente... Não posso mais fugir. Sei que vou morrer. Meu corpo desaparecerá. Mas, quem sabe se a Passarola não me garantirá a imortalidade?

Rebedeco ficou olhando pela janela, sem saber o que dizer, diante daquele espetáculo doloroso. Em imaginação, supôs ver, voando a Passarola, com a forma de uma galinha assada, seguida por muitos balões recheados, amarelos como laranjas.



Mas um problema me preocupava constantemente: o homem, que anda e anda, deve saber voar.

Na Próxima Terça-feira:
Capítulo 29
DOM JOÃO VI

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 23.^o
O PRIMEIRO REI
DOM JOÃO VI

POIS não é que o Rebedeco sentiu até um cheirinho de frango assado? Foi esse cheirinho que despertou a atenção do menino, que o havia lido em uma forma de um passaro ou de um frango, vá lá; mas que cheirasse a frango assado, isso não!

O Rebedeco esfregou os olhos e arriou-se outra vez; era mesmo um frango, rodeado de laranjas!

— So há um meio de saber ao certo se isso é um ballão ou um frango... — pensou o menino.

E estendeu a mão para arrancar uma coxinha boba e apetitosa... Mas uma voz espantada o interrompeu:

— Onde já se viu tamanha desrespeito?!

Talvez tivesse não acreditado, mas tudo estava transformado. Um salão luxuoso substituíra o quarto pobre de hospital onde agonizava o rei e o filho Lourenço. Era vez de uma cama de doente, havia uma mesa pequena. Rebedeco não desconfiava da fisionomia do homem que estava sentado à mesa. Só não se lembrava do nome. Mas o próprio homem, brandindo a faca, se encarregou da apresentação:

— Menino, você tem coragem de roer um frango assado do rei dom João VI?

Rebedeco, que lá estava acostumado a falar com os homens importantes, não se impressionou:

— O senhor me desculpe... Novamente o rei brandiu a faca, zangado:

— Menino, você não sabe que um rei deve ser tratado por Vossa Majestade?

— Vossa Majestade me desculpe...

— E não o me desrespeito mais, ouviu?

— Sim, senhor...

— Não me trate por senhor?!

Desta vez o rei ficou tão zangado que Rebedeco começou a fazer beicinho. Ia chorar. Dom João, vendo as primas lágrimas no canto dos olhos, mudou de atitude. De áz vezes se irritava, mas tinha bom coração.

— Ora — disse o rei — não é caso para chorar. Venha cá... Tome uma asinha de frango para fazer-me as pazes.

— Vossa — Mas-majestade — recebia muito de fran-franço? — indagou o Rebedeco, churrambando.

— Para mim é o melhor de todos os petiscos. Fei levou à boca e outra assa! E para o Rebedeco, laranjas. Ah, que delícia e fei levou à boca uma coxa de frango!

Rebedeco, mais confiante, acabou graças. Encarando as lágrimas, perguntou:

— Mas o senhor não quer dizer, Vossa Majestade como ouviu?

— Prefiro assim. Meu filho dom Pedro deve estar lá pelo fundo, andando a cavalo. E' de que ele gosta. Meu filho dom Miguel deve estar com a mãe — o rei passou o olhar pela sala, para ver se estavam sós — ...com a rainha Carlota Joaquina. Não somos lá muito felizes...

Rebedeco ficou com pena do homem bom, que se enternecia diante das lágrimas de uma criança. Nunca lhe passara pela cabeça que um marido não fosse feliz com sua esposa. Que adianta ser monarca, brigando com a mulher?!

Estendendo a mão para receber um vasto pedaço de peito, que o rei lhe passava na ponta do garfo, Rebedeco falou com franqueza:

— Sabe? Apesar de tudo estou simpaticando com o se... com Vossa Majestade... (aquele "apesar de tudo" queria dizer que o rei pessoalmente era muito feio).

— Pois foi ele. Eu sou amigo dos ingleses. Napoleão não é! Aborreço-me comigo e mandou invadir Portugal. Comandava o exército francês um general chamado Junot.

— Já ouvia falar num tal Napoleão? Foi por causa dele...

— Quem é que nunca ouviu falar em Napoleão?!

— Pois foi ele. Eu sou amigo dos ingleses. Napoleão não é! Aborreço-me comigo e mandou invadir Portugal. Comandava o exército francês um general chamado Junot.

— Conheço Juno, uma deusa da mitologia grega...

— Não é Juno, mas Junot. Pronuncia-se Junô. Uma des-

sas complicações da lingua francesa.

— Vossa Majestade parece que não gosta de lingua...

— Gostei do latim. Fico horas e horas na igreja ouvindo musica sacra, cantada em latim.

— Mas o general Junot...

— E verdade. O malvado da Junot invadiu Portugal. Eu não sou homem de brigas. Quero sossego. Meu irmão dom José é que devia ser o rei. Ele entendia dessas coisas de politica...

E compreendendo a cara de espanto do Rebedeco:

— Dom José era o irmão mais velho, o herdeiro do trono. Morreu de beiga. Minha mãe, a rainha Carlota Joaquina, morreu louca, ha pouco tempo...

Rebedeco ficou outra vez com pena o rei de Portugal. Dom João suspirou e consolou-se em chupar o pedaço de um segundo frango, ainda mais gostoso que o primeiro.

Abandonou Portugal. Embarcou com desgosto. Eu pensava que o Brasil não prestasse para nada. Chegou, na hora do embarque. Toda a corte me acompanhava. Umos quinze mil pessoas, em mais da setenta navios...



— Menino, você não sabe que um rei deve ser tratado por Vossa Majestade?

— Caramba! — exclamou sem querer o Rebedeco. — Ninguém imagina como essa palavra assustou o rei!

— Isso é uma palavra espanhola! Minha mulher é espanhola! Será que você, tão criança, já está servindo de espia contra mim?!

— Juro que não, Majestade! Não comico dona Carlota Joaquina nem em sonhos... E estranho que uma esposa tenha espia...

Dom João chamou o menino para perto e falou baixinho, fez coxinhas no ouvido do Rebedeco:

— Não diga nada a ninguém, mas saiba que até uma conspiração ela já fez contra mim...

— E Vossa Majestade perdôu?

— A principio, pensei que fossem crianças. Quando ela se casou comigo, tinha dez anos...

— Nesse caso, eu estou grato em idade de me casar! — exclamou o menino.

— Contando que não seja com uma criatura igual. Rescupe a franqueza...

— Fale a verdade: Aqui no Brasil quase ninguém gostia dela...

— E Vossa Majestade, gostou do Brasil?

— Se gostei! Aqui é que eu fui rei de verdade... Em São Paulo e Brasil, então, simples colônia, a categoria de reino. Sou portanto rei de Portugal e do Brasil.

O primeiro rei do Brasil — murmurou o Rebedeco.

— Sendo aqui um reino a estado nele estabelecida a minha corte, foi obrigado a criar aqui muitas repartições publicas. Vamos ver se voce adivinha...

— Sem duvidar não se pode viver...

— Logo, criei o Banco do Brasil.

— As tropas tem de morar em algum lugar...

— Portanto, construi quartel, instalei a Escola Naval e a Escola Militar...

— Os filhos dos fidalgos devem estudar...

— Quer dizer: fundei a Escola de Medicina, a Escola de Belas Artes...

— Os quadros, as estatuas, os livros, precisam ser conservados...

— Bravo! Criei o Museu, a Biblioteca...

— Os fidalgos gostam de boas casas...

— Realmente, mas esse problema eu não pude resolver...

— Problema?

— Sim. Como arranjar boas casas para milhares de pessoas que vieram inesperadamente de Portugal? Foi obrigado a tomar uma providencia um pouco violenta: todo fidalgo da minha corte que gostasse de uma casa, podia se instalar nela, mesmo contra a vontade do inquilino ou proprietário. Bastava mandar escrever, na porta P. R., o que quer dizer Principe Regente (naquelle tempo eu era regente, porque minha mãe estava louca).

— E os donos concordavam?

— Que remedio? Eu mandei. Mas o povo, segundo me disseram, andou fazendo umas "beteledras" e em aquelle P. R. Disse que aquelles letras significam "Ponha-se na Rua..."

— E Vossa Majestade encontrou palacios para morar?

— Gostei de venarar a ilha de Paqueta ou na fazenda...

CONCLUE NA
14.ª PAGINA

SUPLEMENTO JUVENIL
No. 12 de Janeiro de 1943

P. g. 4 — N.º 1 281

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 30.
REVOLUÇÃO DE 1817
O PADRE ROMA

UMA forte sacudida fez o menino cair sentado.

— Como é duro o chão aqui em Roma! — balbuciu, a esfregar a parte do corpo sobre a qual tombara.

— Menino! — exclamou alguém, bem pertinho — você não se acha em Roma, mas numa jangada...

R. Rebeldeco, sentado que estava, sentiu-se frouxo. Erguendo a cabeça para o homem que lhe dirigia a palavra:

— Bem vejo que isto aqui é uma jangada, mas seria capaz de arrar que ouvi falar em Roma...

O homem, tranquilamente, acrescentou:

— É tu sou o padre Roma... Ora esse! F. Mas que fosse uma jangadeira...

— Temel! está jangada porque aos, os revolucionários, não dispomos de navio...

— Cada vez entendo menos. O senhor é padre, jangadeiro ou revolucionário?

— No momento, sou as três coisas...

— Faça o favor de explicar isso ditramito...

— É uma história comprida...

— Temos tempo...

— Pois, então, ouça lá...

O PADRE José Inácio Ribeiro de Abreu Lima, a quem todos chamavam pelo apelido de padre Roma, (por ter morado muitos anos em Roma), começou a contar ao R. Rebeldeco a história da revolução de 1817.

— Valha de Pernambuco onde existe um povo valente e trabalhador. O governo português não é bem visto pelos pernambucanos. Nosso governador se chama Castano Eutá Montenegro. Sabes o que costumam dizer o povo a respeito dele?

Rebeldeco, brincando com a mão para fora da jangada, respondeu que não.

— O povo diz que ele é Castano no nome, Pinto na coragem, Monte na altura e Negro nas ações.

— Quanto desafroze junto!... Por aí você pode ver como são os pernambucanos. Eles chegam ao ponto de não gostar de todos os portugueses. Dizem aos portugueses a um apêlo de sombaria: os marinhieiros...

— Por que?

— Porque todos os portugueses, para vir morar no Brasil, têm de viajar pelo oceano.

— Mas os portugueses fizeram algum mal aos pernambucanos?

— Ora! O Brasil precisa se separar de Portugal. Deve lutar por sua independência, como as colônias pertencentes à Espanha já estão lutando.

SUPLEMENTO JUVENIL
Rio, 19 de Janeiro de 1943
*
P. 2, 4 — N.º 1.284

— E será que todos em Pernambuco, já compreendem essas coisas?

— Todos, não. Mas o povo tem recebido ultimamente ensinamentos muito úteis. Os historiadores viviam afastados do mundo, não sabiam o que se passava lá fora. Mas agora, depois da abertura dos portos...

— Não foi Dom João VI que decretou a abertura dos portos?

— Foi — respondeu o padre, mal humorado.

— Nesse caso, Dom João prestou um grande serviço ao Brasil.

— Prestou, mas sem querer... Você acha que ele podia viver aqui no Brasil sem ganhar dinheiro com o comércio? Por isso é que abriu os portos...

— Vejo que o senhor me-

rece o título de padre revolucionário. Pois olhe, eu não tenho raiva dos portugueses...

Palavras não eram ditas e o padre avançou como uma fera para o Rebeldeco. Encolheu-se todo, o menino mal teve tempo de balbuciar:

— Valha-me a Virgem Maria!

Como por encanto a fisiognomia do padre se abrandou. Foi o sinal da cruz e depois de uns instantes de silêncio (em que só se ouviu o chape-chape das ondas na jangada) continuou:

— Quem pode resistir a doce nome de Maria? Menino, eu ia jogá-lo para os tubares, pensando que você fosse um espião dos "marinhieiros"... desta vez foi o Rebeldeco que fez o sinal da cruz. Mas uma criança não sabe fazer mal a ninguém. Jesus disse: "deixai virem a mim os pequeninos"... Você

está salvo. Forem não me contrariar, porque eu sou um pouco violento.

Rebeldeco, para desviar o assunto, comentou:

— O senhor estava dizendo que o povo ultimamente tem recebido alguma instrução...

— Ah! Isso mesmo. Imagine que o padre João Ribeiro Pessoa tem uma boa biblioteca e empresta sempre seus livros. Também o bispo Dom José Joaquim de Azevedo Coutinho, fundador seminários e colégios, há em Pernambuco homens ilustres...

— Por exemplo?

— Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, magistrado em Olinda. O dr. Antônio de Moraes e Silva, que conhece muito bem a língua portuguesa...

— Creio que é o autor do famoso dicionário de Moraes e Rebeldeco.

— Esses e outros homens de valor não podem concordar com a situação do Brasil, dominado por um país muito menor...

— Mas o senhor só está se preocupando com o que eles pensam. Ainda não me contou fatos...

— É verdade! Eu sou assim: sempre quero fazer propaganda... Vou lhe contar fatos: houve um conflito na festa da capela de Nossa Senhora da Estância. Um português

lutou e disse coisas desagradáveis sobre os brasileiros. Sua briga, um prelo, pertencente ao regimento que ainda hoje tem o nome de Henrique Dias, espalhou-se...

— Espalhou-se?

— Quer dizer, reagiu. Outros brasileiros e portugueses entraram na pancadaria. E desde dia em dia não houve mais sossego. Foram dices ao governador que certos brasileiros queriam fazer uma revolução. Ele mandou prender alguns oficiais...

— Já sei — interrompeu o Rebeldeco. — Precipitou tudo...

Nem se perguntou quando o brigadeiro Barbosa, comandante do regimento de artilharia, reuniu a tropa no quartel e começou a censurar os brasileiros, o capitão Domingos Teófilo Jorge, nosso patriota, protestou...

— Cãdiá com ele...

— Foi o que o brigadeiro quis fazer. Mas o capitão Jorge de Barros Lima, também nosso patriota, enfiou sua espada no corpo do brigadeiro!

— Nossa Senhora! — exclamou o Rebeldeco, que sempre se horroriza com as violências.

— Esse capitão é um homem nervoso. Tem o apelido de Leão Coração.

— Pelo que vejo, gostam muito de apelidos em Pernambuco...

— Se você quer ouvir fatos, não me interrompa... O tenente coronel Alexandre Tomaz, ajudante de ordens do governador, veio correndo para o quartel. Não chegou a entrar: mataram-no a tiros...

— E depois?

— Percebe um governo revolucionário. O padre João Ribeiro Pessoa, o capitão Domingos Teófilo Jorge, o dr. José Luiz de Mendonça, o coronel Manuel Correia de Araujo e o patriota Domingos José Martins entraram para o governo, representando o clero, o exercício, a magistratura, a agricultura e o comércio.

— E o governador não fazia nada?

— Ele era Pinto na coragem. Foi se esconder na fortaleza de Brum. Intimidado pelos revolucionários, rendeu-se. Embarcou para o Rio de Janeiro, a 8 de março de 1817, abandonando Pernambuco aos revoltosos...

— Que bem!

— Tivemos a impressão da vitória. Paraíba e Rio Grande do Norte aderiram à revolução. Mas é preciso reunir outros auxílios. Recife é um porto, pode ser bloqueado pela esquadra do governo. Os revolucionários não têm bons navios de guerra. Por isso, foi enviado um emissário aos Estados Unidos, para arranjar munições. Esse emissário chama-se Antônio Gonçalves da Cruz...

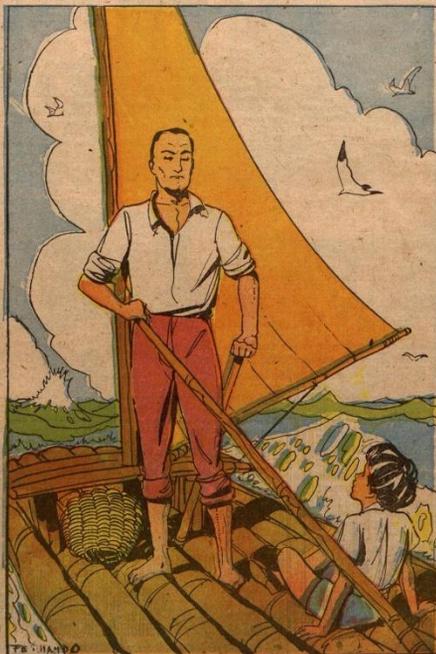
— E tem o apêlo de?

— de Cabugi. Para o Ceará seguiu o padre José Martiniano de Alencar. E eu vim para a Bahia.

— Então, o senhor vem revolucionar a Bahia? Estamos perto da costa?

— Estamos. Repare que a água aqui é um pouco mais verde. No sul, por exemplo Rio de Janeiro, a água é um pouco mais azulada. Dizem que o verde é a cor da esperança e no entanto eu me sinto assustado. Não sei por que. Com certeza o liberal da Bahia já está vigiando. Eu vim numa jangada para não despertar atenções. Não...

— CONDE NA G. P. A. U. I. N. A



— Eu vim numa jangada, para não despertar atenções.

Edição de Terça-Feira

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacramento, 43 (171-0000)
Mauá - Telefone: 44-1000
40-1800 e 22-3000 Redação e Oficina
44-1000 Encadernação: Rua
General Carneiro, 118 - Telefone:
82-2926

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendentes: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aissa * Gerente: Appius Fabrício

A N O I X . * Rio de Janeiro, 26 de Janeiro de 1943 Num. 1 287

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinatura pelo correio (para
qualquer parte do Brasil):
ANO — 12 números — CR\$ 45,00
SEMESTRE — 6 números — CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 3 números — CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 31.
OS PRECURSORES DA
INDEPENDENCIA
JOAQUIM GONCALVES
LEDO

PALMAS, sim! Palmas com
bandeira, acompanhando
uma missa de roca. Era um
terreno de fazenda e o mais
extraordinário é que o dono
da fazenda — homem visia-
do, jornalista, famoso políti-
co — estava no meio do ter-
reno, batendo palmas como
qualquer garoto!

— Isso é que se chama ser
alegre! — exclamou a E. Be-
dedo, puxando-o pela aba da
casaca preta.

— Como não? — respon-
deu o dono da casa. — Todo
mundo sabe que eu gosto
muito de dar estas festas em
minha fazenda... Pode brin-
car à vontade!

— Desculpe, mas se for
possível eu quero primeiro
conversar com o senhor. De-
pois, então, cairei na pân-
dega...

— Estão sempre às ordens
dos meus hóspedes. Você quer
conversar sobre?

— Já sua participação na
Independência do Brasil.

— Como?

— Sim, quero que conte o
que fez pela Independência
do Brasil.

— Teremos de conversar
muito tempo.

— Não faz mal.

— E já disse vou recor-
dar certos desgostos, que me
entristecem muito. As mi-
lhas festas são justamente
um meio de me distrair. En-
fim, vá lá.

— Quero saber tudo, desde
o começo. Quando foi que o
senhor começou a pensar na
Independência?

— Desde os meus tempos
de estudante. Quando eu es-
tava na idade de você, era
um menino muito estudioso
e por isso meu pai, negociante
no Rio de Janeiro, resolveu
aproveitar o meu capricho.
Não havia nessa época
boas escolas por aqui (eu
nasci em 1781). Segui para
Portugal, onde devia com-
pletar o meu curso e me for-
mar em direito.

— O senhor se conformou
com a separação?

— Que remédio, meu ami-
guito! Para estudar é preciso
ter força de vontade. Passei
com muito boa nota em
todos os meus exames.
Um dia recebi uma pessima
noticia...

— Foi reprovação em algum
exame?

— Antes fosse! Era a noti-
cia da morte de meu pai.
Interrompi os estudos e re-
tornei ao Brasil. A situação

financeira de minha família
não era tão boa como eu es-
perava. Tive de arranjar um
emprego. Durante algum
tempo fui funcionário pú-
blico.

— Desculpe interromper,
mas até agora o senhor ain-
da não falou nas suas ideias
de Independência.

— Tem razão. Quase todos
os brasileiros que iam a Por-
tugal voltavam convencidos

da necessidade de uma re-
volução pela Independência.
Eu, aliado em Portugal, veri-
fiquei que aquele país peque-
no não poderia dominar o
Brasil no mar e em terra, se
houvesse luta. Como funcio-
nário publico, comecei a con-
versar com meus colegas so-
bre a separação...

— Só com seus colegas?

— Não. Minha ideia a par-
teci certa facilidade para

falar e escrever. Entrei para
a imprensa. A 15 de setem-
bro de 1821 saiu o primeiro
número de um jornal cha-
mado "Revêrbero Constitucio-
nal Fluminense".

— Já sei: era o senhor que
o escrevia...

— Eu — e mais o cônego
Januario da Cunha Barbosa,
também paritário da In-
dependência do Brasil. Meu
nome ganhou popularidade.
Passei a fazer parte da ma-
covaria...

— Já me explicaram o que
é isso, mas no me lembro
bem...

— F' difícil fazer você en-
tender. Maçonaria é uma so-
ciedade secreta. Você não
conhece nenhum clube?

— Conheço muitos...

— Pois o fato é que eu en-
trei para um clube, onde se
cultava da Independência do

Brasil. Foi logo promovido a
chefe. Deu-se, então, um fa-
to grave. O príncipe D. Pedro
recebeu ordem do governo
português para regressar à
Europa. Quem ficaria gover-
nando o Brasil? Um simples
governador, que o transfor-
mava novamente em colô-
nia, depois de ter sido sede
da monarquia com D. João
VI. O príncipe D. Pedro de-
sobedeceu e ficou...

— Chama-se o "dia do Fe-
do", não é?

— Isso! Já que você tem
boa memória, diga também
a data, para eu ver se está
certa...

— Foi o dia 9 de Janeiro de
1822.

— Muito bem! Pois saiba
que eu fui um dos promoto-
res do "Feio". Dei em diante
fidelidade muito amiga do
príncipe D. Pedro. Ele me cha-
mava para redigir decretos,
discursos e outros papéis ofi-
ciais.

— Mas o senhor fazia par-
te do governo?

— Propriamente, da fôr-
ma não. Eu era eleito
representante da Ria de Ja-
neiro junto ao Conselho do
Estado.

— Mas o senhor tinha que
fazer discursos para os ou-
tros?

— Eles acham que eu es-
crevo bem... Por exemplo: o
discurso que José Clemente
Pereira leu a 13 de maio de
1822, oferecendo ao príncipe
D. Pedro o título de Defensor
Perpétuo do Brasil, foi escrito
por mim e pelo cônego Ja-
nuario da Cunha Barbosa.

— Veja só! E todo mundo
diz: o discurso de José Cle-
mente Pereira!

— Isso não é um importun-
cia. Eu não queria glórias!
Queria somente pregar a In-
dependência. Não perdia ocasi-
ão. Quando D. Pedro voltou
de uma viagem a Minas, es-
crevi no "Revêrbero" um ar-
tigo que terminava assim:

— "Príncipe, não despreze
a glória de ser o fundador de
um novo império!"

— Só falta dizer: faça a
Independência do Brasil.

— Depois disso eu falei
com toda a franqueza. Houve
uma sessão da maçonaria,
no dia 20 de agosto de 1822.
Veja bem. Antes do dia 7 de
setembro.

— Estou prestando aten-
ção às datas.

— Nessa reunião eu propu-
zi que se proclamasse imedia-
tamente a Independência,
dando-se a D. Pedro o título
de rei.

— Mas, então, o senhor é
o verdadeiro precursor da
Independência! — exclamou
o Rebedeco.

Joaquim Gonçalves Ledo
continuou, como se não li-
vesse ouvido:

— D. Pedro proclamou a
Independência a 7 de setem-
bro. Era o que eu desejava.
No entanto, eu também dese-
java a república. Talvez fos-
se certo. José Bonifácio, ho-
mem inteligentissimo, achava
que não se devia falar em
república enquanto existisse.
Tornou-se meu inimigo.

— CONCLUI-SE
A 2ª PAGINA



— Ele me chamava para redigir decretos, discursos e outros papéis

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cfr.
(400 REIS)

Redação, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 83 (Praça Mauá) - Telefone: 45.000
45-1905 a 21-1908 - Redação e Oficinas: 45-1002 - Encadernação: Rua General Casvel, 318 - Telefone: 42-2926

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Lúcia Carlos da Costa Netto

Directora: Adolfo Aisen — Gerente: Donizete Vilella

ANO IX • Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1943 • Num. 1 290

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números — CR\$ 65,00
SEMESTRE — 75 números — CR\$ 28,00
TRIMESTRE — 36 números — CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 32.
A INDEPENDÊNCIA
D. PEDRO I

O CAVALINHO deu uma porção de velas em torno da fazenda. Depois foi andando à toa, pelos campos. Muito distraído, sempre pensando na Independência do Brasil, o cavaleiro não deu pela coisa. Saltou a redea e o bispinho foi andando, foliando. De repente, ouviu um gálope por trás dele e al-trem lhe gritou:

— Saia da frente!
Rebeteceu deu passagem, puzando o cavaleiro para junto do mato. Logo passaram pela estrada dois cavaleiros apressados. Os animais que eles montavam corriam tanto que Rebeteceu em poucos segundos se viu desapparecer na curva do caminho, entre nuvens de poeira.

— Vamos, cavaleiro! — disse o menino, saltando a redea. — Parece que temos novidade.

O cavaleiro do Rebeteceu não corria tanto como os outros, que esperança!

— Não quero perder de vista esse homem apressado! — pensava o Rebeteceu, ao chegar à curva do caminho.

Felizmente os homens tinham parado um pouco adiante, perto de uma casa branca, onde estavam divertidos soldados. Que tanta beleza! Era toda branca, com botas pretas até acima do joelho, capacete dourado e um grande penacho vermelho. Os homens disseram aos soldados alguma coisa que o Rebeteceu não ouviu. E saltou outra vez a todo galope, em direcção a um riacho que ficava perto da casa.

— Vamos esclarecer esse mistério, meu cavaleiro!

Pouco depois o Rebeteceu estava junto dos soldados; todos, em confusão, tratavam de montar. O menino gritou ao primeiro soldado que o viu:

— Ohi! Que confusão é essa?

— Chegaram do Rio de Janeiro notícias muito graves!

— Então, nós não estamos no Rio de Janeiro?

— Estamos na estrada de Santos para S. Paulo. Repare: heuque ali é o rio Ipiranga.

— E que notícias vieram do Rio?

— Não sabemos. Aquelles inocos que passaram a galope são o major Paulo Bregato e o major António Cordeiro. Nós formamos a guar-

da de honra do príncipe d. Pedro. Eles nos puzaram onde estava o príncipe e continuaram a galopar. Disseram que temos notícias graves e urgentes para entregar a d. Pedro.

— Quer dizer que o príncipe está do lado de lá do rio, não é?

— Está, com um grupo de

personas importantes. Nós vamos para junto do príncipe.

— Eu também posso ir? — Você já está vindo, sem pedir licença.

O Rebeteceu ia responder, mas uma chuva de respingos lhe encheu a boca, porque nesse momento os cavalos dos soldados, galopando,

atravessaram o riacho. Ate parecia de propósito! Os outros animais corriam mais depressa que o cavaleiro do Rebeteceu, dando-lhe um verdadeiro banho. O menino não viu direito o que se passava quando o príncipe leu as cartas levadas com tanta pressa pelo major Bregato, e pelo seu auxiliar, major Cordeiro.

Chegou atrasado ao local do encontro com o príncipe. Mas pôde assistir ainda a uma cena histórica tão importante que nenhuma outra tem significação igual para o Brasil.

A guarda de honra formava um semi-círculo perto do riacho Ipiranga.

O príncipe d. Pedro, tirando seu chapéu, arrancou de

um lado azul e branco, que representava as cores de Portugal.

Todos o imitaram, atirando os laços no chão.

Então, o príncipe, cheio de entusiasmo, desembainhou a espada, gritou com força:

— VIVA O BRASIL LIVRE E INDEPENDENTE!

— Viva o Brasil livre e independente! Viva d. Pedro, seu defensor perpetuo!

Os soldados também desembainharam suas espadas. Alguns gritavam, que faziam parte da comitiva, agitavam com a mão direita seus chapéus, repetindo vivas e mais vivas.

Ate um padre, próximo a d. Pedro, tomava parte nas manifestações de contentamento. E a alegria chegou a um ponto que não se pôde descobrir quando o príncipe, firmando-se nos estribos, erguendo ainda mais sua possante voz, gritou com tanta força que o Brasil inteiro poderia ouvi-lo:

— SEJA' NOSSA DIVISA DE ORA EM DIANTE — INDEPENDENCIA OU MORTE!!!

Rebeteceu sentiu no mesmo tempo vontade de chorar e de rir. Todos se achavam profundamente comovidos.

Ate um soldado, que vinha guiando o seu carro de bois, parou perto do riacho e acabou gritando também:

— Viva o Brasil!

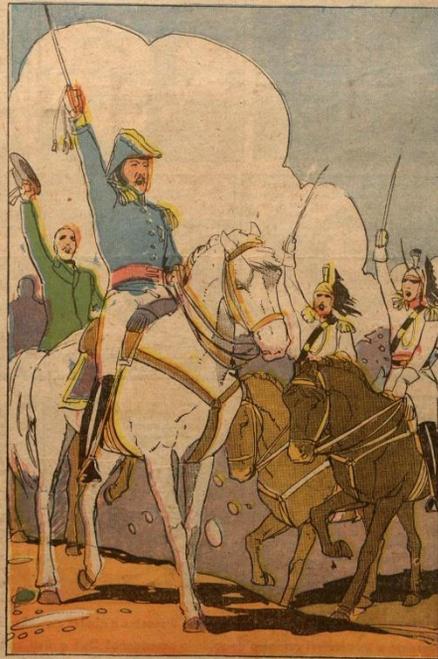
O cavaleiro do Rebeteceu, assistido com a barbeta dos vivas, quis disparar. Rebeteceu não prestou atenção aos esforços do animal, porque um só pensamento o dominava:

— E O BRASIL QUE ESTÁ NASCENDO! JÁ SOMOS UMA PATRIA E NÃO UMX COLONIA!

O príncipe d. Pedro, vendo o menino, ainda lhe fez um sinal para ir conversar com ele. Qual! O Rebeteceu não queria saber de outras conversas. Qualquer coisa que lhe dissessem não poderia ser-lhe importante como aquele fato, o mais decisivo de toda a História do Brasil. Empolgado com essa ideia, nem percebeu que o cavaleiro removia e saía a galope, sem destino certo.

— Viva o Brasil! — gritava o Rebeteceu.

E o cavaleiro cada vez se assistava mais. Galopou tanto tempo que o menino perdeu a noção das horas. E so quando viu outros animais arreitados, num parque muito bem tratado, foi que o cavaleiro parou.



— Será a nossa divisa de ora em diante — Independência ou Morte!!!

Na Próxima Terça-feira:
A PRIMEIRA IMPERATRIZ
Dona Maria Leopoldina

A época imperial foi inaugurada com “A primeira imperatriz”, em entrevista com Maria Leopoldina⁶⁴, para em seguida figurar José Bonifácio, em capítulo que tratava da “organização da independência”⁶⁵. As lutas da emancipação foram sintetizadas no “Martírio da independência”, em referência à soror Joana Angélica⁶⁶. A primeira revolta do Brasil Império trouxe o frei Caneca e a Revolução do Equador⁶⁷. Na continuidade foi publicada mais uma série, com “Os homens da Regência”, com Bernardo de Vasconcelos⁶⁸, Pedro de Araújo Lima⁶⁹ e Diogo Antônio Feijó⁷⁰. Os militares foram os personagens em destaque na sequência, com “os grandes generais”, abordando Manuel Luiz Osório⁷¹; e “os grandes almirantes”, trazendo Francisco Manuel Barroso⁷² e Joaquim Marques Lisboa⁷³. Ainda com referência aos conflitos platinos, especificamente quanto à Guerra do Paraguai, apareceram “os grandes marinheiros”, com Marcílio Dias⁷⁴, e “as grandes enfermeiras”, com Ana Neri⁷⁵.

⁶⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 9 fev. 1943.

⁶⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 fev. 1943.

⁶⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 fev. 1943.

⁶⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 2 mar. 1943.

⁶⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 mar. 1943.

⁶⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 mar. 1943.

⁷⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 30 mar. 1943.

⁷¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 abr. 1943.

⁷² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 13 abr. 1943.

⁷³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 20 abr. 1943.

⁷⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 27 abr. 1943.

⁷⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 4 maio 1943.

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 33.

A PRIMEIRA IMPERATRIZ
DONA MARIA LEOPOLDINA

ERA um quadro encantador. Nada menos de cinco crianças rodeavam a primeira Imperatriz do Brasil, já pronta para montar a cavalo. Não lhe ficava mal o ar de montaria. Bonita, não se pode dizer que fosse. Mas seus cachos loiros, brilhantes e sedosos, a tornavam muito simpática. Curioso filhinho: a princesa d. Maria da Glória, com oito anos, sua filha mais velha; dona Januária, com cinco anos, que tratava na mão um pombo; a princesa dona Francisca, com dois anos e meio, acalentando uma boneca; a princesa dona Paula, com quatro anos, que fazia esforços para sustentar no colo o seu irmãozinho mais novo, de um ano de idade; o príncipe dom Pedro, futuro Imperador do Brasil.

Rebêdeco abona para o narrador que tinha defronte de si e compreendeu que estava no parque da Quinta da Boa Vista, residência dos Imperadores. Naturalmente a Imperatriz d. Maria Leopoldina ia passear a cavalo. Assim que a viu montar e despedir-se das crianças com um beijo que enviou na ponta dos dedos, o Rebêdeco levou a sua cavallinho para perto dela. Pediu licença para conversar com ela, durante o passeio.

— Meu anjinho — disse a Imperatriz Leopoldina, começando o passeio — tenho muito prazer em conversar com você. Mas não faz muito bem o português. Nasci na Áustria, onde se fala alemão. Você não sabe alemão?

— Rebêdeco, caprichando para não se distrair, respondeu corretamente, tratando-a por "Vossa Majestade":

— Não sei alemão, Majestade.

— Que pena! Ouvir o alemão me dá saudades. Quantas recordações do começo da minha vida...

— Pois então, conte o começo da sua vida...

— Ora! É igual ao de todas as outras princesas europeias do meu tempo: luto, estódo, intrigas, inquietações. Meu nome é Maria Carolina, filha de Leopoldina, not arquiducessa, filha do Imperador Francisco I da Áustria.

— Como é que Vossa Majestade veio para o Brasil?

— Foi assim: um dia vieram me dizer, no palácio de meu pai, que o marquês de Marilva, embaixador de Portugal na França, chegara a Viena. E não sabia que a viagem fora feita por minha causa.

— Por que causa?

— Sim. O marquês vinha especialmente para pedir a minha mão...

— Ele queria se casar com Vossa Majestade?

— Ela, não. Pedia minha mão para o príncipe d. Pedro, filho de d. João VI, rei de Portugal e do Brasil.

— O príncipe d. Pedro já era seu... seu namorado?...

— Eu nem o conhecia...

— E como é que queriam se casar?

— Os casamentos das princesas quase sempre são feitos assim, por interesse político. Nós, as princesas, não temos direito de casar por amor...

— Mas, então, não vale a pena ser princesa?

— Dona Maria Leopoldina suspirou e não respondeu. Com a ponta do chicotinho tocou da orelha do cavalo uma moeda chamada "muitaca", que dá ferroadas como um maribondo.

— Como é livre essa moeda! — disse a Imperatriz, suspirando outra vez. Rebêdeco, sempre locando o seu cavallinho ao lado do belo animal em que montava a Imperatriz, voltou ao assunto da conversa:

— E Vossa Majestade foi obrigada a se casar com d. Pedro sem o conhecer?...

— Apenas lhe mandei o meu retrato e recebi um dele...

— A 13 de maio de 1817 realizou-se o casamento, lá na Europa, sendo d. Pedro representado pelo marquês de Marilva. Tive de vir para o meu novo lar. Embarquei na nau portuguesa "D. João VI". Foi recebida com muitas festas...

— Eu sei que o povo gosta de Vossa Majestade...

— O povo brasileiro é muito bom. Ainda me lembro da

cidade, florida e iluminada, no dia em que desembarquei. Eu estava nervosa. Meu sogro, o rei d. João VI mostrou-se delicado e atencioso. Já eram onze horas da noite quando ele, tomando-me pela mão, quis pessoalmente me mostrar os meus côves apovados. Ele me disse: — "Tenho que este aposento, mobiliado ainda com simplicidade, não lhe será desagradável".

— Era bonito o quarto?

— Assim, assim... D. João me ofereceu um livro, desculpando-se de não ser talvez obra desconhecida por mim, dada a instrução que eu recebera da Europa. Eu não o havia lido...

— E que a mobília definitiva veio um pouco mais tarde, no navio "Dauphin", comprada em Paris.

— Vossa Majestade gostou do livro?

— Como não? Prezitei muito não pode haver. Tenho a minha biblioteca, escolhida e numerosa.

— E no casamento, foram felizes?

— Em vez de responder, a Imperatriz pôs o cavalo a galope, como quem deseja cortar a conversa. Mas depois de muito tempo refeou o animal ofegante. E prosseguiu:

— Estamos a caminho do meu passeio predileto: a Trijuca. De carroagem ou a cavalo, gosto muito de vir para estes lados. A natureza linda do Rio de Janeiro me agraça e compensa a falta de luxo desta corte. Como tudo aqui é diferente...

— Havia muito luxo na Áustria?

— Viena é uma das cortes mais orgulhosas da Europa. Mas o Brasil também chegara a ser uma grande nação. Tudo o meu empenho junto a meu marido foi sido sempre para que ele auxiliasse o progresso do Brasil.

— Então, Vossa Majestade gostou mais daqui do que de Portugal?

— Eu insisti para que meu marido ficasse no Brasil, desolando-se nos decretos de Lisboa, que determinavam a sua volta. Aconselhei-o também a separar-se inteiramente de Portugal.

— Quer dizer que Vossa Majestade também contribuiu para a Independência do Brasil?

— Com todo o meu coração. E ainda mais a minha posição de filha de um dos mais poderosos soberanos europeus facilitou muito o trabalho diplomático para o reconhecimento da Independência do Brasil. Agora, precisamos dar instrução aos brasileiros...

— Mas isso não depende de Vossa Majestade...

— Assim mesmo, tenho feito o possível. Mandei vir da Europa sábios de fama universal, como Spix, Pohl e o extraordinário Martius.

Determinei a criação de um museu de história natural no parque da Quinta da Boa Vista, juntilha do palácio. Na fazenda de Santa Cruz ordenei a instalação de um posto zoológico, espécie de Jardim Zoológico em miniatura.

— E eu que não sabia de nada disso!

— Também não me descurio das coisas aos pobres. Há tanta gente necessitada. O sofrimento é tão grande neste mundo!

— Fuxam a redea. Estava ofegante.

— Meu anjinho? Sinto-me doente. Já não suportaria um bom galope. Tenho o presentimento de que vou morrer breve.

— Não diga isso! — interrompeu o Rebêdeco. — Falemos sobre outra coisa. Vossa Majestade não respondeu à pergunta sobre o seu casamento. Foi feliz com d. Pedro?

— Leopoldina vibrou o chicote no animal. Esquecida de sua missão e dos seus presentimentos de morte próxima, a primeira Imperatriz do Brasil fatigava a montaria, como se quisesse fugir a um pensamento impertinente, a uma pergunta indelicada. E não deu outra resposta...



— Aconselhei-o também a separar-se inteiramente de Portugal

Na Próxima Terça-feira:
A ORGANIZAÇÃO DA
INDEPENDÊNCIA
José Bastião

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0.40 cts. (400 REIS)

Escritório, Redação e Officinas:
Rua Sacerdote Cabral, 43 (Praça
Mauá) — Telefones: Escritório: 43-1163 e 35-3865; Redação e Ofi-
cinas: 43-5552. Encadernação: Rua
Gonçalves Caldevel, 310. Telefones
42-2508

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carli, à Costa, Netto

Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: Demétrio V. Silva

ANO IX — Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro de 1943 — Num. 1.295

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 120 números. CR\$ 43,00
SEMANTEIR — 78 nú-
meros CR\$ 25,50
TRIMESTRE — 26 nú-
meros CR\$ 15,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 34.
A ORGANIZAÇÃO DA
INDEPENDÊNCIA
JOSE BONIFACIO

O SONHO do Rebeldeiro pas-
sava a tomar outro aspecto.
As ideias se transformaram
em sonhos, e o solta em busca
de um barquinho, a cada do
canal em terra. Nos sonhos,
como recém-saído, a genti-
lha estranha essas coisas. De
modo que o Rebeldeiro se
desfaz, com toda a natural-
dade, semia uma coisa,
perto da ilha de Paqueta. A
praia ficava a poucos me-
tros e a própria mão empur-
rava a embarcação para
Junco d'Ala. Em terra se se
ouvira a eterna canção das
ondas. Rebeldeiro preparava-se
para saltar. Vendo um ho-
meme sentado nas pedras da
praia, olhou-o com atenção
e murmurou:

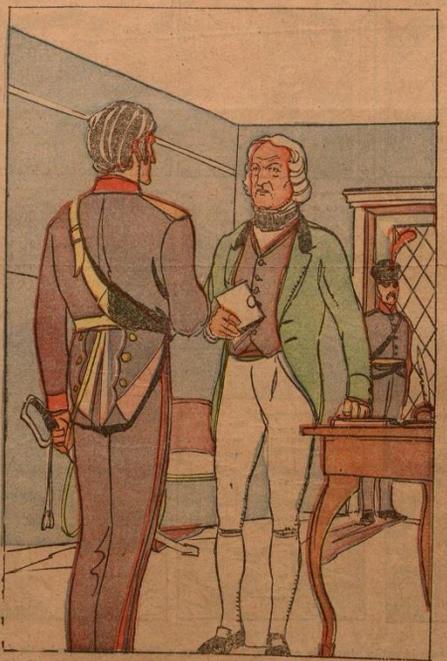
— Parece muito com um
retrato de José Bonifácio
que eu vi no livro de História
do Brasil.
— Embora o Rebeldeiro falasse
sacando o bonete ouvia.
Disse ao longe:
— Não eu mesmo...
— Rebeldeiro ficou admirado:
— Mas o que é que o senhor
está fazendo aqui na
ilha de Paqueta, sentado num
pedra, como qualquer
desocupado?
— Meu amiguinho, você
não sabe que eu fui preso?
— Preso? Quem pode ter
autoridade para prender a
um homem como o senhor?
— Vou contar. Você prefe-
re vir aqui para perto ou
fica aí mesmo no seu barqui-
nho?
— Fico aqui mesmo.
— Pois ouça lá! Eu era tu-
tor dos filhos de D. Pedro I,
desde o dia 1 de abril de
1831.
— Não de abril parece que
é a data da abolição de D.
Pedro I — monologou o Re-
bedeiro.
— Que é que você está
remanejando aí? — indagou
José Bonifácio.
— Nada, não senhor. Não
tem importância.
— Ainda bem. Fique sa-
bendo que eu não gosto de
segredos... Exijo toda fran-
queza comigo. Meu amigo é
meu amigo, meu inimigo é
como peço de tambor: dou-
lhe pancada de rijo.
— Quem diria que este sá-
bio é um valentão... pen-
sou o Rebeldeiro.
— Como eu ia contando,
era tutor dos príncipes. Mai-
or amigo de D. Pedro I, fun-
dador do Partido Restaurador,
que se bate pelo regresso de
D. Pedro I ao Brasil.
— Mas, D. Pedro, procla-

mador da Independência,
teve de abandonar o Brasil?
— Coisas da política. D.
Pedro é português e por isso
amigos brasileiros nunca o
suportaram. Ele cometeu al-
guns erros. Mandou que os
soldados prendessem depu-
tados, fez uma guerra sem
necessidade contra a Capi-
tina, chegou mesmo a prati-
car alguns escândalos em
sua vida particular...

— Será que ele foi mau
marido? — ariscou o Rebe-
deiro.
— A Imperatriz Leopoldi-
na sofreu muito — respon-
deu habilmente José
Bonifácio.
— E apesar disso o senhor
é amigo dele?
— D. Pedro tem muitas
qualidades. Errar, todos er-
ram. Ele perdoa de bons
conselheiros...

— Então, por isso o senhor
fundou o tal partido... como
é mesmo?
— Restaurador. Os inimi-
gos de D. Pedro ficaram
zangados comigo, surgiram-
ram-me das funções de tutor
e me prenderam na casa onde
de residir, aqui na ilha de
Paqueta.
— E o senhor não tenta
fugir? Conheço maneiras que,
quando são postos de casti-
gos, tentam logo sair...
— Fugir, para quê? Fico
em minha casa, estudando e
meditando. Fosso sua coisa
muito livre, que me distraem
sempre.
— Sente-se feliz?
— Não. O que mais me dói
não é ser perdido as funções
de tutor. É pensar que ama-
nhã posso morrer numa pri-
são, eu que tive tanto presti-

gio neste país e no estran-
geiro. Meu prestígio era tão
grande que o Imperador ia
pensando-me, visitar e
aconselhar-se comigo, quan-
do eu estava do lado do
teatro S. Pedro...
— Certo que hoje se cha-
ma Teatro João Caetano —
murmurou o Rebeldeiro.
— Você disse alguma coi-
sa? Já avisel: não gosto de
segredos...
— Desculpe...
— Então, não fale mais
bravilhões... Em dia, ao vez
de D. Pedro, I se retirava
de minha casa, uma das pos-
síveis presenças fez este co-
mentário em voz baixa:
— Já vai o ajudante do
ordem de Sua Magestade o
Imperador José Bonifácio...
Ora, isso é um desatento! Não
gosto de segredos!
— Sim senhor! — exclamou
o Rebeldeiro, bem alto,
para que ele ouvisse...
— O sábio continuou:
— Que vida a minha! Não
é a primeira vez que são de-
podar para o desterro. Em
1822, depois de ter sido mi-
nistro, fui deportado com
meus irmãos, Martin Fran-
cisco e Antônio Carlos. So-
fremos cruéis torturas. Quan-
do se nos entregaram aos por-
tugueses, que nessa época já
olavam nos tratando como
inimigos. Por sorte, pude de-
sembrar na Espanha e aze-
itar para Bordéus, na Fran-
ça, onde passei seis meses
de exílio. Lá estudei muito,
fiz versos, escrevi um tra-
balho sobre a extinção da es-
cravidão no Brasil.
— O senhor disse ha po-
co que os portugueses esta-
vam ficando, seus inimigos.
Por que?
— Porque em trabalho
com todo o entusiasmo, de-
pois de 1821, pela Indepen-
dência do Brasil. E como mi-
nistro, combati energicamen-
te a orientação do governo
português.
— Quem o nomeou mi-
nistro?
— Você não sabe que o rei
D. João VI, em 1821, regressou
a Portugal? Ele deu-me
D. Pedro como regente do
Brasil. E o primeiro regente
me nomeou ministro.
— Portanto, quem aconse-
lhou o príncipe a fazer a
Independência foi o senhor...
— Bem... Se o príncipe não
quisesse, nada se fazia. Mas
eu o aconselhei sempre a
resistir. Quis que ele ficasse
no Brasil, que que ele pro-
clamasse a Independência,
exatante os decretos dos pri-
meiros tempos (que foram
muito difíceis), fez a bandei-
ra do Brasil, trabalhei dia e
noite pelo Brasil...
— O senhor teve alguma
influência na proclamação
da Independência?
— Ouco, D. Pedro, ainda
regente, foi a S. Paulo. Eu
trabalhei muito de lá para
trazer esses papéis a D. Pedro
com um recado meu nas pa-
telas: — "Se se trata de fa-



— "Se não arrebitarem uma dúzia de cavalos, nunca mais terá correio!"

CONCLUSÃO NA
PRÓXIMA PÁGINA

Edição de Terça-Feira

Editorial, Redação e Officinas:
Rua Senador Celso, 43 (Praça
Mauá) - Telefones: Escolas: 43-1045 e 23-4895. Redação e Ofi-
cinas: 43-5335. Expediente: Rua
General Caspary, 316. Telefone:
43-2926

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS

Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolpho Alara * Gerente: Deszar Villela

ANO IX Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1943 Num. 1.299

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0.40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
Subscrição: Rua do Bragança,
ANG - 150 números. CR\$ 45.00
SEMIANNUAL - 75 nú-
meros CR\$ 55.00
TRIMESTRAL - 30 nú-
meros CR\$ 13.00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 35.

MARTÍRIO DA INDEPENDÊNCIA

JOANA ANGÉLICA

ERA um velhinho trágico, fisionomia tristonha, que se apoiava no braço do Rebedeco e encostava com ele a caminhar pelo pátio de um convento (o convento da Lapa, na Baía). Cada passo Lapa dava um gemido. Não reclamava ao esforço de andar, buscava repouso no tampo do pé, a cabeça fraca de uma árvore.

— Meu menino — disse a velhinha, sentando-se com dificuldade. Em sua Daniel da Silva Lisboa, capela do convento da Lapa.

— Parece que o senhor está machucado, interrompeu o Rebedeco. Precisa de algum tratamento? É isto mesmo para ajudá-lo.

— Muito obrigado, meu amigo. E inútil. Estou doente, e, sem remédio. Meus ferimentos são a consequência de uma coisa trágica, desenrolada no interior deste mosteiro, onde perdura a vida, gloriosamente, no se- abadesa, suor Juana Angélica de Jesus, que repousa na santa paz de Deus. Grande exemplo de abnegação, a sua morte!

— Não gosto de ouvir falar em cenas trágicas, mas, estou curioso em saber que relação tem tudo isso com a Independência do Brasil.

— Vou contar.

A voz trêmula do velhinho ainda teve mais tremula: Vivíamos tranquilos em nosso convento, mais como no tempo, porém, lá fora o Brasil se agitava, tempestivo como os mares. Você com certeza conhece as agitações que houve no Brasil por ocasião da Independência.

— Conheço, sim, senhor. Sei que conhece, porque minha experiência da vida me permite ler o caráter da pessoa em sua própria fisionomia. Garanto que você é um menino bem aplicado. Rebedeco não deu uma palavra.

— A revolução constituinte de 1824, no Pórtico contribuiu para essas agitações. Aqui, na Baía, criou-se um governo revolucionário e foram juradas as bases da futura constituição no recinto da catedral.

— Também, aqui, na Baía houve rivalidade entre brasileiros e portugueses?

— Muita. E por causa disso, o comandante das armas, brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães, amigo dos brasileiros, foi substituído pelo brigadeiro Luiz Madeira de Melo. Este não queria ouvir falar em Independência.

— E foi mesmo. Saíram conflitos quase todos os dias. Brasileiros batiam-se nas ruas com portugueses. Os portugueses venceram e tornaram conta da cidade.

— Por que é que os brasileiros apunharam?

—eram simples paganos. Os portugueses contavam



A abadesa não recuou. Continuou na porta, impedindo a passagem

com muitos soldados profissionais, veteranos das campanhas contra Napoleão. Gente que sabia brigar.

— Compreendo. Tomando conta da cidade, os portugueses começaram a saquear tudo o que encontraram. A soldadesca, embriagada, não perdava a ninguém. As onze horas da manhã de 20 de fevereiro de 1822 a porta deste mosteiro foi arrombada.

— Parece que já estou prevenido os fatos — disse, com ênfase o Rebedeco, fitando os olhos nos cabelos brancos do frade.

— Sim, meu filho, bem se pode prever o que fará a soldadesca enfurecida. Arrombada a porta, entraram no edifício. Chegaram até

uma outra porta, onde as religiosas buscavam o último refúgio. Não se detiveram os invasores. Tinham fraldas molhadas.

— E arrombaram, também, a outra porta? — Resoaram as primeiras machadadas. De repente a porta se abriu e um velho apareceu, impedindo a passagem. Era a madre abadesa, Juana Angélica. Vinha defender as freiras. Trazia no peito um medalhão de prata, com a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

O valhinho passou a mão pela testa cheia de rugas. Respirava com dificuldade. E falando baixinho, como se tivesse medo da própria voz, continuou:

— De resto, não me lembro muito bem... A abadesa disse algumas palavras aos soldados, pedindo-lhes que respalhassem aquela casa a cura de Deus. Um deles, rindo dos outros heréticos, ergueu a baioneta.

— A abadesa não recuou. Continuou na porta, impedindo a passagem. Vi a baioneta desaparecer no peito da abadesa e nunca mais pudei esquecer o gesto de Juana Angélica: cruzou as mãos na atitude de quem vai orar, ergueu ligeiramente a cabeça — a calva, já vermelha de sangue.

— Morram os portugueses! — berrou, indignado o Rebedeco.

— Não diga isso, meu filho. Um soldado enfurecido pelo álcool, não representa Portugal. Os verdadeiros portugueses são antigos do Brasil. E nos também devemos gostar deles.

— Mas, a guerra da Independência — foi feita contra o governo e não contra o povo português. Agora tudo acabou e somos amigos outra vez. Além disso, os cristãos não devem guardar ódio no coração.

— O senhor falava desse modo, se os soldados o tivessem ferido, talvez?

— Como?

— Sim, eles me feriram e eu os peço. Logo depois de ver a abadesa cair, não me contive e fui socorrê-la. Contra mim se virou, então, a cetera dos atacantes. Benfitei as primeiras sorrelhas, violentas, repetidas, cada vez mais rápidas, na cabeça, nos braços, no peito, nas pernas.

— Como o senhor deve ter sofrido.

— Tudo foi escurecendo. Fui os sentidos. Vendo-me imóvel, achei que eu tinha morrido. Nenhum deles se lembrou de euilar a baioneta em meu corpo, se não eu tinha morrido mesmo. Deus não o quis. — Mas tarde fiquei bom. Bem é manobra de dizer.

— Não ficou inteiramente bom?

CONCLUIRE A PAGINA

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0.40 cts. (400 REIS)

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: Demas Vilela

ANO IX * Rio de Janeiro, 2 de Março de 1943 * Num. 1302

Ampliar este artigo para qualquer parte do Brasil:
ANO — 100 números, CR\$ 40.00
SEMANAL — 72 números, CR\$ 25.00
MENSAL — 12 números, CR\$ 25.00
TRIMESTRAL — 36 números, CR\$ 13.00

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 36.
CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR
FRI CAÑECA

Pais de Andrade fazia Os reio e João Melrowich; em que não podiam fugir, foram executados. No Ceará, em Recife executaram Frei Cañeca... E o Rebeldeco, questionado pelas suas recordações, co-

nheceu a reer tudo, tal qual se passara.

OS O condenados estão ali no largo, prontos para o suplicio. Frei Joaquim do Amor Divino Cañeca será o último. Alguns parecem trântulos; pelo menos, o major Agostinho Bezerra Cavaleanti é Sousa caminha como se fosse dar um passeio. Morrem todos: capitão Lázaro da Silva Fontes, Antônio Maria de Moraes de Oliveira, Francisco Antônio Monte de Oliveira, Francisco Antônio Fragozo, e mostencianças James Heide Negro e o tenente Nicolau Martins Pereira, que

desmaiou antes da morte. Todos fuzilados. Frei Cañeca espera... Mandam buscar um carrasco, porque a sentença exige que o frade revolucionário seja enforcado e não fuzilado. Chamam um mulato, que estava na cadeia por causa de dois crimes que tinha praticado. Mandam-no enforcar o frade. Ele se recusa; não será capaz de enforcar um sacerdote! Instam. Não cede. Ameaçam. Resiste sempre. Dão-lhe uma porção de enroladas e ele cai sem sentidos... Arrastam dois negros até junto da forca. Também se negam à brutalidade dos soldados se repete insistentemente: apanharam muitas pranchetas de esquadra, mas não enforcam o sacerdote. As costas dos pobres negros estão cheias de sangue. Já não tem forças para cumprir a ordem de enforcamento.

Frei Cañeca ainda espera... Agora está um pouco nervoso, porque o sofrimento dos presos é enorme. Mas não se hastina. Espera... As autoridades resolvem fuzilar o frade, em vez de enforcá-lo. Mandam buscar novamente o júlio de fuzilamento. Vai tudo acabar? Ainda não; um dos soldados do pelotão cai de repente, jaldio, inerte. Que foi? Morreu do coração; antope caduaca... Algumas pessoas presentes dizem que aquilo tudo é um milagre. Para salvar o frade. Então resolvem despi-lhe das roupas de frade. E uma centomina tirou. O condenado aparece agora em camisa, calça amarela, forte, sanguinário, barba grisalha, agitada pelo vento. Ele próprio se amarra ao poste de suplicio. Os soldados deveriam alisar em direção ao poste, para fazer malho pontaria. Frei Joaquim do Amor Divino Cañeca fita os olhos nos soldados, que se acham a seis passos dele, em silêncio. E o condenado clama em voz calma:

— Meus amigos, peço que não me deixem sofrer por muito tempo...

Dave-se a ordem de fogo. Trova-se descurado. Frei Cañeca penla a cabeça e uma regatilha de sangue saem do seu corpo. Está morto...

REBEDECO estrega os olhos. Que lembranças desagradáveis! Sente muita pena do frade. Quando, com as pernas doendo, vê uma cadeira com rodinhas perto dele. Rápido, pensando que era um brincadeira, corre para junto da cadeira. E quando vai se sentar, ouve uma voz dura:

— Espere, menino! Deixe a minha cadeira!

Na próxima terça-feira, Capítulo 37.
OS HOMENS DA REGÊNCIA
Bernardo de Vasconcelos

Ele se recusa: não será capaz de enforcar um sacerdote!



Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Azeite * Gerente: Denazar Villela

A N O X Rio de Janeiro, 16 de Março de 1943 Num. 1307

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Edição e Officinas:
Rua Macadua Cabral, 43 (F.oga
Maua) — Telefones: Escritório: 44-100 e 22-400; Edição e Ofi-
cinas: 44-3033. Encadernação: Rua
General Chalweil, 318. Telefones
42-2929

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 numeros, CR\$ 48,00
SEMANAL — 76 nu-
meros CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 26 nu-
meros CR\$ 12,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 37.
OS HOMENS DA REGENCIA
BERNARDO DE VASCONCELOS

AGORA Rebedeco estava
numa sala grande, cadei-
ras arrumadas em semicírcu-
lo, com as arquibancadas
de cima. Rebedeco viu mu-
lhos senhores idosos, senha-
dos nas cadeiras. Todos em
silêncio. Ele repete: vou
monções r boarar na sala.

— Pêlaboro Caldeira
Braz, marquês de Barbacena.
— Presente!
— Aureliano de Sousa e
Oliveira Cavimbo, visconde
de Sepetiba.
— Presente!
— Domingos Borges de
Barros, visconde de Pedra
Branca.
— Presente!
— Miguel Calmon du Pin
e Almeida, marquês de
Abrantes.
— Presente!
— Manuel Jacinto Nogueira
da Gama, marquês de
Baspendi.
— Falta!

— SERIA' um colégio? —
perguntou a si mesmo
o Rebedeco.
Mas uma voz grave, seve-
ra, interrompeu os pensa-
mentos do menino:
— Tem a palavra o senhor
senhor Bernardo Pereira
de Vasconcelos!

Rebedeco não reconheceu
o nome, senão apenas a pa-
lavra "senador", compre-
endeu, então, que se achava
na sala de sessões do senado
imperial.

O senador, a quem o pre-
sidente concedera a palavra,
começou pausadamente:
— Senhor presidente! Pro-
chama-se que eu sou inimigo
do senhor d. Pedro II. Não
é verdade. Eu, Bernardo
Pereira de Vasconcelos, venho
fazer a minha defesa
perante o senado.

Ouvindo o nome pela
segunda vez, o Rebedeco não
se conteve e gritou de lá de
cima, onde se sentara numa
cadeira vazia:
— Não apodado! O senhor
vai renovar comigo sobre o
período da regência! Deix-
e a defesa para depois.

Escutando o menino, os
senhores se levantaram, es-
perantados com a falta de
respeito. Bernardo de
Vasconcelos, grunhiu, enru-
gado, obedeceu fustada, respi-
ração opressa, fisionomia de
infernal, permaneceu a ma-
lado e continuou seu discor-
so com estas palavras, que
deixaram o Rebedeco meio
encabulado:

— Aos meninos r. peitado-
res e bem intencionados na-
da se deve negar.
Rebedeco, que fora pou-
co educado, ficou vermelho
mesmo. E Bernardo conti-
nuou:
— Nasci a 27 de agosto de
1785, em Minas. Meus pais, o
dr. Diogo Pereira Ribeiro de
Vasconcelos e Lema Maria
do Carmo Barradas.

— Desculpe — interrom-
peu o Rebedeco — eu não
queria que o senhor contasse
a sua vida, mas somente os
acontecimentos durante o pe-
ríodo da regência.

— Para entender bem o
meu papel de defensor da
lei e da autoridade, você não
pode ignorar o meu passa-
do. Ouça:
— Sim senhor...

— Meus pais pertenciam a
família, onde os grandes ad-
vogados sempre se distingui-
ram. Por isso mandaram-me
estudar advocacia em Colô-
mbia. Foi o navio que prou-
nha dos franceses, que, duran-
te o reinado de Napoleão,
guerreavam Portugal. Depois
de muitas complicações, volti,
sem ter conseguido esta-
belecido.

— Então, o senhor não é
fermeiro?

— Mais tarde tornei a Por-
tugal e em 1818 obtive o tí-
tulo de barão em direito.
R grossi — definitivamente
ao Brasil. Foi juiz em Gua-
ratinguê, desembargador
no Maranhão e finalmente
deputado por Minas. Nunca
mais deixei de ser político.

— Quer dizer que o senhor
tem costado?

— N m tanto. Calcule que
cheguei a ser preso.

— Vejam só! Um homem
de tanto valor, posto de es-
tado.

— Foi por pouco tempo.
Eu era vice-presidente de
Minas. Houve uma revolta
contra o presidente, Miguel
Inácio de Melo e Silva. Os
revoltosos não o encontraram
na capital de Minas, que era
Vila Rica.

— Hoje Quero Preto — pen-
sou o Rebedeco.

— Então, não podendo
prender o presidente, resol-
veram tirar a fora em cima
de mim. Mas eu não sou pa-
ra brincadeiras. Consegui li-
bertar-me e na vizinha cida-
de de S. João del Rei organi-
zei a resistência. Venci.

— O senhor, pelo que vejo,
é sempre a favor da lei.

— Eu não lhe disse que
pertencio a uma família de
advogados? Em 1834 encar-
regaram-me da reforma da
Constituição. Essa reforma,
com emendas alheias, que
meditaram o meu pensa-
mento, e conhecida pelo no-
me de "Ato Adicional". Co-
mo ministro da Justiça, de-
rante o governo do regente
Araujo Lima, criei o Colégio
Pedro II, a 5 de dezembro de
1837.

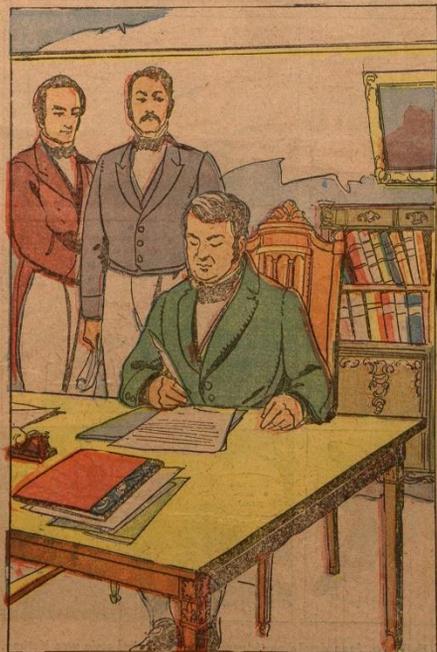
— Viva o Colégio Pedro II!
— gritou o Rebedeco.

— Depois entrei para o
Senado. Foi contrário à
maioridade do Imperador,
em 1840, ele ainda não tinha
idade legal para governar
pessoalmente e eu sou o ho-
mem da lei.

— Compreendo, "eu" Ber-
nardo.
Não querendo concor-
dar com a maioria, de-
miti-me do lugar de minist-
ro, para o qual fora norma-
mente nomeado. Prefi demis-
são, tive horas depois de
ter sido nomeado. Ainda
nesses dias, creio que procedi
com patriotismo.

Nesse momento, um sen-
dor entrou na conversa. Era
o marquês de Baspendi. In-
terrompeu, com um sonoro:
— Não apodado!
Bernardo de Vasconcelos
olhou para o senador que o
interrompera e disse:
— Vossa Excelência, se-
nhor marquês de Baspendi
assim como o senhor Antô-
nio Carlos, são os meus maio-
res inimigos. Só por isso é
que peço em dúvida o meu
patriotismo. No entanto, he-
d quem me chame de Mirabeau
do Brasil! Ha quem me cha-
me de mestre do parlamentari-
simo no Brasil. Não quero
tanto.

— Agora, quem diz não
apodado sou eu — exclamou
o Rebedeco. — O senhor está
sendo muito modesto.
— Não. Quero apenas que
me fiquem justiça. Tanto de-
dicar a minha vida, minha
saúde, aos livros, à adminis-
tração, à política. Sou ho-
je um paralisado. Venho de
falar sentido, sobre dores
horribéis dia e noite, mas
esta repito para servir ao
meu país!
— Todos não estamos! —
apareceu a voz.
Rebedeco pensou que fosse
o senador. Não. Era o
regente Araujo Lima.



— Como Ministro da Justiça, durante o governo do Regente Araujo Lima, criei o Colégio Pedro II...

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Senador Cabral, 43 (Praça
Muniz) — Telefones: Escritórios: 43-1893 e 23-1893. Redação e Ofi-
cinas: 43-1893. Encadernação: Rua
General Cassel, 119. Telefones
43-2926

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizon * Gerente: Denizar Villela

A N O X B Rio de Janeiro, 23 de Março de 1943 Num. 1310

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números, CR\$ 45,00
SEMESTRE — 75 nú-
meros CR\$ 30,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPITULO 38

OS HOMENS DA REGENCIA

Pedro de Araújo Lima
(Marquês de Olinda)

VENHA cá, meu menino (era Araújo Lima quem es-
tava falando). Então meo
sanguado com el homin
pessio e converso com as
crianças.

— Por que o senhor está
meio zangado com os ho-
mens?

— Imagine você que eu era
regente do Brasil. Acaba de
entregar o governo do país a
no senhor Dom Pedro II.

— Mas, não é eu o Impera-
dor do Brasil?

— Então, o senhor de lá
está satisfeito e não abor-
dece?

— Quer que eu lhe expli-
que o motivo da mea aborre-
cimento?

— Quer, sim, senhor. Eu
não entendo bem essas cas-
cas de politica.

— Ouça o que eu lhe explico.
— O Imperador e
mencir até a idade de des-
to anos completos. Ora,
nos estamos em 1840; o Im-
perador nasceu em 1825.

— Tã m, portanto, quin-
ze anos.

— Sim, quinze anos in-
completos. E no entanto,
acaba de subir no trono,
quer dizer, acaba de assu-
mir pessoalmente o gover-
no da nação!

— Como, se ele não tem
doisdoz anos?

— A Câmara e o Senado
decidiram que ele devia as-
sumir o governo agora mes-
mo.

— Nesse caso, não foi res-
peitada a Constituição?

— Tem razão, meu ami-
guinho. E por isso eu fui
e m p e contrário ao golpe
da maioridade.

Rebetece ficou distraida-
mente cecando o rodama-
nho do cabelo; estava pre-
ocupado com aquela palavra
— "maioridade". Atual, de-
samboneou.

— Tenho ouvido falar mil-
tas vezes em "maioridade",
mas, não sei bem o que quer
dizer isso.

— Para responder, vou lhe
fazer uma pergunta: você
não distingue um pinto de
um frango? Franco é pinto

dia governar o Brasil, não
é?

— Isso mesmo. Governou
uma regência, em nome dele.
Primeiro foi uma regência
provisória, formada pelo ge-
neral Francisco de Lima e
Silve, pelo marquês de Ca-
ravelas e pelo senador Ni-
colau Pereira de Campos
Vergueiro.

— Por que foi provisória a
regência?

— Ninguém esperava a ab-
dicação do Imperador Dom
Pedro I, no dia 7 de Abril
de 1831. Ele deixou o trono
de repente e foi preciso no-
mar alguém para substituí-
lo.

— E depois?

— Vieram outros regentes:
os deputados João da Costa
Carvalho e José Bráulio Ma-
niz. O general Lima e Silva
ficou. Depois três formaram a
regência permanente. Em
1835 foi eleito o padre Feijó.
E dois anos depois, saiu eu
ao governo.

— Quer dizer que o senhor
é uma espécie de Impera-
dor? Você... Majestade...
me desculpe.

— Só o Imperador deve ser
chamado de Majestade.
Pode me tratar por "se-
nhor". Não faço questão dis-
so. Tenho exercido cargos
importantes, mas, sou um
homem simples.

— Que cargos?

— Deputado, senador, mi-
nistro. Se eu continuava
com tanta sorte como tenho
tido até hoje, seria o bra-
sileiro que mais número de
vezes foi nomeado ministro.
E tenho esperanças de ainda
vir a receber o título de fi-
dalgo.

— Há pouco o senhor me
disse que estava aborrecido
com os homens.

Araújo Lima sapinim. Ce-
cou a barba, que era desca-
so, o povo chama "passa-
golho", porque, nas pessoas
pouco assadas, os pelos
passam diretamente da ca-
beça para a barba. Confes-
so.

— Eu agora acabo
de sofrer uma crise poli-
tica. O Imperador foi pro-
clamado maior, antes da
idade legal, contra a minha
vontade.

— Por que ficou assim?

— Diziam que se gover-
nando pessoalmente é que
Dom Pedro II será respecta-
do. De fato, nós estamos
atravessando um período de
muitas agitações. Todo mun-
do quer brigar. Revoluções
em toda parte.

— E Dom Pedro, concor-
deu com a maioridade aos
quinze anos?

— Concordeu... E; disse
uma frase celebre.

— Conte, conte! Eu gosto
de conhecer frases celebres.

— Bem. Tinha havido pes-
são violenta na Câmara.
Dois irmãos da Família An-
drada, os deputados Martin
Francisco e Antônio Carlos,
pronunciaram discursos a
favor da maioridade. Antô-
nio Carlos pedia ao povo que
o acompanhasse. Queria
abandonar a Câmara e es-
cabeçar uma revolução na
rua.

— Que homem disposto!

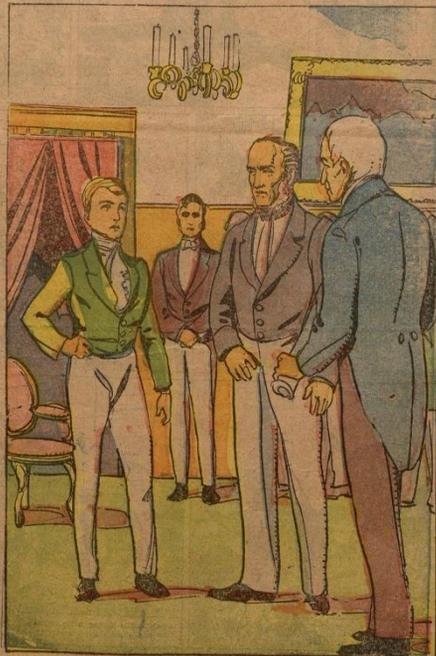
— Eu que o diga... O
povo acompanhou Antônio
Carlos. Ele e outros depu-
tados vieram para o Senado.
Lá formaram uma comissão
de deputados e senadores.
Para o palácio! A comissão
fabrica em nome de todos.

— O senhor estava no pa-
lácio?

— Não, se eu era o regen-
te! Estava no lado de Dom
Pedro II. Eu ainda tentei
admirar um pouco. Lembrei a
proclamação da maioridade
para o dia 2 de Dezembro,
sucessoria do Imperador.
Qual nada! Dom Pedro res-
pondeu que queria ser pro-
clamado maior. Inmediata-
mente.

— Parece que está ouvindo
o Imperador responder.

— Quero, já!



— Quero já!

— CONCLUI-
DA A PAZINA

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Drogas
Maca) — Telefone: 3711000
43-1903 e 37-4899. Redação e Ofi-
cinas: 43-2022. Encargamento Rua
General Osório, 318. Telefone
43-2520

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizra * Gerente: Demas Villa

A N O X Rio de Janeiro, 30 de Março de 1943 Núm. 1313

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Anuidade pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 DIÁRIOS CR\$ 63,00
SEMANAL — 76 DIÁ-
RIOS CR\$ 35,00
TRIMESTRAL — 26 DIÁ-
RIOS CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 39º

OS HOMENS DA REGÊNCIA
PADRE DIOGO ANTONIO
FEIJÓ

E FOI mesmo. Foi à cidade de Sorocaba, onde o Padre Diogo Antônio Feijó, numa casa modesta, esp.ava as pessoas que tiraram oentão-lá... Pelo menos, assim chamaram ao feioceiro, na porta de entrada:

— O Padre Feijó vai ser preso, porque tomou parte na revolução de 1832...

— Chefo de espanto, o Rebebeceiro entrou na casa e foi logo perguntando ao Padre Diogo Antonio Feijó, que estava deitado numa cama:

— Então o senhor, não ando da lei, tomou parte na revolução de 1832?

— Quem lhe disse (respondeu o Padre) que eu sou amigo da lei?

— Ah! Confiei muito nesse homem... Chamou-o para me substituir no lugar de Regente.

— Como é que o senhor conseguiu chegar ao posto de Regente?

— Disse, Quando eu era deputado...

— Mas o começo da minha vida nada tem de interessante para ser contado. Foi um padre como os outros. Estudei, lições, cumpro sempre meus deveres. Afinal, o Brasil foi elevado à categoria de reino...

— Por 4 de Junho VI — interrompeu o Rebebeceiro.

— Graças à minha resposta — continuou o Padre, lembrando-se dos seus tempos de professor. — Como reino, o Brasil tinha direito a mandar deputados para representá-lo em Lisboa. Elegeram-me deputado por São Paulo.

— Quer dizer que o senhor já tinha prestígio...

— Bem... Eu estudava muito. Além disso, minha conduta pessoal impunha respeito. Mas em Portugal tive que brigar muitas vezes...

— Brigar?

— Brigar, na tribuna. Nós, deputados brasileiros, já tinhamos ideia de fazer a independência do Brasil de modo que os portugueses se rancavam conosco. Eu não fecho papas na língua...

— Está me parecendo...

— A coisa chegou a tal ponto que não pudemos continuar. Saímos de Portugal

ocultamente e fomos para a Inglaterra.

— Já observei que muita gente, vai se refugiar na Inglaterra.

— A Inglaterra é um país de liberdade. Todos lá tem os seus direitos garantidos. Publicamos então um manifesto...

— Que é manifesto? Manifestação?

— Manifesto é um documento para ser publicado nos jornais, onde as pessoas expõem ao público suas ideias. Explicamos ao povo brasileiro que não podíamos continuar em Portugal, por falta de garantias. Voltei ao Brasil. Tinha sido proclamada a Independência por Dom Pedro I.

— Viva o Grito do Ipiranga!

ranga! — exclamou o Rebebeceiro.

— Vivi modestamente, até que, em 1831, o Imperador mandou que as câmaras municipais estudassem o projeto da Constituição. A câmara de Itu, em São Paulo, enviou o seu parecer, que foi elaborado por mim. Novamente me elegeram deputado.

— Dessa vez, não ia mais para Lisboa?

— Não. Já eramos nação independente. Câmara e Senado reuniam-se no Rio de Janeiro, capital do Brasil. Mas um grande acontecimento surpreendeu o Brasil, no dia 7 de abril de 1831...

— Já sei! Foi a abolição de Dom Pedro I.

— Graças a Deus, outra vez... Imagine em que situação fi-

camos: o novo Imperador tinha cinco anos. Alguém devia governar em nome dele.

— Bastava nomear um regência...

— Sim, mas quem assumiria a regência? E quem mereceria ser nomeado? Não, deputados e senadores, reunidos no Paço, resolvemos indicar, em nome do Imperador, uma regência tríplice, formada pelo brigadeiro Lima e Silva, e os deputados Carlos Cavalcanti e João Bráulio Muniz. Esses me convidaram para Ministro da Justiça...

— Por causa disso (perguntou Rebebeceiro) e que existe a rua Senador Vergueiro...

— A regência provisória governou os dois meses. Foi eleita a regência permanente e o mesmo brigadeiro Lima e Silva, e os deputados José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz. Esses me convidaram para Ministro da Justiça...

— O senhor assustou?

— A princípio, não. Eu sabia que em toda parte estavam preparando revoluções. Ao Ministro da Justiça cabia manter a ordem. Era preciso empregar muita energia. Exigi cada braço...

— Por que não podia ser carta de outra cor?

— A expressão carta branca significa liberdade completa de ação. E como se o chefe nos desse um papel em branco, para a gente encher à vontade...

— E os chefes, isto é, os regentes, deram?

— Deram. Atétei o lugar. Quanto mais os disordeiros faziam barulho, mais energia me mostrava. Fui os ajuntamentos nas ruas. Criei as guardas municipais, para fazer o serviço de vigilância. Apeli para a população. Homens ricos, doutores, fidalgos, vieram manter a ordem nas ruas, de dia e de noite.

— Que honra, seu Feijó! Como os brasileiros sabem ser patriotas!

— Tem razão, meu amigo. O brasileiro, no momento do perigo, é um patriota exemplar.

— Que perigo havia naquela ocasião?

— O perigo de nos dividirmos em várias nações pequenas. Todos queriam mandar. Até os soldados não obedeciam. Criei então uma Guarda Nacional, de civis.

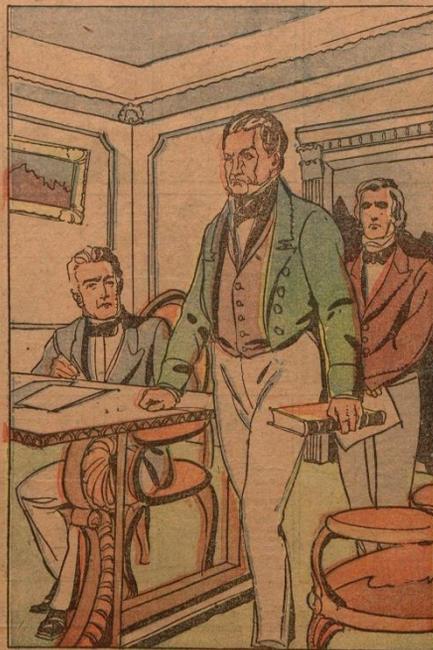
— Quantas revoluções o senhor dominou?

— Fedei a conta... Por exemplo: a 12 de julho de 1831 revoltou-se um batalhão de infantaria; na noite de 13 para 14, um batalhão de polícia; a 2 de abril de 1832, a fortaleza de Vila Rica; a 17 de abril, o partido rancurador, José Bonifácio, tutor de Dom Pedro II, era o chefe desse partido. Fedei, por isso, que ele fosse demitido do cargo de tutor. O Senado não aprovou a ideia. Não gosto que me contrariem.

— Deixe a pasta da Justiça.

— Mas então o senhor não foi regente.

— Espere... O povo me elegeu senador. Depois, sena-



De Outubro de 1835 a Setembro de 1837, dirigiu o Brasil com severidade

CONCLUIE NA
PÁGINA

Edição de Terça-Feira



Redação, Redação e Oficinas:
Rua Saadara Cabral, 43 (Praça
Muniz) — Telefone: 221-1000
40-1065 e 23-4508. Redação e Ofi-
cinas: 43-5552. Expediente: Rua
General Cabral, 310 — Telefone
43-3228

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Altam — Gerente: Desiriz Viçosa

A N O X • Rio de Janeiro, 6 de Abril de 1943 • Num. 1316

16 PÁGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números, CR\$ 48,00
SEMESTRE — 72 nú-
meros CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 40.
OS GRANDES GENERAIS
MANUEL LUIZ OSÓRIO
(Marquês do Herval)

REBEDECO ficou observan-
do por muito tempo o re-
fletido da espada de Luiz Al-
ves de Lima. Qual não foi o
seu espanto quando o reflexo
começou a caminhar na escuridão
da noite, desdobrando-se em outros
pontos e iluminando-se. Gritos,
chibros de entusiasmo, che-
gavam aos ouvidos do menino:

— Viva o nosso grande ge-
neral!
Rebedeco ebbou em torno.
Desaparecera a casa de So-
rocha. Ele se achava agora
num acampamento militar.
Soldados desfilavam, empun-
hando archotes, com velas
acesas na ponta, abrigadas
em cartuchos de papel. A ca-
vala, sorrindo, estava um ge-
neral muito simpático, de
barba e bigode quase brancos.
Se eram brancos nas
pontinhas.

Vendo perto um soldado,
Rebedeco chamou-o pela ca-
ça:

— Por que tanto barulho,
camarada?
— Manifestação dos solda-
dos brasileiros ao general
Osório. Estamos em Pirajá.
A guerra do Paraguai...

— Não me fale em guerra
— interrompeu o menino.
— Eu também simpatizo
muito com o general Osório.
E vou conversar com ele...

— Mas, agora?
— Agora mesmo.
O general, que ouvira a
frase, convidou:

— Fula para a frente do
bedim. Não faça cerimônia.
Rebedeco pulou e o cavalo,
espantando-se, começou a
sucrovar.

— Seu general, será que
ele vai nos... nos...

— Nos jogar no chão?...
Ora, meu simpatinho! Sou
gaúcho, criado nos campos.
Na sua idade eu apostava
corrida, montado em pélo.
As vezes o cavalo esba, mas
eu pulava em pé, achando
graça na coisa...

— Para andar tão bem a
cavalo, só fazendo gazeta na
escola.

Osório riu. Como era sim-
pático! Deu uma palmadinha
em Rebedeco e continuou:
— Não era preciso... Esta-

del souco, infelizmente.
Queres as havia escolas, no
m a tempo. Depois de ho-
mem é que fui aprender por
minha mesma.

— Seu pai não o mandava
à escola?

— Meu pai era militar. Ha-
bitou-me a vida de cam-
panha. Tomei parte em muitas
lutas, ao lado dele...

— O senhor é muito bri-
lante?

— Dependê... Brigar para

se defender de um ataque,
está sempre certo. Brigar
para provocar, isso não. O
dia mais feliz da minha vida
seria aquele em que os países
destruíssem seus arsenais...

— Qual foi o seu primeiro
combate?

— Pela Independência do
Brasil! O general português
don Alvaro Madrêdo não
queria aceitar a Independên-
cia. Ajudei a combater-lhe.
Venemos, mas escapei de
morrer mais de uma vez.

— Conte como foi...

— Uma ocasião fiquei cer-
cado por inimigos. Salvetei-
me, porque, na carreira, se
palava do selim para o chão

e do chão para o selim... Ou-
tra vez, veio um disparo de
artilharia em minha dire-
ção; obriguei meu cavalo a
trapegar e a bala passou por
cima de minha cabeça. In-
felizmente, meus camaradas
morreram a meus lados...

— O senhor gosta muito
de seus camaradas?

— Infinitamente. Sou amigo
dos meus soldados. E eles
me pagam na mesma moe-
da. Que...

As aclamações dos solda-
dos continuavam:

— Viva o g neral Osório!

— Ve-me amigadinho? Tra-
te-os com energia, mas to-
dos gostam de mim. Alguns,
quando vieram para a guer-
ra, nem sabiam alitar. Fiz
deles verdadeiros heróis. Te-
nhos conduzido de vitória
em vitória!

— Per que rebentou a
guerra do Paraguai?

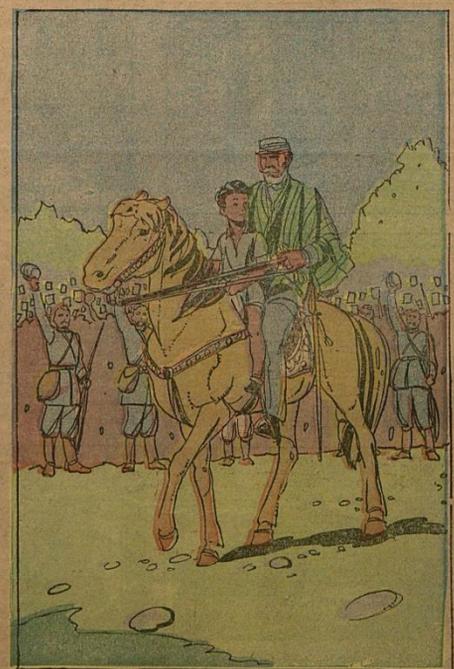
— O ditador paraguaio,
Francisco Solano López, bo-
rra violento, mandou apri-
sionar um navio brasileiro,
o "Uruguai", de Olinda...

— E depois?

— Você com certeza co-
nhece o próprio Marquês.
Eu me retirei ao navio que
tem esse nome. O governo
brasileiro, sentindo-se ofen-
dido, declarou guerra.

— O senhor tem ganho
muitas vitórias?

— Eu, não. Quem tem ga-
nho é o Brasil. A maior ba-
talha que venci foi a de
Tupiza. Nunca houve, na
América do Sul, tantos solda-
dos em combate. O inimigo
nos atacou de surpresa.
Reagimos e v-nemos porque
é fácil comandar os soldados
brasileiros; basta mostrar-
hes o caminho do dever...



O dia mais feliz da minha vida seria aquele em que os países destruíssem seus arsenais...

Os milhares de soldados bra-
sileiros continuavam vi-
torizando o nome do seu che-
fe e amigo. As velas acesas
halareavam nas mãos deles.
Parecia que as estrelas ali-
nham caído do céu, para le-
mar parte na homenagem.

REBEDECO abriu
os olhos. O dia vi-
nha raiando. Era domín-
go. A manhã custou a
passar. A tarde também.
E de noite, tudo cedinho
para a cama. Rebedeco
conheceu: — "Papai da
Cruz! Tomara que eu con-
tinuas a combater com a His-
tória do Brasil!" —
Aformoseou. E logo um
branco adormeceu, tateando
no escuro, visto lhe fazer
cegas na palma das
pés.

Na Próxima Terça-Feira:
Capítulo 41.
OS GRANDES ALMORANTES
Francisco Manuel Barros
(Barão de Amazonas)

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Bandeira Cabral, 43 (Praça
Mauá) — Telefones: Escritório,
43-1963 e 23-4108. Redação e Ofi-
cinas: 43-5322. Endereçamento: Rua
General Canabarro, 318. Telefones
43-5298

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Neto

Diretor: Adolfo Azeite * Gerente: Desider Villola

ANO X • Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1943 • Num. 1319

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 etas.
(400 REIS)

Anuidade pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 156 números. CR\$ 45,00
SEMESTRE — 78 nú-
meros CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 13,00

Polentino Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 41

OS GRANDES ALMIRANTES
FRANCISCO MANUEL BARROSO (Barão do Amazonas)

NINGUEM pode saber quando passa da vigília para o sono. Hebeleco pegou no sono e já estava dormindo — e sonhando — quando o homem idoso e barbado veio caminhando às suas costas. Hebeleco não teve medo (no sonho); quando o inspeorado visitante lhe tocou de leve na sola dos pés, o menino não acordou e caiu na risada. Ele queria dizer, mas o riso não permitia acabar a frase:

— O senhor está me fazendo co... co...
— Quem me fala? — perguntou o visitante.
— Ora essa! O senhor não está me vendo?
Ver... não posso. Estou quase cego...
— Que pena! — exclamou o Hebeleco, sentando-se na cama.

A fisionomia do visitante parecia-lhe conhecida:
— O senhor não é o... o...
— Sou o Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas.
— Será possível! O herói do Riachuelo!

— Sim, meu amiguinho. Todos me conhecem como o herói do Riachuelo. É realmente o episódio mais célebre de minha vida. Ainda me lembro como se fosse hoje.

— Ainda se lembra de tudo, tudinho?
— Quem pode se esquecer. Era domingo, dia da Santíssima Trindade. Pela manhã, depois de ouvirmos missa, sentamos-nos à mesa do almoço. Antes de começarmos, ouvimos o grito do vigia: — Alarme à vista!

— O senhor dá licença para uma pergunta?
— Pois não.

— A esquadra estava no rio, não é?
— Sim, no rio Paraná.

— Ora, num rio, a esquadra inimiga não podia se esconder e de repente aparecer...
— O rio Paraná é muito largo e chão de lhas. Em certos pontos tem leguas de largura. Além disso, nós estávamos numa curva, perto da embocadura de um riacho.

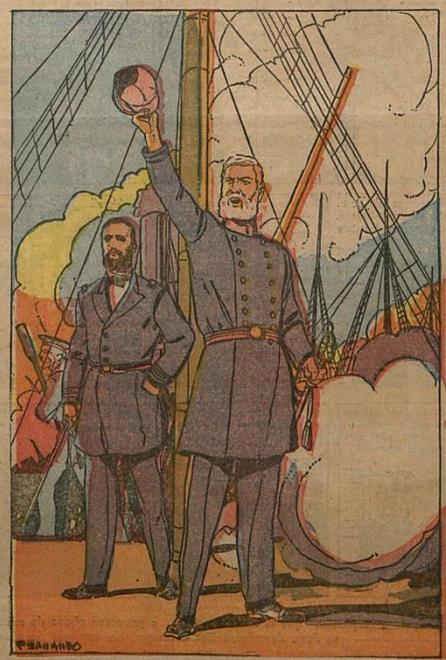
— Que riacho? — O Riachuelo.
— Ah! Por isso é que a batalha tomou esse nome?
— Naturalmente. Mas eu a dizia...

— Que ouviu o grito de "Inimigo à vista!"
— Isso mesmo. Corri para o meu posto de comando, na fragata "Amazonas". A situação era grave. Nós, desprevistos. O inimigo à toda força, já estava junto de nossos navios, disparando seus canhões.
— E não não respondíamos ao fogo?
— Dei ordens para isso.

Antes, porém, mandei tocar o sinal — "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".
— Sempre que ouço essa frase, fico contente de ser brasileiro...
— Todos os meus comandados também se sentiram entusiasmados, naquele momento. Houve atos de verdadeira heroísmo...

— Por exemplo, Marcelino Dias...
— Esse era um marinheiro exemplar. Morreu no dia seguinte ao da batalha, a 12 de junho de 1865. Feriu um braço e continuou lutando. E quantos outros! Já ouviu falar em Greenhalgh?
— Já, mas não sei bem...
— Um rapazão. Acabava de sair da Escola Naval, Morra defendendo a bandeira, que um oficial inimigo queria arrebatar. E o meu auxiliar, comandante da fragata "Amazonas", que nunca se resignou das balas adversárias?
— E, o senhor?
— Bem... Eu tive que inventar uma tática nova. Atacado de surpresa, não imaginando um golpe de surpresa. Ninguém, antes de min-

usar os navios a vapor como aríete...
— Que quer dizer aríete? Ym do latim. Os romanos arrebavam portas de fortalezas com uma espécie de tronco de árvore, lançado contra as portas. Mais ou menos como fazem os canibais, quando dão suas marteladas. Dai aríete, porque, em latim, aríete é canibais.
— Então, o senhor, deu marteladas com o seu navio?
— Sem tirar nem por. Avancei à toda força contra um vaso de guerra inimigo, que não resistia ao choque. Repetindo o golpe contra outros, conseguindo estabelecer o pânico na esquadra contrária. Mas não foi só isso. Todos pelotaram com bravura. Eramos atacados por todos os lados.
— Foram cercados?
— Não. Mas, do terra, em rribes escondidas atiravam contra nós. Índios guaranis, armados de machadinhas, assaltavam nossos barcos. Também os paraguaios inventaram táticas novas.
— Como?
— Colocaram canhões em chatas, que disparavam do nível das águas. Nossos navios eram altos e grandes, mas as chatas eram muito pequenas.
— E apesar disso, venceram!
— Sim, vencemos a maior batalha naval da América do Sul.



— Corri para o meu posto de comando, na fragata "Amazonas".

Na Próxima Terça-Feira:
Capítulo 42
OS GRANDES ALMIRANTES
Joaquim Marques Lisboa
(Marquês de Tamandaré)

Quase Esgotada a Edição Especial De MIRIM Que Publicamos Domingo Em Homenagem Ao Presidente Da República

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça Mauá) — Telefones: Escritórios:
43-1963 e 23-4308. Redação e Oficinas:
31-5522. Endereçamento: Rua General Custódio, 318. Telefones:
43-2925.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Directores: Adolfo Aisen * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1943 • Num. 1322

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 124 números, CR\$ 48,00
SEMESTER — 72 nú-
meros CR\$ 28,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 42

OS GRANDES ALMIRANTES

JOAQUIM MARQUES
LISBOA
(Marquês de Tamandaré)

JÁ habituado às aparições extraordinárias, foi colmamente, que Roberto dirigiu a palavra ao Almirante Marques de Tamandaré:
— Como é que o senhor chegou ao posto de comandante da esquadra brasileira?

— Toda a minha vida tem sido consagrada à marinha. Sempre me confiaram postos de responsabilidade...

— Sempre?
— Sim. Desde guarda-marinha. Entrar para a armada em 1823 como voluntário. Servi a princípio na fragata "Niterói". Foi segundo tenente em 1826 e logo no ano seguinte fui prisioneiro dos palácios.

— Chit! O senhor com certeza passou mal...
— Período desagradável, não há dúvida. Mas consegui fugir, ludindo os guardas e defendendo minha vida de armas na mão... Parece uma cena de romance...

— Para realidade. Promovido a primeiro tenente, comandi vários navios, tomei parte em campanhas. Recibi condecorações por atos de bravura...

— Mais devagar, "sen" Tamandaré. Conte um desses atos...

— Por exemplo, em 1848, quando eu já era capitão de mar e guerra, salvei o navio inglês "Ocean Monarch", que estava se incendiando. Cem e sessenta pessoas desceram a vida à minha habilidade como marinheiro. Em sinal de agradecimento, o governo inglês me deu um relógio de ouro, com uma pérola de frases amáveis, escritas na tampa.

— Deite ver...

Tamandaré puxou um grande relógio de algebeira, encostou-o ao ouvido do Rebedeco...

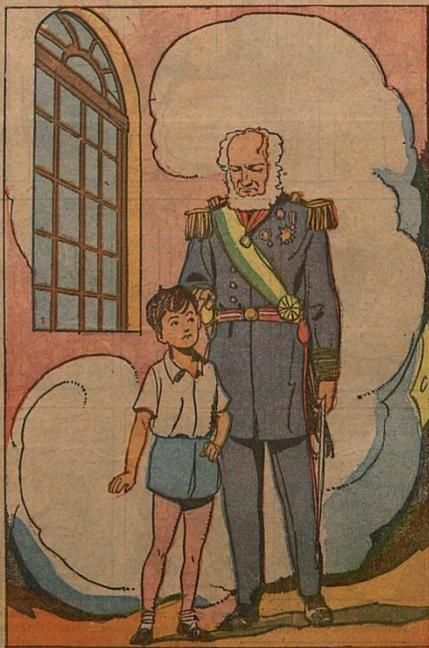
— Como é que o relógio pa-de andar sozinho! — comentou o Rebedeco.

— Maravilhas de mecânica — respondeu o Almirante. Também o navio anda sozinho. As máquinas de um

navio a vapor são tão delicadas como o mecanismo de um relógio.

— Mas existem os navios a vela, movidos pelo vento... — Estão desaparecendo.

— Em que ano?
— Você é curioso, hein?...



Tamandaré puxou um grande relógio de algebeira, encostou-o ao ouvido do Rebedeco...

O vapor vai dominar a navegação. Eu conheço todos os tipos de embarcações. Prefiro o vapor. Quando o governo brasileiro me mandou à Europa, para comprar embarcações, eu trouxe dois vapores, próprios para a navegação do rio Paranaíba. Quando voltei ao Brasil, encontrei a esquadra em preparativos para levar o Imperador, às províncias do norte do país.

Em 1859, fui nomeado comandante da esquadra que acompanharia o senhor dom Pedro II. O Imperador gostou muito de mim e no ano seguinte recebi o título de Barão de Tamandaré.

— O senhor se chama...
— Joaquim Marques Lisboa. Recibi o título de Barão de Tamandaré porque fui no comêdo de Tamandaré, no norte do Brasil, que enterraram um irmão meu, morto em combate. Eu fui buscar os restos mortais do meu irmão e o Imperador, numa comento "honorengem a sua memória, escolheu aquele nome para o meu título de Barão.

— Sempre ouvi dizer que o senhor era Marquês...

— Em 1863 fui elevado a Visconde. Hoje sou Marquês. Mas não é isso que eu considero mais importante na minha vida; quero ser sempre bom marinheiro e bom amigo de Sua Majestade e Imperador dom Pedro II...

— Eu também gosto de dom Pedro II...

— Não gosta mais do que eu. Como marinheiro, eu comandi um navio aos dezesseis anos de idade. Salvei vidas, salvei navios, comandi ataques, dirigi esquadras, ganhei medalhas... Estou satisfeito. Como amigo do senhor dom Pedro II, espero pensar, um dia, que a minha dedicação ao Imperador do Brasil não se resume apenas em palavras (*).

— O senhor está falando sempre um "marinheiro". No entanto, o senhor é Almirante e Marquês...

— É maneira de dizer. Todos os que vivem no mar são marinheiros. Mas se voce quer conhecer um marinheiro de verdade, um marinheiro exemplar, venha comigo.

Sem reflectir Rebedeco pegou na mão que lhe oferecia o Marques de Tamandaré. Foram ambos. Rebedeco entrou pela escotilha de um navio e se achou numa estermaria de bordo.

Chamou-o Marcelino Dias — disse Tamandaré antes de desaparecer. — E' moço, fort' lauro, cabelo ondulado. Perdeu um braço...

(*) — Na proclamação da República, Tamandaré, quase aos 100 anos, furtado-o e foi apreendido soladamente no Imperador.

Na Próxima Terça-Feira:
Capítulo 43
OS GRANDES MARINHEIROS
Marcelino Dias

MIRIM Está Publicando Uma Nova História De Tarzan,
Sensacionalíssima, 'As Quartas, Sextas e Domingos I

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cota
(400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Scavatura Cabral, 48 (Praça
Mundy) — Telefones: Escritório:
43-1905 e 23-4928. Redação e Oficinas:
43-5332. Encadernação: Rua
General Canabral, 714. Telefone
43-9295

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Denisez Villia

ANO X • Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1943 • Num. 1325

Assinatura pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números. Cr\$ 45,00
SEMPRE — 76 nú-
meros Cr\$ 25,00
TRIMESTRAL — 26 nú-
meros Cr\$ 13,00



Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 43

OS GRANDES MARI-
NHEIROS

MARCELIO DIAS

Na enfermaria do navio fa-
zia muito calor. O cheiro
ativo da droga, a penumbra
do ambiente, o balanço ca-
cinalmente, o silêncio — tudo
convidava ao sono, ao re-
poso.

Vinte e quatro horas antes
houve a grande batalha do
Blacuelo. Todas as guarni-
ções estavam exaustas. No
meio da dissolução, o Re-
bedeco andava pensativamen-
te, observando as nuvens, co-
mo quem está a procura de
alguém. De repente, balbu-
ciou:

— E' este...
Um marinheiro moreno,
cabos ondulados, sem bar-
ba, moço, forte, gentia numa
das canas. Gases enan-
grentadas caíam do seu om-
bro. O braço direito fora
cortado na véspera, a ma-
chadinha, pelos inimigos...

— Pobre marit'! — mur-
murou o Rebedeco.

Nesse momento o mari-
nheiro suplicou:

— Água!

— Já vou buscar — res-
pondeu baixinho o Rebedeco.

— Você precisa ficar bom...

— E' inútil, meu amigui-
nho. Estou com febre alta.
Perdi muito sangue. E não
seria fácil encontrar água
nesta confusão. Muitos mor-
raram, outros foram feridos
e os restantes estão veni-
dos pelo cansaço. Foi um
combate selvagem.

— Como é que você veio
parar aqui?

— Sou marinheiro da Ar-
mada Imperial. Não me lem-
bro bem da data, em que ac-
sentei praça, como grunete.
Ainda nem sabia ler. Que-
rendo progredir, estudei com
força de vontade. Foi rapi-
damente promovido. Passei
de grunete a marinheiro de
terceira classe. Depois, a ma-
rinheira de segunda classe.
Hoje sou marinheiro de pri-
meira classe. Tenho sido
muita sorte na vida militar.

Só eu e mais três camara-
das somos marinheiros de
primeira classe aqui a bordo
deste navio, o "Parnaíba".
— Está satisfeito com a
vida militar?

— Estou. Cheguei aos vinte e sete anos de idade sem ter sofrido qualquer castigo ou censura dos meus superiores. Só uma vez dei um pequeno prejuizo a marinha: deixei cair ao mar um remo, que se perdeu. Mas paguet-e. Descontaram-me mil e quinhentos e oitenta e sete réis do meu soldo.

— Isto não chega a ser uma falta — observou o Rebedeco. — Pelo que vejo, estou diante de um marinheiro exemplar!

— Não, meu amiguinho, Marinheiro exemplar, modesta à parte, eu só fui há pouco. Ontem, os índios inimigos, armados de machadinhas, assaltaram o nosso navio. Quatro embarcações adversárias nos cercavam. Estávamos em inferioridade numérica. O pavilhão nacional já sendo arrojado pelo eles...

— Isso nunca!

— Assim você, não tam-
bem, em pleno combate, não
pudemos suportar essa ideia!
Um brasileiro quis atirar fo-
go ao palto de pólvora, para
morrermos todos. Eu pelei-
va loucamente. Vários in-
imigos me agrediram. Levou
um machadinho no braço di-
reito... Oit'... Mais outra...
Que diz, meu Deus! Nem
penso de me lembrar. Enco-
regu' no meu próprio san-
guém. Ergui-me, passei a es-
pada para a mão esquerda e
continuei até a vitória!

— Também Henrique Dias
fez coisas semelhantes contra
os holandeses — comentou o
Rebedeco. — Que horrível
como a guerra é absurda!

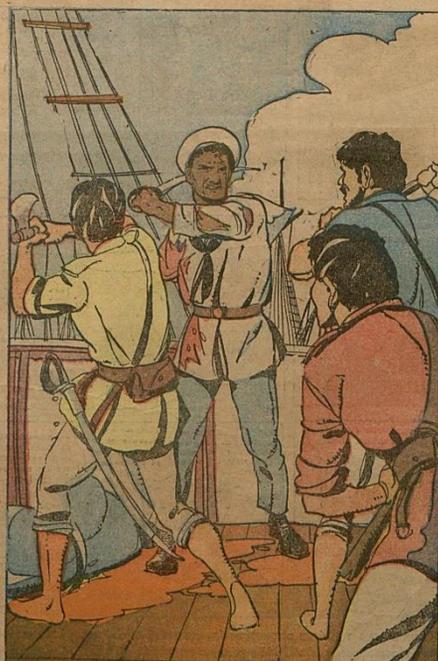
— Tem razão, meu amigui-
nho. Mas nós estamos nos
defendendo. Além disso, co-
mo militar, meu dever é em-
punhar armas sempre que o
Brasil for desrespeitado. Pes-
soalmente, não sou inimigo
dos parangulos...

— Você já os conhecia?

— Fiz várias viagens ao
Rio de Prata, antes da guer-
ra. Só no ano passado (*) tom-
ei parte no primeiro com-
bate, a 6 de dezembro, em
Palaoudu. Depois, vim fa-
zer parte da guarnição de
"Parnaíba" del que vou mor-
rer. Lembro-me com sauda-
de do meu Rio Grande do
Sul, onde nasci. Parece que
estou vendo meu pai, Manuel
Fagundes Dias. Morro satis-
feito por ter campido o meu
dever para com a Pátria. E
espero que a Pátria também
esteja satisfeita comigo.
Adeus!

E MARCELIO Dias, o herói
obscuro, cerrou documen-
te os olhos. Sua respiração
era agitada como os soldados,
vinha-se aproximando o
nariz do dique da vida abor-
rível.

(*) Marcelio Dias morreu a
12 de junho de 1905.



— Ergui-me, passei a espada para a mão esquerda e continuei até a vitória!

Na próxima Terça-Feira:
Capítulo 44
AS GRANDES ENFERMEIRAS
Ana Nei

O LOBINHO DE MAÍO ESTÁ EMPOLGANTE, COM UMA GRANDE AVENTURA DE BATMAN, O HOMEM-MORCEGO, E ROBIN, O MENINO-PRODÍGIO! VÁ CORRENDO ADQUIRIR O SEU EXEMPLAR DE O LOBINHO!

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral 43 (Praça
Mauá) — Telefones: Escritório:
48-1095 e 39-4898. Redação e Ofi-
cinas: 48-8582. Encadernação: Rua
Otonário Caldeira, 318. Telefone
42-2926

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS

Superintendente: LUIZ CARLOS DA COSTA NETO

Director: Adolfo Azeiteiro * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1943 • Num. 1328

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 156 numeross — Cr\$ 45,00
SEMEESTRE — 78 nu-
meros — Cr\$ 25,00
TRIMESTRE — 39 nu-
meros — Cr\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 41

AS GRANDES ENFER-
MEIRAS

ANA NERI

— Ele está morrendo — priton o Rebedeco, assua-do. — Marcello Dias está morrendo! Chameem uma enfermeira!

Mal pronunciara a pala-
vra "enfermeira", tudo de-
sapareceu como por encanto.
Rebedeco se sentiu no
meio de milia gente, apret-
ado como sardinha em la-
ta. Eram senhoras, muitas
senhoras, quase todas ves-
tidas de enfermeiras. Batiam
palmas e demonstravam seu
afeto as palavras de um or-
dador. Interrompido-o sem-
pre com a expressão "Muito
bem!" Mas o interessante é
que não diziam "Muito bem"
e sim "Muitocho bem!"

— Que pronuncia esquisi-
ta! — pensou o Rebedeco.

— Então você não se lem-
bra? — falou uma vez que
o Rebedeco não sabia de
sua vinda (era a sua memó-
ria que estava falando). En-
tão você não se lembra? O
professor Rafael Mario con-
toun em aula que os baianos
costumam ler esse pequeno
defeito de pronuncia. Em
vez de "Muito obrigado",
"Muitocho obrigado".

Rebedeco lembrou-se. Es-
tava entre baianos, não ha-
via dúvida. Nesse momento,
o orador exclamou:

— Proponho que as senho-
ras baianas, aqui reunidas,
nomeem uma comissão para
le buscar a homenagem em
sua residência!

— Quem é a homenagea-
da? — indagou o Rebedeco a
uma senhora ao seu lado.

— É dona Ana Neri.

— Não conheço. A se-
nhora quer me contar o que
foi que ela fez para mere-
cer a homenagem?

— Com muito prazer, meu
filho (Rebedeco olhou para
sua mãe espantado, mas logo
se recorda de que as se-
nhoras idosas tem o hábi-
to de chamar toda criança
de "meu filho"). Com mu-
ito prazer. Sentese aqui no
meu lado.

Rebedeco, que gosta de co-
lo como macaco de banana,
mas que detesta se aji-
ton no colo da senhora, E
esta com a voz:

A NOSSA homenageada, do-
na Ana Justina Ferreira
Neri, é uma senhora baiana
da melhor sociedade. Vivia
Morreira antes o seu marido,
entregue aos cuidados do lar
e à educação dos filhos.
Quando rebentou a guerra
do Paraguai, já era viúva,
da melhor sociedade. Vivia
Morreira antes o seu marido,
capitão de fragata Isidoro

Antônio Neri. A nossa homa-
nagada emocionou, então, a
Baía e o Brasil, partindo pa-
ra os campos do Paraguai,
como enfermeira do 46º Ba-
talhão de Voluntários...

— Mas — interrompeu o
Rebedeco, — não é um fato
comum a partida de enfer-
meiras para a guerra?

— Comum, não. Além dis-
so, dona Ana Neri não ficou
servindo nos hospitais das
cidades, longe dos bombar-
deios. Senhora fina, educa-
da, partiu para o próprio
campo de batalha. Ia en-
frentar gemidos, sofrimen-

tos, falta de conforto, falta
de higiene, falta de repos-
so e, talvez, a morte ou a
captura pelos paraguaios.
Humilhações... angústias...
cansanças... tudo isso em
vez do sossego do lar. E ain-
da mais: partiu com toda a
sua família...

— Não deixou ninguém?

— Não. Partiu com toda a
família, que se compunha
nessa época de três filhos e
um irmão, o Coronel Jo-
aquim Maurício Teixeira.

O Rebedeco baixou a ca-
beça, como quem está medita-
ndo qualquer coisa. E do
repente, aparteou:

— Reparei que a senhora
disse o verbo no pretérito,
imperfeito: "que se compun-
ha nessa época...". Será
possível que algum de seus
parentes tenha... tenha...
— ... tenha morrido no co-
meço da guerra? Infelizmente,
se sim, dona Ana Neri per-
deu dois filhos na luta. Um
era militar: os outros, médi-
cos. Faltou mais enfermeiras,
dona Ana Neri não poderia
salvar seus próprios filhos.
Se não lhe resta hoje, no que
se concentra todo o seu amor
materno.

Rebedeco ficou com muitas
palmas, mas nada disse; tã-
to-
to, mas é possível dizer dis-
ta de tamanha dor? Se
tem e o tempo podem con-
solar a quem perde os ente-
queridos.

A senhora, bastante com-
vida, continuou:

— Dona Ana Neri residia em
Curitiba e Associação. Tra-
balhou com as irmãs de car-
idade. Jamais se deixou
vencer pela fadiga. Não ex-
istia com tantas provas de
obrigação, ainda trouxe de
Paraguai nada menos de seis
orfãosinhos, que está edu-
cando como filhos.

— Que bom coração! — ex-
clamou Rebedeco.

— Agora, o Brasil a reedi-
to de braços abertos, cobrin-
da de Heres. Aqui no Rio-
nós as senhoras baianas
promovemos esta reunião pa-
ra oferecer um almoço. Já-
bem mandamos fazer o seu
retrato a óleo, para colocá-
lo mais tarde na Câmara de
cidadão do Salvador, capitã
do nosso querido Estado de
Baía. Não acha que ela me-
rece todas estas homena-
gens?

— Se merecer!

Hoje suscitou-se fôlego
da sala. Todas as senhoras
presentes se levantaram. O
Rebedeco encorrou para a
e também ficou de pé. Era
dona Ana Neri que ele vira,
mãe, vultosa, alegre e de
um sorriso radiante nos lábios.
Palmas ressoaram. E Rebe-
deco bateu tantas palmas ficou
com os olhos vermelhos como
no seu primeiro levante baio.



Trabalhou com as irmãs de caridade. Jamais se deixou vencer pela fadiga

Na Próxima Terça-Feira
Capítulo 42
OS GRANDES ESTABELECIMEN-
tos da Via Sacra

Uma nova rubrica foi dedicada para “os grandes estadistas”, ressaltando o Visconde do Rio Branco, em especial por seu papel na promulgação da Lei do Ventre Livre⁷⁶. Um outro militar, o Duque de Caxias, foi alocado como “o salvador da unidade brasileira”, tendo em vista suas missões na repressão às revoltas provinciais e nas guerras contra os vizinhos platinos⁷⁷. Um empresário também recebeu um destaque, Irineu Evangelista de Sousa e seu papel para “o progresso material” do país⁷⁸, assim como um membro do clero teve sua ação enfatizada, em tópico sobre “a igreja” e o contato com Romualdo Antônio de Seixas⁷⁹. O processo de abolição da escravatura foi o tema de outra sequência de títulos, com Joaquim Nabuco⁸⁰, José do Patrocínio⁸¹ e a culminância com o 13 de Maio e a Princesa Isabel⁸². A mudança da forma de governo tornou-se alvo da abordagem na continuidade, com os “propagandistas militares”, representados por Benjamin Constant⁸³ e os “propagandistas civis”, com Quintino Bocaiúva⁸⁴, até a chegada da República, com Deodoro da Fonseca⁸⁵ e, acerca da queda da Monarquia, foi trazido à baila “o último presidente do conselho”, o Visconde de Ouro Preto⁸⁶.

⁷⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 11 maio 1943.

⁷⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 18 maio 1943.

⁷⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 25 maio 1943.

⁷⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º jun. 1943.

⁸⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 8 jun. 1943.

⁸¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 15 jun. 1943.

⁸² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 22 jun. 1943.

⁸³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 29 jun. 1943.

⁸⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 jul. 1943.

⁸⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 24 ago. 1943.

⁸⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 31 ago. 1943.

Todos Os Domingos No Cineae-Trianon "Matinées" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Redtores, Redação e Officinas: Rua Sacramento, Caixa 64, (Praça Mauá) — Telefones: Esportivos, 43-1163 e 21-4508. Redação e Oficinas: 43-5334. Encadernação, Rua General Câmara, 318. Telefone 43-2028.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizan * Gerente: Denizar Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1943 • Num. 1331

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números, CR\$ 45,00
SEMIESTRÉ — 75 n.ºs.
MÊSES CR\$ 30,00
TRIMESTRÉ — 36 n.ºs.
DIÁRIOS CR\$ 15,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 45

OS GRANDES ESTADISTAS
VICONDE DO RIO BRANCO

AGORA as palmas ainda esbuzcavam, misturadas com vira, e com casquinhas de foguetes. Rebedeco refulgia:

— Não é possível que se estejam soltando foguetes dentro da sala...
— Não, verificou que não se soltava na sala, mas numa rua, fortissimamente encimada. Muitos carros, em fila, formavam um cortejão bonito. Rebedeco viu uma carruagem na frente de todas. Tinha embraxez. E de dentro da carruagem lhe perguntaram:

— Quem é você, meu menino?
— Rebedeco fitou os olhos no homem que lhe falava. Era um senhor idoso, de aspecto imponente, alto, preto, curvado, sobranceira, espessa. Usava suícas, perdas com as de Abrão Lincolin, porum branquinhas como algodão. O pelo, estirado de comidaceras, chamou a atenção de Rebedeco, mas o que verdadeiramente ele gostou de ver foi a calva lustrosa do senhor imponente. O pensamento do Rebedeco não teve de respeito:

— Faresem cabelos mal colados na cabeça; escoregaram para os lados...
— Finalmente, o senhor, distraído, agradeceu, com a mão erguida, as flores que lhe atiravam de uma sacada. De toda parte gritaram:

— Viva o Visconde do Rio Branco! Vrrróooooo!
— Então, Rebedeco reconheceu o grande homem. Sim. Era ele, o Visconde do Rio Branco, Admirado com a manifestação, o menino perguntou ao homem político:

— O senhor sabe não dizer por que toda essa febre?
— Porque eu estou regressando da Europa. Hoje é o dia 28 de julho de 1873. Antes, que para a Europa no ano passado.

— Tanto barulho só por causa do seu regresso? Teria a paciência. Alguma coisa o senhor fez para merecer tantas homenagens. Conte-lhe.

— É, habituado a sentar-se no colo, quis fazer, mesmo sem pedir licença. O Visconde do Rio Branco sorriu, alçou Rebedeco no colo e começou:

— Era assim que meu pai fazia comigo, lá na Baía, onde nasceu. Meu pai, Agostinho

da Silva Paranhos, negociante...
— Desculpe interromper. Se o senhor era rico, não teve dificuldade para vencer...
— Espere e verá... Meu pai, necessitante rico, perdera tudo...
— Ah!
— Morrendo, deixou-me

pobre, além de orfão. Estudei, graças aos cuidados do meu tio materno, o coronel de engenheiros, Euriberto Gomes Barreto, a quem muito devo...
— Quase sempre os meninos esforçados encontram protetores...
— É verdade. Com o au-

xílio de meu tio, vim para o Rio de Janeiro, matriculei-me na Escola Naval...
— Então, o senhor é almirante?

— Troquei a Escola Naval pela Escola Militar. Estudava e lecionava ao mesmo tempo, para poder sustentar minha família. Em já estava casado, com dona Teresa de Figueiredo Faria...
— O senhor se casou cedo, não é?

— Sim. E você se espanta? Também já está pensando em se casar...
— Rebedeco deu, uma gargalhada enorme, achando graça na brincadeira do Visconde do Rio Branco. Por coincidência, jogaram nesse instante, sobre o Visconde, uma

flor, que foi cair bem na boca do Rebedeco. Muito atrapalhado para não engulir a flor, retirando-a cuidadosamente, o menino teve de reconhecer:

— O senhor é muito estimado pelo povo brasileiro... Quase que eu morro engasgado...
— O povo brasileiro é generoso... Sabe que eu livei muito, estudei, lecionei, escrevi em jornais...
— Rebedeco não chegou a dizer, mas pensou:

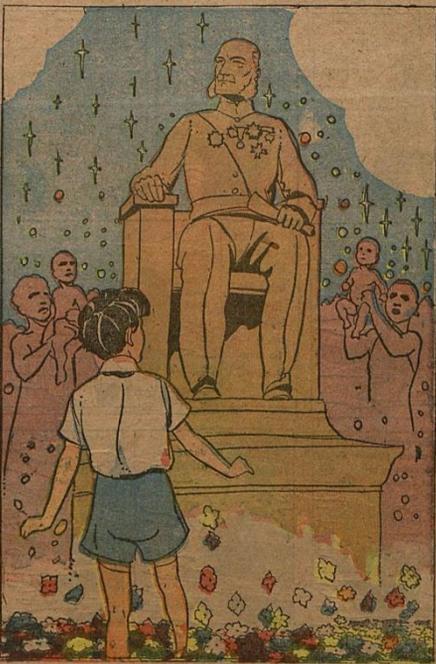
— Também eu sou jornalista. Escrevo às vezes no Suplemento Juvenil...
— Sempre agradecendo as palmas e vivas da multidão, prostrando o Visconde do Rio Branco.

Como político, meu nome ficou popular, porque exerci todos os cargos que um brasileiro pode exercer: deputado provincial, secretário de governo, vice-presidente e presidente de província, deputado geral, ministro da Marinha, ministro de Estrangeiros, senador, conselheiro, visconde, presidente do Conselho, de Ministros. Também fui diplomata. Mas você quer saber o que me causa maior satisfação?

— Quero, sim senhor...
— Como presidente do Conselho de Ministros, fiz apenas em 1871 a lei que tornou livres todos os filhos de escravos nascidos no Brasil. Os senhores de escravos não queriam que a lei fosse aprovada. Lutei muito. Sofri injúrias. Arranjei inimigos. Mas a lei passou. A partir de 1871, ninguém mais nasce escravo no Brasil...
— Quer dizer que, se os meninos pretos nascerem livres, devem agradecer ao senhor?

— O Visconde do Rio Branco ia responder. Mas uma chuva estranha começou a cair no interior da carruagem. Eram flores e mais flores, não perfumadas ou coloridas, mas luminosas. Flores de luz! De onde vinham?

— Então, na pontinha dos pés, o Rebedeco olhou em torno de si e viu milhares de pedrês pretos escorvados, que traziam ao colo os filhinhos lá libertos. Choravam. E as libertinas, de sofrimento e de alergia, descreviam traletórias no concreto, como rãs-limex, e vinham cair aos pés de liberdade das crianças...
— Rebedeco, quase chorando de emoção, apertou a mão do libertador. Estava terna, como de bronze. As flores de cor laranja se cristalizavam e formando um pedregulho — o pedestal de uma estátua. O Visconde do Rio Branco se transformara numa estátua de bronze. E nasceu, estátua, com o selo constelado de pedrês, fita-luz, para o sempre, para sempre, para sempre.



O Visconde do Rio Branco se transformara numa estátua de bronze

Na próxima Terça-feira, Capítulo 46
O SALMO DE DA UNIDADE BRASILEIRA — Luis Alves de Lima e Silva — Duque de Caxias

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinéas" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0.40 cts.
(400 REIS)

Editor, Redação e Oficinas:
Rua Sacconi, Caixa 43 (Praça
Macy) — Telefone: 21.000.
83-1852 e 83-1858. Redação e Ofi-
cinas: 41-5252. Expediente: Rua
General Cascaes, 316. Telefone:
43-2929

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS

Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Azeiteiro * Gerente: Denizez Vilela

A N O X • Rio de Janeiro, 18 de Maio de 1943 • Num. 1334

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 124 números. Cr\$ 48.00
SEMEESTRE — 72 nú-
meros Cr\$ 28.00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros Cr\$ 18.00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PROPRIOS VULTOS

Capítulo 46

O SALVADOR DA UNIDADE
BRASILEIRA

LUIZ ALVES DE LIMA
(Duque de Caxias)

REBEDECO sonhou que es-
tava no palácio do Imperador. Alto, cheio de corpo,
muito simpático, almeida de-
vencarinho a longa barba
branca, dom Pedro II dizia a
um diplomata estrangeiro:

— Não se admira de encon-
trar aqui políticos de tanto
valor. O senhor ainda não viu
o Visconde de Rio Branco,
que eu considero o maior...
Rebedeco resolveu fazer o
papel de repórter, sem per-
guntando a toda mundo
qual o maior brasileiro. Um
senhor idoso, de farda chi-
ta de botões, explicou:

— Na opinião do Impera-
dor, o maior estadista bra-
sileiro é Rio Branco. Mas o
maior brasileiro, o que mais
serviços tem prestado ao
nosso país, creio que é o
Duque de Caxias!

Dai em diante, todos che-
gavam junto ao ouvido do
Rebedeco e diziam:

— O maior brasileiro é o
Duque de Caxias!

Foi essa a opinião da
princesa Isabel, de um bis-
po, de um general, de um
ministro, de um soldado da
guarda, de um criado do
palácio, de todos estu-
dos. Nesse momento, um criado
muito solene, tão duro que
parecia ter engolido um ca-
beço de vaca-seca, anunciou:

— O senhor Duque de Ca-
xias!

— Vou falar com ele —
exclamou, entusiasmado, o
Rebedeco. Quero que ele me
conte tudo o que tem feito
pelo Brasil!

— Não contará — respon-
deu a princesa Isabel.

— Por quê?

— O Duque não gosta de
falar sobre os seus serviços.
Além disso, será recebido
agora mesmo pelo Impera-
dor.

— Então, conte Vossa Al-
teza...

— Eu também vou con-
versar com meu pai. Mas
tarde falará com você.

— Não há ninguém que
me conte a vida do Duque de
Caxias — bradou, descomu-
lado, o menino.

... Qualquer de nós o fará
com prazer — interveio o
bispo. — Quer ouvir?

— Se quiser...

— Pois vou contar. Em
1872 houve no Brasil uma
briga entre a igreja e o go-

verno. Os padres faziam
parte da Maçonaria, socie-
dade secreta. Dois Bispos
resolveram proibir a presen-
ça de padres na Maçonaria.

Foram dom Vital, em Per-
nambuco, e dom Macedo
Costa, no Pará.

— Dom Vital... — pensou

o Rebedeco. Creio que exis-
te um Centro com esse no-
me...

— O governo achou que
a igreja não podia fazer lu-
so. A igreja achou que o go-
verno não podia mandar
nos padres. Aqueles dois
Bispos foram condenados

por desobediência ao go-
verno. Cumpriam pena na
fortaleza de São João e na
ilha das Cobras...

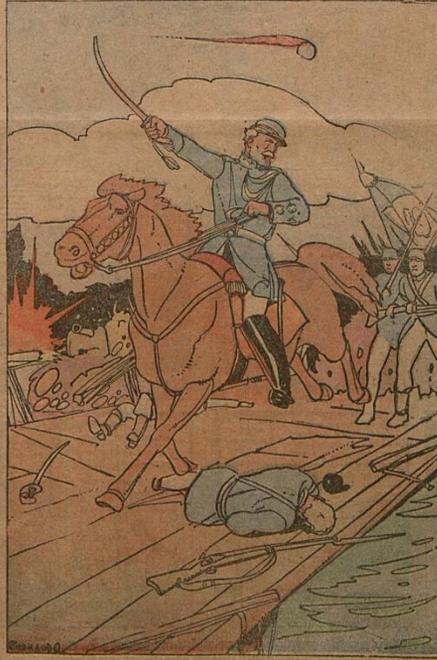
— Será possível?

— Foi bem: o Duque de
Caxias foi nomeado Primei-
ro Ministro. Um dos seus
atos foi conceder perdão aos
Bispos, que só por isso não
cumpriram o resto da pena.

A igreja fez as pazes com o
governo e considera Caxias
o maior brasileiro...

O SENRAL que estava por-
to do Bispo concordou
com a cabeça.

— O senhor também acha
seu general? — perguntou-
lhe o Rebedeco.



— Sigam-me os que forem brasileiros!

Também, o Marechal
Luiz Alves de Lima, Duque
de Caxias, nunca perdeu
uma batalha!

— Os maiores generais às
vezes apanham...

— Caxias nunca apanhou.
É perfeito em tudo. Sabe
comandar de longe, diri-
gindo os planos tática-
mente, e sabe, sendo preci-
so, lutar-se à frente das
tropas, de espada em ma-
ninho. Uma ocasião...

— Isso! Conte casos! Eu
gosto de ouvir casos...

... na ponte de Itororó,
o exército brasileiro atacou
oito vezes e oito vezes foi
repellido pelos paraguaios.

Caxias lançou sua cavale-
ria pela ponte, que tinha pos-
sivelmente três metros de
largura, e gritou: "Sigam-
me os que forem brasilei-
ros!"

— Bravos! Garanto que a
ponte foi tomada!

— Sim. Todos os paraguai-
tos foram para garantir a vi-
da do Marechal. E assim
foi considerado o maior
brasileiro...

DOBOSIANOS prote-
gem a preciosa vida do
Marechal.

Diga a sua opinião —
perguntou o Rebedeco. — O
senhor falará em nome dos
políticos?

— O Duque é um notável
político. Além de ser Sena-
dor, tem sido Ministro com
grande proveito para o Bra-
sil. Mas eu creio que o maior
merecimento de Caxias está
na forma generosa com que
tratou os adversários...

— Quero provas...

— Por exemplo: rebentou
na Maranhão a revolta co-
nhecida pelo nome de Ba-
lalada. Caxias, ainda inexpe-
riente, venceu os revoltosos
mas comatos, mas tratou os ad-
versários com muita espe-
rança. Venceu-os mais pela simpa-
tia, demonstrando que los-
dos eram brasileiros e, por-
tanto, amigos. Quando dei-
xou o Maranhão, havia quem
não gostasse dele. Foi aí que
recebeu o título de...

— De Duque de Caxias!

— Não, Barão, em honra
nascem a cidade maranhense
de Caxias. Depois, foi
Conde, Marquês e Duque —
o único Duque brasileiro. O
mesmo que ele fez na Ba-
lalada, fez na revolta dos
Farrapos e na revolução de
São Paulo e Minas, em 1842.

Venceu, mas pacífico. For-
tíssimo, eu considero Caxias co-
mo o salvador da unidade
nacional. Seu espírito não
heje estivessem divididos
em várias nações, repúblicas e
imigrações...

— Mas soumos uma grande
nação! — interrompeu o Re-
bedeco, com os olhos bri-
lhantes de admiração. — Va-
va Caxias!

— Quer ouvir?

— Se quiser...

— Pois vou contar. Em
1872 houve no Brasil uma
briga entre a igreja e o go-

verno. Cumpriam pena na
fortaleza de São João e na
ilha das Cobras...

— Será possível?

— Foi bem: o Duque de
Caxias foi nomeado Primei-
ro Ministro. Um dos seus
atos foi conceder perdão aos
Bispos, que só por isso não
cumpriram o resto da pena.

A igreja fez as pazes com o
governo e considera Caxias
o maior brasileiro...

O SENRAL que estava por-
to do Bispo concordou
com a cabeça.

— O senhor também acha
seu general? — perguntou-
lhe o Rebedeco.

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinéas" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sãoadora Cultural 43 (Praça
Mauá) — Telefones: Esportivos,
43-1803 e 23-1808. Redação e Ofi-
cinas: 43-5352. Encadernação: Rua
General Canavelli, 318. Telefone
43-5228

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS.
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aisen * Gerente: Desidério Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1943 • Num. 1337

Assinatura pelo correio para
envio para do Brasil:
ANO — 156 números. CR\$ 43,00
SEMESTRE — 78 nú-
meros CR\$ 23,00
TRIMESTRE — 52 nú-
meros CR\$ 15,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 47.º

O PROGRESSO MATERIAL
IRENEU EVANGELISTA DE
SOUSA (VISCONDE DE
MAUÁ)

A TORRADO pela aclama-
ções à figura de Ca-
lmas, Rebêdo pensou dir-
mir (você nunca sonharam
que estavam sonhando?).
Terá a sensação de que fa-
dos aqueles ídolos humanos
se fundam num só, repeti-
da, monótona, como o pre-
ção dos vendedores de rua.
Alguém gritava junto de Re-
bedeco:

— Ninguém dá mais? Vai
bater o martelo.
Rebedeco não o entendem
bem aquela história de mar-
teço e, entrando sobre os olhos,
exclamou:

— Não grite tanto assim!
Ouvise-se um prolongado
pau! Homens elegantes, ves-
tidos de sobrecasaca, e se-
nhoras de roupa muito apre-
ziada na cintura notavam um
homem de marfete em pu-
nho, que disse severamente
ao Rebedeco:

— Não interrompa o lei-
do!
Mas, um ruço de fisiono-
mia simpática, discorreu do
leitivo:

— Interrumpa, sim, me-
nino. Este leitão é uma in-
justiça!

— Explique-se melhor —
respondeu Rebedeco.

— Estão vendendo por
qualquer dinheiro todos os
bens do Visconde de Mauá.
Até estas mornigas, usadas
pela Viscondessa...

— Prove que o Visconde
de Mauá merece ser prole-
gado, e eu Rebedeco, prometo
interromper esta leitão com
o maior barulho da
História do Brasil.

— Vou provar.

O MOGO levou Rebedeco
para um canto sennoso-
na janela, junto a um
retrato do Visconde (não
havia mais cadáver). Co-
meçou assim:

Chamo-me Francisco
Cavento Alberto da Costa.
Trabalho e o mo "auxiliar"
do Visconde. Ele não gosta
que se diga "caixeiro" nem
"empregado". O Brasil pre-
cisa coherer a vida dos
homens assombroso...
— Assombroso? Não ha
exagero?...

— Não, Modesto, paciente,
trabalhador, o Visconde vem
do nada e acumulou uma
fortuna colossal.

— Então, sendo rico, de-
ixa fazer leitão às das mo-
nigas?

— Por honestidade. Esse

homem, antigo deputado,
diplomata, banqueiro, o
maior industrial da Ameri-
ca do Sul, está agora enfren-
tando, com resignação, a fa-
lência... Ele, que nunca
mandou cobrar com violên-
cia o dinheiro que lhe de-
viavam.

— Conte logo a vida dele.
— Aos sete anos, empre-

gou-se como caixeiro, na
loja do português António
José Pereira de Almeida.
Quatro anos depois, mudou
de patrão, em condições
muito originais...

— Como?
— Pereira de Almeida es-
tara em má situação finan-
ceira. Para pagar, ofereceu
sua casa e as jóias de sua

esposa. O credor, que era
um inglês muito bondoso,
chamado Ricardo Carruthers,
preferiu não receber. Agra-
decido, Pereira de Almeida
ofereceu ao inglês,
como empregado, o seu me-
lhor caixeiro: o rapazinho
Ireneu Evangelista de Sou-
sa...

— O futuro Visconde, não?
— Sim. Nessa ocasião, mul-
to pobre, ele trabalhava de
diá e estudava de noite.
Deu-se bem com o inglês.
Aos vinte e três anos já era
sócio da casa Carruthers.
Tinha idéias políticas: con-
trário à escravidão, escan-
dia escravos em sua casa de
Santa Teresa.

— Gosto muito da lá, in-
terrompeu o Rebedeco.

— Naquele tempo não ha-
via casas bonitas em Santa
Teresa. Só matos... De sua
residência, o jovem Ireneu
contemplava o mar e pen-
sava em fabricar navios para
o Brasil. Resolveu criar um
estaleiro na Ponta da Arca,
em Niterói. Rebatos a por-
ra do Paraguai e os estalei-
ros prestaram serviço ao
país, construindo e conser-
vando navios.

— Já vejo que ele se dis-
tingiu como patriota...
— Isso ainda não é nada.
Ireneu queria beleza e con-
forto não só para a sua fa-
mília como para toda a po-
pulação. Quando você vir um
serviço público importante,
pergunte logo: quem deu à
cidade esse melhoramento?
A resposta será, com certez-
za: Ireneu Evangelista de
Souza, Visconde de Mauá...

— Pode dizer, que eu tenho
nota.

— A luz estética, a Com-
panhia de Corumbas, a Com-
panhia de Rebocadores a
Vapor no Rio Grande do
Sul, a Companhia Fluminen-
se de Transportes, a explo-
ração do ouro em Minas
Gerais, a construção do pri-
meiro dique do porto do Rio
de Janeiro, a iluminação a
gás, os bondes, o canal do
Mangué, a melhora do abas-
tecimento de água, a estrai-
da de ferro, a navegação do
rio Amazonas, a ligação do
Brasil à Europa pelo telegra-
fo...

— Chega! Já estou cansa-
do de escrever...

— Pois, tudo isso é obra
do antigo caixeirinho, que,
com o seu trabalho, ficou
riquíssimo e recebeu os tí-
tulos de Barão e Visconde de
Mauá.

— E como é que ele agora
está pobre?

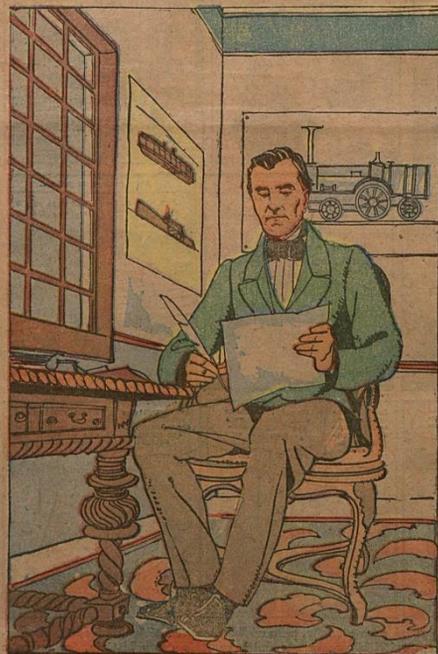
— Muitas dessas compa-
nhas davam prejuízos, mas,
o Visconde não desistiu, para
servir ao Brasil. Foi perden-
do, perdendo, e... quando
quis salvar, era tarde...

— Perdeu tudo?

— Tudo! Está entregando
aos credores suas casas, il-
livos, jóias, quadros, está-
tuas... Até os objetos de es-
tímulos — da Viscondessa,
como aquelas mornigas...

— Pois, eu vou impedir o
leitão do menos essas coisas
o Visconde de Mauá deve
conservar para sua família!
Que quer como se faz um
barulho bem feio?...

E Rebedeco disseu da fan-
ta, disposto a dar pancada
em todos os credores sem
coração, que iam reduzir à
miséria o Visconde de Mauá.
Mas, uma força estranha lhe
barrentou o braço. Sentiu-se
incapaz de fazer violência.
Um pedreiro imã de bondade
o tirava irresistivel-
mente.



Pois tudo isso é obra do antigo caixeirinho que com o seu trabalho ficou riquíssimo e...

Na próxima Terça-feira,
Capítulo 48.º
A IGREJA
Remunido António de Seixas
(Mangué da Seta Cruz)

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinées" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Redação e Officinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Tropa
Mauá) — Telefones: Escritório: 45-1993 e 45-1998, Redação e Oficinas: 45-2024. Expediente: Rua General Calveit, 218. Telefone: 45-2926

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolpho Azeas * Gerente: Desiriz Vilela

ANO X • Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1943 • Num. 1340

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números CR\$ 45,00
SEMANAL — 75 números CR\$ 35,00
TRIMESTRE — 26 números CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 48.^o
A IGREJA

ROMUALDO ANTONIO DE
SEIXAS
(Marquês de Santa Cruz)

ROMUALDO Antônio de Seixas está lendo. Gardo, fitosomia serena, olhar dominador, a gente se sente bem junto a ele. As sobrancelhas, pretas e contrastam com os cabelos de neve (tem setenta e um anos). Pousa na mesa o livro que lia — uma exemplar das "Memórias Históricas da Baía", por Inácio Adolpho — e nem esperava pelas palavras de Roberto, intruso à sua presença sem saber como:

— Meu coração chamou-o aqui, por adivinhar que você ia cometer uma violência. Perdoe ao pobre Romualdo...

— Pobre sou eu... Meu pai trabalha para viver... — Mas pobre do que eu fui na sua idade, não creio. Meus pais, boas criaturas, nem puderam cuidar da minha educação. Aos sete anos confiaram-me a meu tio, o pai de Romualdo de Sousa Coelho. Entrei para o Seminário.

— Sim, o lugar onde se estudava para padre. Aos quinze anos fui para Portugal. Entrei para a Congregação do Oratório de Lisboa, de onde sai espontaneamente, dois anos depois, por ser natural da idade. Não dão férias os oratórios. Conectei, entretanto, a frequentar a Biblioteca do Convento da Penitência.

— Ah! Eu também gosto muito de ler.

— Faz muito bem, meu filho. Estude bastante. Certa vez pedi ao bibliotecário que me desse para ler um livro muito adiantado, o "Tratado do Sublime", de Longino. Foi bombar, perguntou o bibliotecário se eu queria a tradução portuguesa ou em outra língua. Em qualquer (respondeu), em latim, português, francês ou italiano.

— Esse livro nunca se estudou mais boas proteções.

— Gosto de saber o nome dos profetores de honra e de... — Foram meus profetores, em Lisboa, o natível intelectual doutor José Joaquim Ferreira de Azevedo e o militar Albino Gomes Guerra. Fui meu primeiro amigo de D. João I. Apesar disso,

— Não, meu filho. Deus sempre me dá forças para as lutas da vida. Regressei ao Pará, onde nascera. Lecionei no Seminário, Pratico Gramática Latina. Depois, Retórica, Filosofia e Francês. Tinha então, dezesseis anos...

— Com essa idade já mencionava coisas tão difíceis? É preciso inteligência fora do comum...

— Romualdo de Seixas não ouvia. Ele era, geralmente, surdo para os elogios...

— E crevi um diário de bordo quando fui nomeado

era a força oculta que me repelia das horas do grau acadêmico... que o próprio governador recusou-me constantemente a necessária licença.

— Quero ler!

— ... e a esse respeito escrevi o seguinte: — "tal

era a força oculta que me repelia das horas do grau acadêmico... que o próprio governador recusou-me constantemente a necessária licença."

— Já sei que o senhor não desanimou.

— Já sei que o senhor não desanimou.

para formar com o vice-reitor do Seminário (Monsenhor Brito Mendes) a comissão que deveria cumprir, no Rio, ao príncipe Dão João, pela sua vinda ao Brasil. Essas páginas vieram a ser publicadas no número 13 do "Journal de Colônia", que deve existir na Biblioteca Nacional...

— Vou procurar — pensou o Rebeldeco.

— Dei em diante, vivendo na corte, minha vida foi uma série de vitórias felizes, que só atribuo à divina bondade. Procurei ajudar a Independência. Embora não quissem, fui preso e enviado. Viajei de novo para Lisboa. Houve, nessa viagem, uma aventura.

— Foi aprisionado por piratas?

— Quase... O nosso navio, que era chamado "Fragata e Alegria", ficou em enorme tristeza... Foi eu, aprisionado pela fragata "Niterói", que se celebrava nas lutas da Independência, sob o comando do oficial inglês John Taylor.

— Conheço esse nome.

— Ele lutava a favor de Dão Pedro I e por isso nos aprisionou, supondo-nos contrários à Independência. Afinal soltaram-nos. Que triste meio de viagem! Tivemos por alimento apenas carne salgada e feijão. Talvez, um ovo... Em terra, andei a cavalo e me machuquei numa queda. Aí de certo de bom viajei... Depois de muito sofrer, consegui ser recebido pelo Rei e voltar ao Brasil. Os meus patriotas, sempre generosos, quiseram me distinguir com algumas tarefas superiores as minhas forças.

— O que o senhor não tem é vaidade.

— Propuseram a minha nomeação para Ministro do Brasil em Roma. Achei muito para mim. Nomearam-me, sem pedidos meus, Arcebispo da Baía.

— Não, senhor!

— As coisas que eu tive de realizar, como sacerdote, sempre achei. Assumi, fui Arcebispo da Baía, fiz o sermão de congratulações pelo nascimento do Príncipe hereditário, o futuro Dão Pedro II e o sermão fúnebre à memória da Imperatriz Leopoldina... Também fui Deputado e Presidente da Câmara. Um dia...

— Já sei, outro convite importante...

— O Regente do Império, Pedro de Araújo Lima, Marquês de Olinda, me nomeou Ministro de Estado e escreveu uma carta, pedindo que aceitasse. Achei muito para mim. Pedi licença para recusar...

— Mas, então, o senhor recusa posições, quando os outros pedem?

— Não há nada nisso, meu filho... Eu não tenho



... Gardo, fitosomia serena, olhar dominador...

CONTO DE FANTASIA

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinées" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira

Escritório, Redação e Officinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Maca). — Telefones: Escritórios:
63-180 e 23-450. Redação e Ofi-
cinas: 43-242. Encadernação: Rua
General Canabril, 318. Telefones
43-2238

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen ★ Gerente: Denizar Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1943 • Num. 1343

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

ASSINATURAS pelo correio, para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 186 números. CR\$ 43,00
SEMEESTRE — 78 nú-
meros CR\$ 23,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 11,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 19

A ABOLIÇÃO

JOAQUIM NABUCO

EM frente ao Palácio Mon-
roze, desfilava os estu-
dantes. A sala escadaria do
edifício estava cheia de
gente. Importante. Pelos
dourados de diplomatas, es-
padas prateadas de milita-
res, casacas negras de civis
apareciam de repente, ao re-
flexo de lanternas empun-
hadas pelos estudantes.
Passam sempre. Milhares de
brasileiros misturam-se com
os estudantes, para homenagear
a um homem, que se
acha no último degrau da
escada. Alto — pouco menos
de um metro e noventa; vir-
melho — faces de rosa san-
guínea; lido — cabelos fi-
nos cor de neve, o homem
está imóvel, ligeiramente in-
clinado para a direita. Uma
estátua não seria mais elean-
te e majestosa. Os estu-
dantes gritavam:

— Viva Joaquim Nabuco!
Rebêdo fez a festa!
— O grande Nabuco! Vou
conversar com ele.

E subindo as escadarias
com uma agilidade que só
em sonho era possível, pediu
a Joaquim Nabuco:

— Por que motivo o se-
nhor é abolicionista? Conte
lhes essas coisas direitinho...
— Hei? Inclinadamente es-
tou ficando surdo...

Rebêdo repetiu a frase.
Então, ali mesmo, diante da
multidão que desfilava, Na-
bucco ergueu a mão direita,
no gesto de quem vai falar.
A multidão estacou, fascina-
da. Os estudantes começa-
ram a dizer:

— Psi! Silêncio! — E a
voz arfada de Nabucco
ressou em frente ao Palácio
Monroze:

— Sou de Pernambuco, ni-
nho de águas. Nem sempre
tenho morado lá, mas, quan-
do menino, fui criado no en-
genho de Massangana. Certo
dia veio um escravo, chama-
do, lançar-se a meus pés.
Suplicava que eu o livrasse
de um senhor cruel. Minha
madrinha, dona Ana Rosa de
Carvalho, comprou-o para
mim. Desde esse dia, tomei o
compromisso de acabar com
a escravidão no Brasil!

Falava em tom de discor-
so, dirigindo-se ao povo e
não ao Rebêdo, apenas:
— Estudei muito, para fi-

car em condições de realizar
o ideal abolicionista. Foi ali-
no de Colégio Pedro II, da
Faculdade de Direito de São
Paulo, da Faculdade de Di-

reito de Recife. Andavam,
então, a meu lado, como
meus colegas de estudo, ra-
pazes de talento: Castro Al-
ves.

— Grande poeta — pensou
o Rebêdo.
— Rui Barbosa.
— O homem que sabe mais
coisas no Brasil.
— Rodrigues Alves, Afon-
so Pena...
— Ambos futuros Presi-
dentes da República!
O orador continuou:
— Segui sempre os conse-
lhos de um grande profes-
sor particular, o Barão de
Tauphoens, e de meu pai,
um estadista do império,
com qualidades intelectuais
e morais muito raras. Mas

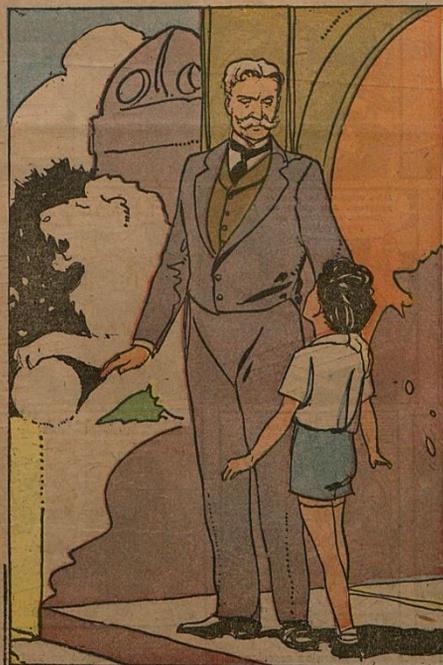
eu conservava sempre a mi-
nha idéia: acabar com os es-
cravos no Brasil. Todos nós
sabíamos que era difícil de-
fendido, combati sem cessar a
escravidão!
Rebêdo não sabia, mas,
como todos bateram palmas,
ele também bateu. Quando
serenaram os aplausos, Re-
bêdo exclamou:
— Não devia haver sacra-
veo no Brasil!
Nabuco, que falava sempre
de improviso, pegou a idéia
do Rebêdo:
— Não devia haver, mas
houve. Os índios reagiam
violenta-mente e não se des-
caxavam escravizar. Não ha-
via portugueses em número
suficiente para trabalhar
nos inúmeros serviços de abas-
tecer, quase do tamanho da
Europa. Então, Portugal foi
buscar escravos na África,
cometendo um erro que ou-
tros povos também comete-
ram. Um homem não pode
ser senhor de outro homem.
Nosso Senhor — e Deus!

— Bravo! (desta vez o Re-
bêdo começou a aplaudir
antes da multidão).

— Em 1833, eleito depu-
tado pela primeira vez, co-
mecei a dedicar minha vida
ao abolicionismo. Na tribu-
na da Câmara, nos teatros,
na praça pública, em toda
parte preguei liberdade para
os negros. Ainda me lem-
bro do dia 12 de maio de
1838, quando se votou a Lei
Áurea. O povo me cobria de
flores...

Nabuco parou, encoloma-
do com a lembrança, e pros-
seguiu:
— Também me lembro de
alguns companheiros aboli-
cionistas, como aquele ex-
traordinário José do Patrocínio.
No dia 13 de maio, ele fez um
discurso à princesa Isabel,
bradando, ajoelhado: — "O
representante de um milhão
e meio de escravos abelha-
se neste momento aos pés da
redentora de sua raça!"

— Hei de procurar o seu
José, meu pai Rebêdo...
— Denis! Foi proclamada
a República. Afaste-me da
política. No estrangeiro, co-
mo embaixador do Brasil,
procuro sempre defender os
meus interesses. Estou dedi-
cando o resto dos meus dias
ao ideal de aproximação en-
tre o Brasil e os Estados
Unidos. Na escadaria deste
belíssimo palácio, que prome-
tinho venha a ser chamado
Monroze, um homem acenou
Presidente Monroe, dos Es-
tados Unidos, eu me conside-
ro numa tribuna gigantesca,
digna deste grão: Dou
trabalho a Deus, brasileiros,
— não há mais escravos
no Brasil e na América.



— Por que motivo o senhor é abolicionista?

Na Próxima Terça-Feira:
Capítulo 20
A ABOLIÇÃO
José do Patrocínio

Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizem * Gerente: Denizar Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1943 • Num. 1346

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Assombra Cabral, 41 (Praça
Mata) — Telefones: Escritórios:
83-196 e 23-498. Redação e Ofi-
cinas: 42-502. Encadernação: Rua
General Caldeira, 318. Telefona
42-2293

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números. CR\$ 60,00
SEMANAL — 72 nu-
meros CR\$ 60,00
TRIMESTRAL — 80 nú-
meros CR\$ 18,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 59

A ABOLIÇÃO

JOSE DO PATROCÍNIO

SALA pequena. Pouca luz. Solta a mesa. Lido manchada de pingos de tinta que parece o rosto de um bebedão, destaca-se um bloco de papel. Um homem barbado sacode febrilmente. De quando em quando gestula com a mão esquerda, como se estivesse fazendo discurso. De repente, levanta a cabeça: vê o Rebedeco, parado, diante dele. A voz melíflua do homem barbado indaga, sem demonstrar surpresa:

— Quem é você, meu menino?

— O Rebedeco, um seu criado.

— Não tenho o prazer de conhecê-lo. Será algum recomendado da Bibi?

— Agora, cabe a mim confessar que não tenho o prazer de conhecê-lo a Bibi.

O homem barbado resolveu acabar com aquela confusão:

— Bibi é a minha senhora. Eu me chamo...

— Não precisa dizer. Todo menino que estuda História do Brasil sabe o seu nome.

Nesse momento entra na sala um sujeito surrado, rirriando:

— O seu Zé do Pato? Cá de o arrip?

— Já vai — responde o homem barbado

E comunicou confidencialmente ao Rebedeco:

— Zé do Pato é o meu apelido.

Mas o menino, fazendo coisas que, acordado, seria incapaz de fazer, començou em voz alta:

— Não estou gostando disso aqui. Uma escravidão danada... Uma dona Bibi...

Um seu Zé do Pato... Antes, não, conversar com Joaquim Nabuco, dava gosto.

Ao ouvir esse nome, o homem barbado se ergueu, num impulso:

— Já estou compreendendo! Foi o meu velho amigo Nabuco que mandou você aqui. Venha para junto desta janela, que é a tribuna de onde eu fale ao Brasil!

Quando o menino chegou à janela, Rebedeco observou que ele era escuro, cor de limbo assado, com os cabelos quase lisos e a barba quase encaracolada. A proproriedade que falava, o homem ia se animando; o tronco, de repente, aprofundava-se, os olhos brilhavam.

Rebedeco disse consigo

mesmo, mal mexendo os lábios:

— É mulato...

Mas José do Patrocínio, que parecia adivinhar os pensamentos dos outros, disse com forçá:

— Considere-me preto. Tenho uma origem humilde. Transporte-se pela imagi-

nação para uma loba de selvagens. Olhe ali no céu...

Embarque naquela nuvem... Veja o que se passa lá embaixo... Selvagens, está lutando São goltacases. Vão fugindo, fugindo; Passam-se os anos. Nos antigos campos onde houve essas lutas com os goltacases ergue-se

hoje a cidade de Campos. Agora, repare: rua dos Andradas, pavimento ferro de um sobrado feio... Está ali uma preta quitandeira. Chama-se Justina; minha mãe...

— Ah! Foi por isso que o senhor virou abolicionista...

— Não se por isso. Quando eu tinha ainda, menos idade que você, assisti ao espancamento de um pobre escravo. Fiquei revoltado. Pensei em estudar, ganhar fama, para acabar com a escravidão em meu país.

— Já sei frequentou escolas, etc., etc.

— Mais devagar... Minha mãe não tinha meios para sustentar os meus estudos. Vim para o Rio de Janeiro, tentei a vida.

— Traxeu sua mãe?

— Não pude. Ela chorou muito, quando nos separamos. Prometi ir buscá-la, logo que estivesse coberto de glórias. No Rio de Janeiro, empreguei-me como aprendiz extramuniário da farmácia da Santa Casa. Ganhava o suficiente para não morrer de fome.

— Quanto?

— Dou mil reis, aos domingos. Nos outros dias, eu aprendia o serviço...

— Que sacrificiô?

— Logo melhorei. Empreguei-me na Casa de Saúde do dr. João Batista dos Santos, que mais tarde veio a ser Barão e Visconde de Itaboraã...

— Certo que há uma rua com esse nome — pensou o Rebedeco.

— Mesmo assim, não podia pagar escola. Estudei de graça, no externato do dr. João Pedro de Aquino. Fiz o curso de Farmácia. A Sociedade Beneficente mandava-me entregar todos os meses a quantia de vinte mil reis, por ser estudante pobre.

— E o senhor se arranjava com isso?

— Que remédio? Além disso, pessoas de bom coração me ajudavam bastante. Dava-me casa e comida o colega Sebastião Calisto Calado.

A grande não pode ficar "calado" diante de um nome assim — comentou rindo o Rebedeco.

Mis Patrocínio, que não ouvira o a-parce, continuou:

— Outro colega, José Rodrigues Vila Nova, insistiu para que eu fosse morar com a família dele, em São Cristóvão. Foi. Para não morar de graça, dei ajuda as irmãs de João. E a irmã dese, chamada Henriqueta, casou-se comigo. E a Bibi...

— Bom dia apóiam.

— Casado, dediquei-me à causa do abolicionismo. Foi Patrocínio, da "Gazeta de Notícias" e diretor da "Gazeta da Tarde". Fiz discursos, escrevi artigos, publiquei livros, viajei pelo Brasil, escomodi escravos, exhibi nas ruas cativos surrados, prometi a abolição em quarteirões do centro das cidades, lancei manifestos, fui a Europa, conquistei as simpatias de um gênio como Victor Hugo. Fiquei coberto de glórias. Ai... comprei uma promessa antiga...

— Foi vez sua mamãe...

— Buscá-la. Já voltinha! Cinco meses depois... descaçaram. Meus amigos a levaram ao cemitério com grande cortejo, como se fosse uma grande dama. Lá estavam o Presidente do Conselho de Ministros, Senador Dantas, os abolicionistas Rui Barbosa, Nabuco, Quintino Bocaiuva, Fradique de Moraes, Campos Sales...

— Quanta gente importante.

— Fundei depois este jornal a "Cidade do Rio". A 13 de maio de 1888, quando era Presidente do Conselho de Ministros o Senador João



De repente, levanta a cabeça: vê o Rebedeco, parado, diante dele

CONCLUI A
PÁGINA

Edição de Terça-Feira



Redigido, Assinado e Original:
Rua Senador Cárdenal, 41 (Group
Máxica) — Telefones: Escritórios:
83-1106 e 20-4028. Redação e Ofi-
cina: 42-5232. Encadernação: Rua
Orestes Chaves, 118. Telefones
42-3020

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Donizete Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1943 • Num. 1349

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil
ANO — 126 numeras. CR\$ 45,00
SALGOTE — 75 nr.
GARCIA — 50 nr.
TELETYPE — 30 nr.
MIRRO — 10 nr.
CR\$ 13,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 51

O 13 DE MAIO

PRINCESA ISABEL

MANHÃ. Sol pálido. Rebedeco parecia, entre flores bem cuidadas, nos jardins do castelo d'Eu, em França. Não a azul do céu, nem o verde da folhagem lambram e colorida alegre do céu do Brasil. Rebedeco observa o ambiente, novo para ele. Ao que parece, ainda não conseguiu encontrar a quem procurava, no castelo d'Eu. Debrou uma curva dos cancelos e viu...

POLCO adianta, num pequeno sofá branco de palhinha, uma senhora idosa, vestida de preto, tomava "banho de sol", pedrosa remansada quando usado com moderação. Seus cabelos eram brancos, olhos azuis, cor do céu. A mão direita se apoiava numa bengala de casta, com o castão em ângulo reto. Rebedeco se aproxima com certo receio, por saber que era a Princesa Isabel. Já muito velhinha. Mas, pouco depois conversava com desembaraço, porque Isabel tinha muito jeito para lidar com crianças.

— Que saudade do Brasil, meu amiguinho! Que alegria me causa ouvir a língua portuguesa!

— Então, a senhora... que dizer, Vossa Alteza não ouve falar português?

— Aqui estamos na França. Minha família, naturalmente, fala português, embora o Gastão tenha solgado francês, carregado no "r".

— Gastão?...

— Sim, Gastão de Orleans, o Conde d'Eu, meu marido. Acho graça quando ele, ao se dirigir a mim, me chama de "Prerriçica". Ele tem facilidade para línguas. Aprendeu o alemão com a própria mãe e, visitando a Inglaterra e a Espanha, voltou de lá falando também essas duas línguas. Um ano depois do nosso casamento, em 1864, falava bem o português e dois anos depois escrevia corretamente.

— Eu gostaria de vê-lo...

— Infelizmente ele não está. O governo brasileiro acaba de revogar o decreto que bania a família imperial. Meu marido e meu filho Dom Pedro Augusto embarcaram para o Brasil, no encorajado "São Paulo", acompanhando os restos mortais de meu pai, Dom Pedro II, e de minha mãe, Dona Teresa Cristina.

— Mas... em que ano nós estamos?

— Não você não sabe? Em 1922... Esteo muito idosa,

docente e só por isso não fui. A gente não faz o que quer...
— Nem as Princesas?
— Nem nós... Pensa que eu detestei o Brasil por meu gosto, em 1889? Lembro-me de minha terra com enorme saudade. Ainda estou vendo direito diante de mim o cenário do meu casamento: serviam de meus padrinhos o Senador Francisco José Furtado e o Marquês de Ita-

nhaen, e de padrinhos de meu noivo o Duque de Saxe e o Marquês de Olinda...
— Conheço!
— Uma das boas recordações do meu casamento é o ato de meu pai, o Imperador, libertando nesse dia todos os escravos a meu serviço.
— Ora veja! Nunca ouvi falar nisso!
— Meu pai se libertou em sinal de satisfação pela na-

nha felicidade. Não, pessoalmente, eramos contrários à escravidão. O Gastão também. Quer uma prova?

Rebedeco bateu com a cabeça, que sim.
O Gastão comandou o exército brasileiro no fim da guerra do Paraguai. O dilador Francisco Solano Lopez tinha abandonado Assunção. Então, o Gastão enviou um pedido aos paraguaios que estariam tomando conta do governo: tenham com a escravidão no Paraguai!

— E conseguiram?
— Conseguiram, sim. A 13 de setembro de 1869 foi entregue o pedido de Gastão e pouco depois fizeram a abolição no Paraguai. Até meus filhos, eram abolicionistas. Eles publicavam em Petrópolis um jornalzinho, o Correio

Imperial. Por causa de uma batalha de flores, realizada em fevereiro de 1868, fizeram uns versinhos assim:

Esta batalha preciosa
De flores de mil milhares
Grandes venturas prepara
A sorte dos intellizes.

Com ardeor e paixão
Por uma ilha de braves
Sob os auspícios da Fada
Que se condôi dos escravos.

Esta batalha de flores
E também de liberdade
Aos piedosos lutadores
Abençoa a divindade.

— Deixe ver se compreende. A Fada é a natureza... desculpe, Vossa Alteza. Os "piedosos lutadores" são os associações de liberdade.

— Isso mesmo, meu amiguinho.

— Agora sei porque foi assinada a Lei Aurea...

— Sim, essas fatos explicam bem o ambiente em que eu vivia. O próprio Imperador não era contrário à abolição, porém, achava justo que se desse uma indenização aos fazendeiros, que compravam escravos por dinheiro. A agricultura no Brasil era feita por...

— Assim mesmo...

— Assim mesmo, mas antigamente quase todos os povos tinham escravos. Para não desgostar aos fazendeiros, meu pai embarcava para o estrangeiro e me deixava ordenas para ir preparando a abolição.

— E isso?

— assinando, pouco a pouco, leis importantes. Foi assim que eu assinai a Lei do Voto Livre, quando era Ministro, o Visconde do Rio Branco. Depois assinai a Lei Aurea, quando era Ministro.

— ...o Senador João Alfredo.

— Muito bem! Vejo que você sabe História do Brasil. Então, você deve saber também, que os fazendeiros ficaram zangados e que isso ajudou a queda da monarquia.

— Mas não se podia admirar.

— Podia, sim. Eu previa. O próprio Visconde de Cotepipe, um honren de valor, me disse, em 1888, que a Lei Aurea ia me fazer perder o trono.

— E assim mesmo, foi assinada.

Para dar liberdade a dois milhões de milhares africanos, escravizados se força, arcaicos e trono e a sorte da monarquia. Não me arrependo. Vençoa a República, mas eu, embora pensando, não me sinto entusiasmado.

— República, republica...

— repetiu o Rebedeco, falando do acólito. — Vou procurar os republicanos.



— Que saudade do Brasil, meu amiguinho!

Na Próxima Terça-Feira:
Capítulo 52
A R E P U B L I C A
Propagandista Militar
Benjamin Constant Botelho
de Magalhães

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Saldanha da Gama 43 (Praça
Mauá) — Telefone: Escritório:
67-180 e 23-428; Redação e Ofi-
cinas: 32-5532. Encadernação: Rua
General Canabral 319. Telefone:
42-266.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1943 • Num. 1352

16 PÁGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números... CR\$ 4,00
SEMESTRE — 6 nu-
meros... CR\$ 2,00
VIGILANTE — 36 nu-
meros... CR\$ 15,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 52
A REPÚBLICA

PROPAGANDISTAS MILITARES

Benjamin Constant Botelho de Magalhães

REBEDECO viajou da França para o Brasil num avião de espanhóis vitoriosos. Mas, por um desses abarçãos tão comuns nos sonhos, pouco a pouco, as asas do avião foram colhendo, encolhendo... e viraram folhas de um livro aberto. Era a Constituição do Brasil, Rebedeco leu o artigo 4º: "O Governo Federal adquirirá para a Nação a casa em que faleceu o dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nela mandará edificar uma lápide em homenagem à memória do grande patriota — o Fundador da República".

— Está aí o homem que eu devo procurar — pensou o Rebedeco.
E logo depois se achou diante de uma casa simples em Santa Theresa, com admirável vista para o fundo da Guanabara. Entrando sem bater, o Rebedeco encontrou, defronte à mesa de trabalho, um homem simpático, de casaca fina e comprido, impando vagarosamente o "pince-nez". Em torno havia livros, muitos livros, principalmente de matemática e de filosofia.

Rebedeco ficou meio receoso de falar com o Fundador da República. Talvez não quisesse recebê-lo. Logo ficou à vontade, quando Benjamin Constant, botando enfadonhosamente o "pince-nez" no nariz, disse com amabilidade, como se já se conhecesse a visita:
— Pode entrar. Todo estudante é bem recebido nesta casa...

— É? que eu não traço nenhuma carta de apresentação. Sou um menino pobre...

— E que tem isso? Também eu fui estudante paupérrimo...

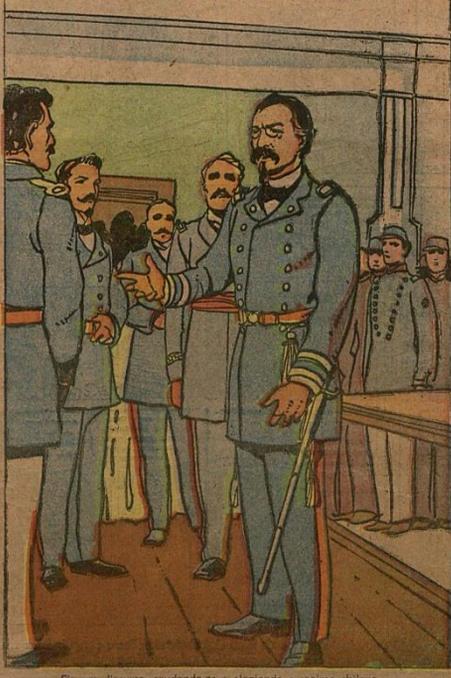
— O senhor?
— Exatamente, Sen. Bagó; no Rio Grande do Sul, estudei as primeiras letras com o viciário da cidade. Depois, tendo minha família regressado ao Rio de Janeiro fui matar em Niterói, estudei soon e meen prôpelo pai. Ele era militar, mas precisava lecionar.

— Desculpe, mas quem é militar tem com que viver, não pode se considerar paupérrimo.

— Espere, meu amiguinho. No ano de 1849, meu pai faleceu na cidade de Parati-

ha do Sul. Fiquel, aos treze anos, orfão, como chefe de família. Quase desesperado. Eu era muito criança para tamanha responsabilidade. Trabalhei muito e não interrompi meus estudos. No ano seguinte, obtive a primeira vitória: com a proteção da família Andrade Pinto, matriculei-me no Mosteiro de São Bento.

— Quer dizer que o senhor aos catorze anos era chefe de família e estudava de graça?
— Sim, meu amiguinho. Com muita força de vontade, consegui entrar para a carreira das armas Reebel e graú de badarel em ciências físicas e matemáticas. Comecei a lecionar. Foi professor da Escola da Marinha, da



— Ficou um discurso, saudando-se e elogiando o regime chileno...

Escola Politécnica, da Escola Militar do Colégio Pedro II. Ensinava por prazer. Mas um dia rebentou a guerra...

— A guerra do Paraguai?
— Diga antes a guerra de López. Esse ditador provocou o Brasil. Segui para o campo de batalha, como chefe de tropa militar. Lembro-me com horror das cenas trágicas em Itapirú, Itaiti, Corrientes, Humaitá, Taincú... Sou homem de estudos e não de brigas... Quando regresso do Paraguai, sofri fortes ataques de impaludismo.

— Dizem que é uma doença danada...
— Sofri bastante. Durante a minha doença, estudei constantemente. Comecei a pensar na situação do Brasil:

ali: era a única monarquia da América... E além disso, ainda tinha escravos... Resolvi consagrar minha vida a duas causas: a abolição e a República.

— Mas o senhor era inimigo do Imperador?
— Absolutamente. Gostava do Pedro II, homem bom e culto. Mas, quando ele morreu, publico as minhas impressões. A ideia de sermos dirigidos por um rei estrangeiro desagradava-me não só a mim, como aos militares em geral.

— Todo o exército?
— Quase todo. Um fato veio agravar a situação. O Conde d'Eu foi a Escola Militar. Estava dando aula o Professor Moreira Pinto, que contava aos alunos episódios da história da França. O Professor aliou uma frase mais ou menos assim: "O rei Carlos IX mandou assassinar os calvinistas..."

— Já ver que o Conde d'Eu gostava desse rei...
— O Conde era descendente de Carlos IX e se julgou ofendido. Fez a publicação do Professor. D. Pedro II não mandou prender Moreira Pinto, porém mandou que ele fosse absolvido.

— E isso é o que é isso...
— Quer dizer apontado, retirado, afastado do cargo. Era uma forma de castigo... Naturalmente os militares e os professores ainda ficaram muito aborrecidos com o Conde d'Eu. Isso facilitou a minha propaganda republicana. Depois, quando eu já era Tenente-coronel, queixei-me.

— Os oficiais de um navio chileno foram visitar a Escola Militar. Fiz um discurso, saudando-os e elogiando o regime chileno: a República! O governo compreendeu que a ideia republicana encontrava simpatias em grande número de pessoas. Procurei evitá-la. Ia prender meus amigos. Vinte e abrigado a fazer a revolução, como com D. Pedro vivo.

— No dia 15 de novembro, não é?

— Antes, no dia 5, preendi uma reunião no Clube Militar, onde os oficiais decidiram que tudo quanto eu fizesse estaria bem feito. Mandei preparar a revolução. Dei o comando ao meu amigo Drumond, por ser general. Este vive sempre no lado dele, durante a proclamação da República. Hoje, sou Ministro da Guerra. Trabalho muito, mesmo aqui em minha casa. Faltamente os outros ministros me ajudam. São bons republicanos...

— Via muito deles e o melhor detentor da República?

— Capitão Recrutado.

— Foi, via muito, agora moro...

Na Próxima Terça-Feira:
Capítulo 53
A REPÚBLICA
Propagandista Civil
Quilino Escavato

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Saldanha Marinho 45 (Praça
Mauá) — Telefones: Escritório, 45-1996 e 51-5098. Redação e Oficinas, 45-5323. Expediente: Rua General Caspary, 318. Telefones 42-2978

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolpho Aizen * Gerente: Dantas Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 6 de Julho de 1943 Num. 1355

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

ASSINATURA em dinheiro para
qualquer parte do Brasil.
ANO — 126 numeros CR\$ 45,00
SEMANAL — 15 dias
MENSAL — CR\$ 35,00
TRIMESTRAL — 36 dias
ANUAL — CR\$ 350,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 53
A REPÚBLICA
PROPAGANDISTAS CIVIS

Quintino Bocayuva

ERA um chalesinho modesto, no alto da colina. O Rebeldão, vendo a casa lembrou-se de uma canção popular e cantou:

Vou saber de onde eu venho?
De uma canção que eu tenho
Fiz ao alto da colina...

Na varanda onde se achava, um velhinho se ergueu da cadeira, onde lia um número do jornal "O País", e disse ao Rebeldão:

— Pode entrar, meu alegre amiguinho...

E logo depois, apontando o boné de coqueira clara que trazia na cabeça, continuou:

— Você quer falar comigo?

— Quero, sim senhor — respondeu o Rebeldão. Antes de mais nada, desejei saber se o senhor recobrou todo mundo assim com tanta facilidade...

— Por que não?

— Disseram-me que o senhor já foi Ministro, Senador, Presidente de Estado, Diplomata, Príncipe dos Jornalistas e não sei mais o que. E ainda por cima, que é atualmente o Vice-Presidente do Senado. Um homem tão importante...

— ...Não continue. Ocio que você não está a par dos princípios de igualdade republicana. Vou explicar porque motivo não tenho vaidade.

E QUINTINO Bocayuva, demonstrando cuidadosamente o exemplar de "O País", começou:

— Nasci na oficina de meu pai. Quando operário. Ficando orfão aos treze anos, sem ter com que me sustentar no Rio de Janeiro, fui tentar a vida em São Paulo. Estudiei à custa do meu trabalho. Conheci a coláborar na revista "O Acayaba", órgão dos estudantes...

— Que engraçado! Eu também costumava escrever no melhor jornal para crianças, o...

Rebeldão ia dizer Suplemento Juvenil, mas Quintino, que tinha a fisionomia um pouco séria, interrompeu:

— Não. Nunca escrevi para crianças. Gostei de coisas sérias: história, crítica, teatro, versos e, principalmente, política. Política republicana. Bem entendido... Quando ainda não se falava em

República no Brasil, eu e Ferreira Vianna redigimos um jornal, "A Hora", francamente adversário da Monarquia...

— Mas o senhor não parece um revolucionário.

— E não sou. Combati a Monarquia com idéias, nada de armas. Franzino, doente, nunca del para brigar...

— O senhor não tem saudades?

— Foi por falta de saudades que interrompt o meu curso de direito, em São Paulo. Regressei ao Rio de Janeiro, em 1856. Para viver, trabalhava

na imprensa. Redigi com Saldanha Marinho o "Diário do Rio de Janeiro" e com Francisco Glaviano o "Correio Mercantil". Durante a guerra do Paraguai, fui pela primeira vez ao estrangeiro.

— Como Embaixador?

— Não. Eu apenas começava minha vida política. Fui como jornalista com a incumbência de visitar Buenos Aires e Montevideo. Nessa ocasião, tive emojado de defender o Brasil, atacado pelo jornalista Juan Carlos Blazquez, por causa do Tratado de Triplice Aliança.

— Sei o que é: Brasil, Argentina e Uruguai lutaram juntos e daí veio o nome de Triplice Aliança.

— Meu amiguinho, você

sabe muito bem História do Brasil...

— Vivo sonhando com ela...

— Pois vou lhe contar uma coisa que pouca gente conhece. Regressando ao Brasil, fiz conferências sobre os países por mim visitados, aproveitando sempre as oportunidades para a propaganda republicana. Escrevi também três peças teatrais: "Onzala", "A Família" e "Os milheiros da desgracia". tiveram tanto sucesso que o Imperador me concedeu o título de Comendador da Ordem da Rosa...

— Sei o que é: Brasil, Argentina e Uruguai lutaram juntos e daí veio o nome de Triplice Aliança.

— Meu amiguinho, você

isso realmente eu não sabia. Então, o senhor é Comendador...

— Não, meu amiguinho, não aceitei. Agradeço, mas pedi licença para recusar.

— Creio que pouco gente faria o mesmo...

— Cumprir apenas o meu dever de republicano. Afinal de contas, fundador do Partido Republicano, eu não devia aceitar favores de D. Pedro II...

— Fundador?

— Sim, em 1870 eu e Saldanha Marinho redigimos um manifesto, expondo as idéias do novo partido. E fundei um jornal, chamado "A República". Mais tarde fundei outro jornal, "O País", onde todos os dias mostrava ao povo as vantagens do regime republicano. Nunca tive férias. Combati sem descanso. Fiz na imprensa e nos meios civis o mesmo que fazia o meu amigo Benjamin Constant entre os militares.

— Acreditou, porque um homem sem validade como o senhor não iria mentir...

— Não tenho ambição de glórias. Quando morrer, quero ser enterroado em covas rasas, num cemitério modesto, como por exemplo o de Jacarepaguá.

— Ora veja! Depois de ocupar cargos tão importantes!

— A que cargos vou se referir? Fui chefe do Partido Republicano Brasileiro, em 1880. Fui Ministro das Relações Exteriores, no Governo Provisório, Fui Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Agora sou Senador e Vice-Presidente do Senado. Mas esses títulos pouco valem, porque, como republicano, acho que todos somos iguais. Também não sei guardar rancores. Longe de ser inimigo dos meus adversários políticos, procuro até homenageá-los, quando eles merecem...

— Não entendi bem.

— Por exemplo: o Visconde de Ouro Preto era um homem de valor. Monarquista, caiu vencido pela revolução republicana. Foi exilado. Eu, Ministro da Exterior, acompanhei-o pessoalmente até o momento do embarque e lhe apresentei os meus votos de boa viagem.

— Que dizer que o Visconde de Ouro Preto merecia tantas homenagens?

— Sem dúvida.

— Pois, então é com sê

CONTINUA NA



— Pode entrar, meu alegre amiguinho...

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGAS

PREÇO: CR\$ 0,40 ota.
(400 REIS)

Editor: Adolpho A. Oliveira
Rua Accaiares, Caixa 48 (Praça Mauá) — Distritos: Zecurianos: 42-100 e 27-400. Indústrias e Oficinas: 43-0302 Encarnação. Rua Oliveira, Caixa 48 — Juntas: 42-2028

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizen — Gerente: Danusa Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1943 • Num. 1376

Assinatura pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 numeras: CR\$ 60,00
SEMANAIS — 52 nu-
meros: CR\$ 35,00
TRIMESTRAIS — 13 nu-
meros: CR\$ 10,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 54

O 15 DE NOVEMBRO

MARCHEAL MANUEL DEODORO DA FONSECA

A princípio, Rebedeço teve medo. Deodoro tinha cara de poucos amigos. Respirava com dificuldade. F e r e c i a dentão. Olhou, severo, e indagou:

— Você também veio pedir emprego?

— Rebedeco arregalou os olhos.

— Eu?!...

— Depois que eu proclamei a República, todos pensam que eu tenho um saco de empregos aqui no bolso.

— Se o senhor proclamou a República, deve ser um homem muito importante.

— Nem tanto...

— Conte lá como foi que fez isso.

— A bem dizer, eu não era republicano. Comandei os militares, meus camaradas de profissão. Pertencio a uma família de militares.

Todos os meus irmãos entraram para o exército: Hermes, Severiano, Pedro, Paulino, Hipólito, Eduardo, João Severiano, Afonso Aurélio. Minha mãe, coitada, dona Rosa Maria Paulina da Fonseca, sofreu muito durante a guerra do Paraguai.

— Morreu... algum... irmão seu?

— No combate de Itororó, a 6 de Dezembro de 1868, morreu meu irmão Eduardo. Eu e Hermes fomos feridos gravemente. O Imperador mandou apresentar pesames a minha mãe. Ela perguntou se o Brasil tinha ganho a batalha. E ouvindo a confirmação, mandou iluminar a fachada de nossa casa, em sinal de festa pela vitória.

Rebedeco, cheio de emoção, contemplou o retrato da vovó Rosa — modelo de mulher patriota — que existia na sala de visitas do marçal Deodoro. O proclamador da República suspirou.

— Salvei-me do ferimento, mas, perdi a saúde. Uma vez, passei dias dentro da lama. Até hoje sinto as consequências. Mas, os políticos não sabiam avaliar os sacrificios. Você já ouviu falar na "quintão militar"?

— Mal eu moro...

— De modo geral, foi uma porção de pequenas brigas entre militares e políticos. Eu, naturalmente, fiquei ao lado de meus camaradas. Demitiram-me dos cargos que exercia, no Rio Grande do Sul. Mandaram-me para Mato Grosso, a fim de me

afastar da cidade do Rio de Janeiro.

— Afastá-lo por que?

— Ora! Eu bem possuio muitos amigos no exército. Sou marçal. Tenho caráter. Ofereceram-me o título de barão; recusei. Amentaram as perseguições.

— Mas, o Imperador, não é um honra não hon?

Deodoro chamou Rebedeco para perto. Mal para perto. Disse-lhe no ouvido:

— É o meu maior desgosto em todo esse caso de República. Dom Pedro II está velho; eu queria acompanhar o seu caixão... Mas, as fileiras do exército estão cheias de republicanos e eles alegam que, com a morte de

Dom Pedro II, subiria ao trono a princesa Isabel, casada com o conde d'Eu, um estrangeiro. O Brasil, dirigido por um estrangeiro!

Deodoro passou a mão pela barba e o menino, sem querer, imitou seu gesto, como se tivesse barba também.

— Fiquei numa situação difícil. Os militares moços, aborrecidos com o governo, eram capazes de ofender, gravemente, a Dom Pedro. Coloquei-me ao lado deles, dirigindo suas aspirações, mas, acalmando aos mais violentos.

— O senhor não fica satisfeito?

— Com que, menino?

— Dizem que o senhor também é violento...

— Calê-se!

— Está vendo?...

— Eu não sou violento, no sentido de maldoso. Apenas, como todo homem sincero, digo sempre o que penso, e às vezes pareço violento.

— De modo que, se não fosse o senhor, talvez houvesse derramamento de sangue na proclamação da República?

— Quem sabe? Mas, graças, meu amigo, ao Floriano também evitou derramamento de sangue...

— E então foi ele quem proclamou a República?

— Absolutamente. Quem fez a campanha a favor da República foi o Benjamin Constant, entre os militares. Entre os civis, foi o Quintino Bocaiuva. Eu e o Floriano não nos misturamos nisso.

— Mas, então, não compreendo...

— Espere, menino, você quer entender tudo de uma só vez? O Floriano, no dia 15 de Novembro, ocupava um cargo importante. Se ele desse ordem para atacar os republicanos, imagine quantas gente ia morrer. Amigo dos seus companheiros de classe, Floriano evitou a luta em frente ao Quartel General, onde nós tínhamos ido prender o ministério.

— E foi lá que o senhor proclamou a República?

— Foi. E minha mãe, meu doente, comandei os militares revoltados contra o visconde de Ouro Preto, presidente do conselho de Ministros. Frensi e visconde e outros ministros. O barão de Ladário, ministro de Marinha, renistindo, foi ferido. O ambiente era de confusão. Benjamin e Quintino davam vivas à República.

— E o senhor?

— Eu vim para minha casa e quis que Benjamin chefiasse o novo governo. Mas, Benjamin achou que devia ser eu.

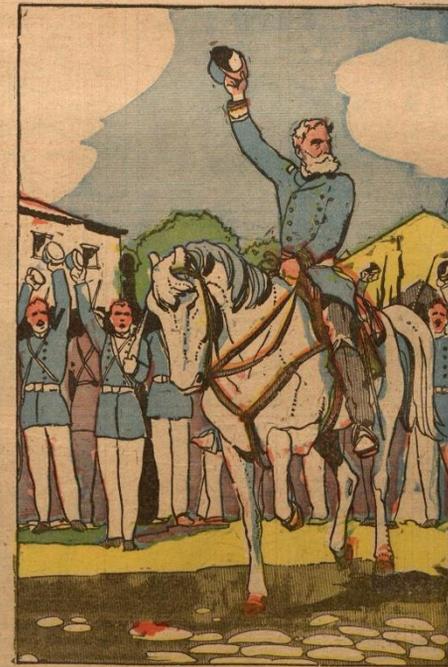
— Que bonito gesto!

— Tive de aceitar o convite, então, a assinar os decretos de nomeação dos ministros. Quer saber mais coisa?...

NESSA momento o médico de Deodoro, dr. Carlos Grossi, moço, barbaudo, segurou-o, carinhosamente, pelo braço.

— O senhor já falou demais. Não sei como tem forças para tanto. Vá descansar.

Silviana, Rebedeco fitou o retrato da mamãe de Deodoro, a heroína que amara o Brasil acima de tudo, e leve vontade de fazer uma prece, pedindo a Deus que a abençoasse.



— Comandei os militares revoltados contra o Visconde de Ouro Preto

Na Próxima Terça-Feira
Capítulo 55
O ÚLTIMO PRESIDENTE DO CONSELHO
Afonso Celso de Assis Figueiredo (Visconde de Ouro Preto)

Edição de Terça-Feira

★

Escritores, Ilustradores e Officinas
 Rua...
 Rua...
 Rua...
 Rua...
 Rua...

SUPLEMENTO

JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
 Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto
 Diretor: Adolfo Aisen ★ Gerente: Genesio Vilela

A N O X ● Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1943 N um. 1379

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinatura pelo correio para
 qualquer parte do Brasil:
 ANO — 106 números. CR\$ 65,00
 SEMESTRE — 78 nu-
 meros CR\$ 35,00
 TRIMESTRE — 36 nu-
 meros CR\$ 16,00

Roberto Macedo

A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 55

O ÚLTIMO PRESIDENTE
DO CONSELHO

AFONSO CELSO DE ASSIS
 FERRAZ, O VILÃO DO
 DE OURO PRETO

REBEDECO entrou no quarto sem saber como, atra-
 vando portas e paredes.
 Era muito cedo, quase todos
 dormiam. Um senhor idoso,
 de olhos fechados, sentava à
 beira da cama, habuava sua
 oração costumeira —
 simples, surda, original.
 — Meu Deus, esclarece-me;
 meu Deus, ajuda-me;
 meu Deus, perdona-me.
 Ao reparar na presença do
 menino, o senhor idoso per-
 turbou-se muito.
 — Como entrou você aqui,
 meu anjinho? Que deseja
 com o vovô Celso?
 E enquanto passava a mão
 esquerda nos cabelos de preta,
 estendia instintivamente
 a direita, para Rebedeco lhe
 tomar a braço (dos gestos
 habituais naquele velhinho
 de alicia venerável e por-
 tão importante). Rebedeco não
 se limitou a tomar a benção:
 — Quero que o senhor me
 conte a sua vida...
 — Ah! Que vida cheia de
 pecares e consolações! Quan-
 do eu tinha a sua idade, não
 podia imaginar quantos tri-
 unfos e amarguras me espe-
 ravam. Foi cidadão muito
 pobre. Estudei a princípio
 em Ouro Preto, minha terra.
 — E terra da conspiração
 de Pirardentes...
 — Sim. E' uma cidade
 cheia de recordações do pas-
 sado. Saí de lá com sandá-
 lies. Segui a cavalo para São
 Paulo, onde me formaria em
 direito. Estudei muito, tra-
 balhei em jornais, lecionei,
 defendi no tribunal do Juri...
 — Não teve proteções? Já
 ouvi dizer que todo moço es-
 tudioso encontra quem o
 ajude...
 — Tive sempre amigos e
 inimigos. Um professor, o
 Conselheiro Veiga Cabral,
 quis me reprovár, só porque
 assistia com o meu nome
 e com a minha roupa de po-
 bre... Mas, outro lenho, o
 Conselheiro Silveira da Mo-
 ta, interveio a meu favor.
 Também recebi auxílios da
 Marquesa de Santos...
 — Da Marquesa de San-
 tos?
 — Por que se admira? A
 velhice dessa senhora foi
 cheia de bondade. Ela mor-
 va na rua; desde da minha
 doença — doença grave, tifo;
 veio me tratar, trouxe-me
 frutas, remédios... Depois
 me aconselhou:

— Estude bem, forme-se, distinga-se no país, é única-
 mente o que desejo e espe-
 ro.”
 — O senhor alise ha pou-
 co que sempre teve inimigos...
 — Por causa da minha
 franqueza. Nunca me aco-
 vando. No começo da minha
 vida politica, sendo oficial
 de gabinete do Presidente
 da provincia de Minas, corri-
 to dizer injustiças sobre o seu
 antecessor, Proietti: —
 “Cala-se!”, bradou o Presi-
 dente. Eu respondi: — “faço
 mais do que me calar. Refi-
 ro-me e não violarei!”
 — Perdeu o emprego, não
 é?...
 — Abandonei-o, mas, ar-

ranjei outros. Foi secretario
 da Policia de Minas, depu-
 tado provincial e geral. Aos
 trinta annos, o Imperador me
 nomeou Ministro da Mari-
 nha.
 — O senhor poderia no-
 meação para um lugar tão
 importante?
 — Nunca pedi nada a nin-
 guem! Continuei a ser o
 mesmo homem extremamen-
 te franco.
 — Até com o Imperador?
 — Até com ele! Ouça. Du-
 rante a guerra do Paraguai,
 sendo eu Ministro da Mari-
 nha, recebi um bilhete do
 Imperador:
 — “Sr. Celso, Arribou hoje
 a tarde, em nosso porto, um
 navio que talvez possa levar
 os objetos que o almirante
 pediu em officio recebido ha
 dias.”
 Respondi: — “Senhor, Os
 objetos pedidos pelo almi-
 rante, seguiram ontem. Fi-
 que Vossa Magestade tran-
 quillo, certo da minha vigi-
 lancia no prompto cumprim-
 ento de todos os meus de-
 veres, mesmo quando não
 m'os lembram.”
 — Com certeza o Impera-
 dor se zangou...
 — Qual Dom Pedro II era
 muito bom! Respondei-me
 assim!
 — Sr. Celso, Não fui bem
 comprehendido. Sei que a sua
 vigilancia patriótica é tão
 grande quanto a minha.
 Mas, nesta quadra de difi-
 culdades e preocupações, de-
 vemo todos, mais do que
 nunca, ajudar-nos uns aos
 outros.”
 — Preciso conversar com
 Dom Pedro II — pensou o
 Rebedeco.
 — Noutra occasião, o Mi-
 nistro da Guerra, chamado
 Ferraz, foi designar um em-
 barkado de tropas no Arsenal
 de Marinha. Proietti, quem
 devia dar ordens lá era eu,
 Ministro da Marinha. Ferraz
 me respondeu com meus pe-
 dos e eu ameacei-o de prisão.
 Mandaria prendê-lo, se elle
 não desistisse.
 — Já vi que o senhor é um
 homem muito energico...
 — Foi por causa da minha
 fama de energia que o Im-
 perador me chamou para a
 chefia do Conselho d. Minis-
 tros, em 1889. Eu, então, já
 era Senador, collega do Con-
 selheiro Silveira da Mota...
 — Aquele que o detegeu
 quando estudante em São
 Paulo?
 — Em carne e osso. A si-
 tuação em 1889 era grave.
 Descontentes com a Aboli-
 ção, os fazendeiros a ando-
 navam o regime monarqui-
 co. E a propaganda republi-
 cana progredia sempre. Eu
 sabia que ia ser vítima dos
 acontecimentos. Acabei, pa-
 ra servir ao Imperador. Fiz
 tudo o que me era possível.
 Mas, a 14 de Novembro...
 — 14 ou 15?
 — A 14, de noite, eu sou-
 be que o exercito estava
 saindo dos quartéis, e volta-
 do. Reuni os Ministros no
 Quartel General. O Marechal
 Deodoro, commandando os re-
 volucos, conseguiu entrar no
 edificio. Discutimos. Domi-
 nado pela força, tel-grafei
 ao Imperador, que se achava
 em Petrópolis, demittindo-me
 do cargo de Presidente do
 Conselho. Eu pensava poder
 evitar a Republica. Tudo
 inutil. A Republica foi pro-
 clamada. Exclaram o Impera-
 dor. Exclaram-me. Mais
 tarde, quasi me mataram...
 — Nunca ouvi falar nis-
 so...
 — Foi ha pouco tempo. Eu
 já tinha regressado do exi-
 lio, abandonara a politica.
 Trabalhava como advogado,
 na rua do Bomfim e dava
 aulas na Faculdade de Dire-
 to. Houve agitação popular,
 por causa de uma revolta em

— Ferraz me respondeu com muitos modos e eu ameacei-o de prisão

CONCLUE NA
 6ª PAGINA

A partir da implantação da forma republicana de governo, a abordagem seguiu a ordem dos indivíduos que ocuparam a Presidência da República⁸⁷. Floriano Peixoto discorreu sobre sua biografia e ressaltou os focos rebeldes em seu governo⁸⁸. O primeiro Presidente civil, Prudente de Moraes trouxe alguns tópicos biográficos e enfatizou as lutas em sua administração, com a continuidade da Revolução Federalista e a Revolta de Canudos, além de relatar o atentado contra a sua vida⁸⁹. O quarto ocupante da Presidência, Campos Sales ocupou o “sonho histórico” de Rebedeco, discorrendo sua carreira no republicanismo e a serviço da nova forma de governo, até chegar à Presidência, dando ênfase às suas práticas de contenção financeira e à política dos governadores⁹⁰. Seguindo a ordem cronológica a próxima figura presidencial em destaque foi Prudente de Moraes, cuja fala concentrou-se nas obras públicas “de melhoramento e embelezamento” da capital, sem deixar de referir-se à Revolta da Vacina⁹¹. Ainda a respeito do aformoseamento da sede da Presidência, houve um capítulo sobre “o remodelador do Rio de Janeiro”, com Pereira Passos, denominado de “grande Prefeito”, que relatou as reformas implementadas⁹²

⁸⁷ O capítulo 56 de “A História do Brasil pelos seus próprios vultos” encontra-se indisponível na coleção do *Suplemento Juvenil*.

⁸⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 21 set. 1943.

⁸⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 19 out. 1943.

⁹⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 nov. 1943.

⁹¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 nov. 1943.

⁹² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 7 dez. 1943.

Tedes Os Dominges No Cineac-Trianon "Matinées" Infantis Promovidas Per "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 (400 REIS)

Redacção, Redação e Officinas:
Rua Senechal Cabral 48 (Praça Mauá) — Telefones: Redacção: 55-1965 e 27-4028. Officinas: 43-0355. Encadernação: Rua General Osório, 218. Telefones: 43-2925

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aisen — Gerente: Cassius Villela

A M O X • Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1943 • Num. 1986

Assinaturas pelo correio para receber parte do Brasil:
ANO — 126 numeras. CR\$ 60,000
SEMANAL — 76 nu-
meros CR\$ 20,000
MÊS CR\$ 3,000

Roberto Macedo
A HISTORIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 57
O SEGUNDO PRESIDENTE
MARCHEL FLORIANO
PEIXOTO

ABRIU-SE um novo capítulo no lindo sonho do Rebeldão. Ele se sentiu satisfeito, indolente, como quem não sabe para onde ir. Nisto apareceu diante dele uma grande cegonha, engraçada mesmo. Estava que nem um cavalo de pau, prontinha para ser montada; só o que tem é que os arreios eram de prata e falseavam como espelhos. Com uma voz muito desafinada (voz de cegonha, está claro), disse ao Rebeldão:

— Eu sou a comadre Cegonha. Pale para cima de mim. Vou transportar você à uma praça do Rio de Janeiro. Segure-se bem, como um parasita no portal!

Zzzzzzz!!! A cegonha veio pelos ares, brilhando mais que um cometa.

RIO DE JANEIRO. Silêncio. Ficaram lampeões a gas. O guinecho espremido e vibrante de uma comédia feroz o silêncio e espantou a cegonha, que agora caminhava na frente do menino, com o passinho mais desleigante deste mundo... Na esquina, dois vultos inoveis: reparando bem, um era o Lampião, outro um homem alto, de sobrecasaca e chapéu duro. O homem estranhou aquele grupo esquisito, formado pelo Rebeldão e pela cegonha. Encaminhou-se para os dois, resolutivo como quem não tem medo de nada.

— Chaf — resumiu o Rebeldão. Será o Papão?
— Me, loco corrige!
— Mamãe disse que o Papão não existe...

E caminhou também para o homem, que de longe gritou:

— Quem vem lá? Sou o Marchel Floriano.

— E eu sou o Rebeldão. Estou tentando estudar História do Brasil...

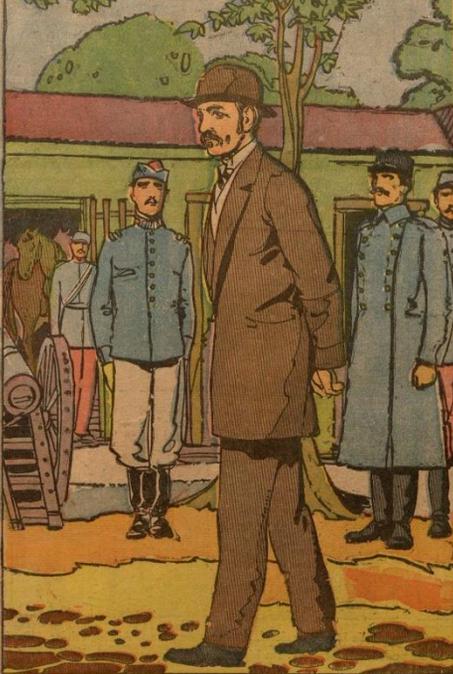
— A esta hora? Já é madrugada...

— O senhor também não está aqui a esta hora?

— Vim vigiar estes quartéis de São Cristóvão...

— Pessoalmente? O senhor parece não confiar muito nos outros...
— Confia, desconfiando... ge...

— E por que o senhor não confia logo de uma vez...
— Vivo rodeado de intrigações. Sua face benzedeira.



Ainda agora viveis, soezinho, de surpresa, os quartéis de São Cristóvão

— Alguns coim-o senhor se...

— Para te explicar direito, só contando toda a minha vida.
— Bob, coim-o.

— Já sou em Alagoas, no Engenho Branco Grande, da vila de Iguaçu, a 34 de Abril de 1870.

— Tomo nota — interrompeu Rebeldão.
O homem não demonstrou aborrecimento com a interrupção. Sua face benzedeira.

era como a água dos jumbos parecia não ter vida.
— Entãos es o meu cômico, irmão! Meus pais, Manoel Vieira de Araújo Peixoto, e dona Ana Joaquina de Albuquerque Peixoto, viam, sobretudo, como agradável. Tive a sorte de conhecer no meu tio, coronel José Vieira de Araújo Peixoto, um preceptor a quem mecio devo. Foi ele que me batizou, um ano depois do meu nascimento, na Igreja de Nossa Senhora do Ó.

— Nossa Senhora do Ó? Então existe também Nossa Senhora do P, do Q, do R, do S, do T, do U, do V, do X, do Y, do Z?

— Floriano sorria. Essas coisas eu sorria no meu peito. Achou que não era necessário responder à tolinhada do Rebeldão e prosseguiu:

— Estudai jozinhos no-estagnação de Ponte Grande, com professor particular. Depois, no Colégio Espírito Santo em Mossoró, quando fui deslocado para vir para o Colégio São Pedro de Montalvão, no Rio. Aos dezesseis anos, entrei para o Exército. Eu o meu cometa.

Passou no Rebeldão que pela mão dele, do homem, passava um fio de ouro, claro.

— Na Escola Militar, Rio de Janeiro, fui primeiro. Era quando pensava para o futuro dos estudantes. Faltavam ideias... o sei.

— Isso ou também penso em Rebeldão.

— Comas de raposa — velozes Floriano. Como as fêmeas mouscas de albatroz, estava nas brigas, mas não vi que conseguiram me bater. Em 1894 acabou-se o período das brigadeiras.

— 1897? Já sei: é a guerra do Paraguai?

— Já sei certo. Voto que você gosta mesmo de História do Brasil. Foi toda a campanha.

— Até 1870?

— Sim. Tomei parte na expedição que acabou com a guerra e com a vida de São Manoel Lopez. Durante a guerra, tive de fingir de mouro, sendo severo para manter a disciplina. Depois vim para casa curar o fígado.

— O senhor foi ferido no fígado?

— Nunca fui ferido. Mas, porque impulsionado ao Paraguai. Em casa, durante o tratamento, conheci meu tio com minha prima Joizina, filha de meu tio e proleto!

— Temos casamento nupcial — murmurou o Rebeldão.

— Cancei-me, sim. Era o meu segundo cometa...
— Então, vos pareceu a Rebeldão que pela face dele do homem tinha passando um fio de ouro, claro.

— Promovido a coronel, nomearam-me diretor do Arsenal de Guerra de Pernambuco. Foi agraciado, primeiro de nome e, por fim, de...

CONCLUI A 10.ª PAGINA

Edição de Terça-Feira



Editor, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mauá). Telefones: Esportivos,
43-1063 e 23-4828. Redação e Ofi-
cinas, 43-1063. Esquadriagem: Rua
General Canabral, 318. Telefones:
43-2928

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aisen * Gerente: Deszair Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1943 • Num. 1400

16 PÁGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil!
ANO — 106 números. CR\$ 45,00
SEMESTRE — 75 nú-
meros CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 12,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 38

O TERCEIRO PRESIDENTE
PRUDENTE DE MORAIS

A LUZ que Floriano irra-
diava foi diminuindo de-
vagarinho. Ficou que nem a
luz de um fósforo. Empalide-
ceu tanto que se transfor-
mou na face amarela e tris-
tonha de um homem. Rebe-
deco ficou-o, recordando-se
de uma gravura, e murmu-
rou:

— Macacos me mordam se
esse não é Prudente de Mo-
rais!

E o homem pálido, num
acesso de fúria:

— Sou eu mesmo. Vamos
entrar.

Estavam na porta da rua.
Casa grande, modesta, perto
do largo da Glória. Rebe-
deco coçou o bigode.

— Que trapalhada! O pre-
sidente Floriano trabalhava
no palácio Hamarati. Ti-
nham me dito que o senhor
comprou o palácio do Cate-
te, mas venho encontra-lo
nema casa da Glória.

— Realmente, a sede do
governo era o Hamarati.
Mas, eu sei doente e, en-
quanto isso, o vice-presiden-
te da República, dr. Manuel
Vitorino, comprou o palácio
do Cateite. Acabei concor-
dando.

— E esta casa?

— Já deixei o governo. Es-
tou morando nesta pensão.

— Então, o senhor não
foi para um dos grandes ho-
teis?

— Sou simples e modes-
to.

E no entanto, chegou à
presidência da República.

— Sou republicano desde
o tempo da monarquia.
Deputado por São Paulo, fiz
a propaganda republicana.
Depois da 15 de novembro,
elegeram-me senador e pre-
sidente da Constituinte.

— Conto-o o vinho re-
constituente de Silva Arau-
jo, mas creio que não é a
memória coisinha.

Prudente olhou-o tão se-
veramente que Rebedeco lo-
ro se desculpar:

— Já sei. O senhor é um
homem respeitável. Não re-
pare.

Prudente coçou a barba
grisalha. Ia passar um pito?

Não passou.

— Recenti alguns votos pa-
ra presidente da República,
quando o marechal Deodoro
foi eleito chefe da nação.
Voto de amigos, que não
pedi. Depois, terminando o
governo do marechal Floria-
no...

—...que substituiu a Dó-
dora por causa da sua re-
núncia...

—...foi eleito presidente.
O primeiro presidente civil.
O primeiro presidente eleito
pelo povo.

— E os outros?

— Deodoro e Floriano fo-
ram eleitos pelo Congresso.
Assim determinava a Cons-
tituição.

— Deu-lhe muito trabalho
o seu governo?

— De 1894 a 1898 dirigi o
Brasil. Muitas lutas. Muitas.

No Rio Grande do Sul ainda
não estava pacificada a re-
volta que tinha rompido no
tempo de Floriano. Morreu
lá um homem de valor, que
infelizmente se tornaria re-
volucionário: o almirante
Saldanha da Gama. Hoje,
tudo está normalizado.

— Então, acabaram-se as
lutas?

— Qual nada. Você já ou-
viu falar em Canudos?

— Canudos de refresco?
Novamente Prudente fez a
fisionomia severa que metia
medo.

— Menino! Canudos é
uma fazenda abandonada
no sertão da Bahia. Apareceu
por lá um sertanejo mania-

co, cheio de ideias religiosas,
um tal Antônio Conselheiro.

Rebedeco ia dizer uma
piada, mas se conteve.

— Antônio Conselheiro
reuniu uma porção de fan-
tásticos, organizou uma es-
pécie de exército, mal arma-
do, porém muito corajoso.
Deu um trabalho danado
para ser vencido. Mandei
várias expedições contra ele.
Levavam metralhadoras e
cambões. Até o ministro da
Guerra teve de ir, pessoal-
mente à Bahia. Afinal, mor-
reram todos os fanáticos.

— Mas, por que o senhor,
em vez de combater, não
procurou educar esses fan-
tásticos?

Prudente tossiu e não
fez o p e n a e u. Em vez de
ficar zangado, ficou triste.
Rebedeco teve pena dele.

— O senhor ficou aborreci-
do com a minha pergunta?

— Não é bem isso. A cam-
panha de Canudos me deu
tantos aborrecimentos... Até
depois de terminada... ima-
gine... Não, não gosto de
contar esse episódio...

— Conte! Eu gosto de sa-
ber história!

— Vá lá! Regressava de
Canudos a tropa vencedora.
Eu fui pessoalmente recebi-
la, no café Tocavam o Hino
Nacional. Eu caminhava cal-
mamente, de chapéu na mão.
A meu lado ia o ministro da
Guerra, marechal Machado
Bittencourt. De repente, um
cabo do exército pulou na
nossa frente, apunhou-me
uma garrafa e disparou...

— Credo!

Instintivamente, dei
com o chapéu no braço dele
e desviei o firo. Mas o cabo,
que parecia ter calouquência,
atracou-se com o ministro
da Guerra e, sacando o, um
punchal, feriu-o mortalmen-
te. O velho ministro morreu
em meu lugar, defendendo
a pessoa do presidente da
República.

— Quantos fatos tristes
jinho encontrado na histó-
ria!

— Especialmente na histó-
ria do meu governo. Ele foi
muito atribulado. Espero que
o novo presidente da Repu-
blica, dr. Manuel Ferraz de
Campos Sales, seja mais fe-
do que eu.

— Ele estará no Cateite?

Não é perto daqui?

— E. Você quer falar com
ele? Leve o meu cartão.

Rebedeco aceitou por de-
licadeza. O cartão onde se
lia:

Prudente José de
Azevedo e Barros
Piracelândia.

Mas sabia que, para falar
com Campos Sales, não pre-
cisava de cartões de visita.



— Instintivamente, dei com o chapéu no braço dele e desviei o tiro.

Está à Venda "Pato Donald e Suas [Dez] Venturas" — Volume 30 Da Nova Biblioteca Mirim

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Macaé). Telefones: Escritório,
48-1965 e 23-4988; Redação e Ofi-
cinas, 43-3522; Expediente: Rua
General Cárdenas, 518. Telefones:
42-3926

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Dentar Vilela

A N O X ● Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1943 ● Num. 1412

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 186 números. CR\$ 45,00
SEMESTRE — 73 nú-
meros. CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros. CR\$ 10,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 59
O QUANTO PRESIDENTE
CAMPOS SALES

REBEDECO foi entrando assim sem mais nem menos no Palácio do Catete. No salão dos fundos, que dá para o parque, encontrou Campos Sales. Uma coisa logo lhe chamou a atenção: o Presidente da República estava sentado numa cadeira de balanço, com o rosto e o pescoço de púlbica. Deusas que os vendedores de livros costumam chamar "deusa austriaca". Doidinho por um balanço, Rebedeco mais que depressa foi se sentar no colo de Campos Sales. E perguntou-lhe a seguinte coisa:

— O que é que o senhor fez para ser Presidente da República?

— Campos Sales riu estrepitosamente. Dava a impressão de um homem satisfeito.

— Mentira, eu sou republicano desde... desde... ora, eu já nem me lembro! Era ainda monarquia, eu fazia discursos a favor da república.

— Discursos na rua?

— Em teatros, em salões de clubes e até na Câmara dos Deputados.

— Não entendo. Então o melhor republicano foi deputado da monarquia?

— O deputado é um representante do povo e não do governo. Nós, deputados republicanos...

— Não?

— Eu, Presidente de Moraes e Antero de Azevedo, Fradette e eu fomos eleitos por São Paulo e o Aniero, por Minas.

Em 1888 eu fiz um discurso na Câmara, francamente republicano; disse que nós não tínhamos paixões nem interesses pessoais.

— E os monarquistas não ficaram zangados com essa coisa?

— Zangados ou não, nós iam dizendo o que queríamos.

— Não eram presos?

— Presos, por que? Nós não fazíamos propaganda da revolução. Era um direito nosso dizer o que pensávamos. E verdade que a revolução veio, no dia 15 de Novembro, mas foi promovida pelo Exército. Até essa data os políticos da monarquia não acreditavam na vitória da nossa propaganda. Achariam que nós eramos moços infelizes...

— Mas, o senhor estava entre os revolucionários, no dia 15, não é?

— Eu fui um de São Paulo. Convidado para ministro

da Justiça do Governo Provisório, então. Quanta responsabilidade! Era preciso organizar nossas leis, adaptando o país ao sistema republicano. Nem sempre concordávamos. Uma vez, houve

crise no governo; alguns ministros queriam deixar suas pastas...

— Pastas, nesse caso, não quer dizer dentifício, não é?

— Campos Sales riu outra vez, gostosamente.

— Os ministros, como secretários do Presidente da República, levam em uma pasta, os decretos e outros papéis que o chefe da nação tem de assinar. Por isso é que se usa a expressão "pasta de ministro". Mas, como eu ia contando, houve a crise. Discutimos até depois da meia-noite. Ao sair do palácio, fui procurar meu amigo Francisco Glicério, que morava em um hotel, no morro de Santa Theresa. Vi uma janela aberta; Glicério estava me esperando porque também queria notícias da crise. Fui lá na janela, pensando que fosse o quarto do Gil-

cério; era de um casal, que fez um escândalo danado. Passou por lá dentro. Custou a provar que era o ministro da Justiça...

— Rebedeco teve gana de comentar...

— Verdadeira arte de cristaça...

— Correram os anos. Deixei de ser ministro. Fui eleito senador. Após com todas as minhas forças o governo do marechal Floriano — um dos maiores benfeitores do Brasil. Quando estava para terminar o governo Presidente, os republicanos levantaram minha candidatura à presidência da República. Eleito pelo povo brasileiro, aqui estou, quase no fim do meu período.

— Ora essa! Ia jurar que o senhor está começando o seu governo!

— Estou terminando. E quer saber de uma coisa? Dou graças a Deus. Governar um país traz muitos aborrecimentos. Uma vez...

— Rebedeco ajoelhou-se no colo.

— Já sei que vai ouvir outra história engraçada...

— Essa é triste... Uma vez aumentei os impostos. A situação financeira do Brasil sofrera bastante com as revoluções promovidas pelos exaltados, durante os governos de Floriano e Prudente. A pensar nisso, uma comissão me foi pedir que voltasse atrás. O comércio não queria pagar novos impostos... Eu, energicamente, respondi:

— "Não posso ninguém a ter patriotismo, mas posso obrigar a pagar os impostos!"

— Chifre Ganhei muitos inimigos por causa disso, para melhorar as finanças do Brasil. Meu ministro da Fazenda, dr. Joaquim Mu- lino, prestou grandes serviços nesse sentido. Fiz um acordo com os nossos credores, suspendendo, provisoriamente, o pagamento da dívida brasileira.

— Então, os países também tem dívidas?

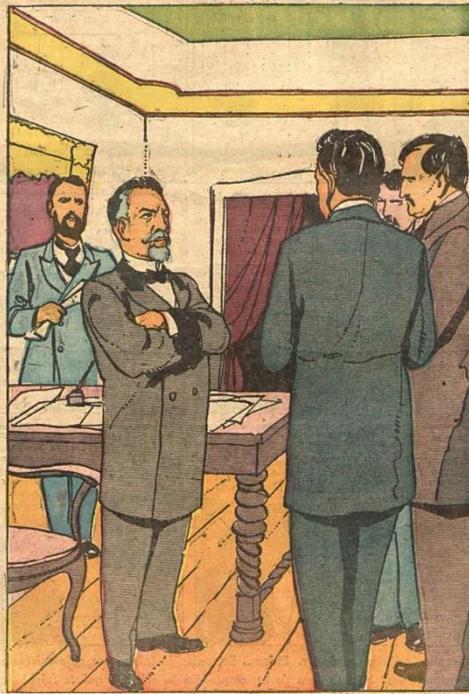
— São coisas que só mais tarde você entenderá direito... Outra medida que meus adversários tem criticado é a "política dos governadores".

— Que é isso?

— Eu acho que os governadores de Estados devem ser amigos do Presidente da República. Sendo adversários podem criar embaraços à administração. Por isso, promovi um acordo geral, o me interessava para que fossem amigos governadores os meus amigos.

Nesse momento, um barulho de vidro quebrado interrompeu a conversa. Rebedeco correu para a frente do palácio. Alguns exaltados valeram o Presidente que ia abandonar o poder e apedrejaram o vidro.

CONTINUA NA



— "Não posso obrigar ninguém a ter patriotismo, mas posso obrigar a pagar impostos!"

Está à Venda "Dato Donald e Suas (Dez) Venturas" Volume 30 Da Nova Biblioteca Mirim

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça Mauá) - Telefones: Escritório, 64-1103 e 20-5505; Redação e Oficinas, 41-5502; Encadernação: Rua General Custódio, 518. Telefones: 43-2204

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Directores: Adolfo Aizen * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 23 de Novembro de 1943 • Num. 1415

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO - 12 números - CR\$ 45,00
SEMPRESTE - 72 números - CR\$ 25,00
TRIMESTRE - 26 números - CR\$ 19,00

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 50

O QUINTO PRESIDENTE
Rodrigues Alves

JMÁS podras se arrumavam asinhas, formando pares. Outras ainhavam beiradas de calçada. Fôcos de iluminação elétrica erguiam-se como por encanto. Ondas de arvalho, secaras que nem pó de café, iam alisando o caminho. Logo que ficou pronta essa espécie de tapete, apareceu uma grande multidão. Na frente, um senhor idoso, balcão, de barba rala. Vestia sobrecasaca e cartola. Da multidão partiam gritos:

— Viva o Presidente Rodrigues Alves!
E o senhor idoso agradecia, tirando a cartola. Fazia calor. O sol estava que parecia fogo. Para abrigar o Presidente, um homem alto erguia sobre ele o guarda-sol aberto. Rodrigues Alves chamou:

— Venha tomar parte na inauguração da Avenida Central!

— Haverá doces? — Ia indagando o Rebedeco quando uma banda de música rompeu os primeiros acordes do Hino Nacional. Todos se descobriam. Soldados, patrões, faziam continência. Rebedeco, que vibra de emoção ao escutar o Hino, cantou entusiasmadamente:

— Ouviram do Ipiranga (as margens plácidas...)

E foi por aí fora até as palavras finais:

— Gentil Pátria amada Brasil!!!

Logo depois, cumprimentou o Presidente da República:

— Sim, senhor! Que bonita avenida! Foi o senhor que mandou construir?

— Meu amiguinho, isso faz parte do meu plano de remodelação do Rio de Janeiro.

— Era necessário?

— Indispensável. Ruas estreitas e ruas tomadas de Rio uma cidade pouco saudável. Os estrangeiros tinham receio de visitar a nossa capital.

— E agora?

— Mandei fazer o cais do Porto, cheio de armazéns para as bagagens. Preparo no começo desta avenida, uma praça destinada ao desembarque de passageiros.

— Como é que se desembarcava antes?

— Os navios ficavam já longe. Vinha-se em botas ou lanchas. Nos dias de tempo...

— ...ninguém desembarcava.

— Como não? O navio não sustenta de grua os passageiros. Declam, ariscando a vida e maldizendo a falta

de um porto na baía do Rio de Janeiro.

— Custos muito dinheiro?

— So se fazem grandes obras com grandes despesas. Felizmente meu antecessor no governo, o dr. Manuel Ferraz de Campos Sales, deixou o Tesouro em boas condições. Tenho aproveitado o dinheiro para obras de melhoramento e embelezamento.

— Então, o povo deve estar satisfeito, não é?

— O povo sempre quer mais... Já houve até uma revolução contra mim. Um

dos meus auxiliares, o dr. Osvaldo Cruz, queria que todos os habitantes da cidade do Rio de Janeiro fossem obrigatoriamente vacinados. Os adversários políticos acharam que a vacina obrigatória é uma violência, um atentado à liberdade.

— E houve briga por causa disso...

— Uma revolta. Mas eu venci. Em dado momento, estando os revoltosos a caminho do palácio do Catete, vieram-me propor o seguinte: "Senhor Presidente, abandone o palácio, antes que seja tarde".

— E o senhor abandonou?

— Não. Respondi: "Meu lugar é aqui". E os revoltosos foram vencidos, antes de conseguirem atacar o palácio.

— Estou vendo que o senhor é mais enérgico do que parece...

Rodrigues Alves, que tinha de fato a fisionomia pacata, fingiu não reparar e respondeu:

— Força de vontade não me falta. No meu tempo de estudante, colegas mais inteligentes do que eu eram vencidos por mim. No fim do ano eu conquistara sempre o primeiro lugar. Sabes quem ganhava geralmente o segundo? Joaquim Nabuco, que é mais inteligente do que eu.

— Talvez o senhor diga assim por modestia...

— Não creia. Eu sei bem o que valho. Uma das minhas qualidades é a de reconhecer os homens, distinguindo os bons dos falsos. Bello Presidente da República, não escolher com acerto os meus auxiliares.

— Por exemplo?

— O Barão do Rio Branco. Esse já é meu companheiro desde os tempos da monarquia. Convidei-o para Ministro do Exterior. Meu Ministro da Justiça é o dr. José Joaquim Garcia, estadista que pode ocupar qualquer pasta. Na Visção coloquei Lauro Müller, que tinha sido um sincero defensor do Marechal Floriano Peixoto.

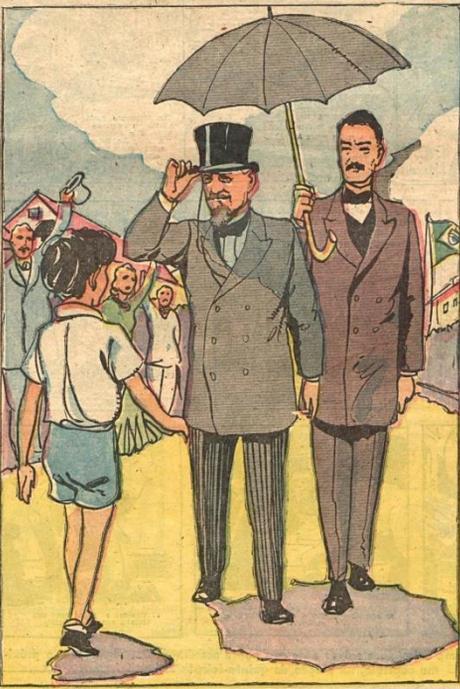
— O senhor também gostava de Floriano?

— Foi seu Ministro da Fazenda.

— Decepulpe se o interrompi...

— Sim, eu falava sobre os meus auxiliares. Na Prefeitura e na Saúde Pública coloquei dois homens que no futuro serão considerados beneméritos da cidade do Rio de Janeiro: Pereira Passos e Osvaldo Cruz. O dr. Passos é esse que está a seu lado...

— Era um anão com corpo de moço, elegante, frange preto, colete branco, calça laranja, lujas. Um talado. Mas as sobrancelhas tinham dureza, energia volun-



— Sim, senhor! Que bonita avenida!

Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

Redação, Edição e Officinas:
Rua Sacadura Cabral, 42 (Praça Mauá). Telefones: Escritórios, 43-1463 e 23-4899; Redação e Oficinas, 43-4322. Escrivão: Rua General Caldwell, 318. Telefones, 43-2528

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1943 • Num. 1421

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.

(400 R. em)

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:

ANU — 186 números. CR\$ 60,00

SUBSCRIBER — 70 números

meses CR\$ 30,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 61
O REMODELADOR DO RIO DE JANEIRO
UM GRANDE PREFEITO: PEREIRA PASSOS

O PREFEITO Pereira Passos era homem de poucas palavras.

— Mentiro, vou deixar o cargo de Prefeito que o senhor me deu?

— Um... relatório? Não sei... coisa muito grande?

— Conventamos o tempo que você quiser.

Reboredo sentou-se. Estava agora num escritório luxuoso, limpo, organizado. Desaparecera o tumulto da construção da Avenida.

— Convidado pelo Presidente Rodrigues Alves, só me deu carta branca.

— Carta... branca...?

— É uma expressão nobre, para significar liberdade de ação. Eu faria o que dessejas na Prefeitura. Prepare-me para executar meus antigos planos de reforma da cidade do Rio de Janeiro. Você sabe que eu sempre fui engenheiro.

Reboredo não sabia, mas fez com a cabeça que sim. Passos, quando falava, tinha um modo imperioso e a gente ficava com receio de discordar.

— Como engenheiro, eu já tinha construído a primeira estrada de ferro para passeio que existe na América do Sul; a do Corcovado.

— Conheço! Que passeio bonito!

— Deu trabalho. Pontes de ferro, cortes na pedra, picadas na mata... coisa que eu não gosto de fazer. Mas venço. Quando quero vencer!

— Mas o senhor conseguiu modificar os hábitos da cidade.

— Mas o senhor conseguiu mudar os hábitos da população inteira?

— Em primeiro lugar, alterando todo o centro da cidade. Abri as ruas estreitas.

— Um momento, por favor. Deixe-me tomar nota.

— Pode escrever. Sente-se na minha cadeira de Prefeito.



— Abri a Avenida Central, pondo abaixo centenas de prédios, em vinte ruas estreitas...

Freire, a Avenida Salvador de Sá.

— Já é bastante!

— Quer! Alarguei as ruas Marechal Floriano, Frei Caneca, Uruguiana, Visconde de Inhaúma, Assombração, Espírito Santo...

— Como é que se pode alargar uma rua?

— Fendo abaixo todos os prédios, ou pelo menos todas as fachadas!

— Nossa, Senhora!

— Agradeço o campo de S. Cristóvão e reformei os jardins das praças Quinze de Novembro, Onze de Junho, Tiradentes, Duque de Caxias, Alto da Tijuca. Em-

benei o Largo da Carioca, o Largo da Lapa, a Glória, o Valongo, as Furnas da Tijuca. Construí um grande Mercado, perto das Barcas, e um Mercado das Flores. Iniciei o sistema de luz elétrica, a arborização das ruas, o calçamento a asfalto ou a paralelepípedo... Os carrinhos foram mudando seus hábitos.

— Isso é que não entendo...

— Muito simples. Com a iluminação elétrica, as ruas passaram a ser mais frequentadas à noite e as casas de diversões tiveram mais clientela. A arborização, não necessária em nossos climas, deu sombra aos transeuntes e aos automóveis, que só então começaram a aparecer na cidade, porque o calçamento de asfalto não estraga os pneuáticos.

— Então não havia automóveis no Rio de Janeiro?

— Nenhum. A condução comum era o bonzinho, puxado a burro. Agora já temos bonde elétrico em vários pontos. Além disso, procurei animar certas festas alegres, que os carrinhos nunca tinham visto. Fiz, no campo de Santa-ná, a primeira batalha de flores que houve nesta cidade.

— Batalhas, só conheço as carnavalescas...

— Ora, menino, não me fale em carnaval! É um divertimento popular, que só serve para fazer mal à saúde. Rapazes molhados de suor abusam de bebidas geladas... Prefiro incentivar os hábitos esportivos, para prepararmos um Brasil mais forte. Olhe, eu mesmo compareci às regatas na praia de Botafogo, onde mandei construir um pavilhão esportivo. E disse que precisamos: saúde, higiene...

— Não havia higiene aqui?

— Quase nenhuma. Os belzeiros andavam em sacos pela rua, passando de porta em porta, e tirando leite com as mãos sujas. Vendedores de peixe viviam oferecendo aos moradores:

— Olhe o peixe de hoje, bom!

— Deixa ser engraxado...

— Engraxado? Sujo e bem suquinho, isso sim. Acabei com essas velharias, a prioria da roça, mas inconscientes com as grandes mudanças. O velho Rio de Janeiro está morrendo.

As palavras finais trouxeram ao Reboredo o tempo de certos minutos que viu muitas vezes desde filar, da janela de casa. Um carro deturcado, na frenagem, corria, gente chorando transeuntes tirando o chapéu... E foi isso, realmente, que ele passou a ver.

Capítulo 62
UM GRANDE INGENHEIRO
Reboredo Cruz

Em meio ao rol de Presidentes, Rebedeco dedicou-se também a encontros com personalidades brasileiras do campo científico, intelectual, cultural, político e aeronáutico, visitando “um grande higienista”, Osvaldo Cruz⁹³; “um grande engenheiro”, Paulo Frontin⁹⁴; “um grande prosador”, Machado de Assis⁹⁵; “um grande poeta”, Castro Alves⁹⁶; “um grande músico”, Carlos Gomes⁹⁷; “um grande pintor”, Pedro Américo⁹⁸; “um grande sábio”, Rui Barbosa⁹⁹; “o invento do aeroplano”, Santos Dumont¹⁰⁰; “o inventor do balão”, Bartolomeu Lourenço¹⁰¹; e “um grande diplomata”, o Barão do Rio Branco¹⁰². Daí em diante seguia a lista presidencial, com Afonso Pena, girando a conversa em torno da forma de governo e da preparação para a guerra¹⁰³. O próximo capítulo relatou o encontro com Nilo Peçanha, que apontou a necessidade de industrialização do país e da implantação da siderurgia¹⁰⁴. Viria então o encontro com o oitavo Presidente, Hermes da Fonseca, que se referiu à Revolta dos Marinheiros, à oposição parlamentar e às dificuldades econômico-financeiras enfrentadas por seu governo, sem que o menino deixasse de lhe perguntar se ele já instalara a

⁹³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 14 dez. 1943.

⁹⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 21 dez. 1943.

⁹⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 28 mar. 1944.

⁹⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 4 abr. 1944.

⁹⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 11 abr. 1944.

⁹⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 25 abr. 1944.

⁹⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 2 maio 1944.

¹⁰⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 9 maio 1944.

¹⁰¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 maio 1944.

¹⁰² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 30 maio 1944.

¹⁰³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 jun. 1944.

¹⁰⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 13 jun. 1944.

siderurgia no Brasil”¹⁰⁵. A visita ao nono Presidente ocorreria já findo o seu período de governo, havendo o relato das dificuldades enfrentadas em tal época exatamente por coincidir com a I Guerra Mundial e a crise dela advinda e, apesar de tais circunstâncias, o garoto insistiu no questionamento quanto à implantação da siderurgia¹⁰⁶. Finalmente, chegava à sua última edição a seção “A História do Brasil pelos seus próprios vultos”, com o septuagésimo-quinto capítulo, no qual Rebedeco assistiu a um discurso do Presidente Epitácio Pessoa, desinteressando-se do mesmo quando, em meio à citação das realizações governamentais, foi confessado que não houve avanços no campo siderúrgico. O menino tentou ainda encontrar Artur Bernardes e Washington Luís para saber se houvera uma resolução para “o problema da siderurgia no Brasil”, mas não obteve sucesso em seu intento. Nos estertores de seu sonho, Rebedeco chegou a conviver com a Revolução de 1930 e o surgimento da República Nova, até que ele vinha a conhecer Getúlio Vargas, que se mostrava muito afeito ao convívio com as crianças e, finalmente, lhe dava a resposta que o projeto siderúrgico brasileiro evoluíra, levando-o até Volta Redonda para que observasse *in loco* o parque industrial. Era o ápice do sonho, e o garoto acordava, seguro quanto à sua prova, bem como confiante e esperançoso no “futuro do Brasil”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 20 jun. 1944.

¹⁰⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 27 jun. 1944.

¹⁰⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 4 jul. 1944.

Edição de Terça-Feira



Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mina). Telefones: Escritório,
43-1868 e 23-8890; Redação e Ofi-
cinas, 43-8552; Encadernação: Rua
General Canwell, 218. Telefones,
43-2928

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Demiszar Villola

A N O X ● Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1943 ● Num. 1427

16 PAGINAS

PREÇO: CRS 0,40 cts.
(400 REIS)

Anstmaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 156 números. CRS 20,00
SINISTRARE — 78 nú-
meros CRS 20,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 63

Um grande engenheiro
Paulo de Frontin

Rebodeco segurou o com
força o cabo do guarda-chu-
va e foi lido à margem da
correnteza. Um senhor, de
barba grisalha, (o dono do
guarda-chuva), perguntou,
sem ar de satisfação:

— Você não sabia que
agora já temos água, muita
água?

Enxugando-se todo, res-
pondeu o menino:

— Eu sempre ouvi falar
em falta d'água no Rio de
Janeiro.

— É porque a população
aumenta constantemente.
Mas eu já consegui dar água
à cidade em seis dias.

— Como se chama o se-
nhor?

— Sou o senador Frontin.

— Senador é nome?...

— Meu nome todo é An-
dré Gustavo Paulo de Fron-
tin. Desde os tempos de es-
tudante, fiquei conhecido
como Paulo de Frontin.

— Então, já era conhecido,
como estudante?

— Eu ainda estava cursan-
do o último ano, quando me
inscrevi para concorrer à
cadeira de professor.

— Nunca ouvi falar numa
coisa assim!

— Eu porque fiquei co-
nhecido, desde os tempos de
estudante.

— E conseguiu o lugar?

— Foi professor substituto
e mais tarde professor cate-
drático.

— Sim senhor! E que his-
tória é essa de água em seis
dias?

— Houve forte seca no ano
de 1839. Em março o calor
era de assar passarinho.
Abria-se a torneira — e nem
uma gota! Entra dia, sai
dia e sempre a falta d'água.
Eu fui aos jornais e disse
que em seis dias seria capaz
de fornecer 15 milhões de li-
tros à população.

— Como?...

— Era um plano meu, que
ninguém conhecia. O go-
verno mandou me chamar.
Tive que assinar um papel,
prometendo cumprir a pro-
missa. Reuni centenas e
centenas de operários. O

local para onde nos dirigí-
mos era insalubre. Levei re-
médios. Auxiliado na parte
médica pelo dr. Barata Ri-
beiro, montei a cávulo e
passei seis dias e seis noites
sem dormir, dirigindo os tra-

balhos. E no prazo promet-
do, a água jorrou em quan-
tidade!

— Estou gostando de ou-
vir as suas proezas!

— Proclamada a Repúbl-
ca, obtive concessão para

construir o porto do Rio de
Janeiro. Com uma condição:
ligar o porto, por estrada de
ferro, ao vale do rio Paraíba
a fim de facilitar as comuni-
cações com o interior. Del
início às obras. Entreguei-as,
depois de prontas, à Estrada
de Ferro Central do Brasil.
Fui chamado a cooperar
com o prefeito Pereira Pas-
sos...

— O remodelador da Rio
de Janeiro, exclamou o Re-
bodeco, que achava bonita a
frase.

— Você tem razão, um be-
nemérito da cidade. Coube-

me abrir a Avenida Central,
obra indispensável para
completar o eixo do porto,
pois o vinjante desembara-
va em ruas estreitas, llama-
centas. A Avenida é chama-
da "de mar à mar", porque
começa e acaba na beira da
Guanabara. A ventilação do
centro da cidade melhorou
muito. Quando eu estava di-
rigindo as obras, todos pro-
testavam...

— Por que?

— Foi causa da poesia das
demolições.

— Mas a poesia acaba e o
melhoramento fica!

— Muito bem! Você acaba
de dizer uma verdade in-
teressante. Vejo que não
há falta de inteligência. Quer
estudar na Escola de Enge-
nharia?

— Não gosto muito de
matemática...

— É pena. Eu dos meus
súas aproveitando bastan-
te o horário. Entre e saia
falando sobre o posto. Con-
to de estudar.

— E quando está ocupan-
do esses cargos importan-
tes?

— Tenho saudades da Es-
cola, mas sei que preciso
prestar serviços a minha Pa-
tria. Como diretor da Estrada
de Ferro Central do Brasil,
dupliquei a linha até o
alto da Serra do Mar. Como
prefeito...

— Em que governo?

— No governo Deodoro Mo-
relra. Como prefeito, embe-
zei a Avenida Atlântica, au-
mentei-a até o Leme, cana-
lizet os rios Maracanã e Tra-
picheiro...

— Chega! O senhor tem
tantos serviços prestados à
cidade do Rio de Janeiro
que deviam erguer sua es-
tátua na praça pública!

FRONTIN imobilizou-se. Sua
pele foi escurecendo es-
surucando. Vira o estátua
(aquela que está na Avenida
Rio Branco, perto do Cinema
Odeon). Como, nos sonhos,
até as estátuas falam, Rebe-
deco lhe perguntou:

— Se a água em seis dias
já foi há tanto tempo, como
é que vim trazido pelas
águas do tempo. E vai con-
tinuar mergulhado nelas,
até...

Glú, glú, glú, glú... Rebe-
deco está outra vez be-
bendo água sem querer, no
meio da correnteza.



— Reuni centenas e centenas de operários

TODOS OS DOMINGOS NO CINEAC-TRIAXION "MATINEES" INFANTIS PRO-
MOVIDAS POR SUPLEMENTO JUVENIL E "MIRIM"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Redação, Edição e Officina:
Rua Bandeira Cobral, 43 (Praça
Muniz). Telefones: Escritório,
43-1865 e 23-4888; Redação e Ofi-
cina, 43-5522; Encadernação, Rua
General Caldwell, 818. Telefones,
43-2926.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI • Rio de Janeiro, 28 de Março de 1944 • Num. 1469

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 108 números. Cr\$ 45,00
SEMESTRE — 78 nú-
meros Cr\$ 35,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 64

UM GRANDE PROSADISTA

Machado de Assis

Quando Rebedeco voltou à
tona, sentiu um gosto exqui-
sito na boca. Olhou para os
lados: parecia uma piscina
redonda. Água azul, quase
preta. Mas teve tempo de
compreender que caíra num
tinteiro: um anel e o pescoço
parecia azul, porém, era
uma pena de ouro.

— Exagüe-se neste ma-
lha horrível, disse-lhe alguém,
serenamente. Eu sou o Ma-
chado de Assis, não lhe fa-
rei mal...

— Machado de Assis! —
exclamou o Rebedeco, sa-
cudindo-se todo, como ma-
cherribo molhado. Um dos
maiores escritores do Brasil!

Engraçado! O homem fi-
cou vermelho mesmo...
A pesar de moreno, via-se o
sangue colorir suas faces ru-
rugadas, de onde desciam os
filos grisalhos da barba cur-
ta.

— Bon... bondade sua,
— disse o homem da voz
suave, esguelando.

— É gato — pensou Rebe-
dedo. E em voz alta:

— Já que o senhor é bom
romancista, escreva a histó-
ria de sua vida.

O homem pegou a pena de
ouro e começou a escrever,
letrinha fina e miúda:

"Nenhum amigo, até hoje,
entrou neste gabinete de tra-
balho. Gosto de escrever
tranquilo. Moru aqui no Cos-
ta Velho, Laranjeiras, por
meu lugar sossegado. Já fui
muito pobre, filho de pintor
de tabuletas. Nasci a 21 de
Junho de 1839, no bairro do
Lavramento. Vivi no meio de
gente pobre, maritheiros,
empregados domésticos, ope-
rários".

— Já acho que gostava de
ser maritheiro — suspirou
Rebedeco. Viajar na barca
de Nitervi é tão bom...

E a pena de ouro conti-
nuou:

— Estudei numa escola pú-
blica. Depois tive por pro-
fessor o padre Silveira Sar-
mentto. Ele me convenceu a
ser sacerdote na igreja da
Lampadosa.

— Conheço — pensou o
menino. E a igreja onde
Tiradentes rezou, momentos

antes de ser enforcado. Lam-
padosa me lembra Lampada...

E a pena de ouro, ran-ran,
ran-ran, deslizando no pa-
pel:

— Ouvi o célebre sermão

de frei Monte Alverne, na
presença do Imperador Dom
Pedro II. Em todas as anto-
logias aparece um trecho
desse sermão, começado pe-
las palavras: "E tarde é

muito tarde! Não poderel
terminar o quadro...". Frei
Monte Alverne era cego e
dizia coisas muito bonitas.
Fiquei impressionado. Resol-
vi estudar sozinho. Fiz uns
versinhos. O padre Silveira
Sarmiento me emprestou li-
vros; Não me contentei. Lia
outros, que pedía a vende-
dores ambulantes. Encostava-
me a um canto do muro de
casa e deixava passar as ho-
ras... Depois comecei a fre-
quentar a loja de livros per-
tencente a Francisco de Pan-
la Brito, que ficou meu ami-
go... Empreguei-me como
operário aprendiz de tipo-

grafo na Imprensa Nacional,
Ordenado: 4 vinténs por
dia...

Joaquim Maria Machado
de Assis parou de escrever o
comentário, gaguejando:

— O... como eu gosto de
re... recordar coisas velhas!
Vou-lhe a escrever:

— Quase fui demitido, por-
que vivia lendo no trabalho.
Felizmente o diretor da Im-
prensa Nacional, que era o
romancista Manuel Antônio

de Almeida, me protegeu,
Morcego moço e meu pro-
tutor, num naufrágio. Passei
a revisar da casa do Paulist

Brito. Ganhei prática. En-
trei para redator do "Diário
do Rio". Trabalhava dia e
noite. Experimentei escrever
para o teatro e publicar um
livro de versos, intituladas
"Crisálidas". Pouco a pouco
fui ganhando nome.

— E dinheiro? — indagou
Rebedeco.

— Não tenho lá muito je-
ito para ganhar dinheiro —
falou Machado de Assis. Sou
meio tímido. Além disso, a
minha ga... ga... gagueira
deixa-me escrever de
novo.

— Meus contos e roman-
ces foram aparecendo, nos
jornais, nas revistas. Cole-
cionei alguns e publiquei: sei
livros: "Contos Fluminen-
ses", "Histórias de Meia Noite",
"Histórias sem data",
"Várias Histórias" e outros,
muitos outros. Por exemplo,
entre os romances, "Resur-
reição", "A mão e a luva",
"Helena", "Yaya Garcia",
"Memórias Póstumas de Brás
Cubas", "Quincas Borba",
"Dom Casuarino", "Memórias
de Ayres"... Estes livros
têm sido espalhados por
toda o Brasil. Parece que ha-
vem quem goste deles...

— Naturalmente porque
são muito bem escritos.

— Ge... ge...

— Gegê — interrompeu
surpreso, o Rebedeco.

— Generosidade sua é dos
meus leitores. Imagine que
eu hoje sou, até Presidente
da Academia Brasileira de
Letras. Quando é que eu po-
dia esperar tantas honras e
glórias?

Nesse momento uma se-
nhora simpática abriu a por-
ta do gabinete onde Macha-
do de Assis escrevia e anun-
ciou, risonha:

— Querem falar com você,
Mando entrar?

— Já vou, minha querida,
Carolina...

E o homem das barbas
brancas fez o gesto de quem
vai fechar o diário. Ines-
tigmatamente, sem saber como,
Rebedeco foi diminuindo e de
novo se viu à beira da "pi-
cina". Estava ali, não cal-
do. Inclina para frente, inclina
para trás... De repente,
pum!... Caiu mesmo! Out-
das de tinta derramaram-se
— fuma do tinteiro.



O homem pegou a pena de ouro e começou a escrever, letrinha fina e miúda.

TODOS OS DOMINGOS NO CINEAC-TRIANON "MATINEES" INFANTIS PRO-MOVIDAS POR SUPLEMENTO JUVENIL E "MIRIM"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS
PREÇO: CRS 0,40
(400 REIS)

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI • Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1944 • Num. 1472

Assinatura pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 156 números Crs 45,00
SEMESTRE — 78 números Crs 25,00
MESES Crs 25,00

Roberto Macedo
A HISTORIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 65
UM GRANDE POETA
Castro Alves

Ondas cheias de espuma, Espumas flutuantes... Rebedeco se recordou de uns versos com esse título. De repente, deca com um moço moreno, bigodinho fino, olhos grandes que contemplava tristemente o mar da popa do navio (estavam agora no tombadilho de um navio).

— Conte lá suas mágoas, moço...

O moço suspirou:
— Minha história é curiosa. Nasci na fazenda de Cabaceiras, banhada pelo rio Paraguassú, na Baía...

— Paraguassú? Não é o nome da selvagem que se casou com Caracará?

— Isso mesmo. Vejo que você aprecia estudos históricos. Também eu. Minhas poesias o provam.

— Suas poesias?

— Sim! Eu sou Castro Alves, Antônio de Castro Alves.

— Upa! Minha gente diz que é o maior poeta do Brasil.

Castro Alves, como se não ouvisse, prosseguiu:
— Meu pai era professor de cirurgia na Faculdade de Medicina da Bahia. Tanto ele como minha mãe tinham feito para arte; ele na música, minha mãe na pintura. Não nasci pobre. Meu pai já tinha feito uma viagem à Europa e minha mãe, de família nobre, era filha do sergentão-mor José Antônio da Silva Castro, elemento de valor nas lutas pela Independência pertencente ao 8º Batalhão. Davam-lhe o nome de Batalhão dos Portugueses porque usava, na guerra e no puzho, as cores verde e amarelo...

— Que engrandado!

— Estudei a princípio na cidade de São Félix e depois na cidade do Salvador, onde frequentei os colégios Sebrão, Fregencio e Cláudio Manoel, este dirigido pelo Professor Abílio Costa Borges, mais tarde Barão de Macaúbas, grande famoso. Publiquei meus primeiros versos, chamado pelo Professor Abílio, Segni para Recife, onde me matriculei na Faculdade de Direito. Mas eu só gostava de fazer versos, de obras de

episódios pouco dignos de imitação. Eu sempre fui meio boêmio, meio desagrado, Tenho sofrido desgostos...

— Ahn!, fez o Rebedeco, sem saber se seria indiscreção perguntar alguma coisa a esse respeito.

— O primeiro desgosto foi a morte do meu pai, em 1860. Sentii muito. Mas neste período já uma grande preocupação me enchia o pensamento: combater a escravidão no Brasil.

— Muito bem! — apartou o Rebedeco.

— Fundei uma sociedade abolicionista. Em 1877 foi representada na Bahia uma peça minha "Gonzaga", baseada nesse vulto da Independência Mineira. Diante do sucesso, embarquei para o Rio. O grande nome literário daquela época era José de Alencar. Foi procurado na sua chácara da Tijucas. Ele me recebeu simpaticamente e mandou uma carta a Machado de Assis, apresentando-me com sinceros elogios. Não imagina como eu ficava emocionado ao falar com esses homens!

— Pois olhe, disse Rebedeco, eu ultimamente tenho falado com outros ainda mais importantes.

— Nesse caso, você é um menino de sorte e de coragem. Mas, como eu já disse, do costume de combater a escravidão. Escrevi vários poemas sobre a doutrina dos negros. Por exemplo: "Canto Negro", "Cantos da Paula Afonso". Meu livro de versos intitula-se "Espumas Flutuantes".

— E os estudos?

— Transferi-me para a Faculdade de Direito de São Paulo. Lá... sofri o meu segundo desgosto. Anceus as caçadas. Foi ao balcão do Brás, de empunhada em punho. Ao saltar um fuso, a arma disparou, atingindo-me o pé esquerdo. Atrastei-me até a casa do doutor Lopes dos Anjos, médico baiano, meu amigo. Era grave o ferimento. Transportaram-me para o Rio de Janeiro. E então... os doutores Andrade Pereira e Mateus de Andrade me costuraram o pé sem cloroformio, sem anestesia alguma.

— Nossa Senhora!

— Eis as causas de minha tristeza. Volto agora para a Bahia. Tenho o pressentimento de que vou morrer cedo. Morrerei satisfeito se a posteridade me der o nome de "Poeta dos Escravos".

O tom de Castro Alves tornara-se impressionante. Em sua vasta cabeleira preta, as orelhas estavam revoltas, como as do mar. Por instantes parecia ao Rebedeco que as espumas deixadas pelo navio tinham se transformado numa rede trêmula de fios dourados, reluzindo à luz do sol. Marcavam a trajetória do Poeta dos Escravos e simbolizavam seus versos eternamente brilhantes.

De repente deu com um moço moreno, bigodinho fino, olhos grandes...



Na Próxima Terça-Feira
Capítulo 66
UM GRANDE MUSICISTA
Carlos Gomes

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinéés" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Escritório: Rua São João e Oliveira, Rua Sacadura Cabral 43 (Praça Mauá), Avulsões: Esportivas, 82-1905 e 22-1905, Edição e Oficinas: 43-8532, Encadernação: Rua Cinelândia Cabral 218. Telefone: 42-3000.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizen X Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI • Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1944 • Num. 1475

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:

ANO — 150 números. CR\$ 60,00
SEMANAL — 75 números. CR\$ 25,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 08
UM GRANDE MÚSICO

(CARLOS GOMES)

REBEDECO sentia uns respingos na mão. Das ondas? Não, Clorina. Tudo madará. Estavam agora numa praça de Campinas, grande cidade paulista. Quase toda a população, de capa, galocha e guarda-chuva, permanecia em torno de uma estátua, coberta pela bandeira nacional. Rebedeco, mas hábito que as demais pessoas da multidão, ficou na ponta dos pés. Foi então que um índio alto e forte pegou um menino com jeito e o sentou nos ombros. Agora Rebedeco podia ver tudo, mas era preciso segurar nas orelhas do índio para não cair.

— Indolência, disse o menino, sempre mergulhado no seu sonho maravilhoso, você podia tirar essas penas da cabeça! Elas me fazem cocegas no nariz.

O índio, paciente, ajoelou as pernas e comentou:

— Realmente, vale a pena ver a inauguração da estátua de Carlos Gomes...

— E o que é que ele fez de importante para ter uma estátua?

— Vou contar.

— Menino muito pobre, filho de um músico de Campinas, Carlos Gomes, aos 18 anos, compôs a música cantada. Seu irmão, o padre Joaquim de Sant'ana Gomes, abraçou-o com lágrimas nos olhos, prometendo que ele seria um grande músico. Acertou. Por sinal que Carlos Gomes foi para o Rio e aperfeiçoou os estudos sem consentimento do pai...

— Chi! Apanhou palmada, na certa!

— Não. O ato dele não foi bonito, mas Carlos não era um menino comum e sim um gênio, que em Campinas não poderia se desenvolver. O pai dele mandou uma carta que terminava assim: — Que Jesus te abençoe e te conduza próspero através pelo caminho da Glória, Trabalho e Fé. — Teu pai!

— Que papai saudades!

— O Imperador Dom Pedro II recomendou Carlos Gomes

ao diretor do Conservatório de Música, maestro Francisco Manuel da Silva...

— Conheço! É o autor do Hino Nacional!

— Mas, diga, indolência ami-

go, como é que você sabe tanta coisa, heim?

O índio riu. Sem responder diretamente, continuou:

— Conheço ainda outras particularidades sobre Carlos Gomes...

Sei que ele aos vinte anos de idade escreveu a primeira ópera, que foi representada no Rio de Janeiro, com extraordinário sucesso. O Imperador, de pé, aplaudiu como toda a plateia, batia palmas e acenava com o lenço para o jovem maestro.

— Aposto que ele ficou vaidoso!

— Qual nada! Continuou estudando trabalhando. Escreveu outra ópera, intitulada "Joana de Flandres".

O triunfo foi tão grande que Dom Pedro II lhe concedeu os meios necessários para estudar 150000 réis mensais, diários de sua obra particular.

E quando o Imperador quis honrar o jovem maestro com o título de oficial da Ordem da Rosa, sabe o que fez Carlos Gomes? Pediu licença para trocar essa honra pela nomeação de seu pai para mestre da Capela Imperial.

— Bemto gesto, seu índio!

A chuva aumentava. O índio parecia nem dar por isso, mas Rebedeco se encolhia todo, como um pintinho no terreiro. Ele bem que estava com vontade de perguntar outra vez ao índio.

— Como é que você sabe tanta coisa sobre Carlos Gomes?

— Mas, deixou que o guarani continuasse:

— Protegido pelo Imperador, embarcou para a Itália. Não cuidou de passar nem de se divertir. Escreveu muitas músicas. Tudo, tudo foi vencido: a falta de dinheiro, por não ter espírito comercial; as saudades da Pátria, a morte de filhos, a falta dos empresários de teatro, prejuízos enormes, encomendas de trabalho com prazo curto, para entregar.

— Arrebatou, popular na Itália que suas músicas (principalmente "O Guarani"), tocadas em realce, dançadas nos bailes, assembléias nas ruas. Todas as plateias do mundo foram aplaudidas suas obras.

Aquele menino, pobrezinho de Campinas é hoje um gênio universal. Por isso, vão inaugurar sua estátua!

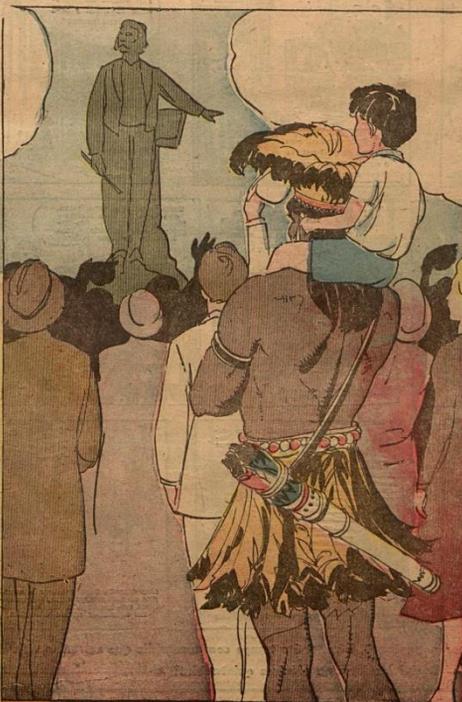
— Muito bem! — gritou Rebedeco. Viva Carlos Gomes, o grande autor de "O Guarani!"

Nesse momento arrivava a bandeira nacional que cobria o monumento ao maior músico brasileiro. Um acadêmico começou a falar. A idéia de que o índio devia ser Polí-

— e herói da ópera de Carlos Gomes — levou Rebedeco a puxar as penas de sua cabeça.

— Diga logo do uma vez, você é o Polí!

— Mas, a pena endurecera extraordinariamente. Já não era uma pena colada. Era um pinel.



— Viva Carlos Gomes, o grande autor de "O Guarani!"

Na Próxima Terça-Feira
Capítulo 07

UM GRANDE PINTOR
Pedro Américo

Edição de Terça-Feira



Redacção e Officinas,
Rua Acciury Cabral, 44, Praça
Mauá. — Telefones: Redacção,
43-1985 e 23-4000. Redacção e Ofi-
cinas: 43-5582. Encadernação, Rua
General Canabral, 918. Telefones,
43-9229.

SUPLEMENTO

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aisen X Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI ● Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1944 Num. 1481

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 150 números. Cr\$ 45,00
SEMESTRE — 75 nú-
meros. Cr\$ 25,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PROPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 97
UM GRANDE PINTOR
PEDRO AMÉRICO

O MAIS interessante é que o pincel pintava sozinho. Ia e vinha sobre a tela... uma tela imensa, cheia de soldados e canhões. Em dado momento o pincel se afastou e fez três piruetas no ar: a primeira pintou a cabeça de um homem, a segunda o tronco, a terceira os braços e pernas; depois o pincel veio se colocar na mão do recém-pintado, como um cachorrinho. Rebbedeco nem reparou que o homem era magro, usava "blusa-mãe" preso por um cordão, tinha bigodão e olhos enormes e tranquilos, como se fossem de bol. Outra coisa despertava a atenção do menino. Um quadro representava a proclamação da Independência. O príncipe dom Pedro, a cavalo, desmontando a espada, rodeado pela guarda de honra. A escuridão, um carreiro parece acompanhá-lo a certa com interesse.

— O senhor — exclamou Rebbedeco — também possui este quadro?

O homem de olhos enormes sorriu: — Sou o autor dele. Chamo-me Pedro Américo.

— Grande prazer em conhecê-lo. Mas, aqui entra nada, entendo de pintura e só sei pintar o sete...

— Também eu pintava, quando tinha a sua idade.

— Conte uma das suas.

— Eu tocava nido de pão para fazer figurinhas. Tinha tanto jeito que uma vez um maturo, querendo significar que eu viria a ser artista, disse para minha mãe: "Binhá dona, papigalo que tem de falar, desde pequenino sa-ri-teja".

— Quanto a mim, gosto igualmente de amassar miolo de pão, mas quando quero fazer um cachorrinho, sai um galo...

— É que você não tem jeito para pintar ou esculir. Eu revelei desde cedo tendências diversas. Imagine que antes dos dez anos escrevi comédias e dramas para um teatrozinho em Areia, na minha Paraíba onde nasci.

— E os homens grandes re-presentavam suas peças?

— Eu mesmo desempenhava os papéis. Mudava de roupa e de voz. Era bandido ou moço da favela, representava, pintava cenários e diálogos e cantava, impresso por mim mesmo, com dico e fuligem...

— Não deviam ser muita honras...

— Não eram. Porém, exigiam enorme esforço. Além disso, eu próprio inventava a máquina de impressão.

— Ah! Conte a história das suas invenções, que eu gosto mesmo!

— Devagar... Depois de

adulto deixei de me ocupar com invenções. Certas "descobertas" que me enchiam de entusiasmo não passavam de velharias. Eu cheguei a "inventar" um balão, que abiu algumas centenas de metros.

— Tudo isso, ainda mem-
nó?

— Antes dos dez anos.

— Que menino prodígio!

— Quil! Criangadana... Mas a verdade é que garçô fama com elas. Vários habitantes de Areia vinham pedir meu auxílio para resolver pequenos problemas de mecânica ou para desenharem o retrato de pessoas célebres.

— Célebres?

— Nós achavamos... Este, ve em Areia um frade, muito apreciado como pregador. Recebi uma porção de encomendas. Fiz desenhos em diversas posições: o frade, sentado, andando, discursando. Depois, eu nem sabia onde gas-

tar o dinheiro ganho com os retratos...

— E o frade concordava?

— Se concordava! Frei Serafim ficou meu amigo. Pôde era eu que pintava os estatuetas da igreja... O pior é que fizeti gosto para retratos mesmo sem licença do retratado. Uma vez, no Colégio Pedro II.

— Viva o Colégio Pedro II! exclamou o Rebbedeco, que tem especial simpatia pelo nosso melhor estabelecimento de ensino.

— O Imperador compareceu à aula. Sentou-se e mandou o professor continuar. Eu, da última fila de cadeiras, pus-me a desenharem o retrato do Imperador, na atitude de quem lê. Surpreendeu-me o Inspetor de Turma. Levado e desobedi a presença de dom Pedro II, este, em vez de me castigar, elogiou-me e até me prometeu matrícula gratuita na Escola de Belas Artes. Tive vontade de dizer ao Imperador: "Se Sua Magestade quer ter de vencer na Escola de Belas Artes e que já fui desenhista de um expediente científico."

— Ora essa!

— Eu exilado. Antes da meu emboreirar para o Rio de Janeiro, onde viria ser aluno do Colégio Pedro II, cheguei a Areia uma comissão científica, dirigida pelo naturalista francês Brunet. Encomendado pelos meus de-cubos, o chefe quis me levar com ele pelo sertão a dentro. Obtive consentimento de meus pais. Passei vinte meses gozando a Paraíba, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Sofri muito, mas aprendi muita. Cusamos muitas silvestres, bebemos água de arvoredo, dormimos perto de formigueiro; porém, quantos paisagens, quantos costumes e copéis do natural!

— Quando entrou para a Escola, já era sabido.

— Mais ou menos... Obtive quinze medalhas na Escola de Belas Artes. Chamavam-me "o papa-médalhas".

— Conheço alunos que são "papa-seros"...

— Não chegaram a vencer na arte. Menos particular, eu fui muito feliz. Meus quadros "O Grito do Ipiranga", "A Batalha de Avaí", "A Batalha de Campo Grande" são conhecidos no Brasil inteiro. E na Europa, numerosos jornais me proclamaram, nem tenho coragem de dizer, o mais...

Rebbedeco recebeu o anúncio de recortes de jornais que Pedro Américo lhe ofereceu. E propôs que ia lendo, já pensando com uns olhos de estamando, atrelados de estamando. Jornais europeus proclamavam Pedro Américo o primeiro pintor de batalhas de seu tempo! E outras notícias revelavam escolas não menos extraordinárias: a designação de Pedro Américo para professor da Universidade de Bruxelas, sua eleição



— Sou o autor dele. Chamo-me Pedro Américo.

ESCRITURA NA
14ª PÁGINA

Edição de Terça-Feira



REVISTA AVANÇO e OJINIAS
Rua Sebastião Cabral 43 (Praça
Macaé). Telefone: Esportes, 64-
1104 e 22-4002. Redação e Ofi-
cina 43-5552. Encadernação: Rua
General Custódio 918. Telefone:
63-9220.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI • Rio de Janeiro, 2 de Maio de 1944 • Num. 1484

16 PAGIN: S

PREÇO: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Assinatura pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 186 números, Cr\$ 45,00
SEMANAL — 72 nú-
meros Cr\$ 33,00

Roberto Macedo A HISTÓRIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 85

UM GRANDE SABIO
(Ruy Barbosa)

— VIVA o maior dos brasileiros! Vrrrooooo!!!
Rebeteço, quase surdo como a grataria, aperreado, empurrado, passado, dava graças a Deus da sua ter caço. Encostaram uma arvore na beira da calçada, subi ligeiro por ela, como se fosse autêntico moiseque. Alongou o nariz pea Avenida, láo cheia que não se via o chão. Vi, na proximo, num carro puzano pesu poro, um velhinho barco, de sobrecasca cinzenta, ligeiramente inclinado para o lado esquerdo. Acima do "pince-nez" sem aro brilhava a testa enorme. O entusiasmo popular chegou ao delirio quando o velhinho fez um aceno. Lá falar, silêncio completo. A multidão amantou de repente, como a laharada sob a ação da água fria. Mas, o velhinho não teve tempo de começar. Do alto da arvore, Rebeteço exclamou:

— Feço que o senhor conte sua vida para as crianças do Brasil!

— A T E N D I D O, respondeu imediatamente o velhinho. Sua voz, ligeiramente metálica, não era das mais simpáticas. O fiseco não era dos mais fo r m o s o s. Mas, aquele homem, quando falava, vencia todas as desvantagens. As crianças do Brasil lá se dirigiu, em linguagem simples, o maior orador do Brasil.

— NASCI a 5 de Novembro de 1859, na cidade do Salvador, não na casa onde há uma inscrição, mas, na velha casa fronteira, seguinte da beco da Fonte do Naço. Meus pais, o dr. João José Barbosa de Oliveira e dona Maria Adélia, foram os senhores de tudo quanto tenho feito de bom. A cessa espiritos supremos dirijo meu pensamento, chefe de grã-dão... Estudei preparatórios com célebres professores, o barão de Maranhão, o dr. Carneiro Ribeiro, e outros. Meus pais não eram ricos. Ganhei logo, tamanha amor aos livros que, estudando de preparatórios, professores me indicavam para subscrito. Aos 15 anos, antes da idade legal, estava pronto para a Faculdade de Direito. Fiz os dois primeiros annos, um Recife e os restantes em São Paulo. Fui companheiro de Castro Alves, Joaquim Nabuco, Afonso Pena...

— Quanta gente boa!

— com a saúde abalada. Prezem para a p r i c a r, pois di um ano. Estreei no tribunal do juri defendendo uma escrava contra um senhor muito mau. Você sabe o que é o juri?

— Rebeteço não sabia direito, mas, fez com a cabeça que sim, para evitar interrupções.
— Estou falando, — conti-

nuou o grande homem — em linguagem que possa ser entendida por você. Gosto de crianças; já traduzi um livro elemental, as "Lições de Cozas", de Calkins. Conto minha vida, para atender a seu pedido.
Rebeteço ficou todo "inchado".

— Encontrei um grande protetor no conselheiro Dantas. Ele me convidou para seu auxiliar no escritório do advogado. Colaborei também no seu jornal, o "Diário da Baía", de onde fui redator-chefe aos 24 anos. Comecei forte campanha contra a escravidão.

— Viva José do Patrocínio! — gritou, sem querer, o Rebeteço.

— Mas, tanta gente fez — pulou jial! que — logo o menino se arrependeu de ter interrompido.

— Advoguei, escrevi na imprensa, estudei, estudei muito. Tomava nota à margem dos livros, como ainda hoje faço. Traduzi, então, um livro intitulado "O Papa e o Concilio", obra de combate aos Papas. Cassei-me em 1874 com dona Maria Augusta Viana Bastreira. Companheira ideal. Fui eleito deputado provincial, e a 21 de Abril de 1878 compareci à primeira sessão da Câmara.

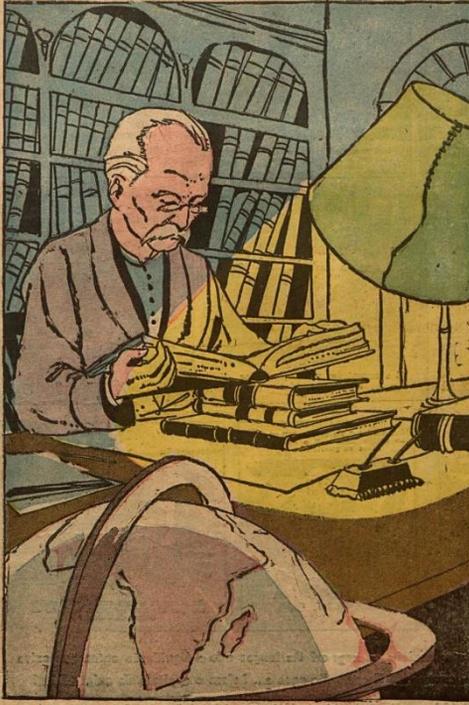
— 21 de Abril, data de Tiradentes — pensou o Rebeteço.

— No fim do mesmo anno fui eleito deputado geral. Meu primeiro discurso de senação foi rebitendo os argumentos de Silveira Martins, considerado o maior orador de sua época. Dediquei-me à causa de instrução e do abolicionismo...

— Viva José do Patrocínio! — berrou um papalão, desses imitadores que sempre apparecem nas multitudes. Novos "Joãos!" restabeleceram o silêncio.

— Defendi com forças as minhas forças, um projecto que mandava libertar os escravos de mais de 60 annos. Dei em diante não mais partei na campanha abolicionista, até o dia 12 de Maio de 1888, uma das maiores datas da História do Brasil, Veio a Republica, a 15 de Novembro de 1889, e eu fui escolhido para ministro da Fazenda do Governo Provisório. Depois, elegei-me senador e membro da Academia de Letras. Escrevi muitos livros. Li muitos outros. Tenho mais de 25 000 na minha biblioteca. Levanto-nos ás 5, estudo até 9 1/2, preparo-me, almoço e ao meio dia deço da minha casa na rua São Clemente. Vou sempre à Livraria Brigueot, na Senada, ou ao Cinema Ideal, onde tenho sempre uma cadeira à minha disposição. Volto para casa, distraio-me com meu papagaio ou com as rosas do meu jardim, janto e estudo outra vez, detendo-me cedo. Graças a esse método e à minha memória, que é boa, tenho accumulado alguns conhecimentos... Agora, reunida em Baya a Conferência Internacional da Paz, fui designado para representar meu país. Die-me a coincidência que não fui de todo obscuro, pois o povo brasileiro me recebe, de volta, com esta manifestação. E agora, meu amigo, vou passar a go d i r i r ao povo brasileiro: Senhores!

O REBETEÇO sentiu-se tão pequenino ao lado de Ruy que li diminuindo até se tornar um pontinho à-toa. E vou, ao sopro das palavras eloquentes que o grande orador... aprof vir ao...



— Levanto-me ás 5, estudo até 9 1/2...

Edição de Terça-Feira



Escritório Associação e Oficinas
Rua Sodrera Cabral 43 (Praça
Marechal), Interfones: Escritórios,
44-1004 e 23-4908; Rádio e Ofi-
cinas 43-5532; Esquadramento Rua
Oliveira Campos 412. Telefones:
43-2328.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI • Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1944 • Num. 1487

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 166 numeross. CR\$ 45,00

SEMESTRE — 73 nu-
meros CR\$ 23,00

Roberto Macedo A HISTORIA DO BRASIL PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPITULO 69

O INVENTOR DO AERO-
PLANO

SANTOS DUMONT

PRAIÁ de Guaruá. O calor de Santos é amenizado pela brisa marítima, um ventinho travoso que faz pular as gravatas, como bilões entres. Todas as manhãs, vem se sentar numa cadeira de lona, filando, com seus olhos empapados, um homem taciturno, de rosto vermelho que tem crista de garrafa. Filando a si mesmo. Observa o horizonte com ar cansado. Lá longe, sobre o mar, vem se aproximando um pontinho. Está chegando. Mas... não. O homem vermelho da cadeira de lona revela interesse pelo pontinho. Levanta-se. Aíra e braco, chamando. O pontinho (que era o Rebedeco) pensou: — Vou aterrar. Aterrar, não. Vou arrear, isto é, descer na areia da praia:

— Sou o Rebedeco. Quanto ao senhor, já o conheço. O mundo inteiro conhece: Santos Dumont.

— Obrigádo, mas faço questão de saber como é que você vem voando. Eu estou justamente estudando um processo, para voar. Um aparelho, parecido com asas de passaros. Del-lhe o nome de "Transformador Marciano".

— Que nome complicado!

— É este o aparelho...

— Pois, ponha as costas e vou contigo. Eu passo pelo céu, por baixo d'água, por toda parte...

— Maravilha...

— O senhor é supersticioso?

— Sou...

— Pois então saiba que eu estou vendo as coisas presas...

— Não é nada. Ficou tudo escuro e aumentou o frio porque entramos numa nuvem. Se estivessemos em ba-lho seria perigoso, porque de com certeza machucaria com o resfriamento. As vezes o peso do balão aumenta com a neve que as nuvens acumulam...

— O senhor já andou tam-bém de balão?

— Meu amiguinho, o aereo-plano é recente. Comecei pelo balão. Desde criança, na fazenda de meu pai, perto de Ribeirão Preto, eu preferia brincar com máquinas. Molinho, interessei-me pelo automóvel. Mas, o meu gran-

de sonho era voar. Fui à Paris...

— ... com que dinheiro?

— Meu pai era rico. Deu-me tudo. Infelizmente, morreu quando eu ainda era moço.

— Mas, o senhor é rico,

não vejo vantagem nas suas vitórias.

— Pois saiba que eu vivi em Paris, moço, cheio de dinheiro, quase sem conhecer Paris: Estudei muito. Tomei professor de física, astronô-mia e mecânica. Lembro-me com saudades do professor Garcia, um sábio espanhol. Poder gozar a vida e no entanto consagrar o tempo ao estudo de uma descoberta que é a maior da história moderna, sacrificando tudo, até a família (fiquei solteiro, por falta de tempo para me casar...)

— Agora compreendo o valor das suas vitórias. Com certeza enfrentou perigos.

— Quantas quedas! A primeira ascensão, em balão de algodão, foi em 1877. Depois mandei construir um balão pequeno. Desmontado, cabia na valise. De-lhe o nome de nossa Pátria: "Brasil". Construí outros e ficaram conhecidos pela ordem de fabricação: o número 1, o número 2...

— Até o número?...

— ... 14. O número 1 expulso de encontro a arvores. Do número 2, caí no Prado de Bagalhe. O número 3, de novo nas árvores. Depois cai num castanheiro, no parque do banco-queira Rothschild. Outra vez fiquei pendurado no telhado de um hotel, em Paris; os bombeiros me salvaram. Também de s p e n q u e é no mar...

— E o senhor sempre insistia!

— Sempre. Cheguei a ganhar um prêmio, voando em torno da Torre Eiffel, em ba-lão dirigível. Dei o dinheiro aos pobres e aos meus que-ridos.

— Era pouca coisa?

— Mais de mil contos...

— Bravos!

— O balão não me contava nada. Estudei e des-mo-cobri o aeroplano. Fiquei fa-moso com os primeiros voos, em Paris, com as minhas homenagens. Nena podia sair à rua; e poro andava atrás de mim. Mas hoje sou um homem desgostoso...

— Ora casa! Por que?

— Porque aplicaram na guerra o aparelho que eu inventei para a paz. O aereo-plano...

— Com licença; o senhor sempre que fala em sua "invenção", refere-se ao aereo-plano. E quem inventou o balão?

— Foi outro brasileiro, o padre Bartolomeu Lourenço, mais conhecido pelo nome de Bartolomeu de Gusmão.

— Vou imediatamente falar com ele!

— Não é possível! O pa-dre já morreu há muitos anos...

— Pois eu garanto que vou conversar com ele!

— Menino! Não entendo o que está dizendo... Sim-to-me perturbado... Parece que vou enlouquecer... Quero voltar para Santos...

— O senhor é supersticio-so?

— Sou...

— Pois então saiba que eu estou vendo as coisas presas...

— Não é nada. Ficou tudo escuro e aumentou o frio porque entramos numa nuvem. Se estivessemos em ba-lho seria perigoso, porque de com certeza machucaria com o resfriamento. As vezes o peso do balão aumenta com a neve que as nuvens acumulam...

— O senhor já andou tam-bém de balão?



— Com licença; o senhor sempre que fala em sua invenção, refere-se ao aeroplano. E quem inven-tou o balão?

Na Próxima Terça-Feira
CAPITULO 70
O Inventor do balão
PADRE BARTOLOMEU
LOURENÇO

Edição de Terça-Feira

★

Escritório: Avenida 6, Urzicinas, Rua Mouraria, Caixa 49 (Praça Mauá). Telefones: Escritório 44-1000 e 44-1001. Redação e Oficinas 44-5502. Encadernação, Rua General Canizal, 115. Telefones 42-2023.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos do Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1944 © Num. 1490

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Assinaturas: para correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 106 números. Cr\$ 45,00
SEMESTRE — 72 números. Cr\$ 23,00

Roberto Macedo

A HISTÓRIA DO BRASIL

PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 70

O INVENTOR DO BALÃO
FADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO

NOITE. Frio. Luar. Quarto pobre. Rebedeco entra de mansinho, pé ante pé. Cada passada lhe sumeja alguns palmos de comprimento, de modo que, ao chegar junto à cama existente no quarto, voltara ao tamanho natural. Sentou-se à beira do leito, que rangia. Um homem moço, pálido, cara raspada, acordou sobresaltado.

— Nunca fui felicitado... Deixe-me... Não me faça mal! Você com certeza é um dos catraços da Inquisição...

Rebedeco teve pena daquele padre assustado, com cara de agonizante.

— Vilão como amigo, padre Bartholomeu! Se o senhor está em perigo, sou capaz de virar esta tal Inquisição pelo avesso...

E acrescentou, o dedinho em riste:

— Mas, o senhor há de me provar que tem razão... Conte lá sua história.

* * *

— Meu nome é Bartholomeu Lourenço. Nasci em Santos, ano de 1685, num casarão, que ficava na rua do Condeão ou de Santo Antônio. Eramos pobres. O doze para duas de minhas irmãs se faziam freiras foi o bôdo a custa de camolas. Apesar um de meus irmãos chegou a ser importante! Alexandre de Gusmão, chamado o "Arô dos diplomatas brasileiros".

— Interessante! — interrompeu o Rebedeco, que estava filando a paisagem pela moldura da janela. Nem parece estamos no Brasil. Casas velhas, exqu岸itas... Árvores como nunca vi...

— Nós estamos em Toledo cidade espanhola, refugio por muitos motivos, inclusive pelo fato de suas espadas.

— Como é que o senhor veio parar aqui, doente e abandonado?

— Deixo continuar a minha história. Talvez não me lembre de certas coisas, porque ando com a memória cansada. Antigamente tinha muita dessas memórias de assombração. Liana pela primeira vez, na minha presença pártima e paginha de um livro e eu repetia tudo, tim-tim por tim-tim.

Rebedeco suspirou:

— Ah! Se eu fosse capaz

meus estudos na de Coimbra. Lá terminei meu curso. Fiz-me padre, pensando sempre nas minhas invenções. A maior foi um aerostato, que ficou chamado Pasacorla, por ter o feitio de um pássaro.

— O senhor subiu?

— Não! Isso foi em 1709. No conego das experiências. Até então ninguém tinha conseguido provar que o balão subia sozinho, quanto mais subir com ele! Promovi algumas experiências na presença do rei Dom João V, porém o meu aerostato bateu nas beiradas do telhado do palácio e caiu imediatamente. A-pesar-disso, subira! Minha vitória atraiu

meus inimigos. Sofri honras.

— Ora essa!

— E a inveja, meu amiguinho. Mas, ao mesmo tempo sempre aparecem corações generosos que nos ajudam a enfrentar a inveja dos maus. Eu conheci bons protetores no marquês de Abrantes, no conde de Eslizora e no próprio rei Dom João V. O rei chegou a conceder uma pensão de trezentos mil réis anuais por ser eu pobre e não poder continuar meus inventos.

— Melhorou muito...

— Qual! Meus inimigos criaram tantas dificuldades que eu acabei não recebendo o dinheiro.

— Mandam mais do que o rei!

— Meu amiguinho, eu creio que, abaixo de Deus, eles são as criaturas mais poderosas da terra.

O doente olhou em torção do quarto, como se tivesse recido das palavras que se lembrava de preferir. Suspirando profundamente, continuou:

— Desanimel. Dei-me meus estudos sobre navegação aérea. Háje reconhecido que fiz mal. Sempre que não perseverei, só tive de me arrepender. Fosse a cuidar de outras coisas. Fiz sermões nas igrejas. Tornei-me conhecido pela minha eloquência. Cheguei a entrar para a Academia, que é uma instituição muito importante. Até que um dia...

Novamente relançou os olhos pelo quarto, cheio de pavor.

— Até que um dia... me denunciaram à Inquisição. Como felicitado. Disseram que somente o diabo poderia ter inspirado as asas da Pasacorla... Você não conhece os processos da Inquisição. Sofrer num calabouço, a pão e água... Ser queimado a rama de coragens. Sei lidar com os livros, não com os instrumentos de tortura. Fugí alucinado pela estrada de Lurdes, atravessei Muge e Montalég, Aviz, Arrozobá, Espanha, doente abatido, na miséria. Sei que morrerá o meu corpo, mas, você que é um bom menino, não tenha medo morrer minha memória. Porém, não enfrente a Inquisição. Nada de violências. Procure proceder com diplomacia.

— Diplomacia! — exclamou o Rebedeco. — Conheço um grande especialista no assunto. E no mesmo instante se sentiu transportado a um salão em forma de passaro. Vavia com a velocidade de um furacão. Avistou espumas: era o oceano Atlântico.

— Mas devagar, cochicho ao balão. E a Pasacorla vem descendo suavemente no Rio de Janeiro. Já rompia a ne-

— Fix-me padre, pensando sempre nas minhas invenções.

Edição de Terça-Feira

Publicação semanal e Universal
 com circulação mensal de 33.000
 Abonados e assinantes
 no valor de R\$ 10,00
 O preço de venda é de R\$ 0,40
 O endereço é: Rua da
 Uruguaiana, 118 - Telefone
 43-000

SUPLEMENTO

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
 Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto
 Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira da Carvalho
 ANO XI • Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1944 • Num. 1496

O: CR\$ 0,40

(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para

qualquer parte do Brasil:

ANO — 126 numeros. Oms 4500

SEMANAIS — 72 nu-

meros Oms 3500

Roberto Macedo

A HISTÓRIA DO BRASIL

PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 71

UM GRANDE DIPLOMATA

BARÃO DO RIO BRANCO

A ILUMINAÇÃO das ruas lembra cacexinhas de sífilis de ouro. Todas as casas estão apodadas. Todas, não. Pelas janelas de uma casa grande cor-se um fraco reflexo, que anda de um lado para outro como vagalume.

— Retêdeco desse da Passarola e se encaminha para a casa que ainda tem luz acesa. A única luz da madrugada. É o Palácio Itamaraty. U, onde se acha instalado o Ministério das Relações Exteriores.

— E se forem ladrões? — pensou o Retêdeco.

Mais que sepressa (a gente faz cada coisa em sonho!) atirou-se de cabeça na vidraça e chegou lá dentro do Palácio Itamaraty com uma porção do casco de vidro e um galo graúdo na testa.

— Pos-se a caminhar no escuro, através de enormes salas. Afinal, ao abito, de mansinho uma porta — que surpresa!

O Barão do Rio Branco estava de costas para ele. Junto à parede. Trajava simplesmente, mas com elegância. Trazia na mão um bastão e de quando em quando encostava a veia acesa na parede, para matar mosquitos.

— Ora essa! — exclamou o menino. Pensei que fossem ladrões.

O Barão do Rio Branco voltou-se. Era corpulento, calvo, bigodes brancos e grossos. Expressão gentil e bondosa. Dolarinho baixo, deixando o pescoço folgado.

— Menino, que deseja você a esta hora no Ministério?

— Diga o senhor primeiro o que estava fazendo aqui.

— Matando mosquitos...

— Então o senhor é mata-mosquitos?

— Não, mas isso me diverte. Além disso, mata mosquitos é útil. Eu trabalho quase sempre até de madrugada e eles me incomodam. As vezes ficam comilão o Euclides da Cunha, o Domício da Gama, o Peçigueiro do Amaral, o Visconde de Cabo Frio. Meu jantar vem da cozinha lá. Ficam os pratos em qualquer lugar, mesmo que seja mesa de trabalho. Quando, u'a mesa fi-

ca enfilhada de livros e papéis, mando vir outra. Todas essas que estão aí encostadas na parede já foram mesas de trabalho...

— O senhor não é lá muito organizado...

Rio Branco, que, como bom diplomata, só respondia ao que lhe convinha, continuou, calmamente:

— No entanto, jamais cheguei atrasado ao cumprimento do dever. Somente

uma vez, ao fazer um discurso inaugural da Conferência Pan-Americana, faltou-me tempo para escrever meu discurso até o fim. Tivemos improvisando a fúndia que lá. Quase ninguém percebeu. Durmo em qualquer lugar e a qualquer hora. Tenho cama aqui no Ministério. Veja. Além dessa cortina. Nela dormo frequentemente este seu criado, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores da República dos Estados Unidos do Brasil.

— E' enão nesta sala, transformada em quarto e

refeitório que o senhor dirige a nossa diplomacia?

— Sim. Ha quem me chama "General da Paz", porque sou inimigo das guerras. Esta sala é o Quartel General do Pacificismo. Sem guerras, consigo comear para o Brasil nada menos de setecentos e cinquenta mil quilômetros quadrados, juntando o território brasileiro em cento e cinquenta e dois mil quilômetros quadrados, comprando o território do Acre. Quase todas as questões de fronteiras do Brasil com as republicas vizinhas foram resolvidas por mim, sem litiga. Num ano, o de 1910, assinel 27 tratados.

— Por falar em republicas e senão é mesmo Barão?

— Nem todos os repubblicanos querem me reconhecer o título de Barão. Quando Floriano subiu ao poder, eu era consul na Inglaterra e mandei perguntar a alguns amigos pessoais se podiam continuar usando o título de Barão. Floriano respondeu numa carta intima, em que me tratava de "meu Caro Juca" (eu me chamo José Maria da Silva Paranhos), sem uma palavra a respeito de minha consula. Mais tarde verifiquei que no envelope estava escrito: "Exmo. Sr. Barão do Rio Branco". Muito de Floriano, esse processo de responder sem dese resposta.

— Eu sei que o Marechal Floriano falava pouco...

— Pois é. Continuei a usar o título. Depois, nomeado Ministro, fiz o meu primeiro relatório e assinel: "Barão do Rio Branco". A Imprensa Nacional emendou: "Baobax rei José Maria da Silva Paranhos, Mandel mudar. Não obedeceram. Terei meu nome. Ficou somente assinel: "Relatório apresentado pelo Ministro do Exterior". E não fiz mais relatórios... Mas isso de nomes, rótulos, títulos, não tem importância. Sendo monarquista, tenho servido a república, porque meu ideal é servir ao Brasil e à Paz.

Tenho pena dos homens que se matam nas guerras...

Quando o Barão pronunciou a palavra pena, apareceu, esboçando uma penitência, como essa que os católicos, na muda, deixam cair no fundo da galocha. Retêdeco embarcou na penitência, que foi pousar junto ao Presidente Afonso Pena. Estavam no palácio: o Castelo.



— Num só ano, o de 1910, assinel 27 tratados.

Na Próxima Terça-Feira

CAPÍTULO 72

O sexto Presidente Afonso Pena

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matmées" Infantis Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1944 @ Num. 1499

16 PAGINAS

PREÇO: CRS 0,40
(400 REIS)

ASSINATURAS: 120 números Crs 25,00
Anualidade — 24 números Crs 25,00

Roberto Macedo
A HISTÓRIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPÍTULO 72
O SEPTIMO PRESIDENTE
AFONSO PENA

PALÁCIO do Catete. O dr. Afonso Augusto Moreira Pena, sentado na cadeira presidencial, sustenta nas mãos a coroa encanecida. Estava chorando? Roberto se aproximou, pé ante pé. O Presidente da República nem dá por ele.

— Vou fugir que tussu, — pensou o menino.

Afonso Pena permaneceu impassível em sua penumbrosa. Respondeu fosse — sim, não — e logo, passando o indicador pela aba da sobrecasaca, saiu sem a menor cerimônia.

— O senhor não parece mesmo triste, eu ia lhe fazer uns versinhos...

— Loualoz? Tenho ouvido muitos, ultimamente, da tipografia... Não ligo: estou muito triste...

— Falso, s'nda-ló?

— Só lerei! Fera! um filho, a quem amava profundamente... Mas... você, que tem bom coração, também queria me dizer desaforca?

— Estive conversando lá fora com algumas pessoas. Sabe o que me disseram?

— Imagem... Fazam mal de mim com certeza...

— Propriamente mal, não. Honesto, culto, bom chefe de família, modesto — tudo isso eu sei que o senhor é. Mas ouvi duas coisas...

— Quais?

—...que me deixaram aborrecido. Primeiro: que o senhor era monarquista.

— É verdade.

— Confesso?

— Naturalmente. Haverá crime em pensar de uma maneira ou da outra? Se a monarquia ainda existisse, eu serviria ao Imperador. Fosse a república, sirvo ao Brasil.

— O senhor não discorda da república?

— Não concorri para ela. Agora é um fato consumado. O povo brasileiro me elegeu logo, acha que eu sirvo para o lugar. Chegue aqui...

Chamou o menino para bem juntinho, com um aceno do indicador. Falou-lhe quase ao ouvido:

contendo um crime, por discórdia do Presidente da República!...

Confiante, como todas as crianças, deu Roberto uma risadinha tão gostosa, que Afonso Pena chegou a sorrir.

— Bem, na primeira parte o senhor ganhou, mas, na segunda...

— Vamos ver.

— Também me disseram que o senhor é inimigo da nação...

— Eu? (No seu sincero espanto, o Presidente deixou cair o "pinco-nez" de cordão).

—... e que está sustentando a esquadra brasileira.

— Isso é exato. O Ministro da Marinha por mim recomendado, o almirante Alexandrino de Alencar, acha que precisamos de três esquadras, quinze contratorpedeiros e outras navios de guerra. Os contratorpedeiros denominados em homenagem a grandes Estados do Brasil!

— Já sei! Minas Gerais, São Paulo...

— Logo mesmo. Vêo que você já está concordando.

— Não concordo, não. O Barão do Rio Branco me disse que há de resolver todas as coisas sem guerra. E ainda me lembro de uma frase bonita do general Odebrecht: o dia mais feliz da minha vida seria aquele em que eu assinasse que todos os praxys queimarão os seus arcazes!

— Não angustie-se, a frase bonita ainda a todas as partes. Enquanto alguma ilustre assembleia, os outros precisam igualmente de bons armamentos. Vou contar uma pequena história.

— Verdadeira?

— Foi, ser verdadeira... Imagine você que um dia fui enviado a uma expedição, mas breves, a procura de quem praxa. Apareceram-se dois viajantes, um de cada vez. Ambos traziam cinzeliro consigo. O primeiro, Francisco Góes, não pôde se defender. O segundo, forçado, impôs respeito. A qual dos dois você acha que o ladão vai assaltar?

— Se não for bobo, assaltará o cidadão do homem doente!

— Muito bem. Pois o Brasil precisa ser forte, para não ser assaltado, como o cidadão do homem doente. Com as suas armas, ficou certo, de não agredir ninguém!

— Isso é outro modo de falar! O senhor não está empurrando navios para pro-veça? Quer, justamente...

—...evitar as pro-veções.

— Touco lá! Venceu em tudo. Creio que o senhor está dirigindo habilmente o Brasil.

E estendeu a mão para Afonso Pena. Foi outro homem em relação a tudo do Brasil, confesso:

— Um razão. O Presidente não está dirigindo a guerra brasileira.



— Pois o Brasil precisa ser forte, para não ser agredido.

151

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinéas" Infantís Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira



Escritório: Avenida 21 de Novembro
Rua Siqueira Campos 42 (Praça Mauá) - Lapa, Rio de Janeiro
Telefone: 24-1000. Distribuição: Rua General Osório 118 - Lapa
Telefone: 42-9294

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: José Ferreira de Carvalho
ANO XI Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1944 Num. 1502

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40
(400 REIS)

Assinaturas em dinheiro para
estados: norte do Brasil
ANO — 126 numeros CR\$ 43,00
SEMANAL — 12 nu-
meros CR\$ 15,00

Roberto Macedo
A HISTORIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 72

O SETIMO PRESIDENTE
NILO PEÇANHA

ERA mais moço, porém, pa-
recido com Afonso Pena.
Usava, como o velho há-
bitado, boné e barba na
dois e "pince-nez" de cor-
dão. E havia em sua postura
uma expressão de inteligên-
cia, de simpatia, que logo lá
convencendo os desconfian-
dos em seus amigos e admira-
dores. Passou a mão pela
cabeça do Rebedeco:

— Vá brincar com os
outros meninos. Hoje é quin-
ta-feira nesse dia abro os
portões do Palácio do Cata-
te, ao público.

De fato, o povo passava
tranquilamente nos jardins
do palácio presidencial, ad-
mirando as estátuas e os res-
tábulos.

Rebedeco, porém, admirou
duas outras coisas: a simplici-
dade do Presidente da Re-
pública e a beleza das árvo-
res. Sim, porque ele já sabia
que o homem simpático, de
expressão inteligente, era
Nilo Peçanha.

— Prefiro conversar com o
senhor — disse o menino.
Que árvores bonitas, hein?

— Meu amiguinho, nossa
natureza desperta nos es-
trangeiros e até nos brasi-
leiros esse mesmo sentimen-
to de admiração que você
está experimentando. Eu
sempre afirmo: o Brasil é
um país essencialmente agri-
cola.

— Explique ditinho...

— Quer dizer: o Brasil vi-
ve da agricultura. Vende
café, açúcar, algodão, cacau,
borracha e outros produtos
que a terra fornece. Com o
dinheiro recebido, vai se ar-
ranjando.

— Vai se arranjando? Em
tão o dinheiro não chega?

— Não.

— Mas, não somos um
país riquíssimo?

— Escute com atenção.

Nilo Peçanha pôs a mão
no ombro do Rebedeco e saiu
passando com ele pelo par-
que. Fazia festinhas nas ou-
vidas crianças e cumprimen-
tava com amabilidade até as

empresas que as acom-
panhavam. — Imagine, meu amigu-
inho, que dois fazendeiros são

vizinhos. Um deles tem ter-
ra que não acaba mais. Por-
rém, uns trechos são doen-
dos, outros muito secos, ou-
tros muito sujeitos a inun-
dações. Debajo da terra são,
ferro e ouro, mas, o fa-
zendeiro não tem dinheiro
para comprar as máquinas,
deus trabalhadores caçam
com enxadas, moem a cana
em moendas de mão, cami-
nham a pé. O outro fazen-
deiro tem menos terras, ou-

ro e ferro. Seus trabalha-
dores possuem arados, tratores,
moendas elétricas, estradas
de ferro. O primeiro será
muito rico, no futuro, porque
pode vir a ganhar mais di-
nheiro. O segundo...

— Deixe-se interromper,
se entendi bem, o primeiro
é o Brasil.

— Muito bem, porque é um
bom bom pela resposta. Vejo
de Campos, minha terra ma-
tal.

— Mas, e que não enten-
do é isso, por que não com-
pramos milhares de arados,
moendas elétricas e locomo-
tivas?

— Comprando froto,
custam caríssimo!

— E por que não fazemos
aqui?

— Ora, tudo isso depende
do aço e das fabricas para
produzir aço também cus-
tam muito caro.

Rebedeco suspirou. Como
deve ser difícil governar!

— Pelo que vejo, os dois
maiores problemas do Brasil
atualmente são produzir o
vender.

— Multíssimo bem! Tomo
lá outro bom bom. Produzir,
com os seus meios atuais: a
terra. Vender, para ganhar,
econômicas, comprar ou fa-
zer máquinas e passar a ser
um país industrial. A ver-
dadeira riqueza do Brasil
futuro será a fabricação do
aço, isto é, a siderurgia.

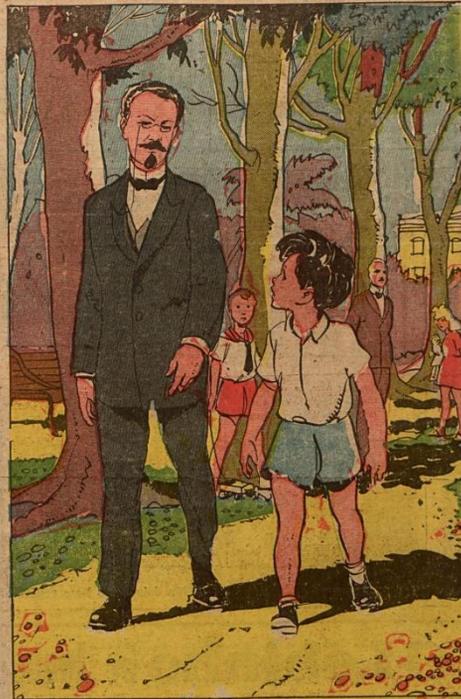
O Presidente da República
que disser: "nada vi a sider-
urgia no Brasil" terá o di-
tulo à grafia de todos os
brasileiros.

— O senhor não quis in-
tar?

— Estou resolvendo pro-
blemas atuais: criei o Minis-
tério da Agricultura e cui-
dei com o maior interesse
dos dinheiros públicos. Há
pouco estive comigo o Mi-
nistro inglês; sabe o que me
comunicou? O Barão Col-
chido, de Londres, que os-
tuma emprestar dinheiro ao
governo brasileiro, talvez
dizendo nunca ter havido
tanta prosperidade no Bra-
sil... E agora vou dar o
meu último passo: a caval-
ria como Presidente da Re-
pública. Gost, muito de ca-
valos, sabe?

Nilo montou e tocou o
o animal a trotar. Rebedeco
ficou admirado: o homem
que, em um ano e meio, de
governo, cumprando o
mandato por morte do Pre-
sidente Afonso Pena, dera
ao Brasil, na frase de Ru-
chid, um período de pro-
speridade sem igual. Nilo Pe-
çanha foi ficando com a
distância, amarelo e verme-
lho. Acusado, o ruído
correu para ele, a gritar:

— Presto! O senhor está pe-



— Eu sempre opinei: o Brasil é um país essencialmente agrícola.

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinéas" Infantís Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira



Redatorio, Impressão e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mauá). — Edições: Escritórios,
63-100 e 80-1000, Redação e Ofi-
cinas 63-6532; Encadernação, Rua
General Custódio, 215. Telefone:
63-2022.

SUPLEMENTO JUVENIL

PREÇO U, 10
(400 REIS)

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Directores: Adolfo Aizen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANO XI Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1944 Num. 1505

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números CR\$ 4,00
SEMANAL — 74 nu-
méros CR\$ 3,00

Roberto Macedo
A HISTORIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

CAPITULO 74

O OITAVO PRESIDENTE

Marechal Hermes da
Fonseca

NAO era isso, não. Apenas a farda vermelha de um Marechal, cheia de dragonas e botões dourados. O Marechal Hermes da Fonseca saindo a cavalo para assistir a um desfile das tropas desembarcadas a esquadra. Rebedeco alcançou-o. Desteve-se a seu lado, enquanto as primeiras bandas de música iniciavam, barulhentosamente, a parada: taratachim! — Ichimi! — Ichimi!

Seria difícil conversar com o Marechal Hermes no meio de tanta algazarra. Ele tinha ligeiro defeito de pronúncia. Não falava com perfeita clareza. Mas, Rebedeco é persistente. Tanto puxou pela espada do Marechal que este, inclinando-se, indagou:

— Alguém recado do Pinheiro?

— Que Pinheiro? — Indagou por sua vez o menino.

— Ora! O meu velho amigo, General Pinheiro Machado. Você não sabe que ele é senador e o maior partidário do meu governo?

— Não, senhor. Nunca escrevi com esse General que tem nome de árvore e de folcê... Quería somente lhe fazer uma pergunta.

— Faça logo.

— O senhor já instalou a Siderúrgia no Brasil?

— Não me dão tempo para cuidar de coisas sérias. Logo no começo do meu governo houve uma revolta dos marinheiros. Foi um casti para dominá-los. O couraçado Minas Geraes chegou a fazer disparos contra a cidade.

— Chá! Por que estavam os marinheiros zangados com o senhor?

— Comigo propriamente não. Queriam acabar com os castigos corporais.

— Que palavras difíceis! Queriam acabar com os castigos de chibata. Em alto mar, a disciplina precisa ser rigorosa.

— Mas um homem apá- nhar de chibata!...

O Marechal olhou zangado. Rebedeco encolheu-se todo. Polidamente passava a bandeira bem nesse momento em frente aos dois, do modo que ambos fizeram continência. Depois, arriscando um olhar de soslaio, voltou à conversa:

— Podemos continuar?... Vá lá. Porém, não me

interrompa mais com bobagens. Bastam as preocupações que me causam as contínuas revoltas e a oposição parlamentar.

— Quem faz oposição ao senhor?

— Meu principal adversário é o Senador Rui Barbosa. Pronuncia cada discursão no Senado!... Não concordou com as coisas que ele diz, mas aqui entre nós, num ponto recôndito que tem razão: nossa situação financeira vai mal, muito mal.

— Sempre ouço essa frase antipática — sauprius Rebedeco.

— Agora está pior. Tivemos de entrar a acordo com os moços creolos para suspender por algum tempo os pagamentos.

— Mas, a Casa Reichold telegrafou dando parabéns pela nossa prosperidade!

— Isso foi no fim do governo de Nilo Peçanha. As coisas mudaram. Calma num período de crise. Às vezes chego a me arrependar de ter sido eleito Presidente da República. Eu vivia feliz no exílio, como Marechal e como Ministro da Guerra. Ninguém me amentava com esses espetáculos de finanças e de política. Atacam até a minha família...

— E pelo exército o senhor não tem feito nada?

— Ah! A esse respeito minha consciência não me acusa. Procuro proteger meus camaradas, como é do meu dever. Penso que todos os brasileiros moços devem ser soldados, apresentando-se voluntariamente para a formação das linhas de tiro. Construí novas quartéis, comprei armamentos, segui excelentes fortes, como o de Copacabana...



— Logo no começo do meu governo houve uma revolta dos marinheiros

DESFILE, agora, uma banda de tambore e corraletos. Rataplán! Rataplán! Grupo de meninos marcham ao pé dos soldados. Rebedeco, entusiasmado, incorporou-se no grupo. Olhou para a frente! Feito estafado! Acerte o passo! Um, dois! Um, dois! Um, dois! Marcha, marcha sempre, até a beira de um rio. Repete o rufo dos tambores: rataplán, rataplán, rataplán, rataplán, rataplán, rataplán. Era um senão! Repete a beira do rio, beira corrente, o dedo aos lábios.

— Não faça barulho, que abriga os peixes...

TODOS OS DOMINGOS NO CINEAC-TRIANON "MATINEES" INFANTIS P
MOVIDAS POR SUPLEMENTO JUVENIL E "MIRIM"

Edição de Terça-Feira

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40
(400 REIS)

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: José Ferreira de Carvalho

ANNO XI Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1944 • Num. 1508

ANOTARIA: Este jornal não é vendido em separado de qualquer parte do Brasil.
ANO — 1944 numero CR\$ 45,00
SEMESTRE — 10 numeros CR\$ 25,00

Roberto Macedo
A HISTORIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capítulo 75
O NONO PRESIDENTE
VENECIAU BRAZ

— **QUE peixe?**
— Traira, seará — peixe do rio. Não vê que estou pescando?
— Vejo que está de anzol na mão... Se o senhor não fosse pescador, eu diria que se parece muito com...
...com o ex-Presidente Veneciau? Ém eu mesmo.
— Ex-Presidente? Já deixou o governo?
O dr. Veneciau Braz Pereira Gomes levantou os olhos para o céu, assim como diz:
— "Graças a Deus!..."
— O senhor não parece aborrecido com isso...
— Governar entre sérias dificuldades. Quase todos os meus planos de administração ficaram prejudicados pela Grande Guerra. Ela ditou, como você sabe, quatro anos, de 1914 a 1918, justamente o meu período de governo.
— Como é que uma guerra na Europa podia prejudicar o seu governo aqui, no Brasil?
— O Brasil vive de uma exportação, isto é, dos produtos que vende às outras nações. Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Estados Unidos, que antes compravam livremente nossos produtos, passaram de repente a brigar uns com os outros.
— Todos, de uma vez?
— No começo foram: França, Rússia, Inglaterra, Sérvia e Bélgica, contra a Alemanha e a Áustria. No final da guerra, a situação estava assim: de um lado — Alemanha, Áustria, Turquia, Bulgária; do outro lado: — França, Inglaterra, Itália, Rússia, Sérvia, Portugal,

România, Grécia, Bolívia, China, Japão, Estados Unidos, BRASIL...
— O senhor, naturalmente, procurou evitar nossa entrada na guerra, não é?
— Fiz tudo o que era possível. Mas, os alemães, sem

Haver guerra entre nós, torpedearam cinco navios brasileiros. Obrigado a reagir, assinai a declaração de guerra. Enviamos à França, à África uma divisão da nossa marinha de guerra, para auxiliar a campanha contra os submarinos.
— Morreram muitos brasileiros na guerra? (Rebbedeo ficou triste no interrogar).
— A luta, prestes a termi-

nar, com a derrota da Alemanha, não exigiu nossa participação em grandes batalhas. Infelizmente grassou na África uma epidemia de gripe tão forte que matou numerosos patriotas brasileiros. Essa terrível moléstia endou pelo mundo inteiro.
— Até tenho medo de perguntar: chegou ao Brasil...
— Ninguém sabia os meios de evitá-la. Quase toda a população da cidade de Rio de Janeiro adoeceu no mesmo tempo. Faltaava lugar nos hospitais. Os coelhos, gripados, não tinham tempo para enterrar os mortos, que apodreciam à porta dos cemitérios.
— Que horror! Não quero ouvir mais, exclamou Rebbedeo, tapando os ouvidos.
Mas Veneciau Braz, sempre calmo, abriu o documento com um arrego:
— Você se horroriza ao ouvir... Imagine que eu tive de enfrentar tudo isso!
— Mas, então, o senhor não pôde governar?
— Sempre consegui fazer alguma coisa útil. Aninei a agricultura, criei novas indústrias, reduzi as despesas, resolvi uma questão de terras entre os Estados: Paraná e Santa Catarina, enfrentei o problema da nossa dívida...
— É bastante! E a situação?
— Talvez o meu substituto a instale...
— Quem é?
— O dr. Rodrigues Alves, que já tinha sido Presidente de 1902 a 1906. Falcendo antes de me substituir, governou interinamente o Vice-Presidente Delfim Moreira. Realizaram-se novas eleições e hoje quem governa o Brasil é o dr. Epitácio Pessoa.
— Vou procurá-lo, disse, resoluta, o Rebbedeo.
Um galo garrido cantou ao longe. Rebbedeo, olhou na direção da nova persoaagem de seu lindo senboto! E o galo garrido foi crescendo até se transformar no Presidente Epitácio Pessoa. Cantando? Não. Fez do um discurso bonito.

Enviamos à França uma missão médica...

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinées" Infantis
Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Terça-Feira



SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0.50
(500 REIS)

Escritório: Avenida 9 de Julho, 43 (Praça Mauá).
Redação: Rua General Custódio 118, Fielsones 43-2922.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen Gerente: José Ferreira da Carvalho

ANO XI Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1944 Num. 1511

Assinaturas pelo correio por qualquer parte do Brasil:

ANO — 126 números CR\$ 75.00
SEMESTRE — 72 n.ºs
MESES CR\$ 36.00

Roberto Macedo
A HISTORIA DO BRASIL
PELOS SEUS PRÓPRIOS VULTOS

Capital: 76

FIM DA REPUBLICA VELHA
A REPUBLICA NOVA

REBEDECO sentou-se numa poltrona. Ficou ouvindo, ouvindo, sempre caladinho. O dr. Epitácio Pessoa fazia, eloquentemente a defesa de seu governo. Falou em obras contra a seca do Nordeste, em reconhecimento da população, em construção de quartéis, em visitas de reis (o rei Alberto, da Bélgica) e de Presidentes (o Presidente António José de Almeida, de Portugal), em festas do centenário da Independência. Quando disse:

— ... tentei resolver o problema da siderurgia... Rebedeco espregueou-se num salto, interessadíssimo.

E o orador prosseguiu:
— ... mas não pude realizar esse ideal de todos nós! Desapareceu como por encanto. Saiu da sala, cabalado. Foi andando à-loa, Esbarra-va com as pessoas na esplanada e fazia sempre a mesma pergunta:

— Via por aí o Presidente Artur Bernardes?
Todos respondiam invariavelmente:
— Não o vi.

Chegou ao Palácio do Catete:

— Quero perguntar ao Presidente Artur Bernardes se ele resolveu o problema da siderurgia!

Mas, pela primeira vez levou um "não!" nas bochechas:

— O Presidente não pôde receber ninguém!

Desanimado, reconheceu a caminhada. Por quanto tempo? Não sabia. Perdida a noção das horas: — He-lac, he-lac, tie-tie, e de lá vai caminhando também. Dotam as pernas do menino, como costumava acontecer quando corria detemais no recreio do colégio. Em cada porta foram surgindo companheiros da longa caminhada, todos em atitude de vivel descontentamento. Usavam roupas estranhas: paletó de palasno, cinto de soldado, espada e fitil. Entrou um grupo

enorme na rua Paissandá, Rebedeco, na frente, pensandoc sempre a mesma coisa

como cases revelos que tocavam uma gô música: — He! de perguntar ao



Presidente Washington Luis se ele resolveu o problema da siderurgia no Brasil...

No mesmo instante rebocaram gritos zangados:

— Vamos ao Palácio Guanabara depor o Presidente Washington Luis!

— Não adianta — respondiam outras vozes irritadas. Ele é teimoso e não sairá... — Ha de cair! Viva a Revolução!

E todos, em coro: — Abaixa a República Velha! Viva a República Nova!

Rebedeco percebeu, vagamente que o que estava acontecendo era a queda de um regime. Toca a andar. Sob a serra, desce serra. Para além dos destiladéros. Para além dos precipícios. Fricando gostoso, como que: — Petrópolis! Um homem sorridente passava, conversando com as crianças. Fuma charuto. Será a fumaça do charuto que parou o Rebedeco? Não, em Petrópolis, não dá serra, é assim mesmo. Logo Rebedeco reconhece o homem sorridente. Dá-lhe um abraço apertado mesmo. E levantando o queixinho:

— Presidente Getúlio Vargas o senhor conseguiu instalar a siderurgia no Brasil?

O Presidente responde, falando não apenas ao Rebedeco, mas a todo o petropolitano mundo que o rodeia:

— Brasileiro! Consegui!

— Quero ver! Quero ver! — repete Rebedeco, pulando de contente.

— Você aceita o convite para ir até Volta Redonda? Indaga, passadamente, Getúlio Vargas.

Cosia engraçada! Era um convite, mas o menino sentiu a pergunta lhe entrar pelo cérebro como se fosse uma ordem. Que destino para mandar tanta o seneca do sorriso e do casarito. Também era a força dessa vontade que Rebedeco se sentiu transportado nas asas do pensamento presidencial. Vos, sobre Volta Redonda. Uma cidade brotada do dia para a noite. Construído e mata construções. Dali saíram os arados, as locomotivas; as máquinas do nosso progresso. O menino pensa, lá do alto:

— Papai costuma dizer que todos os homens cometem erros. Ora, Getúlio Vargas é homem. Deve ter errado algumas vezes. Mas, só a instalação da siderurgia no Brasil é bastante para me deixar entusiasmado. Quero ver isso de perto...

E desce, num vôo rápido, mas, desastrado; umbum!... Caiu ganhando? Quei nada! Caiu da cama. Vinha nascedo a alvorada. O sol quente começava a dourar o quarto. Tudo brilhava. O relógio da sala de jantar — aquele relógio fãmboso, enfeitado por um cavaleiro cur de chocolate — bater: dunt dunt dunt dunt dunt dunt dunt dunt!

E REBEDECO, desperto, reconhecedor de nossa História, passou a combir com o futuro do Brasil. Pensamentos confiantes, repletos de

Uma outra seção de natureza educativa editada no *Suplemento Juvenil* trazia a perspectiva de um tio que sentava a uma cadeira e passava a conversar com jovens a respeito de algum aspecto da formação brasileira. Tratava-se das “Palestras com Tio Basílio”. Tal personagem tirara um período para descansar na casa de sua irmã e ao longo dessa temporada aproveitaria para manter “um convívio camarada” com seus três sobrinhos, contando-lhes “muitas e interessantes palestras”, vindo a satisfazer curiosidades, bem como a despertar outras. Em síntese, Basílio encontrara naquela estadia a oportunidade “para comunicar aos seus sobrinhos “o seu amor e interesse pelo Brasil”. O palestrante confessava estar voltando de uma viagem, durante a qual, “com os olhos fitos na imensidade do mar e o coração cheio de saudades do Brasil”, planejara as palestras que desenvolveria junto das crianças¹⁰⁸.

As palestras foram apresentadas em números ordinais, cada uma recebendo um título. A Primeira Palestra denominou-se “Lenda da noite” e versava e nela o palestrante fazia referência à época de guerra enfrentada pelo mundo, manifestando um ferrenho patriotismo cívico quanto à “grande pátria” brasileira, sem deixar de citar versos de Olavo Bilac, que deveriam servir para a juventude de inspiração ufanista e patriótica. O tom de louvor permanecia com a perspectiva de que o Brasil viria a cada vez mais tornar-se respeitado em meio ao contexto internacional, servindo para tanto a presença de “um chefe, um guia, um exemplo na patriótica orientação do Presidente Getúlio Vargas”. Em sua palestra original, Basílio se referia a uma lenda indígena brasileira que

¹⁰⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 28 ago. 1943.

versava sobre a origem da noite e das aves¹⁰⁹. A Segunda Palestra tratava do nome Brasil, no qual o palestrante trazia conjeturas de que a origem do nome do país poderia ter uma origem celta, o que não viria de encontro à perspectiva do descobrimento dessas terras pelos portugueses. O fulcro ufanista voltava a aparecer com a constatação de que o nome “Brasil está agora gravado em nosso coração”, traduzindo “todo o amor que temos a este grande país, de que nos ufanamos”¹¹⁰. A lenda da viagem de São Brandão era o tema da Terceira Palestra, retomando as lendas célticas sobre referências a um local paradisíaco que poderia ser identificado com o Brasil, tendo se formado no século V d.C. uma expedição de monges para chegar em tais terras. Após passar por diversos perigos, os religiosos teriam conseguido atingir seu intento, aportando em um local de maravilhas naturais, ou seja, “a ilha Brasil”¹¹¹. A Quarta Palestra versava sobre Diogo Álvares Correia, o Caramuru, e as venturas e desventuras do naufrago em meio aos indígenas brasileiros, com destaque também para o seu papel para a colonização lusa no Brasil¹¹². Uma outra figura indígena, Moema, era a protagonista da Quinta Palestra, sendo retratado o seu triste fim na época do retorno de Caramuru para a Europa¹¹³. Em sua sexta edição, a palestra se referia a uma lenda acerca de um rochedo em praia carioca, que descrevia uma paixão amorosa que acabava em tragédia¹¹⁴

¹⁰⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 28 ago. 1943.

¹¹⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 4 set. 1943.

¹¹¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 11 set. 1943.

¹¹² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 18 set. 1943.

¹¹³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 25 set. 1943.

¹¹⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 2 out. 1943.

Edição de Sábado

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINA

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto
 Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Demazir Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1943 Num. 1378

Assinatura em dinheiro para receber carta de Brasil
 ANO - 120 números CR\$ 48,00
 SEMESTRE - 72 números CR\$ 24,00
 TRIMESTRE - 36 números CR\$ 12,00

Redação, Assinatura e Circulação: Rua Bandeira Cobral 43 (Praça Mauá) - Fone: Excelsior 93-1993 e 23-4898. Redação e Circulação: Rua 40-5052 Encarnação: Rua Oliveira Coaracy 135. Fone: 52-2926

Palestras com TIO BASILIO

Por MARCELO DE FARIA ALVIM



Final, lutaram-se no meio da comoa, acorderam fogo... derrotaram a cera...

Primeira Palestra - Lenda Da Noite

Tio Basilio — (Sorri satisfeito, encanando de-moradamente um ao-brilhão, depois outro, como para matar as saudades). — Durante a viagem, com os Olhos fixos na liberdade do mar e o coração cheio de saudades do Brasil, eu pensei muitas vezes nestas palestras, que certamente leriamos.

As crianças — (Falando todas ao mesmo tempo, com a espontaneidade própria da juventude). — Também nós ficamos contentes, quando

mamãe — (então, que o tio ia chegar).

Tio Basilio — (Sorridente). — Muito obrigado. O convívio intelectual com esta oportunidade de caminharmos juntos pelas mesmas veredas do conhecimento, tornará mais fortes os laços de nossa boa amizade. As ligações do coração e do espírito são as mais sólidas, porque há nelas, a animação, o sonho desinteressado do ideal. Estou convencido de que, conquistada a vitória, — esta grande guerra, a aproxima-

ção entre os povos da Terra só poderá ser consolidada através do intercâmbio en-

tre os seus homens de inteligência e de coração.

Sérgio — Na Europa, o sofrimento é muito maior do que o nosso. Na Inglaterra, eu li no jornal, cada pessoa só pode comprar cinquenta gramas de manteiga, por semana.

Tio Basilio — É verdade! Você mesmo podem contactar a minha alegria, sentindo-me do novo neste ambiente generoso de nossa grande pátria, que vocês precisam conhecer bem, para poder amá-la melhor e sem pre mais. Recordo-me, muito a propósito, desses belos versos de Olavo Bilac, nosso lustre patriótico e grande poeta, que tantas coisas lindas e nobres escreveu para a Juventude brasileira:

“Ana, com fé e orgulho,
 fa terra em que nasceste,
 Criança! Não verás ne-
 inhum país como este!

 Imita na grandeza a ter-
 tra em que nasceste!”

Araci — Eu tenho essa poesia no meu álbum. O título dela é “A Pátria”.

Tio Basilio — Em nosso Brasil, tudo é grandioso: a terra e o homem! Tornão respeitado entre as maiores

nações, isto depende de nós e principalmente de vocês, cuja inteligência está se plasmando, no limiar de um mundo novo, para o qual já começa a raiar a aurora, que iluminará todos os povos fraternalmente unidos. Temos um chefe, um guia, um exemplo na patriótica orientação do presidente Getúlio Vargas.

Sérgio — Tio Basilio quando acabará a guerra?

Tio Basilio — Quando ao certo não sei, mas todos nós sabemos, que acabará pela vitória do Brasil. Grande pátria, a nossa! Vio tantos aspectos a serem estimados em nosso belo país! Por toda a parte, encontro nobre poesia e grandezas! Quando os portugueses descobriam esta terra virgem, fadada a tão grande destino, as suas florestas eram povoadas de selvagens, que ali viviam, habitando as suas tribos, brandindo o tacape, vadando rios enormes, transpondo serras, travando matas. Essas guerrilhas de músculos de bronze eram incógnitas e valorosas na guerra, mas indígenas nas suas crenças. Eles adoravam o Tupã e acreditavam na existência das Jaras do Jurupari, do Jand, do Sud-Sérré e na história da Filha da Cobra Grande...

→ CONCLUI NA 1.ª PAGINA



Visita à Fábrica De Papel Celosul, De São Miguel, Em São Paulo

Visitando, há dias, a capital de São Paulo, parque industrial de América do Sul, e superintendente de nossa Empresa, Coronel Luis Carlos da Costa Netto, teve a oportunidade de fazer uma demorada visita à Fábrica de Papel Transparente Celosul, de São Miguel. Acompanhado pelo sr. General Lobato Filho, o administrador das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional teve a explicação todos os detalhes do curioso mecanismo e sr. José Mesereros, chefe industrial paulista, vendo-se ainda na fotografia ao lado o nosso representante, jornalista Felipe Cavalcanti Melo

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Mafiné"
Infantis Promovidas Per "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Sábado

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 etc.
(400 REIS)

Redação, Impressão e Oficinas:
Rua Saldanha da Gama, 14 (Praça
Mauá) - Distritos: Excelsior, 43-44-45 e 22-4001. Telefone: 011-
011-43-0552. Encadernação: Rua
Gomes de Castro, 216. Telefone
42-2222

EMPRESA "O NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Azzas * Gerente: Demas Vilhela

A NO X • Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1943 • Num. 1381

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO - 126 numeros. CR\$ 45,00
SEMESTRE - 63 nu-
meros CR\$ 25,00
TRIMESTRE - 32 nu-
meros CR\$ 13,00



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

Segunda Palestra - O Nome "Brasil"

A TARDE, quando Sérgio, Maria Angela e Araci voltaram do ginásio, tio Basílio estava na sala da biblioteca, lendo os jornais. Foram ter com ele.

Maria Angela solhara com a Cobra Grande e como o quarto estivesse às escuras, quando acordou, ficou tão impressionada, que chamou a mamãe, acendeu a luz e pediu água para não confessar que estava com medo... Mas a mamãe compreendeu tudo muito bem... Sérgio — (abraçando o tio e apontando para Araci) — Ela achava impossível que os índios, já grandes como tio Basílio e papai, pudessem secretar em histórias como a da filha da Cobra Grande e que a noite pudesse ficar fechada numa semente de urucu...

Tio Basílio — (Depois de pequena pausa) — Mesmo agora, em plena civilização, quando as crianças nascem, não sabem falar e ignoram tudo. Com alguns meses conseguem balbuciar as palavras "mamãe", "papai". Começam, então, as primeiras idéias as primeiras noções do mundo, onde desbrocham como um bolão de rosa no jardim. Durante os primeiros anos, acreditam facilmente em "duós" — em fadas, castelos com felicitou, tapetes que se transportam sozinhas pelas arvores, a grandes distâncias; logo depois vem a idade da imaginação e a criança propende para fantasiar e inventar.

Tio Basílio, vem desobrar algum tempo sua vida de seu leão, D. Sinhá. Durante esse tempo, a mamãe e o papai, com a ajuda de Sérgio e Araci, descobriram as histórias e interessantes palestras, satisfazendo, assim, uma curiosidade, despertando outras, mas aproveitamos-se para renovar as lembranças, que são muito valiosas, a sua amor e interesse pelo Brasil.

Neste período, os meninos pregam algumas mentiras... e não bastante trabalho aos pais e aos educadores. É a primeira fase crítica na formação do caráter.

Maria Angela — (Com malícia). O Sérgio prega cada uma!...

Araci — Mas, os índios não eram crianças, eram homens!

Tio Basílio — Espera! Nós, durante o período da nossa vida, repetimos a história do desenvolvimento da humanidade. Os povos viveram a sua fase de infância e viveram na completa ignorância. As primeiras palavras devem ter sido exclamações e, só mais tarde, começaram a dar nome às coisas. Passaram, como as crianças, pelo período imaginativo, tal como os selvagens brasileiros, e, só mais tarde, atingiram o período do raciocínio, em que todas as coisas são analisadas pela inteligência. Chamam-se, para que isto se desse, alguns anos. Segundo uma, 8.000 anos, segundo outros, até 400.000!...

Araci — Em toda a parte foi assim!

Tio Basílio — É claro! Todos os povos da Terra passaram por essa fase em que tendem a criar soluções fantásticas para os fatos naturais, povoando a imaginação com deuses falsos, semi-deuses, heróis e monstros com poderes sobrenaturais. Nesta época, a história aparta-se da lenda e a história de lendas — é o período das mitologias. Até o nos-

so país deve o seu nome — Brasil — a uma coisa lendosa.



Sérgio — Mas, o nome "Brasil" não deriva-se da madeira cor de brasa, o pau-brasil?

Tio Basílio — É esta, pelo menos, a explicação, que aparece, com frequência, nos livros de história pátria. O nome "Brasil", porém, mais provavelmente originou-se de uma lenda da mitologia céltica.

M. Angela — Que vem a ser "céltica"?

Tio Basílio — Quer dizer "das céltas", que eram os povos, que, primitivamente, habitaram a Irlanda e a Grã-Bretanha.

Sérgio — Deve ser bem interessante!

Araci — Conta, tio Basílio! Tio Basílio — A primeira lenda, muito antiga, rela-

ta pelo escritor Charles Squire, diz "que os druses tendo perdido a sua morada celestial, procuraram nova residência, reunindo-se para isto o conselho que se dividiu em dois alvítrez. Alguns deliberaram abandonar a Irlanda e refugiaram-se num paraíso de ilhas-mar, situado numa ilha ocidental, desconhecida e com que só alguns mortais poderiam deparar. A mitologia céltica conta com as belezas e maravilhas deste país, cuja tradição nunca pereceu". Pois, este país, os céltas chamavam Bressal ou Hy-Bressal e era considerado como a Terra da Promissão e a "Pátria da Felicidade". Araci — Então foram os céltas, que descobriram o Brasil?

gem para as Índias, aqui aportou, em 1500, dando a Portugal a posse oficial da terra, que ele denominou Vera Cruz e depois Santa Cruz. Os povos europeus, ao terem notícia da descoberta, identificaram a Terra, conhecida por Cabral e aquela que Cabral acabava de descobrir, e a denominação vulgarizada "Brasil" prevaleceu sobre o batismo oficial de Santa Cruz. "Brasil" está agora gravado em nosso coração. Ele traz todo o amor que temos a este grande país, de que nos ufanamos.

O Brasil, com efeito não é apenas o país onde é abundante o pau-brasil, madeira cor de brasa; Brasil, muito mais de acordo com a lenda dos céltas, é a Terra Abençoada, sobre a qual se debru-

ça o cruzado, como uma bênção do Céu.

As crianças — (cheias de entusiasmo patriótico). Viva o Brasil!

Tio Basílio — Conta-se, também, que um monge chamado Brandão realizou, no ano 460 da era cristã, uma viagem maravilhosa à ilha Brasil.

As crianças — (Batendo palmas). Conta, tio Basílio!

Tio Basílio — Hoje, não, Preciso ir ao Rio, Amanhã, porém, saberemos quem foi esse São Brandão.

Sérgio — Então não foram os portugueses que descobriram o Brasil?

Tio Basílio — Sim, Pedro Álvares Cabral, em uma vi-

No Próximo Número:
LENDA DE VIAGEM DE
SÃO BRANDÃO

Edição de Sábado

Redação, Impressão e Oficinas:
Rua Senador Cabral 40 (Praça
Macaé) — Telefone: Esplanada:
46-1400 e 22-4200. Inédito e Cên-
sura: 48-5502. Encargamento: Rua
General Canavieira 118. Telefone
42-2000

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

Diretor: Adolfo Aisen * Gerente: Demas Vilalta

A N O X * Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1943 * Num. 1384

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REI)

ASSINATURAS SEM DIFERENÇA PARA
QUALQUER PARTE DO BRASIL
ANO — 126 números CR\$ 48,00
SEMANAIS — 76 ce-
ntavos CR\$ 20,00
TRIMESTRAIS — 80 ce-
ntavos CR\$ 13,00



Palestras com TIO BASILIO

Por MARCELO DE FARIA ALVIM

3.ª Palestra -- Lenda Da Viagem De São Brandão

COMO a noite estivesse quente, tio Basílio convidou os sobrinhos para um passeio na praia. O mar estava calmo. O luar punha reflexos de prata na cristã das ondas. Tio Basílio, Maria Angela, Sérgio e Araci, caminhavam em silêncio para o cais, respirando a plenos pulmões o ar puro do mar.

Tio Basílio — (Parando e apontando a barra). Lá está o alto mar deste grande oceano, que os antigos, até à época do descobrimento denominavam Mar da Meia Noite, Mar Tenebroso e acreditavam povoado de miseráveis demônios e dragões.

Maria Angela — (Rindo interessadamente como toda essa gente grande podia acreditar seriamente em dragões...)

Tio Basílio — Pois esse Mar Tenebroso estava povoado de terras maravilhosas, tais como as ilhas Afortunadas, onde existiam parques com fontes de ouro; as ilhas Eternas, onde havia uma fonte jorrando em água cristalina, a eterna medicina.

Sérgio — Então os seus habitantes não ficavam velhos...

Tio Basílio — E' claro. Eram imortais. Mar a fora, muito distante, na direção do Oeste, estava a Terra Venturosa ou do Brasil, que segundo contam as lendas dos celias, foi vista por São Brandão, no ano de 480 da era cristã. Inspirado em ferozosa fé, esse monje quis chegar aos seus habitantes a qualquer custo. Para realizar o seu objetivo São Brandão reuniu alguns outros monges e partiu com eles, seguindo em um barco feito de madeira, segundo outros, em uma embarcação feita de vime e forrada de couro.

Araci — E eles não tinham medo?

Tio Basílio — A fé torna intrepidos os homens. E os monges partiram pelo mar desconhecido, onde se orientavam pela Estrela Polar, como faziam também os fenícios, na Antiguidade. Diz-se que a primeira colônia encontrada era a Grande Serpente do Mar, a qual instigada pelo demônio, já se dispunha a atacar o frágil botequinho onde lá o santo e os

camarões companheiros, quando os anjos fizeram aparecer outra serpente, ainda mais terrível, que devorou a primeira.

Araci — Mas, tudo isto é mentira, não é tio Basílio?

Tio Basílio — Evidentemente. Um capitulo apenas da mitologia universal. Os homens, até hoje, criam mitos, em busca da felicidade. Sérgio — Mas, só os ignorantes deixam-se levar por estas coisas...



Que terra maravilhosa!

Tio Basílio — Não é tanto assim... Os contistas habéis sabem fazer práticos que agradam a todos os paladares...

Araci — E São Brandão?... Tio Basílio — E' verdade! Vamos continuar a história... Tendo escapado da Serpente, não demoraram e continuaram navegando, sempre rumo ao Oeste. Lá, mais adiante encontraram a Jha dos Carneiros, e então, deu-se um grande milagre: Era a época da Páscoa e os monges, muito felizes porque o espaço senhado do barco não se prestava as cerimônias do culto, puseram-se a rezar, pedindo a Deus que lhes proporcionasse o ensejo de louvar condignamente a sua glória, na data da Páscoa e Morte na Cruz A Providência, então, fez surgir uma ilha, na superfície das águas, e nela puderam os santos realizar as cerimônias.

Araci — Mas, como poderia surgir uma ilha? Tio Basílio — Para o milagre, não existe o impossível, e neste caso, foi tão extraordinário, que a tal ilha, dizem, era nada menos do

que uma baleia enorme e que ficou tão quieta, que os monges não desconfiaram.

Maria Angela — Como eles se alimentavam durante tão longa viagem? Comiam peixes?

Tio Basílio — Alimentavam-se de orações, diz a história. E tudo é possível para Deus. Frequentaram os monges e, durante a viagem ainda passaram pela ilha dos Passaros, que eram demônios, que nela viviam, sob esta forma: locaram em outra ilha povoada de gigantes, mais altos, visitaram a ilha do Silêncio, onde havia uma inquietação impressionante como nos lugares onde repousam os mortos.

Araci — Quanto tempo eles ficaram?

Tio Basílio — Isto não se sabe. Mixturaram os monges, muito pobres, nem possuíam relógios... Eles, porém, não chegaram ainda ao fim da maravilhosa viagem.

Passaram pela ilha da Furja do Diabo, onde um grande fogo estava sempre queimando e se agitava de longe; a ilha Deliciosa, habitada pelo demônio Paulo, que se alimentava de água e peixe... Afinal, estavam quase chegando à Terra da Promissão e a baleia surgiu de novo para guia-los até lá.

Que terra maravilhosa! E pena que a língua portuguesa não tenha palavras bastantes para exprimir a mentira tão grande! Nós, os cretulos, porém, fazemos esforço para imaginar! A lenda, assim a descreve: "Grandes bosques, rios, prados floridos para todos os lados. Bosques cheios de passaros. Eles cheios de peixes. Eram cheios de animais isentos do pecado. Gansos brincando com lobos, leões amamentando cordeiros. Ar suave e perfumado. Nem uma nuvem velando a doce claridade do Sol. Macieiras sempre cobertas de flores, como se fosse abril; sempre cobertas de frutos, como se fosse setembro".

Araci — E São Brandão ficou morando lá?

Tio Basílio — Passou na ilha dois anos; mas, depois regressou à Irlanda, onde relatou todas as peripécias da viagem e as maravilhas da terra, que havia visitado! — a ilha Brasil!

Na Próxima Número:
CARAMURO

TODOS OS
DOMINGOS
programas
especiais para
CRIANÇAS

Matinées Infantis! a partir de 9 hs.
promovidas por SUPLEMENTO JUVENIL e MIRIM



IMPRESA ANIMADA - Pan Filme D.F.B.

COMEDIAS • VIAGENS • SIMFONIAS COLORIDAS • EDUCATIVOS • DESENHOS • VARIEDADES

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinéés" Infantis
Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Sábado



SUPLEMENTO
JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 etc.
(400 REIS)

Redator: Augusto e Uronami
Rua Alexandre Cabral 43 (Praça
Máia) - Telefones: Aterro: 50-1903 e 50-1904; Redação e Op-
ções: 43-5532 Encargado: Rua
General Canabral 118, Telefone
42-9204

EMPRESA "A NOITE" - PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Dantas Villa

A N O X • Rio de Janeiro, 18 de Setembro de 1943 • Num. 1387

Assinaturas pelo correio para
enviar por fora do Brasil:
ANO - 120 numeras. CR\$ 60,00
SEMANAL - 70 nu- CR\$ 20,00
mens CR\$ 8,00
TRIMESTRAL - 30 nu- CR\$ 24,00
mens



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

4.ª Palestra - Caramuru

SENTADO no banco de pedra, sob o camanchão, tio Basilio fechou o livro que estava lendo, ao notar que Sérgio e Maria Angela se aproximavam.

Sérgio — (Dirigindo-se a tio Basilio e falando com vivacidade). — Maria Angela está sustentando que a história de Caramuru é uma fábula, o que eu contesto, pois, Diogo Alvares Correia, o Caramuru, é uma personagem verdadeira da história pátria. Tio Basilio é quem dirá à Maria Angela, se eu tenho ou não, razão.

Maria Angela — (Mostrando-se contrariada com a discussão). — Não, tio Basilio, o Sérgio não compreendeu bem. Ele estava lendo a história de Caramuru e eu observei, que a mim parecia difícil, na hora trágica do naufrágio, que Diogo Alvares pudesse trazer, até a praia, uma arma de fogo, e se ele tivesse chegado à terra, sem eu... teria logo cuidado nas mãos dos selvagens e feito prisioneiro.

Tio Basilio — (Ouvia com muita atenção, sorrindo, satisfeito). — Você, Sérgio, tem razão; mas, também a Maria Angela está fazendo um magnífico e inteligente raciocínio. É próprio da inteligência, analisar as coisas, antes de aceitá-las e neste caso, excepcionalmente, posso afirmar, que ambos discordam e ambos têm razão.

Araci — (Que chegara enquanto tio Basilio estava falando). — Mas como podem ambos discordar e estarem com razão?

Tio Basilio — A presença, aqui, no Brasil, de Diogo Alvares Correia, não vamos discutir. Ele, com efeito, naufragou, mais ou menos no ano de 1510, vindo dar à costa, defronte da faz de Rio Vermelho. Era português de nobre linhagem da província de Entre-Doiro e Mi-

nhos. Prestou assinalados serviços aos selvagens, em cujo meio passou a viver e também aos colonizadores portugueses, pelo conhecimento que adquiriu sobre a terra, a língua, e os costumes dos índios.

Sérgio — Eu estava com a razão!

Maria Angela — Ela eu mesmo não lida!

Tio Basilio — (rindo com ironia). — Ua mulher parece sempre bela aos olhos do seu apaixonado; por isto, diz o rifão, com sabedoria: "moço e chita, não há feia, nem bonita". Existem para todos os gostos.



...o fogo que produziu a morte da ave, tudo isto deveria ter causado no espírito dos selvagens forte estupefacção...

Tio Basilio — Espera! A Maria Angela raciocinou muito bem. Também a mim parece, que a história de Diogo Alvares, foi muito mais poética. Ele foi salvo, não só por uma epinúria, mas, principalmente pelo amor que inspirava a bela índia Paesquessá.

Maria Angela — Paesquessá deveria ser bronhada como os outros índios... Tio Basilio — Sim, devia ter as características dos demais selvagens; entretanto, provavelmente exagerando muito, o poeta mineiro, Frei José da Santa Rita Durão, a descreve assim:

"Paraguassú gentil (tal nome leve)
bem diversa de gente são
Índios,
De cor tão alva, como a
Írãica neve,
E donde não é nove, era de
Írãica;
O nariz natural, boca mal
Írãica,
Olhos de bela luz, testa es-
Írãica,
De algodão tudo o mais, com
Írãica espesso
Quando honesta encobria, fez
Írãica o preço."

As crônicas (Batendo palmas). — Como Paraguassú era bonita!

Sérgio — (Com ar de quem está intrigado). — Mas, se foi a índia quem salvou Diogo Alvares, então de onde lhe veio o apelido de Caramuru?

Tio Basilio — (Manda buscar um livro na sala da biblioteca). — Vamos a ver como este episódio é relatado por Frei Jobado: "E"

ela com o pai, por entre aquelas pedrneiras, por escalar de todo vazio a maré, à colheita dos despojos, veio a tal índia a Diogo Alvares Correia, na concórdia de uma delas, onde o zusto e o temor do numeroso e bravo gentio o haviam escondido, condição natural e justa no homem, ocultar-se do inimigo o que se não acha os meios oportunos para a sua defesa. Então, a índia, ou como admirada da sua primeira vista, ou compadecida do seu infortúnio, chamou o pai e apontando para Diogo Alvares, entre aquelas aberturas, dissera — "Caramuri-guassá" — que foi o mesmo que dizer: — "Óh! pai, que moço tão grande!". E logo atendida da sua vida, pediu ao pai que não o matasse."

Araci — O que é uma moço?

Tio Basilio — É uma espécie de cobra marinha.

Sérgio — Então, tio, não se deu o episódio em que Diogo Alvares disparado uma espingarda, matou, na presença dos índios, sua avó, que passara ao ar?

Tio Basilio — Também, Diogo Alvares, sob a proteção do alfo, que pode inspirar à filha do chefe, foi levado para a praia, onde auxiliou os selvagens do castar despojos do mar. Nesta circunstância, foi que ele pôde salvar uma arma de fogo e com ela matar sua avó, que atravessava a grande altura. Naturalmente o estupefacção muito forte das armas antigas, o fogo que produziu e a morte da avó, tudo isso deveria ter causado no espírito dos selvagens, forte estupefacção, scabando Diogo, com este feito, de conquistar os selvagens.

É possível, também, que, diante do acontecimento para eles extraordinário, os selvagens tenham reagido a exclamação — "Caramuru" — porque na língua tupi, este vocábulo também pode exprimir — "homem demônio", ou de "carru-mbura", que significa — ralo que incendia, homem de fogo, ou draca salte do mar."

"Vejam vocês, que o episódio assim relatado é bem lógico natural, por isso eu disse que também a Maria Angela tinha razão e a balança pende um pouco mais para o lado dela.

No Próximo Número:
HISTÓRIA DE MOEMA

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinées"
Infantis Premcevidas Per "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Sábado



SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizan * Gerente: Douglas Villela

ANO X Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1943 Num. 1390

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Redação, Edição e Officinas:
Rua Senador Cidreira, 43 (Praça Mauá) — Telefones: Redação: 45-1943 e 25-4889, Redação e Officinas: 45-4522, Encadernação: Rua Cruzada Caldwell, 818. Telefone: 42-2929.

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números — CR\$ 46,00
SEMANAL — 72 números — CR\$ 30,00
MENSAL — 6 números — CR\$ 30,00
TRIMESTRAL — 3 números — CR\$ 16,00



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

5.ª Palestra — História De Moema

UMA cópia da tela de Vilev Meireles, exposta à parede, na sala da biblioteca, despertou, em Sérgio, Mécia, Angela e Arieli, ainda empolgados pela história de Caramuru, um novo tema: eles quiseram conhecer a história da apaixonada Moema.

Ali estava a bela índia espartada, morta, nas praias, para não afundar na água do mar. O quadro de Meireles é uma obra-prima da pintura brasileira, tão lindo pela técnica, como pelo notável conteúdo, que o inspira.

Sérgio (olhando a tela desmoraladamente). — Tio, de qual delas gostava o Caramuru: da Moema ou de Paraguassu?

Araéli — Eu acho que Moema era a mais bela.

Tio Basilio — Não sei de uma descrição de Moema, com probabilidade de ser verdadeira. Neste assunto, eu acredito que está livre a imaginação de cada um. Seguindo as poucas referências, que conheço, deve ela ter sido bonita, pois, foi muito admirada e colmada, para esposa, pelos jovens guerreiros tupas.

O poeta Santa Rita Durão, cujos versos recordamos a propósito de Paraguassu, conta que Moema também fora oferecida por esposa a Diogo Álvares. Era este o costume entre os selvagens.

"Xeremimb trazia-lhe consigo A formosa Moema já necada A muitos principais, por dar-lhe esposa Deigo do trono de seus pais famoso."

Mécia Angela — Caramuru devia a vida à Paraguassu.

Sérgio — Com a galhofeira. — Se não fosse a proteção da índia, ele teria virado porri sem futuro!...

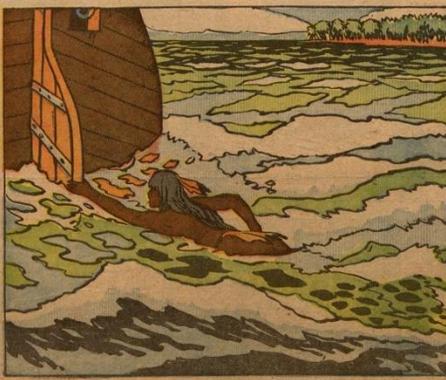
Tio Basilio — Com efeito, segundo todas as informações, que se tem, o Caramuru viveu sempre com Paraguassu, a qual tomou por es-

posa. Ocupamos ainda o leu-temento do poáa.

"Paraguassu, porém, com fe-ide esposa Parecia estimar a distinta-mente Mostrando-lhe, no afeto ca-rrinhoos A sincera afeição que a tal-uma sentie."

Caramuru era, como vimos, um fidalgo português,

cia, de saber e de inteligência. Sérgio — Mas, os índios podiam ser, também, inteligentes. Tio Basilio — Com efeito, os índios brasileiros apresentavam inteligência viva, se considerarmos, é claro, que viviam em uma fase da civilização, que denominamos — era da pedra polida. O homem ao nascer, herda todo o patrimônio de cultura dos



E já vizinha à nou, se opago os leme

representante, por tanto de um dos povos mais adiantados da Europa. A sua superioridade sobre os selvagens devia ser muito grande, porque muito maiores eram os seus recursos de organiza-

ção, de saber e de inteligência. Logo nos primeiros anos da sua vida, ele já dispõe dos recursos, que a civilização proporciona — na indústria, na agricultura, na medicina, na guerra, nas artes, em tudo

mais, que constitui o imenso patrimônio da civilização. Ficam necessários muitos séculos de trabalho, de lutas, de sofrimentos para que as nações adiantadas pudessem conseguir-lo. Pois bem, como homem civilizado, Caramuru transporta para o meio indígena a prática de muitos desses conhecimentos e, justamente por isso, em disse, ele presta grandes e valiosos serviços aos selvagens, concorrendo muito para civilizá-los e auxiliando a tarefa dos colonizadores portugueses.

Sérgio — O Caramuru voltou mais tarde para a Europa, não foi, não? * Tio Basilio — Alguns historiadores adotam esta versão, segundo a qual, Diogo Álvares teria viajado até à França, visitando a corte da rainha Catarina e ali baptisado Paraguassu, que adotou o nome da soberana. Isso não parece ter, porém, muito visio de verdade.

* Foi na ocasião da sua partida, que se deu o poético episódio da morte de Moema. Diogo Álvares deixava, na terra brasileira, muitas índias, por ele apaixonadas.

louca tarefa, em tão longa travessia! Muitas delas logo compreenderam ser impossível tal aventura e voltaram; porém, M o e m a, tamanho bem queria a seu amado, que não desistiu. Seus músculos rídos como a branna e o ipé da mata onde nasceu, investiam contra as ondas sem cessar; o seu corpo bronzeado, forte e belo, dotado, não teme o mar.

"Cópia multitud da nau Corre a ver o espetáculo africano (sombreada, E ignorando a seculas de es-tranha empresa, Pasma da turma feminina, que nada. Uma que as mais precede em gentileza, Não vinha menos bela que tirada, Era Moema, que de leveza icema, E já vizinha à nau se apaga no lene."

Araéli — (Emocionada) Ela conseguiu subir para o navio?

Tio Basilio — Escutem atenta-mente o que relata o poeta:

"Perde e lume dos e (pasma, trem, Páida a cor, a aspecto me- (tribulado; Com a mão já sem vigor (bolando o lene, Entre as salvas escumai des- (te ao fando; Mas, na onda do mar, que (irado freme, Tornando a aparecer desde (o profundo; "Ah! Diogo cruel!" disse com (misga. E sem mais visto ser (vou-se a'lará!."

As crianças — (Exclamando penalizadas). — Oitáda da Moema!

Tio Basilio — (Evocando a cena de tamanha emoção). Moema morrerá!... Já sua alma sulha... sulha... São lindas!... alcançando as estrelas, galgando o infinito distante do céu. Quando a noite estendeu a sombra sobre as florestas das encostas, as aves emigraram o seu cantar, as vagas sombreavam soltaças e os pedregalhos arrebentaram, guardando a câmara mortuária.

"O corpo de Moema estava ali, espedido na areia, devolvido pelo mar; cuberto em toalhão, o rosto pálido e triste, a mão inerte, postada sobre o peito. Não, porém, já não pulsava o coração, onde se abrigava um tão forte, que foi maior que o apago a própria vida.

No Próximo Sábado: "A PEDRA DE ITAPUCA"

Edição de Sábado



Bureau, Redação e Officinas:
Rua Beacora Cabral, 41 (Praça
Mina) — Telefones: Escritório:
43-1595 e 43-4888, Redação e Ofi-
cinas: 43-4333. Encadernador: Rua
General Caldwell, 318. Telefones
43-2928.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizex * Gerente: Demazir Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1942 • Num. 1393

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Anualidade pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 180 números. CR\$ 43,00
SEMESTRE — 72 nú-
meros CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 13,00



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

6.ª Palestra — A Sonâmbula De Itapuca

DE volta do cinema, tio Basílio, Sérgio, Maria Ângela e Araci caminhavam pelo calçadão. Era uma dessas noites quentes de janeiro. O luar, esse luar incomparável da Guanabara, salpicava de lentejoulas brilhantes, as cristas das ondas. Seguiam pelo calçadão que se dobrava em covelão, em frente da Itapuca, formando a praia, em seguida, a curva graciosa do Icarai.

Maria Ângela — (Apontando para o rochedo) — Olha, tio Basílio, lá está a Itapuca. Acho linda esta pedra, noite e dia, bonita pelas ondas; mas, não sei, não hoje, porque chamam-na Itapuca.

Sérgio — (Puxando o braço de tio Basílio) — Itapuca é um nome indígena, mas não sei o que ele significa.

Tio Basílio — Esse belo rochedo que se assemelha a uma coluna truncada, não teve sempre a forma que apresenta atualmente. Outrora, ele formava uma gruta que, nas marés baixas, comunicava com a praia, donde lhe vem a denominação "Itapuca", que quer dizer "pedra furada".

Maria Ângela — Não só a Itapuca é pitoresca, mas toda a natureza é bela em torno dela.

Tio Basílio — (Olhando na pedra) — Esta Itapuca faz a gente pensar nas histórias de bruxas e fadas que, por castigo, costumam transformar os seus inimigos em rochedos assim acotados, sem piedade, pelas vagas incessantes do mar.

Araci — (Chegando-se, medrosa, para bem perto do tio) — É verdade!... Assim de noite, a Itapuca assemelha-se a um fantasma!

Tio Basílio — Certa noite, eu me recordei, todo a natureza se levava nas convulsões de uma tempestado monôtona. Foi então o rougar dos trovões, eu vi, no clarão de um relâmpago, montanhas de espuma que se esboçava sobre o penedo. As ameaças do céu, aos sinos furiosos do mar, porém, a Itapuca respondia com a resistência passiva, própria dos seres condenados à resignação eterna.

Sérgio — Quando tudo aqui era aragem e não

existiam ruas, nem calçadão, nem luz elétrica, mas pitoresco ainda deveria ser este rochedo...

Tio Basílio — Toda a Baía da Guanabara é muito bonita e sobre ela, quantas coisas lindas já foram ditas! Ouçam, por exemplo, esses versos de que me recordei:

"Guanabara gentil, formosa
Onde se não de azul de
lago de fadas, leito
perfumado,
Onde a meu pátrio Rio se
despeçava."

O barão de Alencar, conhecido literato, jornalista e historiador, já recordei de não vivo, modificou o pitoresco natural deste rochedo, escreveu, no "Correio Mercantil", no ano de 1861, referindo-se a esta praia incomparável: "Como é linda a praia de Icarai em noite



A Pedra de Itapuca, vista pelo autor dos "Palestras do Tio Basílio"

de luar! Deixem-na assim sempre virgem, não a desfigurem nunca, não lhe tirem a graça! O mar ali não brinca, solta-se como uma nau-de-entre até onde quer, e a onda espiguiça-se voluptuosamente sobre a areia, como

as moças quando acordam ainda cheias de sono."

Sérgio — Tio, o que é uma nau-de-entre?

Tio Basílio — Naladas eram divindades da mitologia grega. Elas presidiam as fontes e os rios. Mas as histórias da Grécia não nos interessam agora, porque também existem muitas lendas que se inspiraram neste rochedo e entre todas, a da Sonâmbula de Itapuca é a mais cheia de emoção e poesia. Vou contar-lhe a história. Não sei bem a época em que isto se passou, há um século ou mais talvez. Havia aqui, em Icarai, uma família carioca, que possuía uma jovem muito linda, chamada Emilia. Todas as manhãs, em companhia de suas irmãs, vestida com simples calças amarelas, de fiação grossa, como usavam as pédiças banhadas daquele tempo, Emilia entregava-se aos folguedos da praia.

Nas fases sedutoras dos seus quinze anos, Emilia não tardou em despertar a atenção de um jovem que, todas as manhãs, vinha pôlar-se na praia, embriagado na contemplação da sua amada.

"Como acontecia naquele tempo, não se falavam porque não se conheciam, mas logo se compreenderam.

Basília, uma olhar à distância, para que aqueles dois corações passassem com violência. Um esforço de afeto os envolveu. Depois de algum tempo, amavam-se apaixonadamente. Amavam-se como só sabiam amar os jovens daquele tempo.

"Certa vez, tocada por um desses golpes, cuja razão misteriosa guarda o destino,

acometeu uma grande desgraça, que tornou impossível o casamento entre ambos. Emilia, com o coração dilacerado, não podendo resistir ao golpe que o destino cruel virou contra o seu grande sonho de moça, adormeceu no mar, do alto da Itapuca.

"Desde então, à meia noite em ponto, quando está claro o luar, uma visão aparece no alto da Itapuca. Chamavam-na a Bela de São Domingos e hoje é conhecida por Sonâmbula de Itapuca. Ela aparece vestida de branco como a visão de Dante; de cabelos soltos como a Virgem no Santo Espalero; e pálida como a flor de Lótus. Ao seu lado senta-se um moço, que, com a cabeça baixa e os braços dobrados sobre as pernas, parece estar com a mais profunda atenção as palavras acidentadas de tristeza, que caem dos lábios da moça.

"Ela assim permanece um longo tempo. Os seus grandes olhos pardos fitam-se no céu tristemente; uma lagrima emperla-se em seus olhos de seda, presta a desfiar-se pela face; seus lábios permanecem colados, como se quisessem selar o segredo daquela súplica muda do coração.

"O moço contempla-a com tristeza e amor; seu rosto exprime a mais sublime resignação; um sorriso melancólico erra-lhe pelos lábios como um perdido incutido. Depois, baixando-a na testa como um irmão, toma-a pelas mãos, dizendo:

"És pura de toda a culpa perna Deus. Vai, no céu me perdoará". E ambos se encaminham para o alto da pedra. U'a música suave e triste desce; a lua encobre-se, no relógio das igrejas soam três horas da madrugada. — "Ades para sempre", exclama ele, acompanhando-a com o olhar. E ela atira-se no mar!

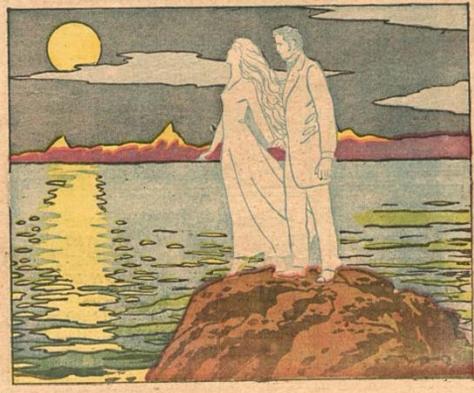
As crianças olhavam a pedra, com os olhos muito abertos, trêmulos de emoção, sem dizer palavra.

Tio Basílio, depois de uma pausa — A pedra guardará, séculos a-fora, o segredo desse romance lindo! Bastada pelas vagas, enlameada de prata nas noites caldas, a Itapuca ali permanecerá como esses rochedos colados no meio do mar, cobertos de garças, adormecidos pelo murmúrio das ondas.

E PROSSIGURAM caminhando pelo calçadão.

Ao som dos passos esdrecados batendo na calçada, correspondia o mar com o seu chuí... chuí... como um pêndulo, que marcasse as horas da eternidade.

No Próximo Sábado:
EPISÓDIO DE D. EGAS MON-
TINI DE RIBA DO DOURO



— "Ades para sempre" — exclamou ele

A sétima conferência de Tio Basílio se referia à formação do Estado Nacional Português, trazendo no seio da narrativa o que poderia ser considerado um exemplo de padrão moral para com a palavra empenhada da parte de um nobre lusitano¹¹⁵. A origem indígena da palavra Niterói e a resistência à tentativa de invasão francesa do Rio de Janeiro foram as temáticas da palestra de número oito¹¹⁶. Um outro episódio tratou do “terror cósmico” que os homens considerados primitivos tinham “frente aos fenômenos naturais”, e como tal medo teria favorecido os portugueses na guerra contra os franceses¹¹⁷. O tom ufanista permanecia na próxima palestra que enaltecia as belezas e a exuberância do “paraíso terreal” que seria o Brasil, de modo que, somando-se os atributos naturais aos “quatro séculos e meio de cultura e civilização” teriam resultado na “grande pátria de hoje”, havendo um destaque especial para a região amazônica e suas potencialidades¹¹⁸. A Décima-Primeira Palestra mantinha a pauta regional, destacando uma “Lenda amazonense”, havendo mais uma vez a referência a uma “grande pátria” e suas riquezas, diante do que o Tio Basílio lembrava que além de tais fortunas, ainda havia a “tradição histórica”, a qual registrava “feitos de heroísmo, a memória de guerreiros e o exemplo de homens ilustres”. A lenda em pauta permanecia localizada no espaço amazônica, tratando-se de um triângulo amoroso entre um índio, uma índia e um “aventureiro espanhol”, que terminava em tragédia, dando origem à vitória-régia¹¹⁹.

¹¹⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 9 out. 1943.

¹¹⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 16 out. 1943.

¹¹⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 23 out. 1943.

¹¹⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 30 out. 1943.

¹¹⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 nov. 1943.

Edição de Sábado

★★★

Suplemento Juvenil

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizon * Gerente: Denizar Villela

ANO X • Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1943 • Num. 1396

16 PAGINAS

PREÇO: CRS 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:

ANO — 106 números. Crs 45,00
SEMANAL — 73 números. Crs 23,00
TRIMESTRE — 30 números. Crs 13,00



POR MARCELO DE FARIA ALVIM

Sétima Palestra

Episódio de D. Egas Moniz de Ribá do Douro

No gabinete, onde está a biblioteca, tio Basilio voltou-se na poltrona, vendo entrar os seus queridos sobrinhos. Tirou os óculos, colocando-os sobre a escrivaninha e, com sorriso acolhedor, dispôs-se a ouvi-los, pois, logo percebera na fisionomia de cada um, que eles estavam empenhados numa questão qualquer, para cujo esclarecimento desejavam o seu concurso. E assim era.

Tio Basilio (com ar galhofeiro). — Já sei; vocês vão contar-me que vivem a Sonâmbula, no alto da Ilaputca, não é?

Sérgio (tomando atitude de fanfarrão). — Pois, eu bem que gostaria de vê-la e não teria medo, mas, a mamã quer que estejamos em casa, lá é bom.

Maria Angela (rindo-se, com ironia...). — Eu gostaria de ver a corajosa dele, acrobata à noite, se a Sonâmbula aparecer...

Todos riram-se do pequeno Tiararim.

Sérgio (Depois de um pequeno silêncio de todos). — Naquela dia em que conversamos sobre a viagem de S. Brândão à ilha Brasil, o tio disse que essa história passou-se no ano de 460. Nesse tempo já existiam portugueses?

Tio Basilio (Passando a mão pelo queixo, como se seu hábito, sempre que se vê diante de um novo problema). — A questão não é das mais fáceis, uma vez que Portugal, foi como o Brasil, descoberto por outra nação mais civilizada. A sua história perdese no passado remoto, quando os documentos, que nos poderiam esclarecer, eram muito raros, e não existiam por completo.

Araci — Mas, que gente habitava, então, as terras que, hoje, constituem a nação portuguesa?

Tio Basilio — Sabemos que os benéficos, na época chamada Antiquidade Oriental, percorreram, com seus pequenos navios, todas as costas da Europa. Também exploraram na Espanha, transpuseram o estreito de Gibraltar e chegaram, costando à Europa, até o Mar Índico, onde iam buscar o amêndoas, e os seus rastos de comerciantes.

Sérgio (Interrompendo). — Onde vieram, então, aqueles que habitaram Portugal?

portugueses reconheciam que não podiam obrigar o inimigo a retirar-se. Sôram, então, da vila a tratar com Afonso VII, propondo-lhe que levantasse o cerco, e que D. Afonso Henriques se consideraria de futuro vassallo da Coroa Leonesa. Condecedeu El-Rei de Leão, pois lhe ofereciam pacificamente aquilo que ele pretendia obter pela força das armas; e, como os cavalleiros de aquelle tempo não eram tão seguros em pontos de honra como brócos no ardo dos combates, ajustou-se que se-ria fadado da cingrentena da promessa, D. Egas Moniz de Ribá do Douro, certamente porque e respeitavam honras de caráter firme e honrado.

Quando D. Afonso Henriques se encontrou senhor do governo de Portugal, todos se esqueceram do compromisso tomado perante Afonso VII. D. Egas Moniz, porém, não desculdou de lutar de maneira a sua honra, desempenhando-se, a palavra dada.

Sérgio da mulher e dos filhos, foi apresentar-se, fiel a seu juramento, descalço e com uma corda ao pescoço, ao rei D. Afonso VII, oferecendo-se para resgatar com a morte a sua palavra nunca traida.

Maria Angela — Que pelo gesto?

Sérgio — Que coragem, hein, tio?

Tio Basilio — Sô bilim e, meus queridos, submeta! A honra é um inestimável patrimonio. Aquelles que não honram a sua palavra, são seres desprezíveis.

Araci — E o rei mandou enforcá-lo?

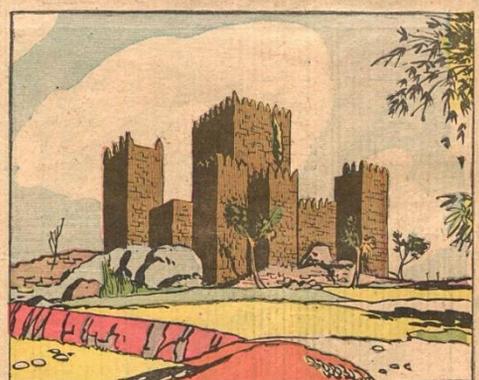
Tio Basilio — Não, Afonso VII perante o procedimento honrado e leal do fidalgo português, dispensou-o de sua palavra.

Sérgio — Mas D. Afonso Henriques "bancoou" o canalha!

Tio Basilio — Muias vezes preclamos ser condescendentes, ao julgar as personalidades da História. E o grande valor do objetivo, como seja a independência de Portugal, que, até certo ponto, desculpa o procedimento de D. Afonso Henriques. Mas, no lado da bravura do guerreiro, fôco o exemplo que nos legou D. Egas Moniz. Dos dois, ele fô o maior.

Maria Angela, durante uma conferência que D. Afonso VII teve em Sancerre, com D. Afonso Henriques, foi reconhecido a este último, o título de rei. Assim foi conquistada a independência das terras portuguesas, e se constituiu a monarquia portuguesa, da qual fô Afonso Henriques o primeiro rei. O castelo de Guimarães fô a sede da corte portuguesa.

"Estava criada uma nação — Portugal! Pequena pelo seu território, grande, porém, pelo valor dos seus filhos e pelas gloriosas façanhas que realizaram." Onde se tornou se acaba e o mar cometeu. Al está Portugal!



O Castelo de Guimarães

Araci — Quem foi esse D. Egas Moniz?

Tio Basilio — Vou relatar a vocês esse episódio, porque ele representa um dos mais belos exemplos do respeito à palavra empenhada.

"Estava D. Afonso Henriques em seu castelo, em Guimarães, foi ali cercado com forças superiores seu primo Afonso VII. Depois de resistirem por algum tempo, os

Todos Os Domingos No Cineac-Trianon "Matinées" Infantís Promovidas Por "Suplemento Juvenil" e "Mirim"

Edição de Sábado



SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Soudade Cobral, 43 (Praça
Marta) — Telefone: Escritório,
41-1800 e 21-4800; Redação e Ofi-
cinas, 43-3552; Expediente: Rua
General Calceoli, 315. Telefone:
43-2008.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Demizir Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1943 • Num. 1399



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

Oitava Palestra

O Que Significa a Palavra "Niterói"

A BARCA "Icarai", um dos vapores que fazem o serviço de transporte de passageiros, entra a cidade de Niterói e a Capital da República, fuzla a travessa da Guanabara numa destas esplêndidas manhãs de primavera, toda a natureza cheia de vida e o ar tão leve e transparente, que se percebe até os detalhes da paisagem distante.

Tio Basílio, em companhia dos seus três queridos sobrinhos, subiu para o tombadilho, donde se pode melhor apreciar o movimento da ponte e respirar, fartamente, esse ar puro do mar, tão saudável, verdadeiramente vassourada passando nos pulmões.

Maria Angela — (Apondo outra barca, que cruzava com a nossa, logo adiante da ponte de atracação) — Olhe, tio Basílio, aquela é a barca "Niterói"; ela tem o nome da cidade.

Sérgio — Que significa a palavra "Niterói"?

Tio Basílio olhou ao longe na direção do alto mar, procurando evocar aqueles acontecimentos históricos que se prendem à fundação da cidade.

Tio Basílio (Depois de pequena pausa) — Os selvagens que, antes da descoberta deste nosso belo país, habitavam estas esplêndidas paragens, denominavam "Niterói", a parte mais estreita da baía, justamente onde hoje, numa e noutra margem, se defrontam as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, chamadas do "Guanabara" a parte mais larga e interior da baía, onde desaguam os rios mais consideráveis e que está cheia de ilhas pluviosas. Daí, naturalmente, lhe veio a denominação indígena "Guanabara", das palavras "guana" e "para", significando "seio do mar".

Sérgio (com ar insistente) — E Niterói?

Tio Basílio — Historicamente estudados da língua Tupi-guarani, dão mais de um significado a esta palavra indígena. Querem uns

formar-se o vocabulo de "ny", água e "nitheroi", escondida; "água escondida", é pois, o que significa "Niterói".

Araci — E já existia aqui uma cidade dos índios com este nome?

Sérgio — (Saltando uma paraplada) — Cidade de índios! Que tola, hein, tio Basílio!

Tio Basílio — Não digo uma cidade como a de hoje, mas, poderia ser uma "taba"; este lado da baía era conhecido, entre os primeiros colonizadores, com a denominação de "Barreiras Vermelhas", região que se pode localizar, tendo por

centro a ponta, onde fica a velha fortaleza de Gragoatá. Vamos nos transportar para o tempo em que os franceses, sob a chefia de Nicolas Durand de Villegaignon, aqui fundaram a França Antártica, destinada a servir de refúgio aos calvinistas perseguidos na Europa. Foi, isto, nos primeiros tempos da nossa história, aqui chegando Villegaignon a 10 de novembro de 1555.

Maria Angela — Quem eram esses calvinistas?

Tio Basílio — Calvinistas eram chamados aqueles que seguem a religião pregada pelo reformador João Calvino, que viveu na França até 1564. O chefe dos calvinistas franceses era o almirante Coligny. Vamos, porém, deixar de lado o Villegaignon, cuja história vocês todos já conhecem; ele foi um fanático infeliz. O primeiro proprietário dessas terras, que ficavam da banda d'além do Rio de Janeiro, conhecidas por "Barreiras Vermelhas" foi o fidalggo português d. António Mariz, da família e ramo dos Marqueses, fidalgo do Reino, que servia, como era digno do seu nascimento, assim nas guerras como nos negócios políticos e civis". Conta-se que pelejou sempre mal favorecidamente em todas as guerras e morreu em ação contra os índios.

Araci — Eu vi este nome naquele romance "O Guarani", que o senhor me enviou. D. António Mariz era o pai de Ceci.

Tio Basílio — Bravo, querida, pela sua excelente memória e percepção! Foi justamente a vida desse fidalgo que o nosso grande José de Alencar romantizou em seu belo livro intitulado "O Guarani". D. António Mariz estivera antes em S. Vicente, passando-se em 1597, com sua mulher, D. Isabel Velho, para o Rio de Janeiro.

Araci (Com admiração) — Também essa d. Isabel aparece nesse romance, o mais bonito que já conheci.

Tio Basílio — José de Alencar é um primoroso escritor, que deve ser muito lido pelas jovens brasileiras, porque, nas suas obras se encontram uma bela linguagem, histórias cheias de poesia, períodos cheios de nitidez, o emérito romancista escreve sobre assuntos genuinamente nacionais e bem brasileiros, mantendo os motivos que se prendem à nossa formação histórica, aos usos e costumes dos nossos indígenas, como se pode admirar nessas lindas histórias que são "O Guarani", o "O Tronco do Ipê", "As Minas de Prata" e "Iracema" ou a aspectos da sociedade brasileira, como descreve em "Luciola".

Sérgio — Foi, então, d. António Mariz que iniciou esta cidade?

Tio Basílio — Não, d. António nem se fixou aqui. Pouco mais tarde, em 1567, ele e sua mulher renunciaram à posse dessas terras, as quais foram doadas pelo governador Mem de Sá, ao grande Ararigóbia, chefe dos índios tupinâmicos, fiel aliado dos portugueses nas guerras contra os invasores franceses. Foram prestados os serviços prestados pelo grande chefe indígena. Foi ele o fundador desta grande e bela cidade de Niterói, bem digna dessa referência que lhe fez o poeta Gonçalves e Magalhães:

"Aquela que ali vê na
límpida margem,
A linda Niterói será
[chamada]"

NESTE ponto da palestra, a barca tocava à margem oposta e atracava na ponte do calç. Fluviat. Era precisamente dez horas



Ararigóbia, chefe dos índios tupinâmicos, fiel aliado dos portugueses nas guerras contra os invasores franceses

Edição de Sábado

★★★

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto
Diretor: Adolfo Alzam * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1943 • Num. 1402

16 PAGINAS

PREÇO: CRS 0,40 cts.
(400 REIS)

Instituição pelo correio para qualquer parte do Brasil:

ANO — 156 números — CRS 45,00
SEMESTRE — 75 números — CRS 25,00
TRIMESTRE — 52 números — CRS 13,00



Palestras com TIO BASILIO

Por MARCELO DE FARIA ALVIM

9ª. Palestra — Episódio Das Canoas

DESDE as primeiras horas da manhã, que o tempo apresentava aquela cara de poucos amigos. Nuvens escuras foram se ajuntando no sudoeste, como um exército que surge e toma posição de combate. Ali pelas duas horas da tarde, desceba um aguaceiro terrível, como se abrissem, nos céus, todos os mananciais.

Na sala de jantar, de frente à vitraço, Tio Basílio, Araçá, Sérgio e Maria Ângela apreciavam a tempestade.

Sérgio (com ar preocupado) — Lá se foi o nosso lindo programa de sábado!... Disse que não há sábado sem sol, domingo sem missas e segunda sem preguiça, mas hoje que não se pode contar muito na sabedoria dos provérbios...

Maria Ângela (com um sorriso zombeteiro) — Acontece, entretanto, que a sabedoria do provérbio para não ficar em falta, estabelece colossal compensação, e a preguiça, que está sempre firme na segunda-feira, conserva o seu prestígio pela semana a fora...

Riem-se as crianças.

Araçá (olhando o Sérgio de esguelta e com perdidia) — As vezes as notas nas provas parciais são tão ruins, que até o sol fica com vergonha de dar as caras...

Tio Basílio — Ah!... Ah!... Ah!... Então, está de pe toda a sabedoria: semana de fadiga, sábado sem pastéis!

Sérgio (Procurando uma saída para a sua embaraçosa situação) — Não é nada disso! É que o homem propõe e Deus dispõe...

Tio Basílio — ...e a supremacia sabedoria é a de Deus.

Neste momento, um relâmpago fortíssimo clarouu toda a sala, ouvindo-se pouco depois um violento trovão. Não, que fez trepedarem as vidraças e sacudiu a casa

todo. Quando cessou o momento, todos encontravam-se no meio da sala, um bo-

Tio Basílio — Conservamos esse terror cósmico, que tem origem a todas as religiões primitivas. O homem ignorante, frente aos fenômenos naturais, cuja causa desconhece, vê neles a manifestação de seres sobrenaturais, com os quais po-

Araçá — Não sei porque todos sentem tanto medo do trovão e do relâmpago...

Tio Basílio — Quando ouvimos o ruído do trovão, já cessou o fenômeno elétrico e com ele o perigo. O trovão é apenas a descarga violenta das camadas do ar, com a passagem da falca.

Araçá — Primeiro veio o relâmpago, só depois o trovão.

Tio Basílio — É' que a ve-



—apavorada, começou a gritar que era artil dos portugueses, para abstrair todos os índios.



Está à Venda o
Volume 30 Da
Biblioteca Mirim



Está à Venda "Dato Donald e Juas (Dez) Venturas" Volume 30 Da Nova Biblioteca Mirim

Edição de Sábado

SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Escritório, Redação e Oficinas:
Rua Bandeira Cobral, 48 (Praça
Mauá). Telefones: Escritório,
45-1105 e 28-4489; Redação e Ofi-
cinas, 42-8522; Encadernação: Rua
General Calzadell, 218. Telefones,
42-2925

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Diretor: Adolfo Aizax * Gerente: Denizar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1943 • Num. 1405

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 106 números. CR\$ 45,00
SEMEESTRE — 53 nú-
meros CR\$ 23,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 13,00



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

Decima Palestra Amazônia Misteriosa e Cheia De Poesia

NO Rio de Janeiro, em manhã fresqueta pelo seu primavera, as matas que revestem as montanhas, temem um colorido leve, indicado a pajuça do sol, fecundado pelo calor e pelas chuvas de Outubro.

Tio Basílio e os seus queridos sobrinhos contemplam, da praia, o paisagem de lindos contrastes, que cotestam a Guayabara.

Maria Angela (Quebrando o silêncio) — Se o Brasil, todo ele, fosse bonito assim!

Tio Basílio (Com firmeza e ênfase) — ... Pois o Brasil é, todo ele, assim! "Se o paraíso terrenal existe em alguma parte da terra, creio que não deve ser longe destes países..." Pois esta a impressão de Américo Vespúcio, quando aqui esteve em sua expedição de 1498. Julhem vocês agora a exuberância dessa imensa terra virgem, 440 anos de trabalho, de lutas gloriosas pela sua defesa;

quatro séculos e meio de cultura e civilização e terão vocês a grande pátria de bofet O Brasil é terra generosa desde o monte Roraima, na fronteira ao Norte, até o arvore Chulí, no extremo Sul; desde a Ponta das Pedras, no Nordeste, até o rio Javari que, no Oeste, vem salvar a Amazonas quando este transpõe a fronteira para formar, no Brasil, a mais vasta e opulenta bacia hidrográfica do mundo.

Sérgio (Tomando-se de interesse). — Não há nada que eu deseje tanto como fazer uma longa viagem pelo Amazonas!

Araci (Abrindo muito os olhos como fazem as crianças, quando põem-se a imaginar). — Deve ser um passeio maravilhosamente belo! Visitar pelo rio, em um navio; conhecer todos os seus afluentes e lagos que os margens; admirar, de lado a lado, as grandes florestas tropicais...

Tio Basílio — ... E conhecer a Amazônia é quase um dever! Você, está certo, certamente encantado se visitassem essa região opulentamente rica, que se chama Amazônia, fundada a ser um

Brasil seria o país mais rico do mundo.

Tio Basílio — Podemos a seguir a lendas do "El Dorado" como um valcaino a indicar a região imensamente rica que, em futuro próximo, será a Amazônia. E mesmo provável que a riqueza deixará de ser avaliada pelas reservas de metal ouro passando a ser representada diretamente pelo trabalho e pela produção da terra e da indústria. Se assim acontecer, a Amazônia será mesmo o "El Dorado". E preciso, porém, levar àquela terra maravilhosas e recargas da civilização; o braço trabalhador, a máquina, a técnica e a inteligência operante dos brasileiros. O resultado não virá para os meus dias, mas

Tio Basílio — A imaginação dos primeiros exploradores secuciosos de glórias e ambiciosos de riquezas, focalizou si o "El Dorado", país lendário, onde os palácios eram cobertos de ouro.

Sérgio — Se existisse o "El Dorado", no Amazonas, o

para os da juventude, fonte abençoada de energias, onde a pátria se revigora, em cada geração nova.

Sérgio — Vê-se, pelo mapa, que a bacia do Amazonas ocupa grande parte do Brasil.

Tio Basílio — Ela é tão vasta como sete vezes a superfície da França. O grande sábio e naturalista Humboldt calculou-a em oito milhões de quilômetros quadrados; extensão que o geógrafo francês, Eliseu Reclus reduz, em seus cálculos, para 6.430.000 quilômetros, dos quais 3.000.000 estão em território brasileiro. Calculem vocês o que seria isso transformado em campos cultivados! Muito mais do que um simples "El Dorado"!

Araci — Por que deuse ao grande rio o nome de Amazonas?

Tio Basílio — Segundo a tradição grega, transmitida pelo poeta Homero, na sua obra imortal, a Ilíada, existiam na Grécia, habilitando nas margens do Thermidón, mulheres guerreiras que usavam quimón o seio direito, para melhor manejar, a cavalo, a lança, e o arco. Chamavam-se amazonas, o que significa — "sem seios". Pois bem: o explorador Orellana, partindo do Peru, rumo ao Este, conta ter sido atacado por uma tribo de mulheres guerreiras, que combatiam, montadas a cavalo, como as amazonas da Grécia antiga. A esse episódio, deve o rio o seu nome: Rio das Amazonas, ou simplesmente Ama-

zonas. A imaginação fértil dos aventureiros encarregados de completar a história, que tem bem pouco visão de verdade, uma vez que nunca mais houve notícias de tais guerreiras.

Maria Angela — Em que região do Amazonas se encontram elas e o rio?

Tio Basílio — Conta-se que as amazonas moravam junto de um lago romântico, chamado Espelho da Lua, nas margens do famoso Ithamunda; que embora fossem elas feroces guerreiras, no tempo chamado dos amores, usavam posearizar os seus apaixonados, no lago da Lua, com um amuleto sagrado, "miracilian"; as qua mirbulam o poder de mantê-lo sob o império dos seus corações.

O "miracilian" era uma jóia rústica feita de uma pedra verde-cinza, trabalhada com espirais, em relevo. A lenda das índias carabaieras serviu não somente para dar nome ao maior rio do mundo, mas, ainda a lenda que, por que se estende a sua bacia hidrográfica — a Amazônia.

Sérgio — O Amazonas é um rio tão grande, que a sua largura chega a ser de... 13.000 metros, junto a foz do afluinte Xingú; a sua profundidade alcança até doze metros, podendo ser navegável pelos grandes navios.

Maria Angela — Filizão o chanou "Mir-ouze", quando o descobriu, em 1500.

Tio Basílio — Muito bem! Criei interesse de ver esse interesse pelo Brasil! Pois não foi menor a impressão, que teve o grande médico Dr. Lallemand; do nosso majestoso Amazonas. "Fica a gente — disse ele — surpreendida e pergunta se o próprio mar não deve a sua existência a esse rio, que lhe traz incessantemente o tributo das suas águas!"

As crianças — (falando a um tempo só). — Eu quero visitar, um dia, o Amazonas! **Tio Basílio** — E a Amazônia não deve ser estimada ao pelo seu grande significado econômico; mas, também pelo valor científico da sua flora e da sua fauna, variadíssima; pela atração turística da sua incomparável natureza e ainda pelo encanto das suas lindas lagoas e cheias de terrura. Eu gostei, por exemplo, dessas histórias de "parás", que residem em palácios, no fundo verde das águas; de botões, que se transformam em príncipes para estranar as donzelas; de rios que se formam com as lágrimas da Lua; de bojinás, que singram o rio em noites caliginosas... Acham encantadora a história daquela índia apaixonada, que transformou o seu amado, em uma "lírica-regia..."



— Deve ser um passeio maravilhoso; conhecer todos os seus rios, lagos e florestas tropicais.

Edição de Sábado



Redação, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mauá). — Telefones: Redação, 41-1904 e 41-4400; Redação e Ofi-
cinas, 43-5532; Encadernação: Rua
General Caldeira, 218. Telefones:
42-2928.

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aizen * Gerente: Dennis Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 6 de Novembro de 1943 • Num. 1408

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números. CR\$ 48,00
SEMESTRE — 75 nú-
meros CR\$ 27,00
TRIMESTRE — 36 nú-
meros CR\$ 12,00



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

Décima Primeira Palestra LENDA AMAZONENSE

Pela manhã, antes de tomar a baroa para o outro lado da Guianabara, tio Basílio tem sempre dois dedos de prona na sola onde se acha a biblioteca, sentados ao redor da mesa grande, no meio desordenado de campêdas, cadernos e di-

Tio Basílio: (sandando, com um gesto largo) — Meus caros, muito bom disto! E hoje aqui para ver em que abarba ainda a vadilho...

Sérgio: (destruindo sobre uma folha de caderno, cheia de expressões algébricas) — Viduação, hein!... A "pátria" aqui está mesmo "de amargar", pois tiremos duas novas parcelas, nesta semana.

Araci: A minha segunda prova será de História do Brasil.

Maria Ângela: Se eu tirar um ponto "camarada", pretendo escrever muitas coisas sobre o meu belo "País das Palmeiras".

Tio Basílio: Sim. "PINDORAMA", que significa País das Palmeiras, era a denominação dada ao BRASIL, pelos indígenas.

Sérgio: Quando eu digo BRASIL, reitro-me a grande pátria de hoje, com as suas cidades colossais, onde os "arranha-céus" parecem formigas gigantes de estalagmites; com os seu imenso Parque Industrial de S. Paulo; com as cochilhas povoadas de rebanhos; com as usinas de aquar de Ferrambuco; com as estradas de ferro atravessando cânions; com as usinas metalúrgicas de Minas Gerais; com os altos fornos de Volta Redonda; com os aviões da F.A.B. rondando sobre as cidades...

Maria Ângela: Para mim, PINDORAMA é a pátria cheia de avocetes, colidada na simplicidade da vida selvagem, no panorama da terra virgem; Lenda palmeiras baloiçando frondes, no sabor da brisa, em manhas de sol... Prada de areia vivacenta, que se estendem a perder de vista... Ilhéus cobertas de floresta espessa, onde o irapuri vem cantar e os velhos boqueiros, no tempo da paz, relatam façanhas guerreiras, sob a copa colorida dos ipês...

Sérgio: Você acha, Maria Ângela, que eu posso fazer os

como os de Guararapes, de Tuiuti, Riachuelo, Avaí; e a memória de guerreiros como Negritos, Camarú, Fernandes Vieira, Osório, Cixias, Tumandari, e o exemplo de homens ilustres como José Bonifácio, Cabri, Rui Barbosa, Rio Branco, Rondon, Patrocinio, Nabuco... Nossa PATRIA é linda o acervo das nossas leis, a bela língua, que falamos; as nossas tradições que são raízes profundas, que as gerações de agora lançam no passado.

Sérgio: Vejo que você tem razão. Quando consideramos o BRASIL desde o princípio da sua história, parece-nos que há quinhentos anos o trzemem em nossas covinhas.

Tio Basílio: E algum assunto poderia impressionar mais agradavelmente a nossa sensibilidade do que essas lindas histórias, que enchem o folclore indígena? O in-

dió não é como as feras bravias; o seu espírito tem expressões incomparáveis nas quais, a bravura aparece no lado das dedicações extremadas, dos arrojos de afeto, do amor, cheio de ternura. Aqui tem vocês um exemplo neste pequeno romance: Quando as primeiras expedições portuguesas e espanholas penetraram pelo vale do Amazonas, uma tribo, a dos Canuri, habitava a margem do famoso Khamundá. A essa tribo pertencia uma índia jovem e muito formosa, de olhos muito negros e penetrantes; esbelta e ágil como a corça e tão graciosa, que os mais belos guerreiros da tribo a cobravam.

Numa tarde, o sol havia baixado. A jovem canuri deixara no rio a canoa que seguia com ela a corrente das águas, quando ouviu um estranho assobio. Baixou na margem, amarrando a canoa e penetrou na mata, à esquerda. Camuflando-se com os ramos, não tardou a encontrar um homem alto, de belas feições espanholas, de pele clara como a luz.

O estrangeiro, vendo-a, deu um passo em sua direção, mas, a índia recuou, esmagada. Uma flecha partiu do seu arco e foi cravar-se no ombro do jovem espanhol. O sangue jorrou e ele caiu sobre as folhas úmidas da floresta. A jovem canuri fugiu na canoa, mas, a fisionomia do aventureiro fixara-se na memória dos seus olhos negros.

Uma noite, quando todos dormiam na rede, a jovem sentou-se na rede, não podendo conter as pulsões ligadas do coração. Ela pensava

no aventureiro, que deixara ferido, na mata distante. A bela canuri correu os olhos ao redor; a taba estava quieta. Ela, então, espreto-se de manso, saltou na escuridão e partiu.

— Não — disse ela, a canuri — não deixa morrer o estrangeiro. Seus olhos são doces como o canto de Fadas; seus dentes são brancos como os grãos de milho alanda verde; ele tem na pele a cor de sua...

Chegando ao local em que encontrara o espanhol, saltou da canoa. A luz pálida do luar, ela distinguiu o corpo do aventureiro. Baixou sobre ele e pensou-lhe a feição.

— Estrangeiro — disse ela — a seta que te feriu a cabeça, talvez também me feriu. Tens olhos tão doces como as estrelas do céu. O coração da virgem que te vê, nunca mais dorme no peito, mas, bate líctico como as asas do guanambi.

O aventureiro, que já conhecia a língua indígena, respondeu-lhe: — Tu és doce como os frutos das palmeiras. Tu olhas desde sobre mim como se não tivesse certeza do lugar.

A jovem canuri ficou surpreendida ouvindo o homem branco falar-lhe na sua língua. Os lábios não podiam formular resposta e a indiazinha sentiu-se cheia de uma felicidade imensa. Havia um silêncio profundo na mata.

Quando a manhã veio surgindo e o vento começou a agitar as covinhas das palmeiras, a jovem canuri saltou na canoa e regressou à taba. Escondendo-se na rede, mas, seus olhos cerrados continuavam vendo os olhos negros do aventureiro; os seus guizados guardavam a memória da sua linguagem.

— Caliti, Caliti (a sua nova) — disse ela, com os olhos voltados para o céu, o estrangeiro se apoderou da escorção da virgem canuri. Sem que os da tribo desconfiassem sob o protesto da manhã, todas as tardes a índia descia o rio e a bela canuri encontrava-se com o estrangeiro.

Havia, porém, na tribo, um jovem guerreiro filho do cacique que sentia pela indiazinha grande afecção. Começou a notar que ela já não o escutava, como dantes, enveredada, pondo os olhos na esteira da tarde.

Um dia, quando a canuri desceu o rio ela seguiu pela orla da mata. Através dos troncos e dos cipós, viu a indiazinha e o aventureiro felizes e descalçados, em juras de amor.

Na alma bravia do selvagem nasceu o ódio e a vingança.

Justamente naquela tarde o aventureiro, sem dizer uma palavra, despendeu-se pela outra vez. Deveria regressar no acompanhamento dos seus, contar o que sabia sobre a tribo e cair sobre ela numa cordida.

CONTINUA NA



As águas do rio lhe pareceram tristes e a natureza em novo silêncio

Na Décima-Segunda Palestra, “o Amazonas voltou a ser o tema da conversação”, referindo-se o palestrante à grande quantidade de narrativas realizadas sobre tal região, vindo a citar uma versão lendária e outra científica acerca da origem de tal curso de água, enfatizado também as suas belezas naturais e sua gigantesca extensão¹²⁰. Mais uma conferência entre o tio e seus sobrinhos versou novamente sobre lendas indígenas, em referência a uma língua de origem tupi-guarani¹²¹. Na palestra de número quatorze, o Tio Basílio voltava a enunciar um dos princípios básicos da ditadura estado-novista, afirmando que “a glória da pátria” se embasava “na seiva vigorosa da juventude”, assim como comentava o tema de sua nova fala, mais uma vez relacionado com a Amazônia, tecendo considerações acerca dos trabalhos científicos em tal região, notadamente quanto aos resquícios de natureza cerâmica¹²². A próxima fala abordava o papel dos naturalistas nos estudos a respeito da região amazônica¹²³. A penúltima palestra enfatizou as negociações para a divisão territorial entre portugueses e espanhóis, com destaque para as bulas papais e o Tratado de Tordesilhas¹²⁴. Na derradeira conversa do Tio Basílio com seus sobrinhos, prevaleceu o conteúdo religioso da época natalina, bem como ficava manifesta certa esperança para com as crianças que sofriam com os males da guerra, havendo também a despedida do palestrante¹²⁵.

¹²⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 13 nov. 1943.

¹²¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 20 nov. 1943.

¹²² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 27 nov. 1943.

¹²³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 4 dez. 1943. A 16ª Palestra não está disponível.

¹²⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 18 dez. 1943.

¹²⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 25 dez. 1943.

Está à Venda "Dato Donald e Suas (Dez) Venturas" Volume 30 Da Nova Biblioteca Mirim

Edição de Sábado



SUPLEMENTO JUVENIL

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts. (400 REIS)

Bibliotecas, Loja e Oficinas Rua Acadêmica Cabral, 43 (Praça Mauá), Telefones: Escritórios, 45-1063 e 21-4889; Redação e Distribuição, 45-5532; Encadernação: Rua General Cidáwell, 313. Telefones: 45-3024

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS Superintendente: Luis Carlos da Costa Netto Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Demétrio Villa

A N O X • Rio de Janeiro, 13 de Novembro de 1943 • Num. 1411

Anúncios pelo correio para qualquer parte do Brasil: ANO — 126 números CR\$ 45,00 SEMESTRE — 75 números CR\$ 25,00 TRIMESTRE — 35 números CR\$ 13,00



Por MARCELO DE FARSA ALVIM

Décima Segunda Palestra

ORIGEM DO RIO AMAZONAS

PARDE abatada de Novembro. Na sala de jantar, sua Sônia sorria o café. O Amazonas voltou a ser o tema da conversação.

Tio Basílio: Muitas coisas foram escritas sobre essa esplêndida região, que se denomina Amazônia. Sábios notáveis como Humboldt, Agassiz, Martins, Rodas e Squire, estudaram-na, sob variados aspectos científicos. Até Julio Verne, romancista conhecido do mundo inteiro, escreveu sobre o nosso grande Amazonas um livro intitulado "A Jangada", por sinal, bem interessante; mas, entre tantos que se ocupavam desse assunto, nenhum foi mais completo, nem tão interessante como Raimundo de Moraes, cujos livros se recomendam a todos, que desejarem conhecer esta vasta beca fluvial, a qual está reservada o mais grandioso futuro.

Sérgio: Não sei onde o Amazonas vai buscar tantas reservas líquidas para despejar no Atlântico-ocidental mil bilhões cúbicos de água, por segundo...

Tio Basílio: (sorrindo com malícia). — Os índios também esbarraaram de diante dessa questão e a sua inteligência primitiva, não dispondo de nenhum recurso para uma investigação científica, resolveu-na, com a imaginação, contando a seguinte história:

"Ha muitos anos, a Lua era nova do Sol.

"E chegaram a casar-se, porém, o mundo seria destruído: o amor ardente do Sol abraçaria o mundo e a Lua, com suas lágrimas, inundaria a Terra..."

"A Lua despertou o fogo: o fogo faria evaporar a água. Não poderiam casar-se, pois, separaram-se, então, a Lua para um lado, o Sol para outro.

"A Lua chorou todo o dia e toda a noite, e foi, então, que as lágrimas da Lua co-

reram por cima da terra até o mar.

"O mar embraveceu e por isso, não pôde a Lua misturar as suas lágrimas com as águas do mar, as quais, muito ano correu para cima, muito ano para baixo. Formou-se a lagrima da Lua que deram origem ao rio Amazonas."

— Estão satisfeitos com a explicação?

Sérgio: Felizmente não acho como os índios e disponho de recursos científicos para interpretar melhor os fatos que se verificam na natureza.

Tio Basílio: (sorrindo). — Diga lá, então, como a ciência explica a origem desse grande rio, cujas imensas reservas de água, sem cessar, despejam-se no oceano...

Sérgio: As águas que alimentam o Amazonas percorrem um caminho semelhante à trajetória de uma correa sem fim, girando em torno de duas polias — uma estaria nos Andes e a outra no mar, em frente a Fernando de Noronha, no sentido do Oriente para o Ocidente.

Tio Basílio: (com satisfa-

ção). — Bravo! É magnífica a sua imaginação!

Sérgio: (desafiando o sorriso de despeito de Maria Angela). — Os vapores sobem da massa líquida do Oceano e os ventos alísios impulsionam na direção dos Andes, através do continente. A eles se junta a grande evaporação de toda a bacia do Amazonas, dos seus grandes rios afluentes e dos lagos. Tudo isso, vai esbarrar-se e condensar-se em neve e gelo, nas regiões íngremes da cordilheira andina, para depois ocorrer, sob a forma de geleiras e nevas, e retornar, liqüetido, em milhares de correntes, à planície e ao mar.

Maria Angela: (com um aranhão de ironia). — Pois eu gosto mais da explicação dos índios. Prefiro o mundo criado pela imaginação e pela poesia a este construído pela ciência que o cria como Saturno, para devorá-lo, em seguida, em guerras tremendas como esta de que fomos impelidos a participar.

Tio Basílio: Estou de acordo, ali certo ponto, com a Maria Angela. Com efeito, todo o imenso recurso da ciência deveria ser posto a serviço da paz e concorrer para aumentar a felicidade entre os homens; faz-lo, mais amigos, mais leais, menos ambiciosos, tornados-os, por amor de Deus, mais jus-

tos e fraternais. Tenho, entretanto, a convicção de que a humanidade caminha nessa senda. O saber leva-nos a um conceito cada vez mais elevado da vida, por isso, é bem provável que essa região imensa, a Amazônia, que agora desperta e se organiza, possa dar os recursos inestimáveis das suas terras fertilíssimas a uma humanidade melhorada.

Araci: Para uma região rica como é a Amazônia, percorrida por um rio majestoso como é o Amazonas, deve estar reservado um grande destino...

Tio Basílio: E você tem razão... Da que prinar um cenário tão grandioso! O rio tem por berço a planície da imponente cordilheira dos Andes, ha quatro mil metros de altitude. Partindo do lago de Lauri, começa o seu percurso com um rio das montanhas, estrangulado aqui e acolá, pelas cordilheiras. O leito ora se alarga e se envasa, ora se aperta, correndo entre penhascos de rochedos cortados a pique, formando estreitos canais, que lhe imprimem fantásticas velocidades. Em certos pontos precipita-se o rio de garganta com mais de cem metros de altura, como acontece quando ele vence o passo boquierto chamado Pungo de Manseriche.

Araci: É um maravilhoso espetáculo!

Tio Basílio: Quando o Amazonas alcança a fronteira do Brasil, depois de um percurso acidentado de dois mil e quatrocentos e seis quilômetros, em território peruano, ele parece fatigado da tormentosa jornada e então se estende e se espreguiça nas vastas infundadas da Amazônia.

Resta-lhe ainda em nosso país, um percurso de três mil cento e sessenta e cinco quilômetros, partindo de Tabatinga até a foz do rio Pará.

Que cenário esplêndido! "A Amazônia, descreve-a Raimundo de Moraes, é um inesgotável repostório de águas doces, vivas, cantantes, que saltam e desluzam, sob a luz crua do Equador, desde as cachoeiras rugidoras nas encostas de pedras aos lagos serenos. Com a bacia imensa, retalhada de rios, cortada de angras, listada de furos, os paraisos e os lagos se trançam, se ligam, se anastomosam no mais complicado e bizarro anarchofluvial do planeta. O quadro hidrográfico, extraordinário, original, sobryota certamente ao da própria terra que o envolve na molduragem recortada de serras e cordilheiras".

O Amazonas, a maior via fluvial do mundo, abre para a civilização as portas da Amazônia.



O Amazonas, a maior via fluvial do mundo, abre para a civilização as portas da Amazônia.

Edição de Sábado



Director, Redação e Officinas:
Rua Secadora Cabral, 43 (Praça
Mauá). Telefones: Secadoras,
43-1965 e 23-8938; Redação e Ofi-
cinas, 43-5382; Encadernação; Rua
General Cipollini, 219; Telefone,
42-2920

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos de Costa Netto

Director: Adolfo Aizem * Gerente: Dentar Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1943 • Num. 1414

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 186 numeros. CR\$ 65,00
SEMESTRAL — 73 nu-
meros CR\$ 32,00
TRIMESTRAL — 36 nu-
meros CR\$ 13,00

Palestras com TIO BASILIO

Por MARCELO DE FARIA ALVIM

13.ª Palestra — O nhehengatu

Tio Basilio prometeu satisfazer a curiosidade da Araci, mostrando-lhe uma lenda indigena, contada no proprio idioma falado pelos antigos selvagens; e, terminando o jantar, se dirigiu, com os meninos, a sala, onde está a biblioteca. Ele não escondia a satisfação de ver que, cada vez mais, os seus amiguinhos mostravam-se interessados pelos costumes brasileiros.

Tio Basilio: (abrindo a porta da sala) — Esteljam certos de que podemoz nos regalar da bela lingua que falamos; o português. Entre tantos idiomas, vivos ou mortos, falados pelos povos, o nosso é, fora de dúvidas, dos mais ricos. Grande é o número dos seus vocabulismos deuses e serafins, procedendo de palavras de outras linguas, possuindo a nossa lingua recursos para exprimir os pensamentos mais sutis da que é capaz a intelligencia humana.

Araci: O que vem a ser lingua morta?

Tio Basilio: (dirigindo-se a Sérgio) — Vamos meu rapaz, explique a sua irmã o que se entende por lingua morta.

Sérgio: (gaguejando para conceber) — Lá... lingua morta chama-se aquela que já não é falada por nenhum povo contemporâneo, tal como o latim, que foi a lingua usada pelos antigos romanos.

Tio Basilio: É isto. Devido a influencia politica do Imperio Romano e tambem pelo valor dos seus homens de letras, o latim, exercendo influencia preponderante na formação dos idiomas falados pelos povos que sofreram o jugo romano. O português, o castelhano, o francês, e o italiano são, por isso chamados latinicos. Durante muitos séculos, os sábios de todo o mundo ocidental, adoraram-no para escrever as suas obras, como uma lingua erudita universal. São tambem linguas mortas, o hebraico, o grego antigo, o sânscrito...

Maria Augusta: (interrompendo) — ... o sânscrito?!

Tio Basilio: sim, o sânscrito, que foi a lingua sagrada, falada pelos brahmanes, membros da casta sacerdotal indiana.

Entre as linguas vivas, a mais rica e das mais ricas e bellas, contendo recursos para exprimir os pensamentos mais profundos da ciencia e as mais bellas imagens da

simplicidade da vida, que ele reduzia quase ao padrão da pobreza; a intelligencia profundamente culta, tornavam uma criatura de vida quase puramente espiritual.

Numa tarde, conversaram sobre Goethe, cujas obras ele sabe comentar e



A onça diz-lhe que despa...

rho de um estrangeiro, grandemente sábio e gracioso: "Conceci a ganhar a minha vida como professor em um collegio dirigido pelos padres da Congregação do Verbo Divino, que tem a sua casa matriz na Holanda. Foi isto precisamente, ha vinte annos, que o rei, nesse tempo, e reverendo Agostinho Jansen, um homem de vasta cultura e que está, presentemente, na China, como reitor da Universidade Catholica.

"En gostava, em longas caminhadas que fazamos pelo pátio, de ouvir esse homem e qual a grande modestia, o coração bonissimo,

conhece quasi toda de cor. A certa altura, referiu-se a "Fausto", o immortal poema dramático de Goethe, recitando trechos, era no original, ora da traducção feita pelo mesmo grande António Feliciano de Castilho. Foi quando ouvi dele, que falava corretamente vários idiomas, inclusive o português, essa observação de que me recordei a propósito: — "Confesso, disse o padre Jansen, que acho o celebre poema de Goethe, na sua versão portugueza, por Dastilho, mais bello do que na sua lingua original".

"Vejam voces de que recursos é capaz a nossa incomparavel lingua! Na formação complexa do português, entram elementos, que lhe vieram do latim, do grego, do árabe, para somente citar os que mais influenciaram, ainda accrescidos das palavras que aprendemos dos escravos africanos e da

lingua falada pelos nossos selvagens.

Maria Augusta: Como se chama a lingua falada pelos nossos Indianos?

Tio Basilio: Frequentemente, ouvimos dizer lingua tupi-guarani; mas a verdade é que essas palavras, entre os selvagens designavam não a lingua, mas as duas grandes familias aborigenas. É facil de compreender, que os indios, pela sua intima condição de civilização, desconhecendo a existência do resto do mundo, não concebiam, que pudesse existir outra lingua, que não fosse aquela por eles falada, a qual, por isso, chamavam "Ara-Nhehengatu", que significa "lingua de gente". Tudo o mais era para elles, como o ruir da oca, e o cantar dos passarinhos.

Araci: Eu gostaria de ouvir falar em "Ara-Nhehengatu".

Sérgio: Isto aqui no Rio deve ser um bocado difficil.

Tio Basilio: Mas poderemos pelo menos, ler uma lenda indigena, escrita no idioma Nhehengatu, os tupi, tal qual como nós a transmitte o general Couto Magalhães, trasendo a traducção portugueza em baixo das expressões indigenas, em Nhehengatu. Vejamos:

Iauti Iairi Iauaraeté Jaboti e de novo a onça

Posto em cima de arvore, de onde Jaboti pelo podem deitar, e araci, vendo ali a onça com nome, a situação do Jaboti era critica.

A onça diz-lhe que despa; ele compreendeu que, se recusasse, a onça saltaria e o agarrava lá; por isso pediu a onça para appare-lo com a boca o que esta fez de boa vontade, pois era o modo certo de comer o jaboti. Esta, porém, em vez de saltar-lhe na boca, saltou-lhe no focinho e assim matou-a.

Neste episodio, o pensamento parece ser este: a intelligencia unida á ouca vence situações que parecem desesperadas.

Iauaraeté	olouánu	áruipi	Iauaraeté	omahá	luatê	ketê	xipia	Iauti	têté
A onça	aparece	por ali.	A onça,	olhou	cima	para	viri	o Jaboti	colado
onhehé	qualé	— O Iauti,	mahá	rupi	reipipi?	Iauti	ouarara—	I	
de fruita	de fruita	arvore por.	A onça	fome	com	repliou:	Dáça!	O Jaboti	
qual	onhehé:	Requanti	ixé	apápe;	Repirari	ne	Iuri,	inti	a rama
nasim	nasim	nasim	nasim	nasim	nasim	nasim	nasim	nasim	nasim
Ialpe,	Iauti	apáraná,	otucá	Iauaraeté	tin;	Omaná	Iurupari,	I	
chão no	O Jaboti	pulso	foi de encontro á	onça,	so	focinho;	Morra	a	diada,
Iauti	opari	nham	lêca	riré	âna,	olunca	âna	memi.	Aramé
O Jaboti	esperou	até	apodrecer	depois	de,	e	tiron	sua	fruta.
aná,	opeti	I	memi,	qualé	onhehengari:	Iauaraeté	cáuera	cereme	memi.
de,	tocava	sua	fruta	nasim	callava:	Da onça	o	oco	é a
hi—	hi	hi	hi	hi	hi	hi	hi	hi	hi
hi—	hi	hi	hi	hi	hi	hi	hi	hi	hi

Está à Venda "Dato Donald e Suas (Dez) Venturas" Volume 30 Da Nova Biblioteca Mirim

Edição de Sábado



Editorial, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 83 (Praça Mauá). Telefones: Esportivo, 43-1865 e 23-4892. Redação e Oficinas, 43-1865. Encadernação: Rua General Caballero, 119. Telefones: 43-2928

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luis Carlos de Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Denizar Villela
A N O X • Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1943 • Num. 1417

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cta.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para qualquer parte do Brasil:
ANO — 126 números, Cr\$ 62,00
SEMANALMENTE — 28 números Cr\$ 8,00



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

14.ª Palestra — Arte Marajoara

TARDE quente dos últimos dias de novembro, Tio Basílio, sentado em frente à janela, estava de tal maneira mergulhado em recordações, que nem se apercebeu da chegada dos meninos.

Sérgio: (aproximando-se respeitoso) — Em que estava pensando tanto o tio Basílio?

Tio Basílio (voltando-se de imediato e com atitude de simpático acolhimento) — Milhas vezes aconteceu, que o espírito da gente se engolfava num clarim assim... Ele como que se desprendia, em longa peregrinação, se transbordava nos lugares mais distantes e às épocas mais remotas da nossa existência... Então, os quadros do passado retomam o colorido da vida e, uns após outros, se sucedem como se os vissemos em uma película cinematográfica... Oh!... mas detemo-nos nos velhos e evocamos da saudade! A glória da Pátria não repousa na cinza do passado, mas na azeit vigorosa da juventude!

Sérgio: (dando a voz uma tonalidade consoladora) — Mas o tio Basílio ainda não ficou velho...

Tio Basílio: (galhofando) — Você tem razão, sou bem mais moço do que meu avô...

Sérgio: (olhando a piada) — Em compensação, seu avô, quando era criança, tinha a mesma idade do que o tio...

Tio Basílio: Apoiaremos então para o gemíni israelita, que criou a doutrina da retributividade. Só o senhor Binaim seria agora capaz de ajudá-los a pôr em ordem este assunto...

As crianças acham graça...

Tio Basílio: (mostrando um livro que tem na mão) — Ainda há pouco lembrei-me de você, ao terminar a leitura deste livro.

Araci! E que livro é esse?

Tio Basílio: "O Homem do Pácoval", mas uma brilhante contribuição de Raimundo de Moraes para aqueles que desejarem conhecer a Amazônia. E o tema tem a sua oportunidade. Aquilo que pensa ou escreve, nesta fase ímpar da história da civilização, está a vontade para escolher entre ser arqueólogo ou piteonista...

Maria Angela: O que vem a ser piteonista?

Tio Basílio: Piteonista era uma sacerdotisa que, na antiga Híade (Híade é a Grécia) dizia, em Delos, os seus oráculos. Os gregos propunham à Piteonistas questões sobre o futuro e as soluções que ela dava, chamavam oráculos. Os indígenas que habitavam os países onde, hoje, é o México e o Peru, apresentavam adiantada civilização, em confronto com os nossos tupis e tapuias, ainda na fase da "pedra polida". Tivemos ocasião de conversar sobre a civilização, que os incas realizaram



...esse vulto curioso de índio foi um raro esteta

no Peru e os artefatos apresentaram no México, antes da descoberta da América pelos portugueses e espanhóis. Mesmo entre os nossos selvagens notavam-se diferenças: os tupis eram mais adiantados do que os tapuias; aqueles por exemplo, sabiam navegar, estes não; em sua vida de nomades, transpunham os rios a vau, ou contornavam as suas cabeceiras. Entre todos as numerosas tribos se distinguem, em primeiro, a nação "Aruaque" que habitava a ilha de Marajó, a qual pôde ser apresentada, pelo "Homem do Pácoval".

"Dentro de toda a barbárie, natural no estado primitivo em que se encontrava o homem do Pácoval, o que mais se lhe deslucou, rodeando-o-lhe a figura singular, é o traço de beleza que o aruaque é a nota delicada do artista plástico namorando as formas e as cores. Sem exagerar, esse vulto curioso de índio foi, no meio de milhões estranhos, de outras tribos que o envolviam no vale, um raro esteta".

Maria Angela: Porque chamam ao "aruaque" — homem do Pácoval?

Tio Basílio: Pácoval era o nome de uma ilha no lago Arari, situado no interior de Marajó. Ai os arqueólogos e os paleontologistas, fazendo escavações e estudos, descobriram muitos túmulos e

grande quantidade de vasos, de forma e ornamento variados, que atestavam o grau de civilização atingido pelas "Aruaques".

"O que outras povos, em estágio paralelo de civilização, construíram, usando os metais e a madeira, o aboríge marajoara fazia de barro, que era a matéria prima de que dispunha. A linda indústria de argila, executada pela mulher aruaque, apresentava rica variedade em potes (gacabas), urnas (as ilicabans), vasos de muitos formatos, decorados com figuras, desenhos, e caracteres simbólicos.

Sérgio: Quem sabe se essas características significam alguma coisa e representam mesmo uma linguagem oculta? Tio Basílio: E tem prova vel; mas o certo é que, até hoje, não indescifráveis, como não foi encontrada, também explicação para o uso que se aruaque fazia das técnicas de argila.

Araci! O "aruaque" somente usava objetos feitos de argila?

Tio Basílio: O que ele produzia de característico e notável foi a sua linda indústria de barro, da qual as lojas, aqui no Rio, estão cheias de imitações. Isto é, de vasos em estilo marajoara. Há por aí muitas coisas, até na rua do Ouvidor.

"Além de utensílios de cerâmica, o "aruaque" produziu e utilizava-se de muitos outros objetos, tais como o "jama-rú", que era uma espécie de balde; a "guru-penna", feita de talos de guaraná; o "urú", bola de palha com tampo de madeira; o "balão", feito de cipó; o "pindá-tanica", o amolador feito de osso; o "masurú", baldeço indígena destinado às crianças; o "pitió", feito com o tronco de árvore, e rede feita de algodão, machados feitos de pedras e uma grande quantidade de objetos rústicos, que constituíam o conforto das famílias aborígenes.

Maria Angela: Parece muitas coisas, mas na realidade, com tudo isso eles só conseguem um conforto deficientíssimo.

Tio Basílio: Os meninos que vivem agora, devem se gratos às gerações, que os antecederam, laboriosas, com incriveis sacrifícios e trabalho, do nosso moderno conforto. Nós herdeiros de tão valioso patrimônio, sentir-nos-íamos por Deu, retribuídos, se usufruíssemos o tamanho esforço alheio, não tocásemos no progresso da humanidade a nossa contribuição, trabalhando na escola, no campo, na oficina, no laboratório...

Edição de Sábado



Redação, Abitação e Oficinas:
Rua Bacurua Cabral, 43 (Praça
Mauá). Telefones: 81-1111; 81-1112;
48-1965 e 48-1898; Abitação e Ofi-
cinas, 48-1852; Expediente: Rua
General Canabarro, 118. Telefun.
42-9290

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto

Director: Adolfo Alcaz * Gerente: Deizair Villela

A N O X • Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1943 Num. 1420

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinatura pelo endereço para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 156 números. CR\$ 60,00
SEMANTEIR — 78 nú-
meros. CR\$ 30,00

A PALESTRA em torno do homem do Pica-pau, primitivo habitante da ilha de Marajó e criador da bela arte esculpida marajoara, despertou outra questão ainda de maior interesse: — Que gente habitava este limpo território do sertão brasileiro, nas épocas do passado remotíssimo?

Assunto de tamanha magnitude não poderia, entretanto, ser posto de lado, nem o Tio Basílio deixaria de "tochar a parada" de analisá-lo, uma vez que se trate de mais um tema de interesse brasileiro.

Tio Basílio — Sábios que se dedicaram ao penoso estudo da paleontologia e da arqueologia, em vários países chegaram à conclusão de que o homem vive na superfície da Terra, desde há muitas e muitas séculos, aproximadamente quatrocentos mil anos.

Maria Angela — Custamos a fazer uma ideia de um período tão grande de tempo!

Sérgio (dirigindo-se ao Tio Basílio) — A propósito do homem do Pica-pau, eu me lembro, o senhor explicou o que é arqueologia, ciência que estuda os monumentos e artefatos dos tempos pré-históricos, mas ignoro qual seja o objeto dessa outra ciência — a paleontologia.

Tio Basílio — É a ciência que estuda os fósseis...

Araci — E fossil?

Tio Basílio — Chamam-se fósseis. Os restos de plantas ou de animais encontrados nas camadas terrestres, for-



Por MARCELO DE FARIA ALVIM

15. Palestra — O "Homo Brasiliensis"

madras em períodos remotíssimos da história da Terra; muitas vezes, anteriores à época do aparecimento da espécie "hominem" (homo sapiens).

Maria Angela — Mas por que podem os sábios chegar a essas conclusões?

Tio Basílio — Observando e estudando ossos de animais e de homens encontrados nestas camadas, ou no interior das cavernas, puderam, mais ou menos aproximadamente, afirmar a existência do homem em períodos remotíssimos. Não só o paleontologista tem recursos científicos para fixar essas épocas como pode, auxiliado pela arqueologia, isto é, observando os objetos, armas e utensílios domésticos em-

cessadas, chegar a conclusões muito interessantes sobre o grau de adiantamento e civilização dessa gente. Muitas vezes, o sábio encontra apenas um pedaço de certo osso, é, então, a anatomia comparada que o auxilia a reconhecer o osso, por inteiro.

Sérgio — É um estudo que requer muita paciência... Tio Basílio — ... Muita paciência e muito saber, pois o paleontologista precisa ser um profundo conhecedor da zoologia, da filologia, da anatomia, da geologia, da química, da antropologia...

Araci — Mas como pode o sábio, ao encontrar um osso, conhecer que se trata de um fóssil?

Tio Basílio — Ah!... por certas propriedades caracte-



Peter Wilhelm Lund, na época em que chegou ao Brasil

rísticas que esse apresenta. O osso de um animal fossilizado é inteiramente calcinado, posto em cima de brasa não exala cheiro; adere fortemente à língua e, melido numa solução de ácido nítrico, dissolve-se produzindo efervescência. Graças à paleontologia, constatou-se a existência de animais, cuja espécie já se extinguiu antes do aparecimento do homem.

Araci — Como eram esses animais?

Tio Basílio — Em geral, animais gigantesco; verdadeiros monstros, tais foram o mastodonte e o mamuth, que eram gigantes enormes; o ramplicione, uma espécie de morcego gigantesco, e igualmente, um monstro semelhante a um sangui com cauda de leopardo; o megatério, urso de garras tremedias, e muitas outras espécies... Esses animais não foram contemporâneos do "homo sapiens".

Sérgio — E o homem pré-histórico? Era ele como nós outros de agora?

Tio Basílio — Não existem elementos para afirmar em que circunstâncias se deu o aparecimento do homem, nem onde, nem se o fato ocorreu simultaneamente em todos os continentes. Certas observações, entretanto, le-

vam-nos a concluir que foram bem inferiores às nossas as faculdades intelectuais do homem primitivo. Sem dúvida, o espírito humano, sem considerar as modificações providas da cultura, é cada vez mais brilhante, isto é, mais perfeito e adiantado. Só isto explica o objetivo da vida: o contínuo aperfeiçoamento.

"Aqui no Brasil, foi o sábio paleontologista Dr. Lund, quem em primeiro descobriu ossadas fósseis, que atestam a existência do homem pré-histórico, habitando o sertão brasileiro: — o "Homo Brasiliensis", representante das populações autóctones do continente americano. A descoberta foi feita em escavações levadas a efeito por esse grande cientista, na gruta de Maguiné e na caverna de Sumidouro, perto da Lagoa Santa, no Estado de M. Gera. Por isso, o "Homo brasiliensis" é também designado "raça lagossantense". Com outros homens pré-históricos, o lagossantense era troglodita.

Araci — O que é troglodita?

Tio Basílio — Chamam-se troglodita no habitante das cavernas.

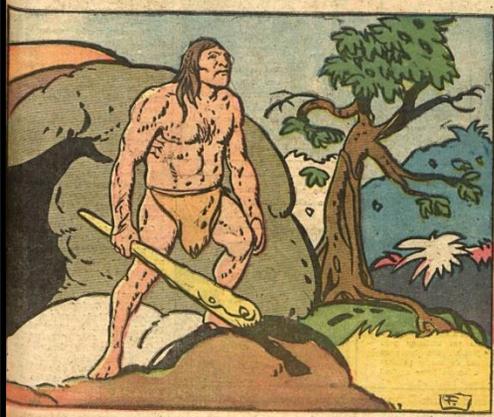
Maria Angela — Estes homens deviam ser ainda mais selvagens do que os índios do tempo da descoberta!

Tio Basílio — Mas muito mais! O Dr. Lund chegou a conclusão de que a raça Lagossantense viveu no mais deploável atraso, nos sertões do planalto mineiro. Ele descreve o lagossantense como um homem de pequena estatura, possuindo forte musculatura, com amplo desenvolvimento de torax, mais apresentando um crânio relativamente pequeno e com forte depressão da testa, o que leva a supor serem muito rudimentares as suas faculdades intelectuais.

Maria Angela — Esse Dr. Lund era brasileiro?

Araci — Como podia ele interessar-se por esses estudos?

Tio Basílio — Peter Wilhelm Lund, mercede da noiva gratidão, uma referência muito especial. Era sábio era dinamarquês; nasceu em Copenhagen, aos 14 de junho de 1797; esteve no Brasil durante dois períodos; sempre estudando, passou aqui quarenta anos de sua preciosa existência, morrendo, em Lagoa Santa, em Minas Gerais. Antes de qualquer outro sábio, oube a ele a glória de poder afirmar a existência do homem pré-histórico americano. Escreveu muitas "memórias" sobre suas investigações científicas, as quais ele enviou aos centros de maior cultura da Europa, onde, necessariamente, destruída de grande renome. Meu amigo, o progresso e a cultura são devidos a essas vocações de sábios, à vida preciosa e fecunda como foi a de Peter Wilhelm Lund.



Como outros homens pré-históricos, o lagossantense era troglodita

Edição de Sobrado

★★★

Director, Alcaçova e Officinas
Rua Sacadura Cabral, 41 (Praça
Mauá). Telefones: Escritório, 43-1495 e 24-4808; Redação e Offi-
cinas, 43-5302; Endereçamento Rua
General Caldeveil, 518. Telefones:
42-2526

SUPLEMENTO JUVENIL

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Director: Adolfo Aizon * Gerente: Denizar Villela

A N O X ● Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1943 ● Num. 1426

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:

ANO — 156 numeras. CR\$ 60,00
SEMESTRE — 78 nu-
meros CR\$ 30,00

Palestras com TIO BASILIO

Por MARCELO DE FARIA ALVIM

17ª Palestra — LINHA DE TORDESILHAS

Uma Resposta Curiosa Atribuída a Francisco I, Rei De França

O CONHECIMENTO de tan-
tos assuntos referentes à
história, costumes e folclore
das populações primitivas,
que habitavam o Brasil, a
feitura da civilização
dos impérios pré-colombia-
nos, dispersos, no espírito
das crianças, o desejo de
conhecer outros e novos
sucessos, que com tudo, asso-
tem curiosidade.

Sérgio — (acompanhado
de Maria Angela e de Araci,
dirige-se a tio Basílio) —
Tema passado a conversa-
ção meu sobre essas cousas,
que ouvimos de tio Basílio,
mas nem tudo conseguimos
alcançar bem...

Araci — (Interrompendo
o irmão e ficando com a pa-
lavra) — A respeito dos ín-
dios e também sobre as ne-
grinhas e outros indígenas,
que viveram na grande cortilhi-
na dos Índes, nos entende-
mos tudo bem; agora, en-
tretanto, desejávamos saber
porque só os portugueses e
os espanhóis ficaram donos
de toda essa região...

Maria Angela — ... Se
já existiam outros países,
porque também eles não en-
viaram seus navegantes
para descobrir e tomar posse
de novas terras?!

Tio Basílio (Sorrindo) —
Basta bem. Vocês, hoje, re-
solveram-me bombardear
com uma porção de assun-
tos, que não são assim tão
facéis de se esclarecer. Vamos
por partes. A posse da Amé-
rica sobre os seus descobri-
dores... Nada mais natural!
Portugal e Espanha, por
força de circunstâncias es-
peciais, foram os países or-
ganizadores das grandes ex-
pedições e dispunham de
elementos humanos para en-
frentar as suas descobertas
da colônia de outras nações.

Maria Angela — Mas só
depois de tantos séculos,
por quê? Durante tão lon-
go tempo esteve este con-
tente desconhecido...

Tio Basílio — Nesse pon-
to, vocês têm razão. Natu-
ralmente, alguma coisa deve
ter determinado esse
entusiasmo e essa febre de
conquistas, que caracteri-
zaram o fim do século XV e
o princípio do século XVI.

mentos foram uma boa con-
sequência.

Sérgio — E se acontecia
que portugueses e espanhóis
descobriam a mesma terra?

Tio Basílio — Já esta di-
ficuldade havia sido prevista
pelos seus côrtes de Portu-
gal e de Castela. Com
efeito, em 1479, elas assi-
navam o tratado de Alcaçova,
no qual ficou combi-
nado que toda a costa africana,
assim como todas as
ilhas descobertas ou que
vissem a ser descobertas,
no Atlântico, pertenceriam
à coroa portuguesa.

Araci (acompanhando a
exposição com vivo interes-
se) — Neste caso, toda a
América deveria ser portu-
guesa!

Sérgio — Mas nesse tem-
po ainda ninguém conhecia
a América. O tratado de Al-
caçovas foi assinado 13
anos antes do glorioso feito
de Colombo.

Tio Basílio — Mas o di-
reto decorrente da sua desco-
berta estaria previsto nos
termos desse acordo, já de-
pois dele, o Papa Alexan-
dre VI, não houvesse, em
uma bula, fixado novas li-
mites para os possíveis do-
mínios portugueses e es-
panhóis. Alexandre VI supôs
uma linha passando a cem
leguas a oeste das ilhas dos
Açores. O que se descobrisse
a leste dessa linha seria
português, o que se descobrisse
a oeste, seria espanhol.

Araci — O que vem a ser
bula?

Tio Basílio — Chama-se
bula, o decreto pontifício,
isto é, do Papa.

Sérgio — Mas com esse
limite, os portugueses não
alcançaram o nosso lío-
ral...

Tio Basílio — Evidente!

OCEANO ATLANTICO

FRANCISCO I REI DE FRANÇA

Edição de Sábado



Redação, Redação e Oficinas:
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça
Mauá) - Telefone: 32070-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100-101-102-103-104-105-106-107-108-109-110-111-112-113-114-115-116-117-118-119-120-121-122-123-124-125-126-127-128-129-130-131-132-133-134-135-136-137-138-139-140-141-142-143-144-145-146-147-148-149-150-151-152-153-154-155-156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168-169-170-171-172-173-174-175-176-177-178-179-180-181-182-183-184-185-186-187-188-189-190-191-192-193-194-195-196-197-198-199-200-201-202-203-204-205-206-207-208-209-210-211-212-213-214-215-216-217-218-219-220-221-222-223-224-225-226-227-228-229-230-231-232-233-234-235-236-237-238-239-240-241-242-243-244-245-246-247-248-249-250-251-252-253-254-255-256-257-258-259-260-261-262-263-264-265-266-267-268-269-270-271-272-273-274-275-276-277-278-279-280-281-282-283-284-285-286-287-288-289-290-291-292-293-294-295-296-297-298-299-300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315-316-317-318-319-320-321-322-323-324-325-326-327-328-329-330-331-332-333-334-335-336-337-338-339-340-341-342-343-344-345-346-347-348-349-350-351-352-353-354-355-356-357-358-359-360-361-362-363-364-365-366-367-368-369-370-371-372-373-374-375-376-377-378-379-380-381-382-383-384-385-386-387-388-389-390-391-392-393-394-395-396-397-398-399-400-401-402-403-404-405-406-407-408-409-410-411-412-413-414-415-416-417-418-419-420-421-422-423-424-425-426-427-428-429-430-431-432-433-434-435-436-437-438-439-440-441-442-443-444-445-446-447-448-449-450-451-452-453-454-455-456-457-458-459-460-461-462-463-464-465-466-467-468-469-470-471-472-473-474-475-476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487-488-489-490-491-492-493-494-495-496-497-498-499-500-501-502-503-504-505-506-507-508-509-510-511-512-513-514-515-516-517-518-519-520-521-522-523-524-525-526-527-528-529-530-531-532-533-534-535-536-537-538-539-540-541-542-543-544-545-546-547-548-549-550-551-552-553-554-555-556-557-558-559-560-561-562-563-564-565-566-567-568-569-570-571-572-573-574-575-576-577-578-579-580-581-582-583-584-585-586-587-588-589-590-591-592-593-594-595-596-597-598-599-600-601-602-603-604-605-606-607-608-609-610-611-612-613-614-615-616-617-618-619-620-621-622-623-624-625-626-627-628-629-630-631-632-633-634-635-636-637-638-639-640-641-642-643-644-645-646-647-648-649-650-651-652-653-654-655-656-657-658-659-660-661-662-663-664-665-666-667-668-669-670-671-672-673-674-675-676-677-678-679-680-681-682-683-684-685-686-687-688-689-690-691-692-693-694-695-696-697-698-699-700-701-702-703-704-705-706-707-708-709-710-711-712-713-714-715-716-717-718-719-720-721-722-723-724-725-726-727-728-729-730-731-732-733-734-735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746-747-748-749-750-751-752-753-754-755-756-757-758-759-760-761-762-763-764-765-766-767-768-769-770-771-772-773-774-775-776-777-778-779-780-781-782-783-784-785-786-787-788-789-790-791-792-793-794-795-796-797-798-799-800-801-802-803-804-805-806-807-808-809-810-811-812-813-814-815-816-817-818-819-820-821-822-823-824-825-826-827-828-829-830-831-832-833-834-835-836-837-838-839-840-841-842-843-844-845-846-847-848-849-850-851-852-853-854-855-856-857-858-859-860-861-862-863-864-865-866-867-868-869-870-871-872-873-874-875-876-877-878-879-880-881-882-883-884-885-886-887-888-889-890-891-892-893-894-895-896-897-898-899-900-901-902-903-904-905-906-907-908-909-910-911-912-913-914-915-916-917-918-919-920-921-922-923-924-925-926-927-928-929-930-931-932-933-934-935-936-937-938-939-940-941-942-943-944-945-946-947-948-949-950-951-952-953-954-955-956-957-958-959-960-961-962-963-964-965-966-967-968-969-970-971-972-973-974-975-976-977-978-979-980-981-982-983-984-985-986-987-988-989-990-991-992-993-994-995-996-997-998-999-1000

SUPLEMENTO

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS
Superintendente: Luiz Carlos da Costa Netto
Diretor: Adolfo Aizen * Gerente: Desider Vilela
A N O X • Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1943 • Num. 1429

10 PAGINAS
PREÇO: CR\$ 0,40 str.
(400 REIS)

Assinaturas pelo correio para
qualquer parte do Brasil:
ANO — 12 números, CR\$ 50,00
SEMESTRE — 6 números, CR\$ 25,00
MÊS — CR\$ 30,00



Palestras com TIO BASILIO

Por MARCELO DE FARIA ALVIM

18ª e Última Palestra — Uma Prece a Jesus

NA noite de hoje, está a casa toda em festa: muitas pessoas da família convocadas para a ceia tradicional. Crianças, muitas crianças inquietas, fazendo algazarra, com os bolsos cheios de castanhas e confetes. Cada qual está mais erguido e fecha os olhos de porcelana; carros de amallo, em miniatura, que atravessam a varanda, lançando chispas; velocípedes, que atropelam as cadeiras da sala de jantar...

Ambiente de Natal.
Nesse dia, as crianças mandam um becaido!
Corre o becaido de que Papai Noel, neste ano, gastou um dinheirão e estava meio amado, por que não teve aumento.
Um abeno de família...
Faber São Nicolau!...

Sérgio — (Falando a tio Basilio) — Hoje festejamos o nascimento de Jesus, não é assim?... Mas todos fazem Araci... Por que é ele quem traz os brinquedos...
Tio Basilio — Bem epóistambém as crianças... Correm os tempos e Jesus vai correndo terreno a Papai Noel... Todos querem os presentes, as folhas, as polidotas... mas é em Jesus, entretanto, que deveria estar posto o nosso coração.
Maria Angela — São passados tantos séculos, e ninguém esquece desse grande 25 de dezembro...
Araci — Pense nesse dia durante o ano inteiro: é para mim o maior dia!
Tio Basilio — Mas vejiam vocês a força imensa que tem as grandes idéias...
Sérgio — Passaram-se mil novecentos e quarenta e três anos...
Tio Basilio — Justamente. Conhecemos a ceia os anos a partir dessa grande data, porque, a essa era é chamada "Era Cristã". Passaram-se 1943 anos, mas a doutrina, que Cristo pregou, não desapareceu; ao contrário, da pequenina Judéia, passou para Roma e de Roma espalhou-se pelo mundo inteiro. Jesus nasceu na fase mais brilhante do Império Romano. Augusto criava o império, cuja extensão territorial media cinco mil quilômetros de leste a oeste e mais de três mil, de norte a sul, na da Espanha até a Síria.
Sérgio — Quantos habi-

tantes tinha o Império Romano, nessa época?
Tio Basilio — Era calculada em cinco e vinte milhões de almas.
Araci — E foi esse imperador, Augusto que mandou matar Jesus?
Tio Basilio — Não, Jesus foi supliciado em Jerusalém, durante o reinado do Imperador Tibério; mas o proprio imperador não teve interferência direta nos dolorosos acontecimentos, que levaram Jesus ao Calvário.
Maria Angela — E' muito triste a paixão e morte de Jesus...
Tio Basilio — Você tem razão. Seria melhor que nos embraçassem hoje, do seu nascimento; transportemos aqueles tempos em que César Augusto decretava o alistamento, em todo o Império.
"Para atender as ordens de Augusto, José, em companhia de sua esposa Maria, partiu da cidade de Nazareth, que ficava na Galiléia e dirigiu-se a Belém, na Judéia, por que essa era a cidade de Davi, a cuja família ele pertencia. Caminharam ambas a pé, pelas estradas poeirentas da Galiléia e da Judéia, e, à tarde, muito cansadas da viagem torrada, pernoitaram em um modesto estalado, perto da cidade, onde todas as hospedarias estavam repletas. Em um estalado humilde, ali nasceu Jesus!"
Maria Angela — Por que Jesus, tão poderoso, nasceu em um lugar assim tão pobre?



de pela vontade de Deus? Jesus, desde o seu nascimento e depois, durante toda a sua vida, foi humilde e simples e escolheu-se de gente humilde e simples. Ele sempre afirmou, em suas pregações, que a riqueza não é a condição favorável para que os homens se aproximem de Deus. Esta escrito no Evangelho; mas não tremos insistir nesse assunto, por que descontentaríamos os fariseus!...

Sérgio — Como os fariseus! Não existem mais os fariseus...
NESTA altura da conversa, Sérgio, Maria Angela e Araci ouviam atentamente tio Basilio. Outras crianças haviam se aproximado e também as pessoas grandes se acercaram dele, reinava grande cordialidade entre todos os presentes.
Acabavam de acender as velinhas coloridas, que enfeitam a árvore de Natal.

O grande relógio de carrilho, testemunha de toda a vida íntima da família, batia as horas badaladas da meia noite.
Tio Basilio (olhando para as crianças com amizade) — Sabem que já ativei as mãos, por que está tremulando as minhas mãos. Como bem este o sentimento onde a lembrança, o afeto e o pesar da separação se juntam -- a saudade.
Nessa nossa última palestra, porém eu desejava aproveitar o magnífico ambiente de uma noite de Natal, para dirigir a vocês um apelo, que eu bem gostaria fazê-lo aos meninos de todo o Brasil: — Elevem seus corações a Jesus e, numa prece sincera, peçam-lhe que se compadecça dos milhares e milhares de outras crianças, que, no teatro mundial da guerra, tem, hoje, um Natal de luto, de lágrimas e de orfandade...

O projeto de louvor cívico executado pelo *Suplemento Juvenil* teve no ato de heroificar determinados personagens históricos um de seus pontos altos. De acordo com tal intento, o processo de emancipação política do Brasil foi uma das mais significativas oportunidades para expressar a manifestação de civismo e patriotismo, com a exaltação daqueles que foram categorizados como os heróis da independência. O 7 de Setembro constituiu uma ocasião propícia para tal manifestação, havendo em linhas gerais uma preferência pelo destaque à figura de D. Pedro I. Foi assim em 1940, com a efígie do “Proclamador da independência e Imperador do Brasil” na capa da revista¹²⁶. No ano seguinte, além do retrato do estadista cunhado em uma moeda, havia a presença da bandeira imperial e da republicana, acompanhadas de um trecho do hino nacional. Além disso foi publicada uma “História da independência do Brasil” em quadrinhos, que contaram com a elaboração de dois jovens, legendada por um brasileiro e desenhada por um português¹²⁷. Já na data cívica de 1942, houve mais uma vez a presença de D. Pedro I, acompanhado do denominado “grito da independência” e uma história em quadrinhos versando sobre a ação daquele que foi apontado como o “Patriarca da Independência”¹²⁸. Tal imagem do imperante se repetiu no mês de setembro do ano de 1944¹²⁹ e 1945¹³⁰. Em outras oportunidades, além de Pedro I e José Bonifácio, as homenagens se estenderam para Tiradentes, designado como um protomártir da independência¹³¹.

¹²⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 7 set. 1940.

¹²⁷ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 set. 1941.

¹²⁸ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 8 set. 1942.

¹²⁹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 7 set. 1944.

¹³⁰ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 6 set. 1945.

¹³¹ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 24 jan. 1942.

Nas Grandes Datas Da Nacionalidade: — 7 De Setembro, Dia Da Independencia Do Brasil; 10 De Novembro, Dia Do Estado Nacional; 15 De Novembro, Dia Da Proclamação Da Republica; 19 De Novembro, Dia Da Bandeira — ó Preciso Que o Pavilhão Auri-Verde Tremule As Janelas De Nossas Casas, Para Mostrar Que Aí Palpitam Corações De Brasileiros.

Esta Edição é De S A B A D O
Ano VIII
N.º 897
Preço 400 Réis

SUPLEMENTO JUVENIL

Rua Sacadura Cabral, 42
Telefone 41-1065
Teléfono de Concursos e Redação: — 43-552 —
Rio de Janeiro, 7 de Setembro — de 1940 —

"Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança! Não vês nenhum país como este?" (Oliveira Bilac)



D. PEDRO I
Proclamador Da Independencia
e Imperador De Brasil

SUPLEMENTO JUVENIL

ESTA EDIÇÃO É DE SÁBADO * Rua Sacadura Cabral, 43 — Telefone 43-1965 — Rio, 6 de Setembro de 1941

Ano VIII * "Anis, com fé e orgulho a terra em que nasceste! Citizans! Não versa nenhum país como este!" (Olavo Bilac) * N. 1064 * Preço: 400 Reis



Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria neste instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguirmos conquistar com braço forte
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

O' Pátria amada,
Idolatrada,
Salva! Salva!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança a terra desce
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
É belo, é forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
É tu, Brasil,
O' Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!



História da Independência do Brasil

Legendas de José Castellar (Brasileiro) ★ Desenhos de Arcindo Madeira (Português)

ESTA "História da Independência do Brasil", foi ilustrada por Arcindo Madeira, um jovem português. Veiu de Lisboa ha poucos dias e já se integrou no Orgão Oficial do Pessoalzinho Miúdo. Ao comemorarem todos os brasileiros a grande data, em homenagem 'a compreensão com que nos distinguiu Portugal, reconhecendo dentro de curto espaço de tempo a autonomia de nosso país, veiu-nos a idéia de contarem a história da Independência um jovem português e um jovem brasileiro. Foi assim que Arcindo Madeira desenhou esses originaes qu adrinhos com legendas de José Castellar, nosso redator. Parecemos que nada ha de mais expressivo e bonito que esta colaboração.



1 — Ha muitos e muitos anos, reza-se em Portugal um príncipe muito bonachão. Era Dom João uma boa pessoa, capaz de realizar grandes empreendimentos, como administrador pacífico. Mas não queria saber de guerras.

2 — Na França, um oficial de artilharia estava decidido a conquistar o mundo; chamava-se Napoleão Bonaparte e tinha um bocado de raiva da Inglaterra. Como não podia acabar com os ingleses logo de início, resolveu dar cabo dos portugueses.

3 — Quando Dom João soube que um exército francês, comandado pelo general Junot, invadia Portugal, pôs as mãos na cabeça. Que fazer? Vendo que resistir não adiantava, pois os franceses eram fortes, fugiu para o Brasil, que pertencia a Portugal.



4 — Aqui chegou em 1808, com a família e os fiéis. Longe de Napoleão, Dom João mandou invadir a Guiana Francesa, como desfovea. E para lá seguiu uma expedição, que em dois tempos tomou conta da colônia francesa.

5 — Outra providência de Dom João foi abrir os portos do Brasil ao comércio das nações amigas. Isto foi uma sugestão do Visconde de Cairó. Dom João fez muita coisa pelo Brasil; si não era homem para enfrentar Napoleão, sabia pelo menos administrar.

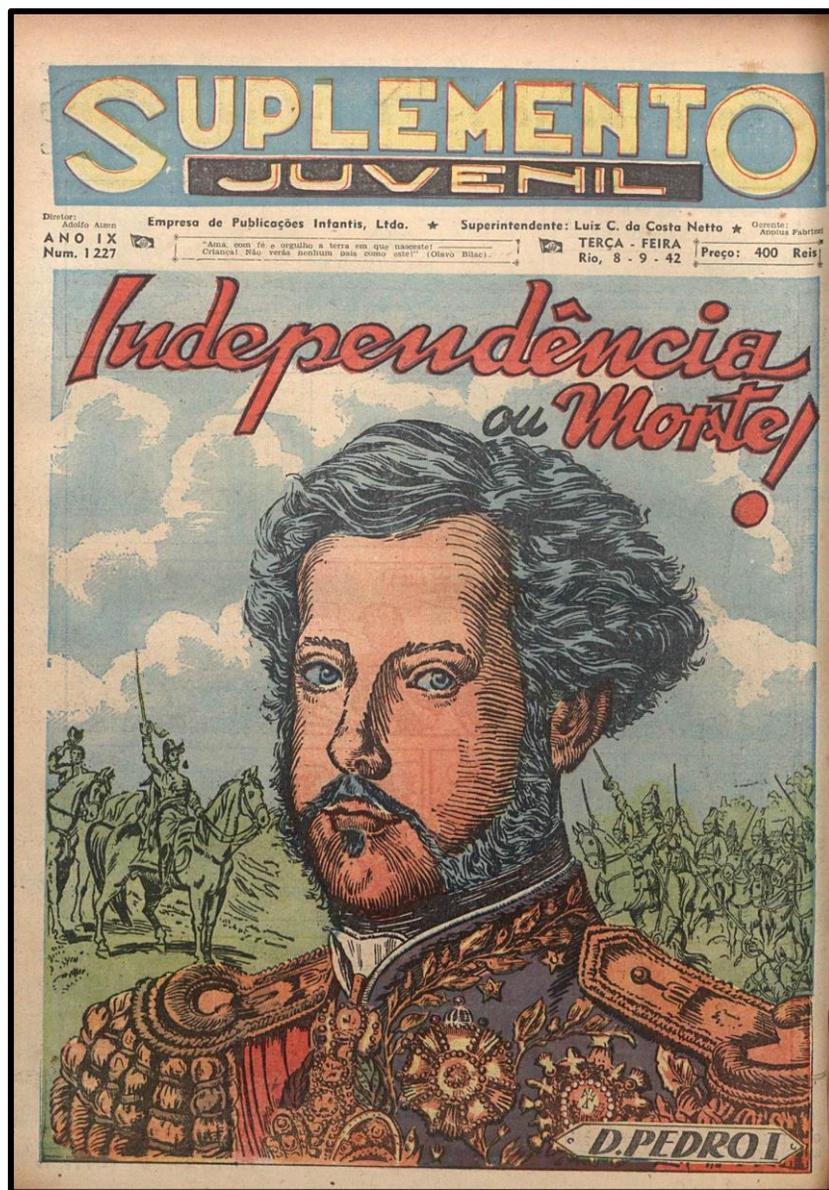
6 — Afinal, Dom João, que já era o rei, sob o título de Dom João VI, teve de voltar a Portugal e deixou no Brasil o filho, Dom Pedro, recomendo-lhe que, si a colônia se fizesse independente, ele tratasse de ficar com a coroa, e não outro.



7 — Passaram-se anos e falou-se muito de liberdade no Brasil. Instigado por José Bonifácio, o Patriarca, Dom Pedro estava decidido a proclamar a independência. Já ha tempos atrás, ele decidira ficar no Brasil; isto foi no dia do Fico...

8 — ...contrariando assim a vontade de Dom João VI. Havia muitas causas de aborrecimento entre o rei e o príncipe. Este, amigo do Brasil, procurava defender os nossos interesses, contra os interesses portugueses. Em Setembro de 1822, viajara por S. Paulo.

9 — Estava às margens do rio Ipiranga, no dia 7, quando um mensageiro o alcançou, com cartas de Portugal. Dom João VI desejava um dos atos do filho. Dom Pedro exaltou-se e proclamou a Independência do Brasil. E desde então o Brasil vive a honra dos seus destinos.



JOSE' BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Uma Reconstrução Histórica Do Papel Desempenhado Pelo Grande Estadista Do Primeiro Império Na Preparação Do Grito Que Deu a Independência Política à Nossa Pátria



1 — Voltando de Portugal, em 1821, o grande estadista brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva resolve manter-se afastado da política, dedicando-se exclusivamente a estudos, químico, de nomeada que era.



2 — Ele notava, entretanto, o entusiasmo do povo brasileiro pela causa da independência, que já se tornava uma necessidade imperiosa no Brasil. E cresciam as aspirações em todos os Estados e no Rio de Janeiro.



3 — Nessa emergência, resolve José Bonifácio abandonar seus estudos, colocando-se à frente de uma junta provincial do partido nacionalista, que se opunha ao partido português, favorável à nossa recolonização.



4 — Por intermédio do Senado da Câmara, José Bonifácio dirigiu ao Príncipe D. Pedro uma patriótica mensagem assinada por oito mil cidadãos, pedindo a sua permanência no Brasil e o rompimento com a metrópole.

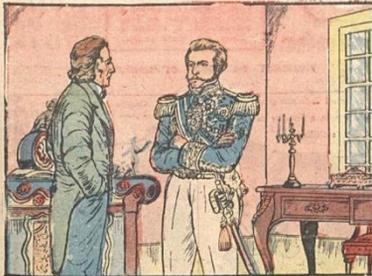


5 — Na referida carta, além disso, pedia a D. Pedro que não considerasse os decretos vindos das cortes. E D. Pedro atendeu, tomando formalmente o partido dos brasileiros, abrindo o caminho da Independência.



6 — Esse dia, 9 de janeiro de 1822, pode, portanto, ser considerado como a verdadeira data da nossa emancipação política. D. Pedro falou: "Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".

A, O PATRIARCA DA INDEPENDENCIA



7 — E para assegurar o triunfo completo e definitivo da causa nacional, entra definitivamente para a politica José Bonifácio, dando vigoroso impulso e direção segura à obra da Independência.



8 — Nomeado ministro do reino e dos negócios estrangeiros, tomou logo, José Bonifácio, certa ascendência sobre o espirito de D. Pedro, e cuidou, com habilidade, de criar uma situação copiosa à grande causa.



9 — Dai por diante, precipitam-se os acontecimentos e o Patriarca divisa o momento favorável à secessão. A conselho seu, o Príncipe D. Pedro parte para São Paulo, afim de evitar uma dissensão interna.



10 — Com a chegada, ao Rio, das últimas mensagens insultuosas de Portugal, foi feita a celebre sessão presidida pela Princesa D. Leopoldina. Ela e José Bonifácio escreverem para o Príncipe D. Pedro.



11 — Esta carta é entregue ao correio José Bregaro. Ao fazer a entrega, diz-lhe José Bonifácio: "Se não arrebitarem uma dúzia de cavalos, nunca mais será correio". Estava selado o destino do Brasil.



12 — "As margens do riacho Ipiranga, na tarde de 7 de setembro, recebe D. Pedro as mensagens. E foi, ali mesmo que, arrancando do chapéu o laço português, se bradou: Independência ou Morte!"

Este é o Nosso Primeiro Sete De Setembro De Guerra e Ao Se Comemorar a Semana Da Pátria, Vocês Devem Recordar o Quanto Lutaram Nossos Antepassados Para Tornar o Brasil Livre, Um Legado Que As Gerações De Hoje Devem Defender Por Qualquer Preço, Na Luta Que é Uma Verdadeira Luta De Independência — Da Soberania, Do Direito, Da Família, Da Civilização!



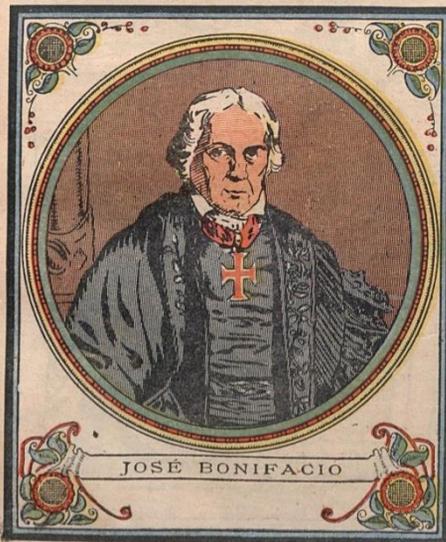


Grandes Vultos Da Independência Do Brasil

D. Pedro I

O Proclamador Da Independência

PODESE dizer que o Brasil foi o único país da América que não assistiu a lutas cruentas para a consecução de sua Independência, como não precisou de lutas para a libertação dos escravos. Pela Liberdade da sua Pátria haviam morrido antes, Felipe dos Santos, Joaquim José da Silva Xavier o "Tiradentes" e os heróis da Confederação do Equador. Mas, em 1822, amadurecida a idéia da Independência, não foi ela regada com o sangue generoso dos brasileiros. O príncipe português Pedro, filho de D. João VI, rei de Portugal, compreendendo que não havia mais razões para que houvesse países da América sujeitos a



países da Europa, proclamou a nossa Independência "as margens do riacho Ipiranga, dando a 7 de setembro de 1822, o grito de "Independência ou Morte!". Contribuiu para esse gesto do príncipe, e mais tarde rei, sob o nome de D. Pedro I, um dos maiores brasileiros da época, José Bonifácio de Andrada e Silva. Pela sua atuação antes e depois da Independência, na consolidação da nacionalidade brasileira, recebeu ele o título de "Patriarca da Independência", que se ajusta com felicidade ao seu papel no ato que deu à América mais uma Nação Livre e criou mais um povo cônio da importância que tinha, e teria, sempre e sempre, no concerto das nações do Novo Mundo,

José Bonifácio
O Patriarca Da Independência

TIRADENTES

O Proto - Martir Da Independência Do Brasil

Joaquim José da Silva Xavier, o "Tiradentes", encarna, para os brasileiros, como para todos os americanos, a figura do homem que colocava, acima da própria vida, o ideal de Liberdade da Pátria. Na época em que as Colônias Inglesas da América se levantavam, para constituir os Estados Unidos da América do Norte, e a França se via a braços com uma Revolução onde se reafirmavam os Direitos do Homem, Tiradentes quis trazer para a sua Pátria a mesma Liberdade e os mesmos Direitos de homens livres. Não foi feliz no seu empreendimento heroico. Preso, foi morto por ordem do governo da metrópole. Mas o seu gesto, o sua ação, o seu desprendimento, permaneceram para sempre gravados no coração dos seus patriotas, guiando-lhes os passos, elevando-lhes os ideais, tornando-os fortes nas lutas que viriam a travar, mais tarde, para a completa Independência e a consolidação da Nacionalidade Brasileira.



1 - Nas terras do Pomal do Rio Abaixo (município de São João d'El Rei, havia uma fazenda, pertencente a Domingos da Silva Xavier e sua mulher, Dona Antônia Erasmiação Xavier. Ali nasceu, em 1748, o menino Joaquim José da Silva Xavier. A fazenda ficava perto de Vila Rica, capital da capitania de Minas.



2 - Havia trinta e cinco escravos, trabalhando na lavoura de Domingos da Silva Xavier. O menino Joaquim José ia constantemente vê-los e costumava ficar parado horas e horas, com um ar muito triste, abandonando às vezes seus estudos. Quando chicoteavam um escravo, ele protestava.



3 - Dois irmãos de Joaquim José foram seus pais. Ele, já rapaz, elogiou a atitude dos irmãos, mas pediu licença para correr mundo. Queria conhecer o Brasil. Queria viver por sua própria conta, independente e livre. Os pais sentiram muito, mas não contrariaram o temperamento do filho, que partiu logo.



4 - O jovem Joaquim José possuía qualidades extraordinárias. Tinha habilidade para tudo. Indicava os pontos onde existia ouro, curava feridas com remédios do mato e arrancava dentes com tão grande perfeição que o povo começou a chamá-lo de Tiradentes. Era, além disso, muito bom conversador, sempre alegre.



5 - Depois de levar por algum tempo essa vida de aventura, Tiradentes quis ser soldado. Alguma coisa lhe dizia, no íntimo, que ele precisava lutar pelo Brasil. Suas qualidades o elevaram rapidamente ao posto de alferes. Outros, porém, com pouco merecimento, chegaram a capitão e essa injustiça lhe doía.



6 - Querendo melhorar na vida, o alferes Tiradentes juntou dinheiro com sacrifício e comprou um sítio, ao pé da Rocinha Negra, freguesia de Simão Pereira. Querendo comprar maquinários, viajou a cavalo para o Rio de Janeiro, onde, logo que chegou, propôs ao governo o aproveitamento das águas dos rios.



7 - Recusado o seu projeto, voltou a Vila Rica impressionado com o atraso do Brasil, simples colônia de outro país. Não tinhamos água, luz, instrução, liberdade e no entanto eramos fortes e ricos. Encontrou outras pessoas com as mesmas idéias e começou a falar francamente a favor da Independência.



8 - Os companheiros de Tiradentes eram homens fortes e de valor, mas não tinham a sua coragem. Ele se ofereceu para vir convidar os soldados do Rio de Janeiro e tomar parte na revolução libertadora. Aqui, foi denunciado e preso no sótão de uma casa. Tiradentes ainda chegou a puxar sua garrucha, mas viu que era inútil e se entregou.



9 - Processado por ter prometido uma conspiração, contra Portugal, camilhou para a forca no dia 21 de abril de 1792, calmo e valente. Declarou antes que, se o soltassem, viria lutar de novo a Independência do Brasil. A maneira como se comportou na prisão e no suplicio torna Tiradentes um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

As comemorações do 7 de Setembro de 1943 foram as mais expressivas em torno da heroicização e da edificação patriótica da data cívica. A capa trazia o retrato de primeiro Imperador, a bandeira nacional imperial, um dragão da independência e uma mensagem ufanista, segundo a qual tal dia significaria o momento da “grande aurora que brilhava no céu esperançoso da pátria”. Além disso, começou a ser publicada uma série de quadrinhos intitulados “História da independência” que, editados semanalmente, fizeram parte dos números que se estenderam de setembro de 1943 a janeiro de 1944, dividindo-se em vinte e um capítulos e cento e cinco quadrinhos/legendas¹³². A personalização já ficava demarcada desde o início, com a constatação de que a independência “teve seus mártires, seus sacrificados e seus heróis”, de modo que o país deveria “a sua grandeza aos que souberam lutar e morrer pela causa da sua liberdade”. A narração iniciava pelos movimentos nativistas, abordando posteriormente a transmigração da família real portuguesa e o período joanino e a Revolução de 1817, do espocar ao encerramento foi outro tema evidenciado. A partida de D. João VI e a regência de Pedro I foram outros tópicos enfatizados, havendo também referências à constituinte portuguesa, ao papel da imprensa naquele momento histórico e às exigências lusas pelo retorno de D. Pedro, vindo a recrudescer o movimento político que levou à emancipação política do país e estabelecer-se a heroificada data em pauta.

¹³² SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 7 set. 1943; 14 set. 1943; 21 set. 1943; 28 set. 1943; 5 out. 1943; 12 out. 1944; 19 out. 1943; 26 out. 1943; 2 nov. 1943; 9 nov. 1943; 16 nov. 1943; 23 nov. 1943; 3 nov. 1943; 7 dez. 1943; 14 dez. 1943; 21 dez. 1943; 28 dez. 1943; 4 jan. 1944; 11 jan.1944; 18 jan. 1944; e 25 jan. 1944.

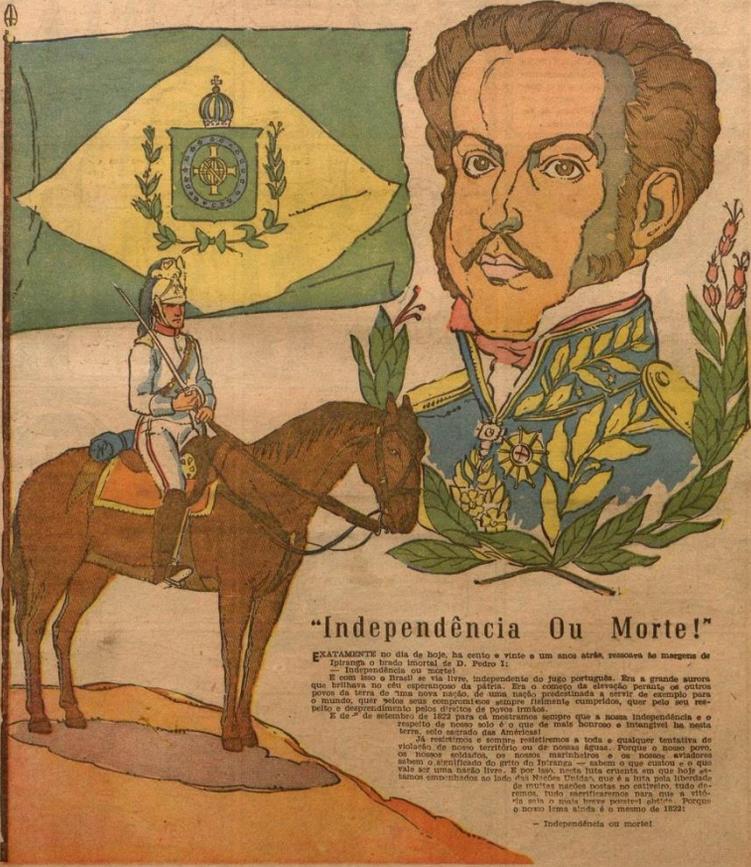
Leiam Na Última Página o Início Da "História Da Independência" - Em Quadrinhos



SUPLEMENTO JUVENIL

Empresa "A Noite" — Publicações Infantis — Superintendente: Luiz C. da Costa Netto
DIRETOR: ADOLFO AIZEN — GERENTE: DENIZAR VILLELA

ANO X TERÇA - FEIRA Preço: Cr\$ 0,40 etc
Num. 1382 Rio, 7 - 0 - 43 '00 REIS!



"Independência Ou Morte!"

EXATAMENTE no dia de hoje, há cento e vinte e um anos atrás, ressoou na margem de Ipiranga o brado heroico de D. Pedro I:
"Independência ou morte!"
E com isso o Brasil se viu livre, independente do jugo português. Era a grande guerra que travava no céu espantoso da pátria. Era o conceito de elevação perante os outros povos da terra de uma terra nascida, de uma nação pendente a ser de exemplo para o mundo, que pelos seus compromissos sempre fielmente cumpridos, quer pela sua república, e despendido pelos direitos de novas nações.

Em 12 de setembro de 1822 para cá mostramos sempre que a nossa independência e o respeito da nossa sola é o que de mais honroso e insubstituível há nesta terra, solo sacrado das Américas!

A resistir e sempre resistiremos a toda e qualquer tentativa de violação de nosso território ou de nossas águas. Porque o nosso povo, os nossos soldados, os nossos marinheiros e os nossos estudantes sabem o significado do grito do Ipiranga, — sabem o que custou e o que vale a nossa pátria livre. E por isso, nesta luta eterna em que hoje estamos empenhados ao lado dos Nossos Ipiranga, que é a luta pela liberdade de muitas nações tortas no esteirão, não desistimos, não sacrificaremos para que a vitória seja o mais breve possível alcançada. Porque o nosso lema ainda é o mesmo de 1822:
— Independência ou morte!

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ★ DESENHOS DE MARIO JACY

1 — A Independência do Brasil não foi o fruto insperado de um momento histórico. Ela teve raízes muito profundas no nosso passado, teve seus mártires, seus sacrificados e seus heróis. É preciso ficar bem claro o Brasil deve a sua grandiosa acção que sublevaram lutar e morrer pela causa da sua liberdade.

2 — Originalmente, o primeiro governo com o espírito da Independência, foi o que se verificou em Pernambuco, em 1798, quando, no dia 10 de novembro, reuniu o Senado da Câmara de Olinda, Bernardo Vieira de Melo dia, no Brasil, o primeiro gesto de Independência. O governador português de Castro Caldas, apavorado, fugiu para a Baía.

3 — Processada, depois, a sedição, Bernardo Vieira de Melo foi preso com seu filho e, juntos, enviados para Lisboa, sob ferros. Ali morreram, torturados, na cadeia de Aljube. Os demais implicados tiveram seus bens confiscados e, remetidos para Lisboa, dali seguiram, degradados, para a Índia. Em 1714 houve uma Carta Régia de anistia.

4 — Segue-se a revolta mineira, verificada em 1720, em Vila Rica, chefiada por Felipe dos Santos, ao qual se uniram as figuras eminentes de Frei Francisco de Monte Alverne, Vasco Cabral, Frei Vicente Botelho e outros patriotas.

★ CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA ★

P. 16 — Dia 7 de Setembro de 1943 — SUPLEMENTO JUVENIL

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ★ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 2

5 — Era governador de Minas Gerais o Conde de Assumar. Este fingia aceitar as exigências dos revolucionários e, depois, tratou-os, mandou prender e algemar os chefes do movimento. Felício dos Santos foi sumariamente julgado, sendo seu corpo arrastado pelas ruas de Vila Rica e depois esquartejado.



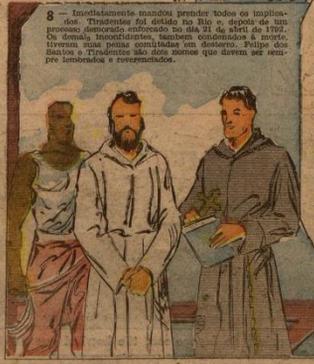
6 — Alguns anos depois, surge também em Vila Rica, a famosa Revolução Mineira, que teve seu herói ilustre como Tomás Antônio Osório, Manuel de Cezar, Alvares Paes, Aires de Oliveira e outros. Porém, que a revolução não lhe deu o sucesso que merecia.



7 — Pela delegação de Silvério dos Reis, Barbacena converteu-se da gravidade da situação. Teve conhecimento das atividades do alferes José Joaquim de Silva Xavier, o Tiradentes, que se achava no Rio, articulando alimentos para a deflagração da Revolução. Tratou de agir.



8 — Inmediatamente mandou prender todos os implicados. Tiradentes foi detido no Rio e, depois de um processo sumário, enforcado no dia 21 de abril de 1792. Os demais implicados, também condenados à morte, tiveram suas penas comutadas em dinheiro. Pelos seus feitos e Tiradentes são hoje homens que devem ser sempre lembrados e reverenciados.



9 — O governo da metrópole contava com medidas punitivas contra os brasileiros. Além da extorsão do duto das minas e da cobrança de juros e passados impostos, foi assinado, em 1875, um alvará que mandava fechar todas as fábricas do Brasil. Foi proibido o ofício de curvas. E como estas muitas outras medidas afrontosas.



* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 4

15 — Antônio Carlos, detentor de causas e que seria mais tarde um dos maiores grandes estadistas, logo se dedicou a seus ditames e fundou em sua própria casa a "Trincheira", a todos essas associações pertenciam sociedades variadas que também se tinham as suas magnificas — fora predominantemente na luta pela independência do Brasil.

16 — Em 1808 abria-se nova perspectiva para o Brasil. Portugal fora obrigado pela tropa de Napoleão Bonaparte a fugir da Península Ibérica. A família real, em busca de refúgio, evitando espedientes, embarcou para o Brasil, para não ser transferida a sede de Ilhéus, Portugal. Foi que a paisagem brasileira a sua liberdade.

17 — O príncipe D. João — regente do Império, em consequência da fuga da família real chegou à Baía e a 7 de Março instalava-se no Rio de Janeiro. Os destinos do Brasil reestribam, com esse acontecimento, divergias novas para a emancipação.

18 — Ainda na Baía, o príncipe D. João, sob a inspiração de José da Silva Lisboa, visconde de Cairá — jurista, economista, professor e uma das culturas mais perfeitas do seu tempo — assinou um decreto abrindo os portos do Brasil a todas as Nações amigas. Cairá lançava, assim, o alicerce político da independência.

19 — Como regente, D. João fundou grandes estabelecimentos, como o Banco Nacional, a Imprensa Régia, a Biblioteca Nacional, as Academias do Sufreito e de Medicina e de Belas Artes, o Jardim Botânico, o Arsenal de Marinha, etc. A 16 de Dezembro de 1815 o Brasil foi elevado à categoria de Reino e em Março do ano seguinte D. João subiu ao trono, com o nome de João VI.

ANTONIO CARLOS

CAIRÁ

* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LENDAS DE AMÉRICO PALHA ★ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 5



20 — D. João VI, com esses atos, tornou o Brasil incompatível com a situação de tutela de Portugal. A Nação desejava se emancipar, desejava se incorporar ao grupo, desejava se incorporar aos povos livres e se de patrimônio dos povos livres e seculares que ainda a prendiam à metrópole, se governar por si mesma. Era irresistível a marcha dos acontecimentos.



21 — Voltamos agora a Pernambuco. A grande Província do Norte vai ser cenário de uma revolução. Estamos em 1817. Foi ela o movimento mais sério que houve para a conquista da liberdade, fruto da propaganda realizada pelas associações secretas e pela Maçonaria brasileira.



22 — Era governador de Pernambuco Castiano Pinto de Miranda Montenegro, homem de bem e, sem dúvida, estadista de grande valor. Conhecedor dos preparativos da Revolução, o governador, a 6 de Março, convocou para um Conselho de Guerra os oficiais generais portugueses. Os oficiais brasileiros não foram admitidos nesse Conselho.



DOMINGOS JOSÉ MARTINS

23 — Nesse Conselho, Miranda Montenegro denunciou os nomes dos conspiradores, civis e militares. Entre eles, citaram-se as figuras de Domingos José Martins, Padre João Ribeiro Pessoa, Cáetano Domingos Tacitano Jorge, Capitão José de Barros Lima, o Leão Condeado, o Padre Miguelinho e muitos outros.



24 — O Conselho resolveu, então, deplicados, naquele mesmo dia. Os civis seriam presos pelo Marechal Pereira da Silva e os militares pelos brigadeiros Barbosa e Salazar Moscoso. A detenção dos civis correu sem dificuldades, o mesmo não acontecendo com os militares.

★ CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA ★

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 6

25 — Ao realizar a prisão dos oficiais brasileiros, o brigadeiro Barboza, arrogante e insolente, ofendeu-os nos seus bríos. Barros Lima (Lado Corado) reagiu energicamente, matando-o a espingarda, com o auxílio do seu genro, José Mariano Cavalcanti. Estava acosa o estopim da rebelião.



26 — Os oficiais portugueses fugiram do quartel e foram ao Palácio do Governo. O Governador determinou, então, que o Coronel Alexandre Tomás de Aguiar Siqueira reunisse a tropa e se apoderasse das camaradas revoltosas. Houve vitória para os rebeldes e o Coronel morreu na luta.



27 — O Governador Miranda Montenegro, ao saber dos acontecimentos, recolheu-se à Fortaleza da Brum, com a sua família e alguns oficiais e soldados da sua guarda. O Recife ficou, dessa forma, entregue aos revolucionários, cuja vitória desde logo estava assegurada, pela falta de reacção do Governo da Província.



RECIFE 1817-1819

28 — Domingos José Martins, o chefe civil da Revolução, é posto em liberdade com os demais presos, sendo alvo de entusiástica reacção da tropa e do povo. Foi logo seguido o ataque à Fortaleza da Brum. Ali havia, além de oficiais e soldados, grande quantidade de víveres e munição de guerra. Uma força seguiu para Olinda, a fim de obter qualquer socorro ao Governo.



29 — No dia seguinte, Domingos José Martins, à frente de 800 homens, foi dar ataque à Fortaleza. Antes, porém, mandou um parlamentar propor ao Governador a sua capitulação, proposta que foi aceita, com a condição de serem respeitadas as vidas de todos os que se encontravam recolhidos àquela praça de guerra.



★ CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA ★

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENHAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 7

30 — Dentro de uma hora, a fortaleza foi evacuada, na maior ordem. Os revolucionários se comprometeram a mandar aprestar uma embarcação para transportar o Governador e sua comitiva para o Rio. Idealistas, os rebeldes respeitaram os prisioneiros, dando-lhes todas as atenções.



31 — Foi logo constituída uma junta governativa, da qual faziam parte representantes do clero, do exército, da agricultura, da comércio. Para o cargo de secretário, foi escolhido o padre Miguel de Almeida Castro, conhecido por Padre Miguelinho, que ficou encarregado de elaborar uma proclamação ao povo brasileiro.



32 — No Caminho do Erisário, os oficiais excitados arrancaram das suas barretinas as armas reais, exemplo seguido pela tropa. As insígnias das ordens militares foram, com desprezo, jogadas ao chão. Isso significava o desprezo pelo rei e pela metrópole.



33 — Os chefes da revolução, assim como reconheceram as razões dos brasileiros do povo, que sempre chamavam ao ar e dava gritos entusiásticos. De interior da Província havia chegado verdadeira multidão de fuzileiros para se congratular com os soldados e trazer armas para lutar pela pátria.



34 — Foi publicada, então, a proclamação ao povo, na qual se dizia: "A Pátria é nossa mãe comum, vós sois seus filhos, sois descendentes dos valorosos lusos, sois portugueses, sois americanos, sois brasileiros."



* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 8

35 — O Governo Provisório nomeou, então, um Conselho Consultivo, do qual faziam parte as pessoas de maior saber e maior destaque em Pernambuco: Carlos Ribeiro de Saubóia; Antônio Carlos de Albuquerque Maranhão; Antônio de Moraes; José Pereira Caldas; Padre Bernardo Luiz Ferreira Portugal e Gerônimo Feres Ferreira.

36 — A 9 de março discutiu-se a forma de governo. Miguel de Castro Paes de Andrade defendeu o partido republicano. Depois de longa discussão, venceu o ponto de vista do partido chefe da Capitalidade, o Imperador. Foi adotada a República, com o aplauso geral do povo.

37 — Os revolucionários pernambucanos, fazendo cumprir a sua promessa, embalsamaram, cinco dias depois, para o Rio, o governador Cristiano Pinto de Miranda Monteiro. Acompanharão um filho, um espírito, um ericista e um oficial. Ao chegar ao Rio, foi com os seus, recolhido à prisão da Vila das Doctores, sem que lhe fosse permitido falar a qualquer dos ministros.

38 — Rapidamente o movimento se estendeu à Paraíba, sendo o primeiro grito dos insurretos dado pelo povo de Itabaiana. A Província rebelde elegeu o seu novo governo e comprometeu-se a "unir-se em esforços para fazer prosperar a causa comum da liberdade."

39 — No Rio Grande do Norte, também, depois de várias peripécias, a revolução triunfou. Voltaram-se os olhos dos revolucionários para o Ceará e Baía; para a primeira dessas Províncias seguiram o Padre José Martiniano de Alencar e Miguel Joaquim Cesar, e para a Baía o Padre José Indício de Abreu e Lima, conhecido por Padre Roma.

PAIS DE ANDRADE

PARAIBA
 RIO GRANDE DO NORTE
 JOÃO PESSOA
 TABAIANA
 PERNAMBUCO
 OCEANO ATLÂNTICO

PADRE ALENKAR

* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LENDAS DE AMÉRICO PALHA * DESENHOS DE MÁRIO JACY

CAPÍTULO 9



40 — Alencar propôs a cidade do Rio de Janeiro para o início do movimento. E no dia conveniado, ao levantar a bandeira, surgiu ao pé do pedestal a filha do povo. Mas a corte de aplausos e com entusiasmo dispôs-se a dar-lhe o nome de rainha. Porém a filha do povo não quis ser rainha e arvorou uma bandeira branca e o nome de rainha da rebelião.



41 — Ao encontro dos revolucionários veio, com numeroso séquito de apunhaçados, o Capitão-mór Filgueiras, "malfadado cruel", a quem os supersticiosos sertanejos reverenciavam, dando-lhe o trágico título de "mandingueiro". Apenas chegando, Filgueiras fez arrear a bandeira e mandou que se gritasse viva El-Rei!



43 — Na Baía, não foi muito feliz o Padre Roma. Depois de várias peripécias, este herético revolucionário foi preso pelo Conde dos Arcos. Então, sem esperar ordens do governo do Rio de Janeiro, organizou um tribunal à sua vontade, para julgar todos os que seus soldados haviam detido.



42 — Os factos aparraram o Padre Alencar e três dos seus amigos, conduzindo-os à cadeia. Quando foram levados ao presídio, foram arrastados de prisão em prisão até à capital, sofrendo tribulações e infortúnios por toda a viagem. Pouco tempo depois, teve a mesma sorte a mãe de Alencar, a famosa heroína D. Bárbara de Alencar.



44 — O Padre Roma protestou contra a ilegalidade daquele tribunal e, dependência do Brasil. Três dias depois, o valoroso patriota era fuzilado no Campo de Santana, dando prova de um admirável heroísmo na hora da morte.

* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 10

45 — Os revolucionários foram enviados para o exterior. António Luís de Sousa Cruz foi enviado para o Brasil, onde se tornou o primeiro governador da Bahia. Para este foi a causa da Independência.

46 — A 21 de Março, no Campo do Erário, na presença da tropa e milícia, com música à frente, foi sagrada a bandeira da Revolução. Ao pé de um altar, o Duque da Cadizal, revestido de paramentos religiosos, abençoou a pavilhão da república, pronunciando estas palavras: "In hoc signo vinces".

47 — Dias depois, surgiu diante do porto do Recife uma expedição, hasteando uma bandeira de Portugal. Sabendo logo que o Conde dos Arcos, Governador da Baía, mandara bloquear o porto do Recife. Ao mesmo tempo, tropas seguiam por terra, para combater os rebeldes.

48 — O Governador de Alagoas, António José Vitorino, que havia aderido à Revolução, fugiu, sem dinheiro para que a soldadagem o acompanhasse, e arrombando a caixa onde estava guardada a bandeira de Portugal e saíste à rua gritando "Viva El-Rei". Estava iniciada a contra-revolução no sul de Pernambuco.

49 — José Mariano, que comandava a força republicana, fez recolher os soldados nas casas das pescadoras do rio Porto das Pedras, ordenando-lhes que aprontassem suas lanças, e sem nenhum apego, nem piedade pelos seus acompanhados, fugiu e desembarcou no porto das Cardeiras.

CONTE DOS ARCOS

* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

— LEGENDAS DE AMÉRICO DALHA e DESENHOS DE MÁRIO JACY

CAPÍTULO II

50 — Ao amanhecer, os soldados viram-se abandonados pelo seu chefe. O Capitão Sá Barreto assumiu o comando e disse-lhes que a vontade do Chefe era que todas embarcassem nas jangadas, já prontas para partir.



51 — Nesse interim, chegam os realistas. Estabeleceu-se a confusão. Os que não conseguiram embarcar foram presos. A artilharia e a bagagem caíram todas em poder dos soldados do Conde dos Arcos.

52 — A 2 de Abril partiu do Rio de Janeiro uma expedição, sob o comando do Almirante Rodrigues Lobo, para chegar ao Recife, já encontrou os navios mandados pelo Conde dos Arcos. Na sua qualidade de almirante, assumiu o comando da armadilha que bloqueava a capital pernambucana e fez uma proclamação ao povo da Província.



53 — Esta legenda é dedicada ao Almirante Rodrigues Lobo. Deste disse Mota e Silva: "Este Lobo era português e tração na guerra da Rosalita e a qual mereceu-lhe a degradação do posto militar, que ocupava; o tribunal o havia julgado com justiça e a relatada Corte reabilitou-o e fez-lhe a distinta mercê do comando do bloqueio de Pernambuco."



54 — A derrocada da revolução em Alagoas, Paraíba e Rio

Grande do Norte causou pânico no Recife. O Governo Provisório, estava reduzido a dois membros: o Padre João Ribeiro e Domingos Teófilo Jorge. Estes acordaram em uma capitulação, propondo uma análise geral a todos os implicados. Rodrigues Lobo, ao receber a nota do governo, respondeu apenas: "Submisão sem condições."

* CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY



CAPÍTULO 12

55 — O frio almirante redigiu uma nota, sem sentido; Mas os chefes revolucionários, ao falarem às tropas, disseram que o referido almirante entregara a entrega do quilho de soldado para serem imediatamente fuzilados e a prisão dos governadores e de toda a oficialidade para serem, depois, mortos. Isso ocorreu nos primeiros dias de maio.



56 — Domingos Teófilo Jorge, na qualidade de governador civil e militar do Estado da Independência, volta a se comunicar com o Almirante Lobo. Na sua segunda nota, diz o Governador que se o Almirante não aceitar uma paz honrosa, terá de pagar todos os generais realistas presos e todos os demais detidos. O Recife será arrasado. Todos os europeus serão mortos.



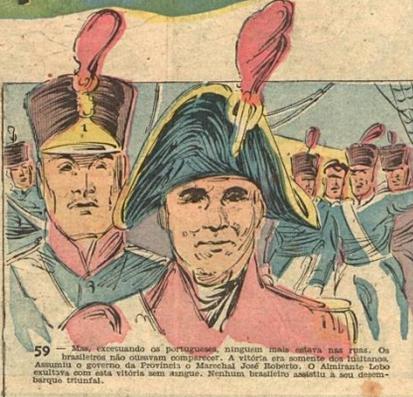
57 — Incapaz de cumprir, essas ameaças, pelos seus sentimentos cristãos, Domingos Teófilo resolve abandonar os bairros do Recife e Boa Vista, "sem tocar num cabelo dos realistas". E todos os regimentos tiveram ordem de seguir para a cidade de Olinda, com destino ao norte da Província. A noite de 19 chegaram ao Engenho Paulista, onde se aquartelaram.



58 — Na madrugada de 20, os bairros de Recife estavam cheios de portugueses que arvoraram a bandeira dos reis. Nos bairros de Vila Rica, os manifestos revolucionários da Província da Paraíba foram apanhados e os portugueses saíram da cidade e com salvas de artilharia, destruíram a dinamite preparada para a salvação da Paraíba.



59 — Mas, acusando os portugueses, ninguém mais estava nas ruas. Os brasileiros não ousavam comparecer. A vitória era somente dos fidalgos, barões e governo da Província o Marechal José Roberto. O Almirante Lobo exultava com esta vitória sem sangue. Nenhum brasileiro assistiu à sua desmarcha triunfal.



★ CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA ★

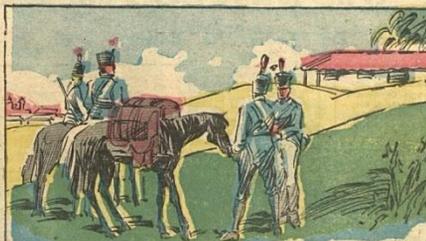
HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENÇAS DE AMÉRICO PALHA ★ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 13



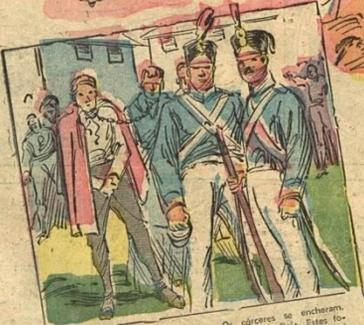
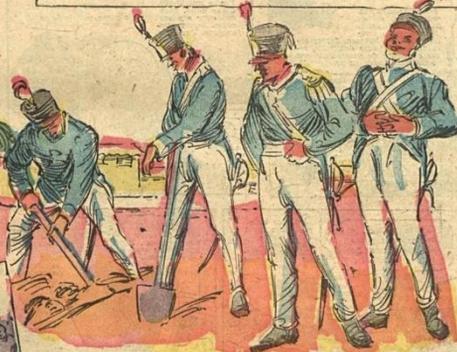
60 — Depois de agitada reunião, os chefes dos independentes resolveram a fuga e se separaram. O Padre João Ribeiro suicidou-se, para não cair nas mãos dos portugueses, que estavam sequeiosos por uma vingança tremenda contra os que ousaram se revoltar contra a metrópole.



61 — Na manhã seguinte, os soldados, sentindo-se abandonados, quebraram as armas, destruíram as munições de guerra e debandaram-se, juntos com a oficialidade. Os cofres, com os dinheiros públicos, foram transportados, por alguns oficiais e soldados, e entregues, no Recife, às autoridades competentes.



62 — Vai iniciar-se a série inominável das atrocidades contra os patriotas pernambucanos. Sedentos de sangue, os soldados do Marechal Cagnuinha foram ao Engenho Paulista, desenterraram o corpo do Padre João Ribeiro, mutilaram-no, separaram a cabeça do tronco e com ela aterrorizaram os brasileiros nas ruas do Recife.



63 — As prisões se sucediam. Os cárceres se encheram. Muitos prisioneiros foram enviados à Baía. Estes foram embarcados com cordas nos braços. Antônio Carlos, Frei Caneca e José Mariano foram aterrorizados pelo passageiro e assim percorreram as ruas do Recife e embarcados no brigante "Mercurio".



64 — Outros já haviam seguido pela corveta "Carraço". Eram Domingos José Martins, o heroico padre Miguelinho, o Deão de Olinda e outros. Nenhum deles ignorava a sorte que os esperava na Baía.

★ PUBLICA-SE SOMENTE NAS EDIÇÕES DE TERÇAS-FEIRAS ★

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

C A P Í T U L O 1 4

65 — Foram todos acorrentados no fundo do porão. Uma gargalheira atando estreitamente o pescoço de cada um, com as duas portas cravadas no pavimento, obrigava a todos a permanecerem deitados, sem outro lenho fora das alcatrôas fôbidas do porão. Três sentinelas armadas de fuzil e chibata velavam os presos.



66 — A chegada do navio "Carraço", na Baía, foi recebida com salvas de fortalezas. A luz de tochas acesas, foram os presos recolhidos à cadeia. O carcereiro os injuriava com palavras baixas. Eram os ordens do Conde dos Arcos.



67 — Cinco presos — Domingos José Martins, José Luis de Mendonça, Padre Miguelinho, o Dr. Caldas e o Deão de Olinda, foram sumariamente condenados à morte, sendo suspenso a execução quanto aos dois últimos, atendendo ao peso dos anos que os curvava e, por isso, recomendados à clemência real.



68 — Na manhã seguinte foram os três infelizes conduzidos ao Campo da Pátria a executar. A multidão cheia de ódio aos partidários da independência do Brasil entrou no momento da morte desses heróis, os "Vírus do Rei", em cujo nome se executavam esses assassínios.



69 — Quando chegou o "astrodrin", os guardas sentiram o preter de comunicar aos presos a sorte de seus comandantes, chamando-lhes a mesma sorte. Os rebeldes foram mandados em carcereiro, "abstratos com lenha estada criminosos vulgares de Pernambuco." e que, ainda, receberam a missão de vigiar e castigar os



* PUBLICA-SE SOMENTE NAS EDIÇÕES DE TERÇAS-FEIRAS *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENHAS DE AMÉRICO PALHA ★ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 15

70 — No Recife, Luís do Rego assumiu o governo da Província. Esse depois foi enfocado António Manoel, que morreu heroicamente, o Padre Pedro de Sousa Tenteiro, José de Barros Lima e Domingos Teófilo Jorge. As suas cabeças foram cortadas e expostas em vários lugares.



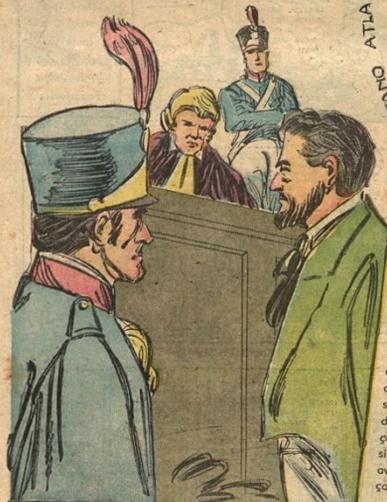
71 — O número de mortos continuava monstruosa e carnificina. Luís do Rego, ao ter conhecimento de cada execução, servia luzeiros aos juizes, em sua própria casa, e quando o governo real mandou suspender as execuções, o fã miguelista governado não se comprazia em aceitar, na grandeza dos cárceres, os "meses e culímbas patrióticas de cor".



72 — Na Baía, o Conde dos Arcos fora substituído pelo Conde de Palmela, "português sensato e bom". O tratamento dos presos foi melhorado. Mas o songue dos desagravados ainda seria derramado, se não sobreviesse um acontecimento extraordinário na vida política de Portugal.



74 — Em Abril de 1821, Dom João VI regressava a Portugal com a família real. Ficou como regente o príncipe D. Pedro. Tanta certeza tinha o rei de Portugal que a Independência do Brasil era questão de dias que, na hora do embarque, dissera ao filho: "Pedro, põe na cabeça a coroa do Brasil, antes que um aventureiro o faça."



73 — O movimento constitucionalista português de 1821 rompeu novos horizontes. O Tribunal da Relação da Baía teve ordem de soltar os presos, sendo todos postos em liberdade, menos José Mariano e Pedroso, que eram acusados de crime de homicídio. Foram condenados a degredo perpétuo na Ásia.

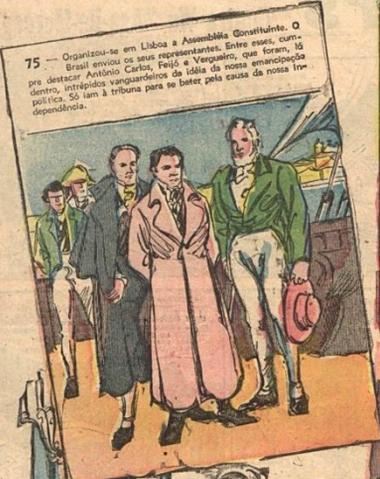


★ CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA ★

HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO DA SILVA ★ DESENHOS DE MÁRIO JACY

CAPÍTULO 16

75 — Organizou-se em Lisboa a Assembleia Constituinte. O Brasil enviou os seus representantes. Entre estes, cum-pra destacar António Carlos, Feijó e Vergueiro, que foram, lá dentro, intérpretes vanguardistas da ideia da nossa emancipação política. Só iam à tribuna para se bater pela causa da nossa independência.



76 — António Carlos era um orador terrível. Foi o líder da bancada brasileira. Bateu-se com os mais notáveis oradores da Assembleia. Foi, ali, o arauto das reivindicações brasileiras. Certa vez, quando o voaram e apuparam, exclamou: — "Silêncio! Aqui nesta tribuna até os reis tem que me ouvir!"



77 — Diogo Feijó foi também um gladiador veemente da nossa liberdade. Seu primeiro discurso político constou da aprovação de uma emenda à Constituição, mandando reconhecer a Independência das Províncias do Brasil.



78 — Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o-pezor-da-português-de-nascimento, a braço a o caso do Brasil. Seu voto em separado sobre a Constituição, "foi um gesto que produziu enorme escândalo e foi considerado como o fator mais enérgico da emancipação política do Brasil". Os portugueses acusavam-no de traidor.



79 — Os deputados brasileiros, que tão voluntemente se batiam pela Independência, resolveram abandonar a Assembleia. Embarcaram para a Inglaterra, de onde lançaram um manifesto à Nação, explicando os motivos da sua atitude. Esse manifesto foi redigido por António Carlos.



Pág. 16 — ★ — N.º 1427 — Rio, 21 de Dezembro de 1943 — SUPLEMENTO JUVENIL

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

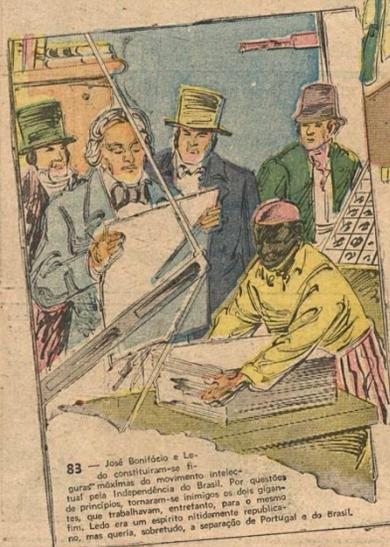
CAPÍTULO 17



80 — Muitos escreveram também para a independência a ação do jornalista. O político José da Costa é o primeiro exemplo das ideias de liberdade da imprensa. Não podendo vir ao Brasil, por estar perseguido pela tirania portuguesa, ele fundou em Londres, em 1808, o "Correio Brasileiro". Não patrocinava sistema de governo; queria a independência.



81 — O "Correio Brasileiro" teve sua circulação proibida em Portugal e no Brasil. Isso, porém, não impediu que o jornal do temível polemista fosse lido até pelo Príncipe D. Pedro, na Paço da Rio de Janeiro. A Independência veio encontrá-lo no seu posto de combate.



83 — José Bonifácio e Leda constituiram-se líderes máximos do movimento intelectual pela Independência do Brasil. Por questões de princípios, tornaram-se inimigos os dois gigantes que trabalhavam, entretanto, para o mesmo fim. Leda era um espírito nitidamente republicano, mas queria, sobretudo, a separação de Portugal e do Brasil.



82 — Outro jornalista também que muito contribuiu para a Independência foi Joaquim Gonçalves Leda. Depois da partida de D. João VI, fundou, com o Cônego Januário da Cunha Barbosa, o "Revêrebo Constitucional". O jornal de Leda acendeu em todos os corações brasileiros a flama sagrada da liberdade. Era uma voz da consciência nacional.

|| GONÇALVES LEDO ||



84 — A 29 de setembro de 1821, as Cortes de Portugal determinaram o regresso do Príncipe D. Pedro a Lisboa. Essa ordem representava claramente o intuito de reduzir o Brasil novamente à condição de colônia.

CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ★ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 18

85 — Foi grande a indignação em todo o território brasileiro. D. Pedro era, no momento, o símbolo das nossas aspirações. A seu lado, a Princesa Leopoldina trabalhava, valerosamente, pela causa que empolgava todos os brasileiros.

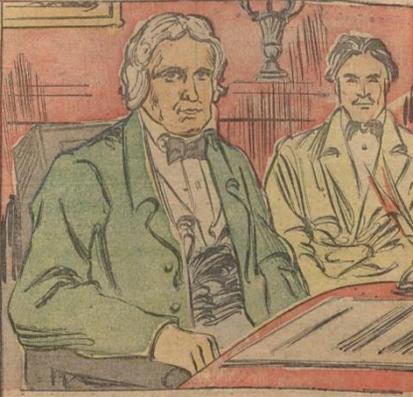


86 — Ledo redige um manifesto ao Príncipe, pedindo para ficar no Brasil. Esse manifesto foi lido por José Clemente Pereira, na sessão do Senado, de 9 de Janeiro de 1822, de que resultou a famosa frase do Príncipe: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".

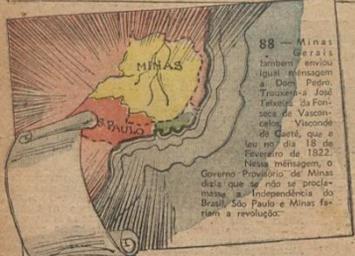




87 — De São Paulo veio José Bonifácio com a representação de 24 de Dezembro. Já o Príncipe havia atendido à mensagem de José Clemente Pereira. Não saiu do Brasil. Seu gesto significava uma rebelião às ordens de Portugal e isso era o sintoma mais sério dos acontecimentos, que se iriam desenvolver.



89 — Após o Fico, José Bonifácio foi nomeado Ministro do Interior e dos Estrangeiros. Desde então, o grande estadista é quem dirige a política do Brasil, com o seu espírito prático, cheio de patriotismo. Mas, Gonçalves Ledo tem prestígio considerável e é um adversário perigoso.



88 — Minas Gerais também enviou igual mensagem a D. Pedro. Trouxeram José Teixeira da Fonseca de Vasconcelos, Visconde do Rio Preto, que a 13 de Janeiro de 1822. Nessa mensagem, o Governo Provisório de Minas dizia que se não se proclamasse a Independência do Brasil, São Paulo e Minas fariam a revolução.

CONTINUA NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA
 LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JACY

CAPÍTULO 19

90 — A Moçoaria, por sua vez, entra em atividade. No "Gremio O Brasil" Lindo era o grande contrabalanço a favor do José Bonifácio para fundar o "Apostolado", que teve por chefe o mesmo primeiro d. Fe.

91 — Na Baía desenrolaram-se gravíssimos acontecimentos. A nomeação do General Madeira de Melo para comandante das armas foi recebida com hostilidade geral. A 19 de Fevereiro de 1822 rebentava a reação das tropas brasileiras contra o novo comandante.

92 — Depois de lutas sangrentas, os brasileiros foram vencidos e o forte de S. Pedro capturado. Os soldados de Madeira desentrolaram, então, horrível matança na capital bagam, não poupando até a gloriosa Joana Angélica, assassinada, no Convento da Lapa, a 20 de Fevereiro.

93 — A 3 de Junho, Leão José Clemente e Januário Barbosa dirigiram a D. Pedro uma representação, pedindo a convocação de uma assembleia constituinte. Era o desafio ao Primeiro Ministro José Bonifácio. Tão justo era o pedido, que o Príncipe o satisfez. O despacho do próprio Regente tem a mesma data da representação.

94 — As Cortes de Lisboa continuavam a tomar medidas contra a Nação brasileira. Na sessão de 21 de maio de 1822, o deputado brasileiro Lino Coutinho requereu que fossem sustadas as remessas de tropas para o Brasil.

CONTINUA NA EDIÇÃO DA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA *

HISTÓRIA da INDEPENDÊNCIA

LEGENDAS DE AMÉRICO PALHA ☆ DESENHOS DE MARIO JAGY

CAPÍTULO 21 (Fim)



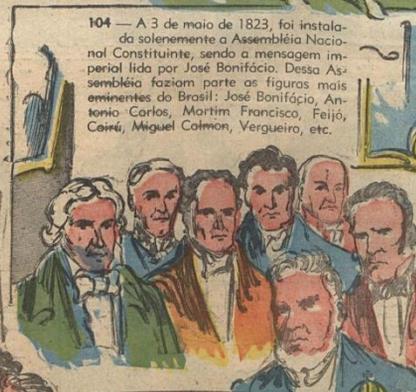
101 — D. Pedro seguiu para São Paulo às vésperas de graves acontecimentos. José Bonifácio aproveitou-se da oportunidade para, na célebre sessão do Conselho de Estado, presidido pela princesa Leopoldina, decidir-se a imediata independência do Brasil.



102 — Nessa mesma reunião, foram redigidas as cartas que, lidas na tarde de 7 de Setembro, na colina do Ipiranga, ao legendário de "Independência ou Morte!" O Brasil estava liberto da tutela de Portugal.



103 — O Príncipe D. Pedro foi coroado Imperador a 1 de Dezembro de 1822, com o título de "Pedro I, defensor perpétuo e constitucional do Brasil", entre as mais ruidosas manifestações de regozijo de toda a Nação.



104 — A 3 de maio de 1823, foi instalada solenemente a Assembléa Nacional Constituinte, sendo a mensagem imperial lida por José Bonifácio. Dessa Assembléa faziam parte as figuras mais eminentes do Brasil: José Bonifácio, Antonio Carlos, Martim Francisco, Feijó, Cairé, Miguel Calmon, Vergueiro, etc.



105 — A última resistência dos portugueses verificou-se na Baía. O General Madeira não quis reconhecer a Independência. Mas foi batido pelo Visconde de Magé e obrigado a seguir para Portugal naquele glorioso dia que nos é tão caro: 2 de Julho de 1823.

Desde o início, o *Suplemento Juvenil* partiu para a organização de campanhas cívicas pela valorização do Brasil, vinculadas ao clima de ufanismo que tomara conta do país, promovido a partir da tendência nacionalista que marcava o governo de Getúlio Vargas¹³³. Nesse quadro, a exaltação de personalidades heroificadas tornou-se um tema relevante nas matérias de cunho cívico publicadas pela revista. A seção “Grandes figuras do Brasil” trazia consigo a experiência da empresa editorial em apresentar biografias em quadrinhos, buscando atrair o público interessado nesse tipo de expressão gráfica para promover o conteúdo de natureza panegírica. Já “A História do Brasil pelos seus próprios vultos” intentava a identificação com o leitor infanto-juvenil a partir da presença de um menino que sonhava com os eventos históricos, embora o protagonismo coubesse aos “vultos” enfatizados no título. Além disso, a abordagem de tal “História” se embasava em um enfoque episódico, calcado notadamente no conteúdo militar e político-administrativo, não deixando de seguir os temas de aprendizado e as formas de ensino empregadas no contexto escolar. As “Palestras com Tio Basílio” por sua vez remetiam à aprendizagem no âmbito familiar, mas sem deixar de lado o princípio da autoridade, que o adulto, detentor de uma sabedoria, repassava o conhecimento para as crianças. O olhar encomiástico para com os chamados heróis pátrios também fizeram parte da construção editorial do magazine, como foi o caso das referências ao processo emancipacionista do país. Assim, ao lado

¹³³ GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos (1933-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 53.

de tantas outras estratégias, o enaltecimento das “grandes figuras”, dos “vultos” e dos “heróis” nacionais constituiu um dos fundamentos essenciais do *Suplemento Infantil* para promover o prisma cívico-patriótico tão ao gosto da ditadura estado-novista.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786553 061019

ISBN: 978-65-5306-101-9